

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**

**ALLEN MARGARITA HERNÁNDEZ DE MOYA EL HAGE**

**O ALIMENTO DO MOVIMENTO:**

**Cidade, A(r)tivismo e Comunicação Urbana nas Panelas da Cozinha Ocupação  
9 de Julho**

**SÃO PAULO**

**2025**

**ALLEN MARGARITA HERNÁNDEZ DE MOYA EL HAGE**

**O ALIMENTO DO MOVIMENTO:**

**Cidade, A(r)tivismo e Comunicação Urbana nas Panelas da Cozinha Ocupação  
9 de Julho**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Luci Pereira

**SÃO PAULO**

**2025**

Hage, Allen Margarita Hernández De Moya El.

O alimento no movimento: cidade, a(r)tivismo e comunicação urbana nas panelas da Cozinha Ocupação 9 de Julho / Allen Margarita Hernández De Moya El Hage. - 2025.

207 f. : il. color.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Luci Pereira.

1. Comunicação urbana. 2. Artivismo. 3. Ativismo alimentar.  
4. Ocupações urbanas. 5. Cozinha Ocupação 9 de Julho.  
I. Pereira, Simone Luci (orientadora). II. Título.

**ALLEN MARGARITA HERNÁNDEZ DE MOYA EL HAGE**

**O ALIMENTO DO MOVIMENTO:  
Cidade, A(r)tivismo e Comunicação Urbana nas Panelas da Cozinha Ocupação  
9 de Julho**

**Aprovado em:**

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Simone Luci Pereira (Orientadora)  
Universidade Paulista - UNIP

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Vander Casaqui  
Universidade Paulista - UNIP

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Cintia Sanmartin Fernandes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo suporte financeiro, fundamental para a realização desta pesquisa.

Agradeço e registro toda minha admiração à minha orientadora, Professora Dra. Simone Luci Pereira que, sempre generosa e paciente, foi um dos principais motivos pelos quais eu embarquei nesta jornada acadêmica.

Agradeço ao professor Dr. João Marcelo Flores de Brás, por me apresentar novos caminhos e por apoiar cada passo deste caminhar.

Agradeço às professoras integrantes da banca de qualificação pelo olhar atento aos detalhes e pelos ricos aportes, fundamentais a este trabalho.

Agradeço imensamente aos meus colegas do Grupo de Pesquisa URBESOM pelos debates e pelas contribuições técnicas que me ajudaram a construir este trabalho. Aqui também tem um pouquinho de cada um de vocês.

Agradeço à UNIP (incluo aqui desde os profissionais da Recepção, Suporte e Secretaria, até a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Comunicação), por toda acolhida e apoio oferecido durante esta trajetória.

Agradeço carinhosamente aos entrevistados que gentilmente cederam seu tempo e histórias para aportar com esta pesquisa. Como foi incrível estar com vocês nesses momentos! Este trabalho também é de vocês e, sem vocês, ele não seria possível. Muito obrigada!

Agradeço ao MSTC, à dona Carmen, ao Edouard, à Ocupação 9 de Julho e à toda equipe da Cozinha Ocupação 9 de Julho, por confiar e por me permitir tanto. Minha eterna gratidão a todos vocês por me receberem, sempre, tão calorosamente neste espaço tão especial.

Agradeço aos meus amigos antigos e recentes, pelo apoio durante esse caminhar. Se eu me perder, sei que vocês virão me resgatar. Também aos meus amigos do jurídico, meu agradecimento por acolherem meus casos durante este período atípico.

Por fim, agradeço à minha família, especialmente ao meu marido e filhos, por entenderem minhas ausências. À minha família brasileira-libanesa e à minha família dominicana, por tudo agradeço, sempre.

A todos, meu muito obrigada, muchas gracias, shukraan kthir, terima kasih!

*“Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar”*

(Antonio Machado Ruiz)

## RESUMO

Este trabalho apresenta o Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e a Cozinha Ocupação 9 de Julho, discutindo como a produção de alimentos em uma cozinha coletiva e solidária pode funcionar como ferramenta comunicacional-urbana para potencializar a(r)tivismos e ampliar pautas políticas que vão mais além de reivindicações por moradia no centro da cidade de São Paulo. A pesquisa de campo, de inspiração etnográfica e orientada pela corpografia, envolveu imersões, vivências, entrevistas e o acompanhamento de agentes tanto presencialmente quanto por meio de plataformas digitais. Iniciamos o trabalho com um breve histórico das mobilizações pelo direito a viver no centro de São Paulo, com foco na atuação do MSTC na Cozinha Ocupação 9 de Julho, que resiste à lógica hegemônica de expulsão dos mais vulneráveis para as bordas, reconfigurando o território por meio de outras lógicas do uso e do habitar. A seguir, analisamos mudanças estratégicas de atuação do Movimento, que deixou a ocupação forçada de imóveis vazios para adotar produção cultural, artística, culinária, política e ativista como estratégia de pressão política. Essa tática se materializa, sobretudo, nos eventos de domingo produzidos ao redor da Cozinha Ocupação 9 de Julho, em festas que operam como espaços de encontro, resistência e de consumo solidário-ativista, ao mesmo tempo que cativam novos aliados, fortalecem elos e capilarmente ampliam as pautas do MSTC. O estudo também explora as redes de interação e os afetos produzidos no território, bem como ambiências construídas na Ocupação, aspectos que contribuem para expressões a(r)tivistas e comunicacionais neste local em constante (des)(re)construção.

**Palavras-chave:** Comunicação urbana; Ativismo; Ativismo alimentar; Ocupações urbanas; Cozinha Ocupação 9 de Julho.

## ABSTRACT

This paper presents the Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) and the Cozinha Ocupação 9 de Julho, discussing how food production in a collective and solidarity-based kitchen can function as an urban-communicational tool to strengthen a(r)tivisms and broaden political agendas beyond claims for housing in São Paulo's central area. The fieldwork, inspired by ethnography and guided by corpography, involved immersive experiences, interviews, and the monitoring of key actors both in physical spaces and on digital platforms. The study begins with a brief historical overview of the mobilizations for the right to live in central São Paulo, focusing on MSTC's actions in the Ocupação 9 de Julho, which resists the hegemonic logic of pushing the most vulnerable to the outskirts, instead reconfiguring urban space through alternative logics of use and habitation. Next, we analyze the strategic shift in the movement's actions, from forcibly occupying empty buildings to embracing cultural, artistic, culinary, political, and activist production within occupied territories as a form of political pressure. This strategy materializes especially in the Sunday events held around the Cozinha Ocupação 9 de Julho, weekly gatherings that act as spaces of encounter, resistance, and solidarity-activist consumption, while also attracting new allies, reinforcing connections, and expanding MSTC's agenda. The study also explores the interaction networks and affective bonds formed within the territory, as well as the atmospheres created within the Ocupação, dimensions that contribute to communicational and a(r)tivist expressions in this space that is constantly being (de)(re)constructed.

**Keywords:** Urban communication; Artivism; Food activism; Urban occupations; Cozinha Ocupação 9 de Julho [9th of July Occupation Kitchen].

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: “QUEM NÃO LUTA TÁ MORTO”:</b> Lutas por moradia na área central de São Paulo, o Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e a Ocupação 9 de Julho.....	<b>40</b>
1.1 São Paulo, uma cidade para poucos: breve histórico das lutas por moradia na região central de São Paulo .....	41
1.2 “DIREITO À CIDADE SIM!”: O surgimento do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e da Ocupação 9 de Julho .....	49
1.3 Processos de (re)territorialização: as lógicas dos usos na reinvenção da cidade por novas formas de habitar .....	54
1.4 “Quando a gente ocupa a primeira coisa que a gente monta é uma cozinha”: O projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho (ou: Como nasce uma cozinha) .....	64
<b>CAPÍTULO 2: “COMIDA PARA ALIMENTAR A LUTA”:</b> O “dia de festa” agora é todos os domingos .....	<b>80</b>
2.1 Do “dia de festa” aos “dias de festa” .....	80
2.2 Sujando o avental: comida política, consumo e experiências de uma prática em campo .....	99
2.3 Ecos e ressonâncias: Histórias que se dão em torno da Cozinha .....	118
<b>CAPÍTULO 3: “LUTE COMO QUEM CUIDA”:</b> comunicação, redes e ambiências em um território tentacular.....	<b>141</b>
3.1 Comunicação Urbana: Um operador conceitual e analítico da pesquisa .....	143
3.2 “Juntos somos”: a comunicação urbana que se revela pelas teias de conexões e associações em rede.....	148
3.3 “E eu, não sou uma artista?”: ambiências de um espaço a(r)tivista. ....	172
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>195</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>200</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação fala sobre as festas realizadas aos domingos na Ocupação 9 de Julho, uma ocupação urbana no centro da cidade de São Paulo que atualmente se encontra sob a gestão do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC).

O espaço, além de servir de moradia para mais de uma centena de famílias, realiza eventos semanais que envolvem a elaboração de um cardápio assinado por cozinheiros diversos e que é acompanhado por shows musicais, discotecagem, exposições artísticas, festividades religiosas, oficinas, debates temáticos, apresentações teatrais, exibição de filmes, curtas e documentários, dança, encontros culturais, lançamentos de livros, feiras de artesanatos e de todo o repertório de possibilidades que um espaço multifacetado como este pode propiciar.

Percebendo este local como um território onde há o atravessamento de sentidos, atores, imaginários e informações que revelam fluxos, trajetos, mobilidades, identidades, conflitos, negociações, resistências, (re)existências e ativismos que se expressam em uma lógica reticular ou em rede de modo a conectar diversos locais da cidade, do país e até do mundo (Pereira, Silva e Paiva, 2025), neste estudo passamos a analisar a Ocupação 9 de Julho como um território comunicacional onde se vê o entrelaçamento de diversas modalidades de manifestação e de materialização de significados, emoções e valores aliados a complexas conexões e reivindicações.

Em um esforço para melhor compreender este cenário urbano comunicacional estabelecemos como principais objetivos desta pesquisa o de descrever, compreender e analisar as atividades que ocorrem nos eventos de domingo da Ocupação 9 de Julho, buscando interpretar sentidos de comunicação urbana ali construídos, exercidos e desdobrados.

Como objetivos específicos, podemos indicar: a) descrever e analisar a Ocupação 9 de Julho como um território no qual redes se constroem, se interconectam, se desdobram e se expandem, contribuindo com novas formas de viver e construir a cidade (“fazer cidade”); b) inventariar e compreender práticas de

ativismo<sup>1</sup> existentes e articuladas na Ocupação e nos seus eventos realizados aos domingos, o que inclui descrever e analisar o espaço físico e a ambiência materializada nos murais e painéis artísticos distribuídos no local, que integram estes eventos e que contribuem e dialogam com os fluxos comunicativos da cidade ali representados e exercitados; c) compreender o histórico urbanístico-social da cidade de São Paulo e da sua área central, salientando os movimentos e ativismos que surgem de baixo para cima, na busca de criar formas insurgentes de habitar, viver e ocupar os espaços urbanos e, d) trazer e analisar uma prática de campo de inspiração etnográfica adotada na pesquisa por meio de uma experiência corpográfica de imersão, especialmente trabalhando como voluntária na Cozinha e em outras atividades da Ocupação 9 de Julho.

O primeiro eixo conceitual que estrutura esta pesquisa considera o ponto em que a comunicação e a urbe se tocam, com a cidade sendo vista como um espaço a *partir de e no qual* se constituem códigos ou se decodificam significados, o que exige uma articulação de conceitos e de ferramentas metodológicas que permitam chegar ao cerne das práticas para melhor compreender a cidade como um tecido denso que gera modos de vida específicos (Reguillo, 1995).

Ao pensar a cidade através da comunicação trazemos o papel deste espaço como local de produção de significados, circulação de discursos, reconfiguração de identidades e de (des)(re)construção de territórios (Haesbaert, 2023), em uma dinâmica considera as formas como as pessoas se apropriam, veem, e vivem *na e a* cidade e que ao mesmo tempo gera sentidos de pertencimento que refletem as relações dos sujeitos com a pólis (Martín-Barbero, 2015; Moreno e Mélenz-Labrador, 2017; Pedrosian, Latierro e D'Anello, 2023).

Adotamos a comunicação urbana (Caiafa, 2017; Pereira e Bezerra, 2021) como perspectiva analítica deste trabalho, buscando considerar a complexidade do tecido social e material da cidade, produzido a partir de fluxos diversos em um meio heterogêneo, com um escoamento comunicacional que considera vias urbanas múltiplas (transeuntes, veículos, redes, informações) que se deslocam e produzem

---

<sup>1</sup> As práticas artísticas se relacionam com o uso da arte como forma de contestação política. Ao longo deste trabalho trataremos dos conceitos de ativismo e de como ele se manifesta no território da Ocupação 9 de Julho.

experiências que afetam o espaço e que geram formas de sociabilidade e de subjetivação entre os indivíduos.

A dimensão sensível, forma que também orienta este estudo ao pensarmos a comunicação sob o viés relacional, traz a prática comunicacional como uma prática humana de interação onde, no contexto das relações, a linguagem produz espaço e oportunidade para novas e diferentes experiências onde afetamos e somos reciprocamente afetados por acontecimentos, pessoas e objetos, em uma dinâmica reflexiva de dupla afetação: um caminho circular, de ida e volta, no qual estímulos e afetações modificam os indivíduos no curso das interações (França, 2016).

O ativismo (Fernandes *et al.*, 2022a; Raposo, 2015), outro eixo norteador deste trabalho, é tido como a sobreposição e intersecção entre experiências políticas e experiências estéticas, é dizer, um encontro que vai além da combinação entre arte, ativismo, estética e política e que, na sua complexidade, se vê carregado de simbolismos que amplificam, sensibilizam, refletem e interrogam temas e situações em determinado contexto histórico e social na busca de mudanças ou apresentando modos de resistência.

Estudando um recorte do território da cidade (feita de múltiplas camadas que se sobrepõe) abordamos neste trabalho a atuação de movimentos que podem ser entendidos como forças emergentes que operam *na* e *com* a estrutura da polis, dando enfoque a um movimento social de habitação. Estes movimentos surgem como uma das formas de vinculação da comunicação com o espaço urbano, ampliando os debates e questionamentos sobre as relações entre a vida cotidiana e setores específicos da sociedade (Reguillo, 1995).

Em um projeto político mais amplo - que incorpora atores constituídos de múltiplas experiências e que passam a ser pensados a partir da comunicação em um cenário onde a esfera midiática deixou de ser o epicentro das práticas sociocomunicacionais - passa-se a reconhecer a heterogeneidade dos atores, o que permite um aprofundamento nos componentes culturais, raciais, sexuais, entre outros, não apenas como elementos de diferença, mas também como verdadeiros dinamizadores de eventuais mobilizações políticas (Reguillo, 1995).

Assim, ao trazer as experiências vivenciadas em campo e as de quem frequenta e habita o espaço da Ocupação 9 de Julho - MSTC, este trabalho busca retratar práticas e usos que se apresentam como uma arena de disputas para a

produção de uma cidade outra, colocando em foco nuances comunicativas urbanas que trazem a possibilidade de uma análise mais aprimorada sobre a interação comunicativa (redes e relações), sobre a luta pela apropriação e definição legítima de objetos e práticas sociais (poder e hegemonia) e sobre as fontes das quais se nutrem as representações e o imaginário coletivo que orientam a ação (meios e mediações) (Reguillo, 1995), entre outros.

O enfoque pelo qual exploramos as questões comunicacionais da cidade nesta pesquisa é por meio das experiências festivas com nuances artivistas (Fernandes et al., 2022a; La Rocca, 2022; Raposo, 2015; Rocha, 2019) que se dão nos encontros de domingo na Ocupação 9 de Julho, localizada na região central da cidade de São Paulo.

Mas, antes de avançar na análise dos temas que guiam este estudo, entendem-se que são necessárias algumas contextualizações prévias que dão suporte a uma melhor compreensão do que é tratado a seguir nesta dissertação.

### O início: comida, festas e comunicação urbana

O início dos estudos para o projeto, do que logo se tornaria o meu tema de pesquisa, foi marcado por muitas incertezas, especialmente por eu não pertencer à área da Comunicação. Formada em Direito e advogada atuante há mais de 15 anos, a matéria comunicacional e a técnica para se trabalhar com pesquisa acadêmica se apresentavam como novos desafios pessoais e profissionais a serem explorados.

No entanto, no começo dos meus estudos neste novo campo, ainda que o *corpus* da investigação a ser realizada se apresentasse em incipiente fase de construção, o único ponto que a mim se mostrava claro e inegociável era o de que a comunicação e a *comida* deveriam ser o ponto de partida deste trabalho: a comunicação por ser a área de estudos a que se vincula este trabalho de Pós-graduação; a *comida* porque o “comer” tinha ganhado novas nuances na minha recente trajetória pessoal.

Nesta nova fase, a mim fazia cada vez mais sentido o que Canesqui e Garcia (2005) apregoavam: o ato de *comer* possui um significado diverso do *alimentar*, carregando em si dimensões que transcendem o fisiológico. O *alimentar* tem o papel básico e vital de nutrir para a sobrevivência humana, enquanto o *comer*

possibilitaria compreender não apenas os modelos, mecanismos ou processos sociais e culturais, mas também permitiria cunhar dimensões do pensar, do escolher, do interagir, do conectar, do significar e até do comunicar (através do corpo e pelo corpo), articulando múltiplos sentidos da experiência, dos afetos e das percepções sobre a comida.

Concluindo a graduação em nutrição ao mesmo tempo em que me dedicava à pesquisa de campo e à escrita deste trabalho, eu vivenciava uma ampliação da percepção de que a sequência do comer não se esgota nos atos que vão da colheita ao garfo, havendo uma significativa amplitude de relações possíveis de se estabelecerem com a comida e ao redor do alimento. Discussões de amplo alcance social - onde a comida aparece como tema transversal a complexas conexões e reivindicações<sup>2</sup> - apontam para uma perspectiva que atravessa a esfera comunicacional, especialmente ao se pensar na alimentação humana como um objeto transdisciplinar que extrapola o social e o cultural, em que a comida se vincula à história dos povos e aos seus processos de desenvolvimento; serve como veículo para a manifestação e materialização de significados, emoções e valores; recria memórias sociais de pertencimento a uma comunidade, povo ou etnia; preserva identidades de origem e; permite uma melhor compreensão das práticas sociais (Leonel e Menasche, 2017; Montanari, 2013).

O principal título deste trabalho, que se apresenta como “*O Alimento do Movimento*” já nos convoca a trazer um primeiro esclarecimento: embora o título se refira à palavra “*alimento*” como um dos seus elementos norteadores, em verdade é a “*comida*”, no seu sentido amplo e comunicacional, que constitui um dos pontos nodais da pesquisa.

Eu, mulher cis, imigrante, “mestiça”, nascida em Santo Domingo (República Dominicana) mas que viveu sua primeira infância na região do Cibao<sup>3</sup>, posso dizer que tenho algo de familiaridade com a cozinha, ofício que comecei a aprender aos

---

<sup>2</sup> Telma Shiraishi, uma das poucas chefs mulheres de culinária japonesa reconhecidas pelo governo japonês apresentou, no *MesaHub* de 2018 (realizado no Memorial da América Latina), uma palestra intitulada “As sete dimensões do alimento: uma reflexão sobre as várias faces envolvidas no ato de cozinhar e comer”, onde trata de dimensões físicas, sociais, econômicas, culturais, espirituais, simbólicas, entre outras que podem ser vinculadas à alimentação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uq0ay0gh1ho>. Acesso em: 10/10/2024.

<sup>3</sup> O Cibao é um vale que fica entre as cordilheiras Central e Setentrional e que pertence à parte centro-norte da ilha da República Dominicana.

cinco anos quando já tinha, na casa de minha avó, a função de moer, em um grande pilão, o café que era torrado no fogão à lenha, depois de colhido e seco. Na casa, a idade nunca foi desculpa para não ajudar no pré-preparo dos alimentos, o que eu fazia enquanto usava um banquinho de madeira em frente à pia para compensar minha temporária falta de altura.

Ao amarrar um pano na cabeça para conter os cabelos, também recolhíamos no tecido o suor provocado não só pelo vapor das panelas, mas também pelos dias sempre quentes daquela região do interior, sendo uma memória clara o fato de que o preparo dos alimentos da casa da minha avó materna, quem nos criava na época, era sempre feito por mãos femininas. Mas, curiosamente, na casa da *abuela* Carmen Moya, casa frequentemente cheia de mulheres, a única pessoa que não sabia usar o fogão era a minha avó: sempre aferrada em suas convicções, desde a juventude tinha se recusado a aprender a cozinhar por crenças pessoais e, preferindo os estudos à vida dedicada ao lar, protelou ao máximo o matrimônio com o primo (pretendente escolhido pelos pais e com quem depois teve sete filhos de sobrenome duplicado) por alguns anos, primeiro concluindo o curso superior em pedagogia na área de matemática e, depois, em história.

A mim fica relativamente claro que, no quesito cozinha, eu não puxei minha avó. Desde cedo, empreendia nos preparos culinários, o que se manteve mesmo depois da mudança da nossa família para o Brasil, quando deixamos a casa de nossa avó e quando as receitas da nossa família ganharam outros ingredientes, sabores e ritos. Contudo, no quesito estudos, em mim há sim um pouco de *abuela* Carmen em relação a suas resistências e curiosidades acadêmicas: a Pós-graduação em Comunicação se deu ao mesmo tempo em que me dividia entre o trabalho jurídico e as disciplinas do curso superior em nutrição, para mim uma nova área de estudos.

Trazendo as peças destas vivências e da multidisciplinariedade dos campos do conhecimento, entendia que uma abordagem puramente nutricional não daria conta das relações introduzidas pelos alimentos e pelo comer, visto como algo “*trivial, primitivo e vital*” (Leonel e Menasche, 2017, p. 4) mas que teria evoluído entre os seres humanos para um ato social e cultural, o que implica em representações e imaginários, envolvendo escolhas e classificações, e que organiza visões diversas de mundo no tempo e no espaço.

A história da alimentação, as reflexões sobre a comida e tudo mais que a envolve, permite compreender a sociedade, as suas práticas e a forma como os indivíduos compartilham experiências humanas, com a presença de situações de onde emergem capacidades comunicativas dos sujeitos que, de forma consciente ou inconsciente, se relacionam ou organizam mediações simbólicas para algo comum. Isso resulta em atos de participar, agir em comum (comunidade), interagir e de estabelecer conexões sociais, sem que tais atos sejam necessariamente representados pela fala, podendo ser utilizada uma forma “transverbal” de comunicação que não se limita a palavras (Sodré, 2014).

O comer e, especialmente, o comer junto, em um espaço de celebração é, para este estudo, um movimento comunicacional. Dentro dos muros da Ocupação 9 de Julho nosso esforço é investigar, obviamente sem exaurir o tema, o que se come, com quem se come, por que se come e como se come nas mesas da Ocupação 9 de Julho aos domingos. Seguindo as propostas de Barroso (2022) em seus estudos sobre “O que falam as festas”, ao tratar do tema do evento de domingo na Ocupação 9 de Julho, ou melhor, da “festa” de domingo, pensamos que os encontros na Ocupação neste dia em especial podem ser entendidos como momentos que dinamizam comunicabilidades que são mediadas por música, poesia, dança, arte, comida e pela experiência sensível compartilhada. Nesse sentido e por esta razão é que elegemos como foco deste estudo - dentro de uma infinidade de outros recortes possíveis - a análise dos eventos de almoço que acontecem aos domingos, quando além da comida, há apresentações artísticas, culturais, debates, palestras, enfim, diversas categorias de momentos de reunião que configuram uma ambientação festiva.

Esta “festa”, compreendida como parte de uma experiência urbana, é produzida a partir de contingências, temporalidades e agenciamentos dificilmente administráveis em categorias duras, pois integram um sistema social em constante mudança, com encontros festivos promovendo experiências de convivência a partir de negociações e astúcias em brechas da cidade, o que acaba por evidenciar um descompasso entre o planejamento urbano e a cidade praticada (Barroso, 2022).

Insinuando-se esteticamente, estes cenários de produção e criação artística se mostram fundamentais para a compreensão de culturas urbanas contemporâneas e de uma vida social cotidiana que privilegia a resignificação e a resistência a

posicionamentos conservadores sobre o uso do espaço, onde momentos de arranjo festivo produzem linguagem e sentido que se vinculam à vocação relacional e fenomenológica da comunicação (Barroso, 2022).

Aqui, já adentrando na esfera da comunicação nas cidades, saindo dos meios para as mediações (Martín-Barbero, 1997), pensar a Ocupação 9 de Julho, a partir da dimensão comunicacional, permite observar atores constituídos por múltiplas experiências, onde a esfera midiática deixa de ser o centro das práticas sociocomunicacionais e em que a análise das interações (redes e relações), conflitos pela apropriação e definição legítima de objetos e práticas sociais (poder e hegemonia) e debates sobre as bases de representações e sobre o imaginário coletivo que orientam as ações (meios e mediações) passam a ter um papel central (Reguillo, 1995).

Como pontuado por Martín-Barbero (2015), a comunicação e as cidades possuem uma relação estreita, sendo a comunicação exercida pelas *pessoas na cidade*, em práticas que não precisam necessariamente estar vinculadas a canais ou tecnologia massiva midiática e que podem ser vivenciadas em espaços comuns que tendem a servir como locais chave para a emergência da fala e para a emissão de um discurso próprio onde se mesclam o verbal, o gestual e a sonoridade.

Em um rumo similar, Caiafa (2017) aponta que o *estudo das cidades por um viés comunicacional* demanda ponderações prévias sobre seu tecido social e material, dando destaque ao fato de que em tais estudos devem ser considerados os fluxos vindos de fora e que transformam as cidades em espaços heterogêneos, permeados por descontinuidades e diferenças. Isso seria a estrutura basal para a construção de um espaço comunicacional urbano no qual transeuntes, veículos e informações fluem pelas vias urbanas e onde formas de circulação e comunicação, em deslocamento, afetariam o espaço e gerariam formas de sociabilidade e de subjetivação.

Articuladas nesse mesmo sentido, Pereira e Bezerra (2021) buscam *pensar a cidade e suas características midiáticas e comunicacionais* dentro de uma dimensão de comunicabilidade que é expressa nas próprias configurações do urbano, onde traçados, trajetos, dinâmicas, fluxos, redes e sociabilidades constituem o campo de estudo, ou seja, a comunicação urbana seria compreender a cidade a partir dos meios, mediações e redes que a formam e que estão em constante mudança. Tal

perspectiva, segundo estas autoras, privilegiaria a análise das redes de pessoas, de transportes, de imaginários, de informações, de processos comunicacionais e políticos, de práticas culturais e artísticas, sendo essa a linha de pensamento que acompanharemos ao longo deste trabalho.

Formas de vinculação com o espaço urbano e os usos da comunicação por parte dos movimentos sociais (como é o caso do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro com a Ocupação 9 de Julho), também podem ser pensados a partir das formas pelas quais os atores sociais percebem, significam, atribuem valor e atuam em relação a uma visão de mundo e de como esta perspectiva é traduzida de uma forma particular de viver a cidade, em uma disputa permanente entre as estruturas hegemônicas da *pólis* e forças emergentes que operam como coprodutores da metrópole, na (re)construção de representações coletivas da cidade.

#### O território: a Ocupação 9 de Julho e a arte como forma de contestação política

Estabelecendo a comida e a comunicação urbana como pontos iniciais e inafastáveis deste trabalho, em longas conversas de orientação surgiu a proposta de conhecer um pouco mais a Ocupação 9 de Julho, no bairro da Bela Vista, região central da cidade de São Paulo. Até aquele momento eu não conhecia fisicamente o espaço da Ocupação, embora identificasse o nome pela participação da Cozinha em eventos de rua realizados na região do Bixiga, onde o grupo montava barracas para a comercialização de alimentos ou para a venda de camisetas, bonés e outros produtos com a marca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC).

O MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro), fundado em 2001, acabou por encontrar destaque entre os movimentos urbanos da cidade de São Paulo com uma atuação direcionada para reivindicações habitacionais que se concentram na região central da cidade. Historicamente, o movimento tinha nas ocupações de prédios abandonados a sua principal forma de ação política e, através delas, buscava impelir e pressionar o governo no cumprimento e elaboração de políticas públicas habitacionais, além de fazer uso destas ações para denunciar a especulação imobiliária e para oferecer moradia digna com qualidade de vida a pessoas que não

poderiam pagar aluguel ou adquirir moradia na zona central da cidade pelos preços praticados pelo mercado (MSTC, 2023a)<sup>4</sup>.

Ocupado desde 1997, o prédio da Ocupação 9 de Julho hoje é um dos edifícios geridos pelo MSTC, carregando em si uma história repleta de desalojamentos e de novas retomadas. O último ingresso de moradores no edifício se deu já sob o comando do MSTC, em 2016, oportunidade em que foi finalmente batizado com o atual nome de Ocupação 9 de Julho. Dados indicam que a Ocupação 9 de Julho é a mais populosa entre as ocupações em que o MSTC está presente e, segundo um levantamento de 2023, o local contava com 128 famílias instaladas, contando com moradores de 16 (dezesseis) Estados brasileiros e com estrangeiros de 5 (cinco) países: Congo, Haiti, Angola, Gana e Paraguai (MSTC, 2023b)<sup>5</sup>.

A gestão do edifício da Ocupação 9 de Julho é feita de forma compartilhada, por meio de uma estrutura organizacional tão complexa quanto a de uma pequena cidade. Aumentando a complexidade deste território repleto de fluxos, no ano 2017 foi desenvolvido um projeto de *cozinha coletiva* nas dependências da Ocupação, em parceria com a 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo<sup>6</sup>, sendo a cozinha revitalizada para ser um dos legados deste evento bianual.

As portas da Ocupação são então abertas para quem quiser entrar para conhecer o local, o Movimento, as pautas sociais e o projeto “*cozinha*” da Ocupação 9 de Julho, que nasce, segundo os próprios integrantes do MSTC, como um recurso para a “*proteção contra o despejo e a criminalização do movimento de moradia*”<sup>7</sup>,

---

<sup>4</sup> Postagem no Instagram do MSTC (@movimentomstc) publicado em 12 de maio de 2023 com o título “O que é uma Ocupação”. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CsJvJ7WOosv/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvJ7WOosv/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 25 nov. 2024.

<sup>5</sup> Postagem no Instagram do MSTC (@movimentomstc) publicado em 12 de maio de 2023 com o título “O que e quem é o MSTC” e “Quais prédios o MSTC Ocupa”. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 25 nov. 2024.

<sup>6</sup> Mais à frente trataremos de forma mais detalhada a parceria entre a Ocupação e a 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, em 2017.

<sup>7</sup> Postagem do “Cozidão da Vitória” no Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho (@cozinhaocupacao9dejulho) de 06 de novembro de 2022: Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CknwV-0l1qf/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CknwV-0l1qf/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 23 nov.2024.

proteção esta que até a atualidade tenta ser alcançada através do “*apoio de uma parcela mais ampla da sociedade*”<sup>8</sup>. Após servir como base para eventos da Bienal, a Cozinha passou a realizar eventos uma vez ao mês, quando chefs de cozinha experientes e renomados passaram a ser convidados para que, voluntariamente, conduzissem a logística dos preparos do dia, bem como o cardápio. O evento, aberto ao público, possibilitou que visitantes e moradores utilizassem o espaço coletivo externo do prédio, ao ar livre, de forma compartilhada com os moradores, dentre outros locais disponíveis na Ocupação, permitindo aos frequentadores conhecerem o espaço a partir da perspectiva de dentro.

Anos depois, os almoços da Cozinha Ocupação passaram a ser realizados semanalmente, sempre aos domingos, com a presença de chefs (alguns mais, outros menos) conhecidos e que elaboravam (e ainda elaboram) um cardápio com versões veganas e não veganas, cozinhando alimentos que possuem como atrativo não apenas as mãos que os preparam, mas também que enaltecem uma origem orgânica, da agricultura familiar e produzidos de forma sustentável. As refeições de domingo são sempre acompanhadas de eventos que convidam e provocam a participação do público em frentes políticas, ativistas, sociais, culturais, educacionais, entre outras, bem como usam o chamariz social de que a cada refeição vendida nos almoços de domingo, outra refeição<sup>9</sup> é direcionada a pessoas em condições de vulnerabilidade por meio dos parceiros em rede.

A demarcação do território como um local de referência para a reivindicação de moradia digna, de produção de cultura, centro educacional e reduto de ativismo político, alimentar e ecológico, busca a sedimentação da presença do Movimento e de seus integrantes no espaço da Ocupação e isso se mostra expresso nas plataformas sociais vinculadas à Ocupação 9 de Julho (em especial as de Carmen Silva<sup>10</sup>, Cozinha Ocupação 9 de Julho e MSTC), que apontam claramente o objetivo de suas frentes de atuação.

---

<sup>8</sup> Postagem do “Cozidão da Vitória” no Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho (@cozinhaocupacao9dejulho) de 06 de novembro de 2022: [https://www.instagram.com/p/CknwV-0I1qf/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CknwV-0I1qf/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 23 nov.2024.

<sup>9</sup> Em alguns momentos, viu-se referência à distribuição de duas refeições para cada prato vendido, variando as doações entre uma a duas refeições em relação a cada refeição comercializada aos domingos.

<sup>10</sup> Carmen Silva é a liderança e fundadora do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC).

Como exemplo disso, vemos no histórico das páginas da Cozinha Ocupação 9 de Julho, tanto nas plataformas sociais Instagram quanto no Facebook, que em postagem de 06 de novembro de 2022 se divulgava o almoço que foi chamado de “Cozidão da Vitória”, preparado no primeiro domingo após a acirrada disputa eleitoral que deu a vitória ao presidente Luis Inácio Lula da Silva contra o candidato Jair Bolsonaro. O “cozidão” era acompanhado de uma ação com corte de cabelo a preço livre, com este serviço sendo prestado por um dos colaboradores recorrentes da Ocupação (a Faca Peluquería) àquela época, um salão/projeto que realiza cortes de cabelo enquanto o atendido lê em voz alta um texto político para reflexão conjunta (Figuras 1, 2 e 3).

Em uma análise exploratória somente deste encontro na Ocupação já se vê que a Cozinha, aqui, se entrelaça com o político, com o social, com o educacional, com o artístico, com a prestação de serviços e, também, com a comunicação.

**Figuras 1, 2 e 3** - Sequência da postagem do Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho (@cozinhaocupacao9dejulho) em 06.11.2022, com destaque ao menu e programação do dia.



The figure consists of three sequential images from an Instagram post. The top image shows a close-up of a person's hands with red nail polish using scissors and a comb on long, light-colored hair. The middle image shows a person with short, light-colored hair being cut by another person. The bottom image shows a person with long dark hair sitting in a red plastic chair while another person stands behind them, cutting their hair. The background of the bottom image shows an outdoor setting with greenery and a building.

**cozinhaocupacao9dejulho** E HOJE TEM COZIDÃO DA VITÓRIA 🇧🇷❤️ com o @faca\_peluqueria também no nosso almoço de domingo, das 13h às 16h ⚡️ Faca é um projeto que surgiu da vontade de aproximar cabeça e cérebro. Nos juntamos para um corte de cabelo acompanhado da leitura de um texto político em voz alta. Escutamos e refletimos ao mesmo tempo que a cabeça é feita. Os temas abordados dependem do contexto ✨ só chegar PRESENCIAL SEM RESERVA

no menu 🍽️ Cozidão da vitória com pirão em versão carnívora e vegetariana 🌱 de agroecologia e orgânico!

vegetariana 🌱 de agroecologia e orgânico!

Ao longo dos cinco anos de realização dos almoços, a Cozinha se tornou conhecida na cidade, crescendo e se desdobrando em outras ações. Os almoços incluem uma programação com shows, oficinas e ações de formação e serviços. Oferece incentivo e apoio às atividades dos moradores, a maioria trabalhadores informais e de baixa renda, além de remuneração através do trabalho na própria cozinha.

Toda essa atividade funciona como uma proteção contra o despejo e a criminalização dos movimentos de moradia através do apoio de uma parcela mais ampla da sociedade. O

Toda essa atividade funciona como uma proteção contra o despejo e a criminalização dos movimentos de moradia através do apoio de uma parcela mais ampla da sociedade. O movimento social organizado e estruturado diferente da do senso comum e da mídia de massa. As ações desenvolvidas na Ocupação 9 de Julho vêm diretamente da experiência do MSTC sobre a relevância da ampliação do movimento por moradia para uma frente de reivindicação da cidadania plena, com a contemplação do acesso à programas de saúde, trabalho, educação e cultura ⚡️

na compra de um almoço para você mais umaquentinha é oferecida a uma pessoa em situação de vulnerabilidade 🌱 entrada livre -

290 curtidas  
6 de novembro de 2022

**Fonte:** Instagram Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

Pontue-se que a postagem segue uma estrutura habitual presente no perfil da página do Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho naquela altura: após a

apresentação do evento da semana e dos parceiros que nele colaborariam, era trazido um breve histórico da Cozinha Ocupação 9 de Julho, da sua frente social de usar parte da renda da venda dos almoços para fornecer alimentos a grupos vulneráveis e, nesse caso, destacando que os almoços semanais seriam acompanhados de programações artísticas, literárias, musicais, políticas, educativas, recreativas e, por vezes, de prestação de serviços à comunidade. Além disso, destacava que os recursos do almoço também possuíam a função de empregar e remunerar moradores da Ocupação que auxiliavam/trabalhavam na cozinha no preparo dos alimentos (a maioria trabalhadores informais de baixa renda) e na organização do evento. A estrutura destas comunicações digitais vem sendo aprimoradas ao longo do tempo, embora algumas características tenham se mantido, como poderemos ver ao longo desta dissertação.

Além do mais, observando-se os entrelaçamentos em rede que os eventos da Ocupação provocam, o território pode ser lido sob uma perspectiva relacional, sendo permeado por relações sociais (econômicas, políticas, culturais e socioambientais) que o definem e o redefinem constantemente, em um processo contínuo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (Haesbaert, 2023).

Argumentamos aqui que, nas reflexões que tratam desse universo comunicacional da vida urbana que são os eventos de domingo da Ocupação 9 de Julho, se conectam redes, fluxos, nós, disputas, reivindicações, reinvenções criativas do uso do espaço e do modo de estar e de interagir dos indivíduos, nas quais a comida é um dos protagonistas. O território, como superfície produtora de sentidos, vividos em certa medida nas experiências festivas destes encontros, transformam a Ocupação em um lugar de experiência coletiva onde se pretende apresentar uma cidade (re)criada nos entrelugares, nas brechas, “às *margens e nas frestas*” (Simas, 2019, p.60) do que já existe, o que é marcado pelas narrativas que singularizam o espaço e que evocam configurações contemporâneas de territorialidades através de uma multiplicidade de elementos que acompanham lógicas próprias de composição (Pedrosian *et al.*, 2023).

A ascensão da atuação da Cozinha Ocupação 9 de Julho ganhou ainda mais destaque no pós-pandemia da COVID-19, em 2023, com sua participação na 35ª

Bienal de Arte de São Paulo<sup>11</sup>: em meio ao acervo artístico em exposição, a Cozinha da Ocupação 9 de Julho forneceu alimentos e bebidas diversos aos visitantes, diariamente e pelo período de 3 meses, no restaurante instalado no mezanino do prédio da Bienal, em barracas de alimentos e em um pequeno café na parte interna do prédio de artes.

Após 7 anos do início do projeto, em 2024, a Cozinha Ocupação 9 de Julho ampliou seu território de atuação e, com suas ações se desdobrado em atividades que vão além de preparos culinários, passou a realizar mais do que apenas almoços festivos todos os finais de semana na Ocupação (às vezes também aos sábados, além dos domingos). Fazendo uso da capilaridade de suas conexões em rede, propagou-se uma participação em relevantes eventos extramuros, inclusive, permitindo acrescentar pontos de intersecção nas teias de relações, como o que se verifica com a inauguração de um segundo espaço culinário<sup>12</sup>, o chamado *Boteco Ocupação 9 de Julho*, instalado dentro do Centro de arte e cultura *Bananal*, localizado na região da Barra Funda, em São Paulo.

Sendo a comunicação urbana uma perspectiva que nos permite analisar fenômenos que se dão em locais coletivos como a Ocupação, sob este olhar teórico podemos observar as formas dos indivíduos se relacionarem, de sentir-se e de estar juntos, onde a aproximação às práticas cotidianas das pessoas na cidade permitiria, nos dizeres de Martín-Barbero (2015), a escuta e a análise próxima daquilo que é dito pelos agentes. Este tipo de comunicação na cidade, pensada a partir dos meios, mediações e redes que a formam - que se desfazem e se refazem constantemente - é entendida como uma forma interdisciplinar de refletir sobre os modos de interconexão entre os sujeitos e o espaço urbano, privilegiando a análise das redes de pessoas, de transportes, de informações, imaginários, processos comunicacionais e políticos, práticas culturais e artísticas (Pereira e Bezerra, 2021).

Neste ponto, também refletimos sobre o ato de *ocupar* que, quando tratado como mecanismo durável de instalação, pode ser entendido como uma prática de fazer-cidade (Agier, 2015), onde o coletivo tende à transformação do urbano pelo

---

<sup>11</sup> A 35ª Bienal de Arte de São Paulo foi um evento realizado em São Paulo entre 06 de setembro e 10 de dezembro de 2023. Mais informações estão disponíveis em: <https://35.bienal.org.br/>.

<sup>12</sup> O Boteco Ocupação 9 de Julho foi inaugurado em 10 de agosto de 2024, sob o comando do cozinheiro Raul Fiuza e, sem ter página própria, há a divulgação dos eventos do Boteco dentro da página do Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho.

ponto de vista das práticas e dos usos, interferindo nos processos de urbanização, nas relações e nas narrativas daqueles que vivem na cidade. Isso acaba por criar uma outra cidade, para além daquela inicialmente pensada pelos urbanistas e administradores (Harvey, 2014; Agier, 2015) e onde o direito à cidade (Harvey, 2012; Lefebvre, 2001) acaba por ser exercido não apenas por um estar ali, mas por ali poder pertencer e levar uma vida urbana.

Entretanto, o estar ou o viver na Ocupação transcende o que seria a busca ao direito à cidade, apontando para o uso de táticas criativas para burlar não só a precariedade da moradia e a imobilidade do Estado em relação às demandas habitacionais, mas também para ressignificar a presença do Movimento no local e reformular o espaço que é convertido – especialmente aos domingos - em um local onde a arte, a cultura e a política permeiam as relações e as interações. Ao convocar o campo das artes e da gastronomia para um engajamento nas pautas políticas do Movimento, observam-se práticas, posturas e linguagens que envolvem resistências, dissensos e/ou dissidências, negociações e tensões, em uma ação que parte do individual para o coletivo e alcança espaços onde o outro está, seja este espaço físico ou virtual (Rocha, 2019).

O ativismo, expressamente usado pelo Movimento e pela Ocupação como “*modus operandi*” (Raposo, 2015, p. 8) para demonstrar o seu posicionamento político, materializa pequenas táticas e astúcias (Certeau, 1998) que são usadas tanto em ambiências físicas quanto em ambiências digitais, mostrando novas modalidades de protesto onde uma estética e um paladar politizados dinamizam as mobilizações e dilatam as experiências para algo que vai além do despertar de consciências coletivas, buscando uma maior participação e agenciamento do que já existe, no intento de ampliar apoios e fortalecer pautas que contestam estruturas dominantes (Fernandes *et al.*, 2022b).

### O público, o privado, o coletivo, o comum

Para poder contextualizar o enquadramento do que seria a Ocupação 9 de Julho, é necessário discorrer sobre as noções de público, privado, coletivo e comum.

Uma das formas de compreender o espaço *público* é compreendê-lo sob a perspectiva do poder, como um espaço onde os diferentes interesses sociais

medem, negociam e concentram as suas forças entre si e/ou perante o sistema dominante (Mena e Wollrad, 1999). Pensado sob o viés sociológico, a noção de espaço público remete a um local amplamente utilizado para se pensar o mundo das interações sociais, sendo visto como um espaço do Estado ou de todos, repleto de leis e formalidades. Difere dos espaços da vida *privada*, da intimidade ou dos lugares do corpo e da vida referidos por Certeau, Giard e Mayol (1999).

Sodré (2002), ao falar da relação social do indivíduo com o espaço, enfatiza a maneira como o ocidente percebe, estrutura e usa o espaço territorial, especialmente no contexto brasileiro que, diante de um histórico de políticas que seguiam uma lógica europeizada e a homogeneização entre Corte e Colônia, estabeleceram padrões - ideológicos, concretos e imaginários - para os projetos urbanísticos das primeiras cidades. Para o autor<sup>13</sup>, o coexistir (em uma aparente tranquilidade) entre grupos hegemônicos e grupos tradicionalmente afastados do território só ocorreria se houvesse certo consenso sobre configurações urbanísticas e socioeconômico-culturais e sobre o respeito a certas “hierarquias” já predelineadas e estruturadas por disposições institucionais.

O espaço, quando definido materialmente a partir de relações sociais, acaba por misturar lógicas diversas do privado, do público e do coletivo, não podendo o espaço público ser pensado como um dado em si, mas como um produto das práticas e usos que ali ocorrem e que se misturam tanto em relação às lógicas do público quanto às lógicas do privado, em incontáveis hibridações e negociações (Pereira, Rett e Bezerra, 2021) e onde há uma suspensão da concepção dual das noções de espaço público e privado (Barroso, 2022).

Com a abertura do espaço da Ocupação para permitir uma participação de corpos externos com esses corpos que transitam ali no cotidiano, pode-se pensar sobre novas leituras entre espaços públicos e privados, onde não se vê apenas uma troca entre estes lugares e denominações, mas onde há uma lógica onde o *espaço público de fora* continua em um *espaço público de dentro*, transcendendo as noções do que seria *fora* e *dentro* (Reguillo, 1995). Desta forma, o conceito de espaços *semipúblicos* (Delgado, 1999) talvez se aproxime mais dos sentidos verificados no

---

<sup>13</sup> Muniz Sodré, em *O Terreiro e a Cidade* subdivide, pelo ponto de vista do acesso, o espaço territorial em quatro tipos: território público, território da casa ou privado, território interacional e território do corpo.

campo desta pesquisa, ao se tratar de um conceito que se refere a um espaço onde se produzem relações em público, geradoras de vínculos entre pessoas que não se conhecem ou se conhecem de vista, englobando diferentes graus de acesso, disponibilidade e promoção de encontros (Pereira, Rett e Bezerra, 2021).

Passando pelas negociações, disputas e hibridismos que envolvem os espaços nas cidades, não passam imperceptíveis no nosso estudo as dimensões conflitivas e as diversas formas de uso dadas a estes espaços, em especial neste local que é a Ocupação 9 de Julho. Este território, envolto em diversas esferas e materializações, afirma ser um “*espaço coletivo*”, um “*quilombo urbano*” e um “*território do comum*”, o que provoca reflexões a partir da lógica dos usos coletivos, de um lugar onde a vida coletiva se desenvolve, o que lhe permitiria ser um local privado e público ao mesmo tempo (Pereira, Rett e Bezerra, 2021).

Dentro destes espaços *coletivos* da Ocupação 9 de Julho, observamos os enredamentos daquele mundo (Haraway, 2023), onde as expressões artísticas do território conectam-se com as teias da cidade, em um processo contínuo de desfazimento e reconstrução dos tecidos sociais. Da mesma forma, comumente se autointitulando como um *quilombo urbano*, a Ocupação 9 de Julho poderia ser lida como um espaço de resistência à segregação territorial que é tradicional na organização dos espaços urbanos brasileiros, acompanhando uma lógica de um território com marcas próprias, em uma particular dinâmica de relacionamentos que, se não são capazes de desfazer, ao menos tensiona regras do jogo dominante.

Além da noção de coletivo, também o termo *comum* é amplamente utilizado pelo Movimento em relação às suas práticas e ações territoriais. Afixado nos murais dos corredores da Ocupação, folhetos indicam que ali, especialmente a Cozinha Ocupação 9 de Julho teria um papel ativo na “*construção do comum*”<sup>14</sup>, em uma

---

<sup>14</sup> Em murais espalhados ao longo da Ocupação existem folhetos que apresentam e explicam as posições do Movimento Sem Teto do Centro, tendo um dos materiais expostos o título “Construção do comum”. Na íntegra, o documento apresenta o seguinte texto: “*Por meio das trocas de saberes e do ato de cozinhar, constrói-se a luta pela produção do comum. As ações por uma cidade e um mundo mais justo e solidário existem em colaboração com outras formas de coletividade e outras organizações, de diferentes setores e lutas. Fortalecer nosso território é fortalecer os demais. As ações desenvolvidas recentemente na Ocupação 9 de Julho vêm diretamente da experiência do MSTC e da visão de Carmen Silva e de suas filhas e filhos – Jadson Ferreira Silva, Sidney Ferreira Silva, Preta Ferreira Silva (Preta), Liliane Ferreira Silva, Nadson Ferreira Silva, Tiago Ferreira Silva, Lorena Ferreira Silva e Kellen Wini Ferreira – sobre a relevância da ampliação do movimento por moradia para uma frente de reivindicação da cidadania plena, com a contemplação do acesso a programas de saúde, trabalho, educação e cultura. As ações desenvolvidas geraram um extenso e multidisciplinar conjunto de trabalhos acadêmicos de pesquisa, reportagens, artigos e filmes,*

prática que encontra abrigo nas noções trazidas por Hardt e Negri (2016), no sentido de que ali não se coloca a humanidade separada da natureza, existindo um grupo centrado nas práticas de interação, cuidado e coabitação em um mundo comum, que busca formas benéficas e que limita formas prejudiciais tanto no contexto ecológico quanto no socioeconômico.

Essa postura está materializada não só nos documentos comunicacionais espalhados ao longo de todos os espaços físicos e midiáticos<sup>15</sup> da Ocupação, mas também nas teias e redes de relações que se constroem e reconstroem no território físico e digital, com narrativas que enaltecem os almoços da Cozinha pelo uso de alimentos orgânicos, agroecológicos, da agricultura familiar, que busca uma soberania alimentar e que permite, através da venda dos almoços de domingo, a promoção da segurança alimentar por meio da distribuição de refeições a pessoas em condição de vulnerabilidade.

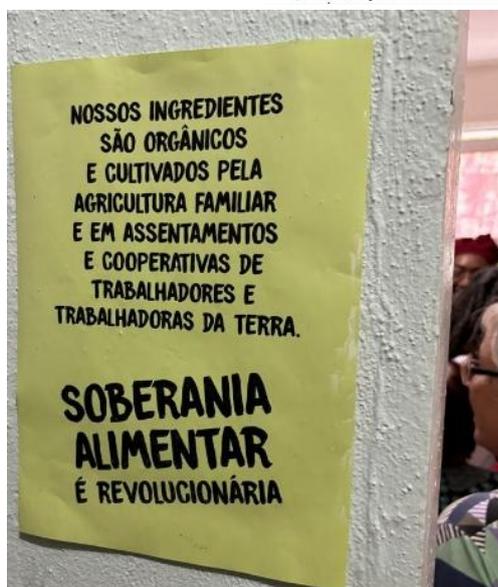
As Figuras 4 e 5 são uma sequência de postagens do Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho de 06.12.2024, com as quais se promove o evento de 08.12.2024. Há um destaque ao cardápio, à origem agroecológica dos ingredientes e da rede para a distribuição de alimentos a pessoas em condição de vulnerabilidade. A Figura 6 é uma foto de panfleto afixado em uma das paredes que ficam ao lado da porta de entrada da Cozinha Ocupação, tirada em 19.05.2024.

---

*produzidos por universidades, escritores, cineastas, artistas e pela própria imprensa, tanto nacional quanto Internacional, além de diversos prêmios e reconhecimentos.”*

<sup>15</sup> As páginas do Instagram da Cozinha Ocupação e do MSTC podem ser acessadas nos seguintes endereços eletrônicos: <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/> e <https://www.instagram.com/movimentomstc/>.

**Figuras 4, 5 e 6** - Postagens do Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho de 06.12.2024 e foto de panfleto em parede, tirada em 19.05.2024.



**Fontes:** Figuras 4 e 5: Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024; Figura 6: A autora, 2024.

Infere-se que o Movimento pretende, portanto, apresentar uma alternativa que fissa e que se afasta da lógica dominante - ou da “visão padronizada” - de que a única alternativa ao privado seria o público. Os projetos explicitados nas ações e nas

comunicações digitais indicam a busca de um bem-estar comum e compartilhado que não se inclina nem para o privado e nem para o público, nem para o capitalismo e nem para o socialismo (Hardt e Negri, 2016). Aqui, do ponto de vista das práticas, poderia se dizer que a cidade aqui construída não seria aquela cidade dos urbanistas ou dos administradores, mas uma cidade “outra” (Agier, 2015), uma cidade onde o vocabulário se mostraria insuficiente para apreender as novas condições e possibilidades do mundo contemporâneo (Hardt e Negri, 2016).

Assim, muito além das definições aqui apontadas, acompanhamos Reguillo (1995) quando, nesta pesquisa, lançamos o olhar mais para as formas com que os atores sociais constroem e se apropriam das noções de público e privado do que para as categorias em si, já que nosso ponto de interesse são as socialidades que são geradas a partir das relações entre o público e o privado e que são transpostas para as formas de viver e experimentar o mundo que, no particular, mais se relacionam com as noções híbridas, relativas ao coletivo e ao comum.

### A trilha metodológica

Esta pesquisa recorre a três principais eixos metodológicos: a pesquisa de campo (digital e presencial) de inspiração etnográfica (*Pereira et al., 2023*), a abordagem relacional e fenomenológica para os estudos do campo da comunicação (França, 2016) e a cartografia experimentada corporalmente, a chamada “corpografia” (Jacques, 2008).

Os dados produzidos em trabalho de campo presencial se deram com imersões como voluntária na Cozinha Ocupação 9 de Julho e com a participação em eventos/vivências em diversos dias da semana na Ocupação (especialmente aos sábados e domingos), com uma ampliação da experiência da pesquisa que se deu através da realização de entrevistas semiestruturadas em profundidade, com agentes de diversas áreas e que, de alguma forma, se mostravam envolvidos com os encontros festivos de domingo na Ocupação 9 de Julho.

Digitalmente, de setembro de 2023 até maio de 2025, acompanhamos regularmente a programação dos eventos divulgados pela Cozinha Ocupação 9 de Julho e pelos agentes participantes dos encontros, com foco nas conexões trazidas pelas plataformas sociais do MSTC, de suas lideranças e pelas páginas

administradas pelo Movimento, bem como acompanhando parceiros e aliados que eventualmente vieram a ser referidos nas páginas sociais relacionadas com o MSTC/Ocupação.

A escolha do método demandou um observar preliminar atento, já que nas primeiras visitas despreziosas ao local de pesquisa, aos poucos, ficava evidente que a metodologia seria trazida pelo campo presencial e que esta deveria ser exercida de forma direta, na interação. A Ocupação 9 de Julho revelava-se como um local onde formas mistas, fronteiras porosas, solapamento e justaposições de lógicas variadas definiam um panorama de mutações moventes entre os tempos e os espaços do habitar (Pedrosian *et al.*, 2023) o que, na prática, afastaria a rigidez do método etnográfico clássico de investigação.

Ao terreno movediço de constante (des)(re)construção do território urbano (Haesbaert, 2023) vivenciado naquele espaço, pareceu melhor se adaptar às questões, às pessoas e situações ali encontrados, a perspectiva *inspirada em bases etnográficas*, lecionada por Pereira *et al.* (2023), a qual será a base para o mapeamento dos diversos comportamento afetivos, do ambiente urbano e para se perceber as *idades dentro da cidade*, considerando-se a metrópole um local dinâmico e de fluxos em constante atualização a partir de interações sensíveis e inteligíveis (Pereira *et al.*, 2023).

O trabalho de inspiração etnográfica inteligível (Pereira *et al.*, 2023) pode ser definido como um método norteado por uma postura crítica e ética frente ao objeto de estudo e perante os envolvidos (com reflexões sobre as etapas e processos de pesquisa para uma ampliação do campo de compreensão), trazendo intersubjetividade ao estudo sem, no entanto, se exigir apego à rigidez técnica dos passos e processos da pesquisa etnográfica clássica. Esta abordagem pode ser vista como uma *“flexibilização”* aos elaborados processos vinculados à etnografia e ela se dá, especialmente, pelo fato de se perceber que o método etnográfico puro vem sendo objeto de questionamentos e problematizações, com críticas que ressoam nas suas raízes coloniais, na separação e hierarquização de pesquisador-pesquisado e na sua delimitação como conhecimento situado (Peirano, 1995; Rocha, 2006; Restrepo, 2018).

A inspiração etnográfica, dessa forma, acaba por ser compreendida como uma episteme, como uma meta-reflexão em que o pesquisador reflete sobre os

próprios passos e processos de pesquisa, no intento de melhor entender os sentidos, valores, compreensões e pontos de vista que estes sujeitos dão aos fenômenos (Geertz, 2008), ao mesmo tempo que se busca romper a separação e a hierarquização do sujeito-objeto, o que acaba trazendo intersubjetividade à investigação.

Esta linha de abordagem etnográfica foi complementada e articulada, neste estudo, a outra abordagem teórico-metodológica. Pode se dizer que, nos momentos de encontro vivenciados no campo, houve uma aproximação à postura relacional e à abordagem fenomenológica para trabalhos comunicacionais lecionada por França (2016), que trata de uma dimensão sensível ao abordar uma relação de como os objetos observados são percebidos e sobre como provocam ou afetam o sujeito.

Também há aproximações à noção de “*corpografia urbana*” trazidas por Jacques (2008), descritas como uma forma de investigação da cidade através do corpo. É um método ou fenômeno que se inspira na cartografia para experimentar e vivenciar as ruas da cidade, sendo o corpo um instrumento com o qual se pode registrar a experiência corporal do cotidiano, ficando a experiência vivida inscrita não só no espaço urbano, mas também no corpo de quem a experimenta. Apesar deste estudo ter se dado em um espaço coletivo e não nas ruas<sup>16</sup>, a corpografia é aqui aplicada como uma experimentação corporal dos territórios, como uma “*cartografia*” do e no espaço urbano, onde o envolvimento corporal permite uma descrição dos fenômenos a partir do interior e por aquele que está implicado.

Na seara prática, o caminho da pesquisa de campo teve como primeira etapa o que podemos chamar de pesquisa exploratória do campo, para uma aproximação ao local e à temática, com a identificação e mapeamento das plataformas sociais do MSTC e da Ocupação 9 de Julho, bem como o acompanhando de outros atores regularmente mencionados nas postagens que porventura eram referidos nas divulgações dos eventos de domingo. Reitera-se, por oportuno, que nossa abordagem de campo inclui a dimensão presencial articulada à digital, o que inclui

---

<sup>16</sup> Paola Jacques, ao apresentar o método “corpográfico”, aponta sua prática nos espaços urbanos em contextos que nos levam a inferir sobre seu uso em espaços públicos (ruas). A Ocupação 9 de Julho, transitando entre espaço privado (se considerados os locais de residência dos moradores) e espaço coletivo (se considerados área comum, cozinhas do térreo e demais espaços abertos e/ou cobertos compartilhados com os visitantes nos dias de eventos a portas abertas), corresponderia a uma ampliação da aplicabilidade do conceito de Jacques para um espaço híbrido, com fronteiras porosas.

um monitoramento e acompanhamento dos perfis da Ocupação, da Cozinha e de alguns sujeitos relacionados.

Já neste início, percebeu-se um padrão nas intervenções digitais: a partir das quartas-feiras (e até o domingo), iniciava-se a promoção da programação do próximo domingo, apontando o cozinheiro do dia, a descrição do prato a ser servido e as intervenções artísticas que aconteceriam no dia. Ocorrido o evento, às segundas e terças e, às vezes em meio às divulgações do próximo encontro, postavam-se (e ainda se postam) imagens do evento da semana anterior, ressaltando momentos, sorrisos, personagens, apresentações artísticas, culinária e proclamando a vinda de um novo encontro. Esta regularidade nas publicações se manteve ao longo do ano de 2024, mas, no início de 2025, observou-se um pequeno descompasso, com os anúncios dos eventos de fim de semana somente sendo divulgados às quintas ou, até, somente às sextas-feiras antevéspera do evento.

Pois bem. Seguindo o programa cultural apresentado nas redes sociais, a primeira vez que adentrei na Ocupação em um dos almoços de domingo foi em setembro de 2023, pouco mais de um mês após minha matrícula oficial no programa de mestrado. Na mesma época, a Cozinha Ocupação 9 de Julho e o MSTC, além de manter os eventos semanais realizados na Ocupação, também “ocupavam” a 35ª Bienal de Arte de São Paulo com o apoio de uma equipe estendida.

Nessa visita comecei a observar o imóvel gerido pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e me aproximei do espaço da cozinha coletiva, instalada ao fundo do edifício, no andar térreo. Era domingo e a cozinha, àquela hora, já se via limpa e organizada, embora a distribuição do prato do dia estivesse no seu ápice, com os alimentos pré-preparados e quentes sendo servidos nos pratos, prato este que era montado quando se apresentava no balcão da cozinha uma ficha adquirida no “caixa”, uma pequena estação de cobrança provisoriamente instalada em uma mesa alocada na parte externa do edifício, próximo à entrada.

Para o consumo dos alimentos e bebidas, cadeiras plásticas e amplas mesas forradas com toalhas coloridas ou de tecidos de chita variados estavam montadas, nos espaços ao ar livre e na sala multiuso coberta (sala 10) e, da forma como distribuídas, previam um uso compartilhado dos lugares dispostos.

Depois deste primeiro contato com o campo, no qual se teve somente uma impressão geral do que seria esse espaço, foi necessário acompanhar dinâmica e

ativamente as plataformas sociais da Cozinha Ocupação 9 de Julho, do MSTC e de Carmen Silva (dirigente do Movimento) para melhor entender a distribuição da agenda e como se estruturavam as comunicações e programações dos eventos dominicais. Novas visitas ao território foram feitas (conjugando o olhar de simples frequentadora e de pesquisadora) em dias e eventos diversos e, a cada visita ao local, novas frentes possíveis de pesquisa se abriam, expondo uma ampla rede de conexões que evidenciavam como a Cozinha da Ocupação 9 de Julho tem galgado popularidade nos circuitos da cidade e como esta pode ser entendida como um eixo/nó condensador de múltiplos atores.

No final de abril de 2024, buscando avançar na pesquisa para esta dissertação, um pouco mais familiarizada com o local e com os fluxos das plataformas sociais vinculadas ao Movimento, utilizei as redes sociais da Sra. Carmen Silva, liderança do Movimento, para me apresentar como pesquisadora e para pedir autorização formal para conhecer melhor a Cozinha e me voluntariar nos preparos dos alimentos. Em pouco tempo, a resposta à mensagem trazia um *“pode vir no sábado”* e *“será bem-vinda”*, o que deu início às minhas idas quinzenais, aos sábados, à Cozinha da Ocupação para ajudar no pré-preparo dos alimentos que seriam servidos aos domingos.

O voluntariado, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, serviu não só como meio de aproximação ao campo, mas também para melhor entender os processos de produção do evento. Além do mais, com a criação de laços com os agentes foi possível realizar trocas enriquecedoras e genuínas, de aprendizado mútuo tanto com a equipe da Cozinha quanto com os chefs/cozinheiros convidados, o que permitiu a experimentação, a várias mãos, de teorias relacionadas com a produção de alimentos em grandes volumes, conservação de alimentos, boas-práticas na cozinha, técnicas culinárias, tradições e - entre um e outro mexer das panelas ou durante o corte coletivo de quilos de cebolas, abóboras e quiabos - acompanhar as relações humanas ali construídas.

Com esta aproximação, a partir e através do corpo, buscamos olhar, perceber, tatear e sentir os encontros festivos, o território e os seus agentes, compreendendo espacialidades, movimentos, gestos, performances e modos de agir que permitissem a realização de leituras críticas deste espaço da cidade. Assim, deu-se uma investigação corpográfica para *“grafar”* experiências urbanas no espaço e nos

corpos, onde o corpo também seria um registro da cidade e daquele local, com as questões cidadinas sobrevivendo também nas formas corpóreas (Barroso, 2022; Jacques, 2008).

Cabe pontuar que o desenho metodológico desta investigação previa, desde o projeto inicial, a realização de conversas informais e de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, tendo se pré-definido que os entrevistados seriam moradores da Ocupação 9 de Julho, cozinheiros, colaboradores e convidados que atuam na produção da Cozinha da Ocupação 9 de Julho e do evento de domingo, além de lideranças do movimento, produtores de eventos, artistas e público frequentador, sem ter se determinado um número de entrevistas mínimo ou máximo a serem realizadas, mas tendo-se em mente o modelo de amostragem qualitativa por saturação ou “bola de neve” (Goldenberg, 2004), além de se atentar à limitação temporal que o cronograma desta investigação impunha.

Com a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 82403824.6.0000.5512) da UNIP em setembro de 2024, iniciou-se a etapa de convites a entrevistas, com as primeiras realizadas em novembro de 2024. O roteiro prévio, semiestruturado, acabou sendo ajustado a cada um dos entrevistados diante das particularidades dos agentes e da ampla diversidade de suas atuações nos eventos da Ocupação, ajustes estes que tomaram o cuidado de nunca se perder de vista o foco e objetivos desta pesquisa.

Os entrevistados vinculados à Cozinha foram convidados pessoalmente, durante os dias de pré-preparo. Já os contatos com os entrevistados não integrantes do dia a dia da Cozinha (ou com os visitantes da Ocupação) se deu, via de regra, através de mensagens privadas do Instagram, usada como forma de primeiro contato o que, muitas vezes, permitiu a abertura de novos canais de troca de mensagens (WhatsApp ou e-mail). Normalmente, quando havia a resposta às mensagens particulares enviadas pela plataforma social, se entendia por um interesse na pesquisa e buscava-se avançar em uma agenda cômoda, capaz de facilitar a participação do convidado. No entanto, apesar dos esforços, muitos convites ficaram pelo meio do caminho, com um desinteresse posterior do potencial entrevistado após uma primeira resposta positiva de participação.

Outras adaptações metodológicas também precisaram ser realizadas ao longo do percurso. As entrevistas, inicialmente pensadas na sua forma presencial,

necessitaram ser adaptadas para alguns atores, especialmente para aqueles que participaram de intervenções artísticas, culturais e culinárias na Ocupação 9 de Julho e que se encontravam fora de São Paulo, promovendo trabalhos em outras localidades ou com agenda estritamente limitada: para estes, foi possibilitada a realização de videoconferências, chamadas telefônicas ou, em casos bem particulares, as perguntas foram enviadas aos entrevistados para que estes devolvessem suas respostas em áudio ou na forma escrita.

Assim, alternando o espaço-tempo entre o trabalho de campo e a escrita acadêmica, durante esta pesquisa se acompanharam diversos eventos, mas, em especial, os eventos de domingo e, de forma mais massiva, o processo de preparação destes eventos através da perspectiva de quem cozinha na Cozinha da Ocupação 9 de Julho. Também, em locais e datas pré-definidos com os entrevistados, foram realizadas entrevistas com os convidados que aceitaram participar, em encontros presenciais ou de forma remota, com participações síncronas e assíncronas, com todos os encontros gravados ou em vídeo ou em áudio, com exceção de uma entrevista, que foi apresentada por meio de resposta escrita, por e-mail.

Ao total, 29 convites foram realizados. Seis destes convites não foram respondidos e os demais (23) responderam positivamente. Entretanto, após um primeiro sinal de aprovação, somente 12 convidados mantiveram o interesse em colaborar e, ao fim, 9 entrevistas foram realizadas. Quando da nona entrevista, realizada em fevereiro de 2025, percebeu-se que todo o material coletado com frequentadores, músicos, artistas, moradores, cozinheiros e participantes do movimento até o momento já se mostrava tão denso de dados e informações para esta investigação que o avançar na tomada de novas narrativas não permitiria honrar o que já havia sido tão generosamente compartilhado pelos participantes, motivo pelo qual se optou por suspender novas entrevistas para poder dar destaque ao material já em mãos. Por outro lado, atingiu-se aquilo que, em pesquisas qualitativas pode ser chamado de ponto de saturação, isto é, quando as entrevistas realizadas trazem narrativas que começam e se repetir (ao menos em parte) e considera-se o material produzido como suficiente para a análise. Lembramos ainda que a dissertação não contou apenas com entrevistas semiestruturadas com integrantes da Ocupação como *corpus* de análise, mas também se valeu da pesquisa de campo

de base etnográfica e corpográfica, bem como acompanhamento dos perfis em plataformas digitais da Ocupação e da Cozinha.

Registre-se que, obviamente, o convite para participação nesta pesquisa foi feito à dona Carmen Silva (líder do MSTC), em mais de uma oportunidade, em convites presenciais, durante sábados de pré-preparo de alimentos para o domingo. Dona Carmen, sempre solícita, dizia que poderíamos fazer a entrevista quando quiséssemos, mas a possibilidade de se fazer uma pausa sempre ficava para depois, especialmente quando se fazia a proposta de realizar a entrevista ali, naquele momento em que encerravam-se os trabalhos e havia uma aparente disponibilidade em uma agenda sempre atribulada.

Cabe mencionar, igualmente, que ao longo da redação deste trabalho houve um necessário deslizar entre a teoria e a empiria, misturando-se trabalho de campo e leitura de material científico. Esta alternância exerceu um esteio fundamental para que, de certa forma, se mantivesse os “*pés no chão*” e, por conseguinte, se mantivesse apego à proposta metodológica inicial, especialmente em momentos em que as experiências vividas mobilizavam grandes afetos.

Dessa forma, o esforço deste trabalho é investigar, descrever e compreender expressões diversas praticadas nos eventos de domingo realizados pela Ocupação 9 de Julho, buscando melhor apreender os seus sentidos e dimensões quando analisados sob a ótica da comunicação urbana. Os suportes analisados para o campo da comunicação serão os encontros materializados nos eventos de domingo, festividades estas que se concretizam não apenas com a realização de um almoço semanal, mas também pelas apresentações musicais, reuniões políticas, exposições artísticas, apresentação e debate de filmes/documentários, apresentações de teatro, feiras de livros e artesanatos, entre outros, que alternadamente acontecem em conjunto com o almoço, em um momento em que as portas da Ocupação são abertas ao público e visibilizam nuances da vida social e coletiva daquele espaço.

Na redação deste trabalho, optamos por nomear cada um dos capítulos com frases de ordem regularmente referidas e invocadas pelos integrantes do MSTC em encontros, reuniões e em suas páginas sociais, frases estas que também estão materializadas nas paredes da Ocupação 9 de Julho em intervenções artísticas, o que também as transforma em elementos da ambiência a(r)tivista do território.

Assim, no primeiro capítulo, sob o título “*Quem não luta tá morto*” apresentamos um breve histórico das lutas sociais por moradia no centro de São Paulo que, por meio de suas mobilizações, reivindicam o direito à cidade e à vida urbana em regiões dotadas de maior infraestrutura como forma de reduzir a desigualdade urbana. Apontamos que estes grupos, ao ocupar as áreas centrais, atuam em redes e reformulam o território por meio de lógicas de usos e de habitar que diferem das lógicas hegemônicas, resistindo à expulsão dos mais vulneráveis para as bordas da cidade e produzindo cidades e territórios adotando uma lógica que se origina nos usos, no território praticado. Ao longo deste capítulo, damos destaque à atuação do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), trazendo um histórico sobre o nascimento deste grupo e sobre o surgimento de uma ocupação urbana atualmente em destaque na capital paulista que é por eles gerida: a Ocupação 9 de Julho.

No segundo capítulo, chamado de “*Comida para alimentar a luta*” fazemos uso das experiências de campo (em uma exploração presencial e remota) e das narrativas trazidas por conversas informais e por entrevistas semiestruturadas, para delinear um trajeto que indica a mudança de táticas dos movimentos sociais, especialmente do MSTC, que deixou de ocupar novos imóveis como forma de pressão para efetivação de políticas públicas de habitação e passou a se utilizar da produção cultural, artística, culinária, política e ativista para afetar visões de mundo e ampliar a capilaridade das suas pautas e reivindicações. Esta mudança nas atuações/táticas é explorada a partir da perspectiva da festa: primeiro, fazendo referência à conversão do “*dia de festa*” (como é chamado pelos movimentos sociais o dia em que se ocupa um novo imóvel) nos atuais “*dias de festa*” (no plural), como são chamados os dias em que ocorrem os eventos de domingo na Ocupação 9 de Julho, passando por aspectos de produção e consumo solidário, de uma comida politizada e de ações de cunho ativista. Resultado dessas mudanças de estratégias por parte do MSTC, aqui também são apresentadas perspectivas sobre um reposicionamento da imagem do Movimento, das suas lideranças e da Ocupação 9 de Julho, já que a imagem destes são atualmente mais associados a aspectos culinários e de produção de eventos culturais do que com um movimento que promove entradas forçadas em imóveis, o que parece contribuir com uma ampliação da capilaridade das pautas e das redes do MSTC. Neste trajeto narramos a

experiência de campo em dois eventos selecionados e apresentamos o olhar dos entrevistados sobre pontos relevantes aos temas tratados neste capítulo.

No terceiro capítulo, que tem o nome “*Lute como quem cuida*” apresentamos um aporte teórico e empírico sobre a comunicação urbana e sobre as teias tentaculares das articulações em rede percebidas no espaço da Ocupação 9 de Julho, olhando-os sob um recorte que privilegia os eventos feitos aos domingos e as perspectivas trazidas por conversas informais e por entrevistados desta pesquisa. Também abordamos como estas redes conduzem a uma construção coletiva da ambiência da Ocupação, tratando especialmente das representações feitas em murais, painéis, paredes e instalações e como tais materializações se vinculam com pautas artistas. Por fim, trazemos e discutimos noções de a(r)tivismo e como este tem sido utilizado como uma ferramenta a serviço da comunicação urbana pelo MSTC para difundir uma visão de mundo menos excludente. Analisando narrativas, relatos e histórias urbanas variadas dos agentes que se propuseram a participar deste trabalho, materializamos a existência de contínuos processos de (des)(re)construção de territórios que, por meio das práticas, usos e modos de resistir e reexistir, sinalizam possíveis formas outras de ser e de habitar as cidades e criar sentidos de comunicação urbana.

## **CAPÍTULO 1: “QUEM NÃO LUTA TÁ MORTO”<sup>17</sup>: Lutas por moradia na área central de São Paulo, o Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e a Ocupação 9 de Julho**

*“As ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião.  
Como tal, nascem, crescem, mudam de caráter.  
E, eventualmente, morrem.”*

(Luiz Antônio Simas citando trechos do livro  
*A alma encantadora das ruas*, de João do Rio)

Neste capítulo buscamos trazer um breve histórico das lutas sociais que reivindicam moradia na cidade de São Paulo, especialmente na região central, por ser um espaço de fácil acesso e dotado de maior infraestrutura. Destacamos, dentro dessas mobilizações, o nascimento do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC)<sup>18</sup> no ano de 2001 e suas mudanças táticas para reformulação do território, com atuações em rede e inovações nas lógicas de usos e do habitar, em contraposição às lógicas hegemônicas e com a apresentação de mecanismos de resistência à expulsão dos mais vulneráveis para as bordas da cidade. Entre essas ações, apresentamos a Ocupação 9 de Julho e a criação de uma cozinha coletiva neste espaço, local onde se realizam eventos semanais abertos ao público que mesclam gastronomia, entretenimento, cultura, educação, entre outros.

Analisando os registros históricos, percebe-se que as silhuetas das cidades brasileiras se originam de um processo de urbanização com início no século XVIII e que demorou em torno de três séculos para acontecer. A consolidação do conceito do que seria *urbanização* no Brasil se deu após a década de 1940, quando as populações urbanas e rurais passaram a ser oficialmente contabilizadas em escalas separadas pelo Estado brasileiro em decorrência de uma nova padronização de

---

<sup>17</sup> A frase “*Quem não luta tá morto*” é uma das principais frases de ordem do MSTC. Frequentemente ouvida nos discursos dos dirigentes do movimento, também é a frase que se apresenta em todas as postagens nas plataformas sociais do MSTC e da Cozinha Ocupação 9 de Julho, tanto como frase quanto como hashtag. É usada para convocar, engajar e para lembrar os integrantes do Movimento e aliados de que as pautas perseguidas pelo grupo não foram exauridas e que a busca pelos direitos perseguidos é constante e ininterrupta.

<sup>18</sup> Ao longo do texto, utilizaremos a grafia em maiúscula quando formos nos referir especificamente ao MSTC (Movimento Sem Teto do Centro), usando o termo “Movimento”. Da mesma forma, ao tratarmos especificamente da Ocupação 9 de Julho (ao invés de ocupação em geral), o termo será grafado em maiúscula como “Ocupação” e quando falarmos da Cozinha Ocupação 9 de Julho poderemos fazer uso do termo “Cozinha”, em maiúsculo.

contagem populacional, o que se deu pela necessidade de se acompanhar as intensas mudanças na expansão das cidades. Essas mudanças entre o urbano e o rural resultaram na inversão da predominância do local de residência da população – antes predominantemente rural – e, no ano de 1991, chegou-se a números que se aproximavam dos 77% da população brasileira em áreas urbanas (Santos, 1993).

A urbanização é um processo de transformação de uma sociedade ou de uma região para o urbano, não representando apenas o crescimento da população das cidades, mas também uma estruturação física que permita que a cidade ou que aquela área da cidade possua condições de infraestrutura, planejamento e organização administrativa. As mudanças decorrentes da urbanização não se expressam apenas na paisagem urbana, mas também no comportamento e no estilo de vida das pessoas que ali residem (Monteiro; Veras, 2017).

As cidades brasileiras são amplamente reconhecidas por seus processos urbanos conflituosos, de matrizes segregatórias e excludentes, com estudos nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, Direito e Sociologia destacando um histórico de dinâmicas de urbanização aonde predominam processos de valorização fundiária e imobiliária com uma tendência à segregação racial e econômica com dimensões socioespaciais, processos estes que se mostram mais acentuados nas grandes capitais e, especialmente, nos contextos da cidade de São Paulo (Sousa Filho et al., 2023; Lima, 2021; Araújo, 2017; Torres, 2004).

Compreendidas como mercadoria, as cidades estabelecem um preço para o atributo *localização*, onde somente mora bem e tem direito à cidade quem pode pagar. Sociedades desiguais resultam em cidades desiguais e a desigualdade urbana, também funcional e social, se aprofunda e gera uma cidade partida e apartada, o que também se dá a partir de ações do Estado na implantação e concentração de infraestrutura em áreas nas quais prevalece a presença de classes dominantes, o que cria diferenciações claras entre setores da cidade (Ferreira, 2005; Bonduki, 2011; Maricato, 2015).

### **1.1 São Paulo, uma cidade para poucos: breve histórico das lutas por moradia na região central de São Paulo**

Eu amo o centro. Amar o centro é uma coisa, assim, incrível. (...) São Paulo, eu sou muito apaixonado, eu gosto do metrô, gosto do “*centro sujo*” que

eles falam... porque o centro, eu gosto do centro de São Paulo porque as pessoas são elas, são quem são. (...) E o centro, culturalmente falando, a questão de cultura, musicalmente, é muito rico. Se procurar, tem muita coisa no centro. E o centro, pra mim, é uma coisa surreal, que eu acho que eu não consigo viver sem. Eu tô querendo morar lá também, é o meu sonho. Mas assim, eu fui com doze anos no centro, minha mãe falou “vai ali, vai buscar um negócio pra mim”. Me botou no metrô sozinho. E assim, eu fui maravilhado, apaixonado. É uma coisa que não tem explicação muito. Eu gosto muito... agora que cuidaram mais o centro, eu acho muito bonito a parte da questão dos prédios, dos centros históricos bem cuidados. O centro como um todo é uma parte da história. Eu gosto da história. É uma história viva que você pode reaver. (...) O centro propõe a diversidade, uma coisa que eu sempre busquei, sempre amei. Enquanto a sociedade entender que a diversidade é a sociedade, que tem que ser assim, a gente vai dar um passo gigantesco na convivência, na evolução humana. E o centro sempre prega isso. É o encontro de todas as tribos, literalmente.”<sup>19</sup>

Por volta dos anos 1970, a região central de São Paulo viveu um processo contínuo de esvaziamento com a saída de empresas, bancos e grandes comércios do local, especialmente pelo deslocamento do eixo econômico do centro da cidade para a região sudoeste, o que foi acompanhado de um relativo abandono do centro por parte do Estado. Ao mesmo tempo, a população, principalmente a de baixa renda, permaneceu trabalhando na região central de São Paulo, tendo como alternativa de moradia próxima ao trabalho os cortiços, pensões e ocupações (trabalhadores formais que moram informalmente) enquanto as mídias hegemônicas e outros grupos sociais paulistanos associavam a região a uma imagem de degradação que surgia junto com a falta de interesse do mercado imobiliário pelo local (Maricato, 1996; Ramos, 2009).

Os anos 1980/90, em São Paulo, são marcados pela emergência de movimentos sociais que buscam moldar o direito à cidade, com dinâmicas de reivindicações e lutas pela melhoria da qualidade de vida e que acaba por desaguar na criação de múltiplos movimentos organizados e na organização de diferentes atores. Estes atores, articulados dentro da sociedade civil, de movimentos sociais e de diversas entidades reivindicavam melhorias urbanas e o direito à moradia digna e, especialmente em relação aos moradores dos cortiços das áreas centrais da

---

<sup>19</sup> Douglas Jackson se define como multiartista e também é funcionário público. Homem, 39 anos, é o artista responsável pelo projeto musical de discotecagem “*Um som na Ocupação*”, que no ano de 2024 era realizado quinzenalmente aos domingos na Ocupação. No momento da entrevista, em novembro de 2024, o “*Um som na Ocupação*” já contava com 16 edições realizadas. A entrevista foi concedida por Douglas em 18/11/2024, na forma presencial, em um espaço próximo ao Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo.

cidade, pleiteava-se o direito de permanência em regiões dotadas de infraestrutura e trabalho (Sanches, Stevens e Piotto, 2019).

No cenário paulistano, desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, foram criados programas e projetos de habitação de interesse social que promoviam a integração entre a moradia digna e a infraestrutura pré-existente, com a possibilidade da participação social no processo com ferramentas como a autogestão, os mutirões e os projetos participativos. No entanto, a continuidade das ações sempre se mostrou vinculada a interesses políticos das gestões que se encontravam no poder e, no início da década de 1990, todas as ações foram paralisadas e voltaram a predominar métodos convencionais de construção de projetos, sem a participação da população e/ou das assessorias técnicas nas tomadas de decisão. Isso provocou um acirramento das reivindicações dos movimentos sociais de moradia por programas de habitação social nos distritos centrais de São Paulo e acentuou o uso da estratégia de ocupação de imóveis vazios que não cumpriam sua função social (Sanches, Stevens e Piotto, 2019).

Estruturados, os movimentos sociais populares de luta por moradia começaram a ganhar força e visibilidade, principalmente os que reivindicavam o centro como local de moradia. O direito ao centro como direito à cidade foi e ainda é pauta comum diante da ampla possibilidade de mobilidade, acesso à cultura, lazer, serviços, em um território que permite uma ampliação da visibilidade e audibilidade das pautas dos movimentos e em um fluxo que se contrapõe aos modelos espalhados de cidade que empurram os indesejáveis para suas bordas (Pereira e Bezerra, 2021). Enfim, um direito à cidade e à vida urbana como local de encontro e produção comunicativa da diferença na cidade (Caiafa, 2022).

Assim, desde meados dos anos 1990 observou-se uma expansão das ocupações de edifícios e de imóveis públicos e privados ociosos em áreas centrais e com infraestrutura urbana por parte de movimentos sociais organizados (Ferrara, Gonsales e Comaru, 2019), ações que permitiriam, ao menos em parte, à fruição de algo que se aproxima do direito à cidade ou a um direito à vida urbana (Lefebvre, 2001).

As ocupações de imóveis ociosos por parte de movimentos populares não eram algo inédito, mas, até aquele momento, as ações eram restritas a zonas mais periféricas da cidade. A ousadia destes movimentos de adentrar em imóveis vazios

em áreas centrais de São Paulo contribuiu, de forma decisiva, para provocar intensos debates sobre a importância da habitação popular em áreas privilegiadas por contar com infraestrutura e oferta de empregos (Trindade, 2015).

As investidas destes grupos populacionais colocaram na agenda do Congresso Nacional formas de possibilitar uma reestruturação e a criação de diretrizes para uma nova política urbana que fortalecesse os municípios e que distribuísse as responsabilidades no momento da implementação de processos de planejamento urbano inclusivos e participativos. Parte desse processo se deu através de inovações e avanços presentes na Constituição Federal de 1988 e, treze anos depois, estas frentes foram complementadas pelo chamado Estatuto da Cidade (Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001), documento que pretendia viabilizar instrumentos urbanísticos de política urbana (Sanches, Stevens e Piotto, 2019).

Com o advento do Estatuto da Cidade, contendo inovações que chegaram a ser celebradas internacionalmente, diversos setores da sociedade acreditavam ser possível inverter a lógica segregadora de produção de cidades, pois eis que, pela primeira vez na história do país, as questões urbanas estavam sendo elevadas ao *status* de direito constitucional. No entanto, passadas mais de 2 décadas da promulgação da Lei e, ainda que o documento não tenha sofrido nenhuma alteração de forma expressa, novos marcos regulatórios tem desafiado a sua aplicabilidade prática, com um planejamento urbano que *“não existe, ou melhor não se implementa”* (Maricato, 2015, p.11), dificultando tecnicamente uma participação popular real e efetiva nas múltiplas formas de fazer cidade e sem que se reconheça como legítima a diversidade que os múltiplos vínculos com o território podem apresentar (Lima, 2021b; Rolnik, 2021).

Sem nenhuma intervenção pública relevante e, apesar do esvaziamento econômico-comercial da região central de São Paulo, o Censo do IBGE<sup>20</sup> de 2022 apontou que, somente nesta área da cidade - aproximadamente 58 mil domicílios estavam vazios no momento da realização da pesquisa, o que representava quase 20% do total dos domicílios da região (Benedusi *et al.*, 2024). Em outras palavras, em 2022 observava-se que um em cada cinco imóveis residenciais da região central

---

<sup>20</sup> O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizou a coleta de dados entre 01/08/2022 e 28/05/2023, conforme divulgado pela própria agência (<https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#/home>).

de São Paulo se encontrava desocupado, o que significa um elevado estoque de imóveis vazios e bem localizados.

Esse elevado número de imóveis vazios se contrapõe a uma grande parcela da população na região central que ainda sobrevive às margens da sociedade, como resultado de um estrutural e histórico processo predatório da força de trabalho, que mantém uma base excludente e que promove o que Ermínia Maricato denomina de uma urbanização de *“industrialização com baixos salários”* (Maricato, 1996, p.39), é dizer, a existência de um crescimento econômico significativo, porém condicionado à manutenção da pobreza diante do direcionamento dos investimentos apenas em um modelo de urbanização desigual, apenas na cidade hegemônica (Ferreira, 2011). De outro lado, em um movimento contra hegemônico, estes vazios são vistos pelos movimentos sociais como oportunidades que, em luta política e urbana, reivindicam moradia no centro.

Para a área da arquitetura que estuda os abandonos, as cidades podem sim ser pensadas a partir de seus vazios, remetendo a outras percepções que não aquelas das telas cheias de imagens e de pessoas. Para Rocha (2010), os vazios ou lacunas nas cidades se mostram como uma possibilidade de expressão e de usos diversos daqueles que foram inicialmente previstos para estes espaços, existindo ali uma oportunidade de construção de novos mundos por aqueles que passam a habitá-los.

Habitar abandonos difere do habitar a caixa-casa na qual estamos habituados a viver, é um habitar fora dos padrões de habitabilidade e do bem-estar, dos ideais arquitetônicos, das condições de conforto térmico, umidade, controle de ruídos, ventilação, iluminação e salubridade. É o “habitável do inabitável” que nos traz outros sentidos diferentes do que estamos acostumados a habitar. Quando habitamos, habitamos um sentido. Abandonos são moradas, mas moradas públicas, coletivas, não há mais nenhuma relação entre propriedade e uso, pronto para relacionar-se ao desfrute, ao estímulo, à surpresa e à atividade. Dispositivos prontos para interações e apropriações de toda a (des)ordem. Um espaço relacional em potencial. (Rocha, 2010, p.58).

Buscando reduzir estes vazios e evitar a degradação da região, intervenções urbanas buscavam requalificar e promover a valorização da zona central da cidade e, a partir dos anos 2000, vê-se uma retomada do mercado imobiliário (e, de certa forma, também do poder público) sobre a área central da cidade de São Paulo, o que eleva valores de comercialização e do aluguel de imóveis tanto novos quanto

antigos, tendo por consequência um aumento de pressão econômica sobre famílias de menor renda que ali moram, residem e/ou trabalham (Rossetto Netto, 2018).

Reina e Comarú (2015), Nakano (2018) e Pereira e Bezerra (2021) discutem sobre o fenômeno do “*repovoamento*” da área central da cidade São Paulo desde os anos 2000, depois de décadas de esvaziamento habitacional e de ausência de investimentos públicos e privados, apontando que isso vem acompanhado de um processo gentrificador em um contexto que conta com um discurso hegemônico de “*renascimento*” das regiões centrais, onde conjugam-se lançamentos imobiliários para as classes médias altas e o aumento de moradias em cortiços e em cômodos para classes de baixa renda.

Para Bonduki (2011), entre as formas para se reduzir a desigualdade urbana nas cidades estaria a busca por aproximar a habitação (inclusive a social) dos empregos e dos equipamentos, o que se daria através de ações combinadas de estímulo à reestruturação urbana e de urbanização direcionadas para áreas periféricas e, de outro lado, por ações de encorajamento do uso residencial (com incentivos e subsídios para as rendas mais baixas) em áreas em que se concentram empregos (centro expandido e zona sudoeste da capital).

Mas, para Ferreira (2005), não se trata de tarefa simples. Seria um trabalho de reverter *a posteriori* um processo histórico-estrutural de segregação espacial, onde cidades são propositalmente organizadas e estruturadas de forma desigual, o que significaria, em essência, conceder (e exigir) do Estado a capacidade de enfrentar privilégios urbanos adquiridos por classes dominantes ao longo de uma hegemônica atuação histórica por 500 anos, com instrumentos que somente poderiam ter alguma eficácia se houver uma vontade política muito determinada no sentido de promover a reversão de um quadro de desigualdade urbana, em contraposição aos interesses que hegemonomizam a produção do espaço urbano.

Esse cenário urbano, associado à falta de interesse público e privado em destinar moradias à população de baixa renda é o que motiva novas ações dos movimentos de luta por moradia, movimentos sociais organizados que habitualmente se utilizavam da ocupação de locais vazios como forma de ação política, especialmente de edifícios ociosos no centro de São Paulo. Apropriando-se forçosamente dos imóveis, estes movimentos buscavam explicitar uma demanda real por moradia, reivindicando e exercendo pressão sobre o poder público para a

criação de unidades habitacionais nas regiões centrais e denunciando a existência de imóveis vazios que não exercem a sua função social (Neuhold, 2009; Rossetto Netto, 2018), enquanto paralelamente se utilizam do fundamento jurídico do direito social à moradia (garantido pelo artigo 6º da Constituição Federal de 1988) para embasar as ações, ações estas reforçadas pela falta de uma resposta efetiva do Estado ao déficit habitacional (Lelis, 2016).

Ao mesmo tempo em que se apresentam como espaços onde se vivenciam conflitos e resistências, nas ocupações urbanas se materializam formas outras de existência que não acompanham necessariamente as lógicas hegemônicas, com a transformação das relações sociais, das identidades e de territorialidades. Raúl Zibechi (2007) acolhe essas formas distintas de atuação destes grupos como sendo uma frente de ação política nomeando-a como “*outra campanha*”, e entendendo-a não como “*a*” nova forma de se fazer política, mas como uma das distintas formas de expressão que surgem nas frestas e em brechas abertas no capitalismo. Para o autor, nessas frestas há o potencial para o surgimento de um mundo novo, real e possível, ainda que incipiente e frágil, no qual as comunidades poderiam se reapropriar de seus saberes, pessoas poderiam recuperar coletivamente o controle de seus corpos, onde se faria presente a resistência e onde a política seria feita “*desde abajo*” (Zibechi, 2007).

O uso do termo “*desde abajo*” indica uma intenção de se inverter a lógica hegemônica de poder, o que pode ser verificado em múltiplos movimentos e espaços em resistência e onde o fazer política ocorreria de baixo para cima através do fomento à criação de pontes, nós, redes, aproximações e/ou alianças com as quais estes grupos se colocariam e se manteriam em contato. Em outras palavras, para Zibechi (2007), o olhar destes coletivos de ocupação urbana estaria voltado para uma observação da realidade a partir das massas, de uma organização das bases que, por sua vez, promoveriam iniciativas capazes de produzir e reproduzir uma sociedade diferente, reinventando tradições e gerando um desenvolvimento baseado em suas próprias forças. E tudo isso sem que, necessariamente, tenha que se cogitar a tomada ou a inserção desses movimentos nos locais tradicionais de poder.

Esta noção de uma organização a partir das bases, feita de baixo para cima, foi apropriada e é explicitamente explorada pelo MSTC em seus materiais de

comunicação (Figura 7). Durante a 35ª Bienal de Arte de São Paulo, evento que contou com a participação da Cozinha da Ocupação 9 de Julho, o mezanino do edifício foi artística e gastronômica ocupado pelo MSTC, sendo preenchido com intervenções elaboradas coletivamente pelos integrantes do Movimento que faziam referência a essas linhas de pensamento.

**Figura 7** - Fotografia do espaço do restaurante durante a 35ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2023. Em destaque, uma faixa do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), com os dizeres: *“uma política de baixo para cima”*.



**Fonte:** A autora, 2023.

Com esta atuação independente e autônoma, desvinculada do Estado, os movimentos e, por consequência, as ocupações urbanas que clamam por moradia no centro, surgem com o objetivo de sinalizar para a possibilidade de outras lógicas de governo, de relações e de poder. Nesse sentido, acreditam que a transformação de relações e a criação e recriação de vínculos sociais permitem a construção de formas outras de existência que se mostram como alternativa ao sistema capitalista (Andrade e Oliveira, 2022), expressando uma noção de direito de viver no centro que desafia a lógica hegemônica de expulsão dos mais vulneráveis para as bordas da cidade.

## 1.2 “DIREITO À CIDADE SIM!”<sup>21</sup>: O surgimento do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e da Ocupação 9 de Julho

O Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), em suas páginas/perfis em plataformas de redes sociais<sup>22</sup>, indica que sua fundação se deu no ano de 2001, sendo formado por mais de duas mil pessoas e ressaltando que sua atuação é mobilizar e organizar famílias sem teto que buscam uma moradia digna no centro da cidade de São Paulo. Os prédios por ele ocupados, como destacam, são habitados por trabalhadores de baixa renda de todas as faixas etárias (jovens, adultos, idosos e crianças), inclusive imigrantes e refugiados, sendo as ocupações locais onde o direito à moradia não se resumiria a uma propriedade física, mas com a expansão do espaço físico para um local de afetos e de vida familiar, de convivência comunitária, com segurança, saúde, educação e de acesso ao transporte.

O MSTC surge sob a liderança da ativista, urbanista social e líder política Carmen Silva, com novas diretrizes e a partir de várias dissidências dos movimentos que ocupavam imóveis do centro. Na mesma época é criada a Frente de Luta por Moradia (FLM), coletivo que reúne os movimentos que possuem objetivos em comum e que se articulam conjuntamente para determinadas ações (Sanches, Stevens e Piotto, 2019).

O MSTC, que faz uso do lema “*quem não luta tá morto*” como uma de suas principais frases de ordem (Figura 8), possui estatuto próprio, é entidade sem fins lucrativos inscrita no CNPJ (nº 04.346.220/0001-22) e possui registro no Ministério das Cidades, assim como se verifica no portal intitulado CapaCidades<sup>23</sup>. Com o seu corpo administrativo, o MTSC organiza as famílias de acordo com a renda e as

---

<sup>21</sup> Carmen Silva, liderança e fundadora do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) foi candidata ao cargo público de Vereadora pela cidade de São Paulo nas eleições de outubro de 2024. Entre as propostas de campanha estavam a transformação de prédios abandonados em moradias dignas para trabalhadores de menor renda, ocupação cultural e criação de espaços culturais gratuitos em lugares abandonados e a implementação de hortas comunitárias/urbanas em locais sem uso, exaltando que o direito à cidade é para todos. A frase “DIREITO À CIDADE SIM!” fez parte do material de campanha da candidata, distribuído em eventos do MSTC e da Ocupação 9 de Julho, especialmente na forma de adesivos.

<sup>22</sup> Instagram do MTSC, postagem de 12 de maio de 2023 ([https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==)).

<sup>23</sup> Mais informações em: <https://www.capacidades.gov.br/>

encaminha para os programas habitacionais nas três instâncias de governo (municipal, estadual e federal), orientando-as e auxiliando-as no cadastro e emissão de documentos para que possam usufruir de direitos, permitindo que estejam aptos a serem contemplados com habitação social e que participem da vida política da cidade<sup>24</sup>. Isso se dá através da participação em ações educativas, culturais, de formação política, ambiental e esportiva, o que possibilitaria aos moradores da ocupação passarem por um ciclo que não seja somente o ato de ocupar, mas que também permitisse a criação de um senso crítico para o exercício da resistência e um “*empoderamento social*”<sup>25</sup> através da redução da vulnerabilidade social destes integrantes.

**Figura 8** - Frase “*Quem não luta tá morto*” nas paredes da Ocupação 9 de Julho.



**Fonte:** A autora, 2024.

Os locais de ocupação do MSTC são marcados por reivindicações que vão além do direito à moradia, colocando em debate o direito à cidade de forma ampla enquanto, ao mesmo tempo, buscam remodelá-la e reestruturá-la. Nos imóveis ocupados há o exercício de uma gestão compartilhada, tendo entre os seus escopos a moradia digna, próxima a locais centrais de boa acessibilidade e a redução das

---

<sup>24</sup> Material gráfico elaborado pela Escola da Cidade para a Bienal de Arquitetura de Chicago de 2019. O documento conta com versões em inglês e português e apresenta o MSTC como um projeto de moradia como prática de cidadania. Versões disponíveis em: <https://escoladacidade.edu.br/galeria-da-cidade/mstc-moradia-como-pratica-de-cidadania/>. Acesso em: 04 out.2024.

<sup>25</sup> Movimento MSTC. O que é e quem é o MSTC. Postagem de 12 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 08 out.2024.

vulnerabilidades de seus componentes, o que se dá através da promoção de senso de família e comunidade e da oferta de oportunidades de lazer, educação, alimentação, cultura, saúde, entre outros (Andrade e Oliveira, 2022; Movimento MSTC, 2023)<sup>26</sup>. A pauta do direito à cidade é amplamente utilizada, inclusive em promessas de campanhas nas quais dirigentes do Movimento buscaram se inserir formalmente no sistema político ao participarem como candidatos em eleições municipais (Figura 9).

**Figura 9** - Adesivo de campanha de Carmen Silva, candidata ao cargo de vereadora municipal por São Paulo, 2024.



**Fonte:** A autora, 2024.

É dizer: o direito à cidade invocado por este grupo é impregnado de simbolismos e imaginários e pauta discussões coletivas que pretendem uma (re)construção dos espaços ocupados para que neles se possa exercer um direito comum ou o “*exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização*” (Harvey, 2012).

Estas moradias ocupadas são entendidas como locais transitórios ou de “*passagem*”, onde famílias podem sair de condições precárias e viver dignamente até que sejam contempladas por programas de habitação social oferecidos pelo governo. No entanto, há experiências em que os imóveis ocupados, contemplados por editais de programas habitacionais, passam por reformas e se tornam a morada definitiva destes grupos que participaram de sua prévia ocupação forçada.

<sup>26</sup> Movimento MSTC. O que é e quem é o MSTC. Postagem de 12 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 08 out.2024.

Uma das ocupações de imóveis mais emblemáticas de São Paulo se deu em 1997, quando o prédio de 14 andares em concreto e mármore, localizado na Avenida 9 de Julho e de propriedade do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), foi tomado por vários movimentos de moradia que reivindicavam programas habitacionais. O edifício de *art déco*, projetado pelo arquiteto brasileiro Jayme Fonseca Rodrigues, foi construído nos anos 1940 durante o governo de Getúlio Vargas, sendo que os três primeiros andares do edifício (considerando o térreo), com espaços para serviços administrativos, teriam sido concebidos para o atendimento ao público. Os demais andares, 12 ao todo, foram idealizados como moradia para os funcionários do próprio INSS, configurando um edifício de uso misto que, por três décadas, funcionou como projetado (Escola da Cidade, 2019).

Em 1970 começou um processo de degradação que resultou no abandono do prédio e o imóvel foi esvaziado, supostamente para se tornar sede da repartição (INSS) em São Paulo, o que nunca se concretizou de fato por conta de mudanças na autarquia (Sanches, Stevens e Piotto, 2019; Lemos, 2022).

Ocupado até 2003 por mais de 150 famílias, os ocupantes negociaram com o poder público para que um projeto de reforma do edifício o transformasse em uma solução permanente de habitação e, assim, com a promessa do governo municipal de transformar o imóvel em um conjunto habitacional, os moradores desocuparam o prédio voluntariamente. Mas, após isso, não houve o cumprimento das promessas por parte do Município. Sem manutenção ou cuidados, em 2004 um incêndio tomou parte do prédio, que teve a sua fachada e espaços internos deteriorados, fato este que motivou a reocupação do imóvel por mais 3 vezes, ocupações estas sempre seguidas de violentos processos de reintegração de posse para devolver o imóvel ao poder público (Sanches, Stevens e Piotto, 2019).

A última ocupação do imóvel da Av. 9 de Julho se deu em 2016 pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) e, apesar de confrontos com a polícia militar, a permanência do grupo se manteve, tendo-se iniciado um novo ciclo de uma estada tolerada e/ou não resistida dos integrantes do Movimento. A primeira atividade do grupo na ocupação foi a limpeza do local, com a retirada do lixo acumulado nos andares, eliminação de empoçamentos de água e pintura das paredes com cal branco (feito pelas famílias integrantes do movimento que ali se instalaram), o que tornou o edifício minimamente habitável. Em seguida mostraram-

se necessárias obras de recuperação, reformas hidráulicas e elétricas, renovação de escadas e obras de construção civil, onde a mão de obra foi sempre realizada por profissionais que integram o próprio grupo, com o objetivo de permitir a habitação por um tempo indefinido. Isso, a nosso ver, integra não só a intenção de morar no espaço, mas também é algo que materializa um modo de fazer cidade, ou melhor, “de fazer arquitetura efêmera com sua própria mão de obra” (Escola da Cidade, 2019, p. 18).

O prédio foi então rebatizado como Ocupação 9 de Julho e, desde o ingresso do MSTC no edifício, este tem ganhado visibilidade e apoio de diversos setores e grupos da sociedade. Os dados disponibilizados pelo grupo indicam que esta é a mais populosa entre as ocupações do Movimento Sem Teto do Centro: segundo números de 2023, ali existiam 128 famílias instaladas, com moradores de 16 (dezesseis) Estados brasileiros e com estrangeiros de 5 (cinco) países, quais sejam, Congo, Haiti, Angola, Gana e Paraguai<sup>27</sup> (MSTC, 2023b).

**Figuras 10 e 11** - Frente e verso do folheto disponibilizado aos visitantes da Ocupação 9 de Julho em meados de 2024 no espaço da lojinha do MSTC, no andar térreo da Ocupação.



**Fonte:** MSTC e Ocupação 9 de Julho, 2024.

<sup>27</sup> Movimento MSTC. “O que é e quem é o MSTC”. Postagem de 12 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 08 out.2024.

De forma a esclarecer a presença do Movimento no imóvel, reforçando as pautas políticas e sociais do Movimento, bem como apresentando os trabalhos da Cozinha aos visitantes e curiosos, comumente são disponibilizados folhetos na entrada da Ocupação 9 de Julho buscando atrair a atenção, um maior reconhecimento, legitimação e aprovação para permanecer neste jogo territorial e de sociabilidade (Figuras 10 e 11).

### **1.3 Processos de (re)territorialização: as lógicas dos usos na reinvenção da cidade por novas formas de habitar**

Essa "rua" tão temida pelo universo da produção é o espaço de proximidade entre vida cotidiana e produção simbólica, lugar de uma atmosfera emocional ou afetiva - *ethos*, costumam dizer os antropólogos - que institui canais especialíssimos, não-linguísticos, de comunicação. O território torna-se continente de uma densidade simbólica, assimilável não pela racionalidade conceitual, mas sinestesticamente, com corpo e espírito integrados numa atenção participante. Neste contexto, muitas vezes o indivíduo não participa diretamente de um grupo criativo, mas ainda assim é atravessado por suas irradiações de sentido, sua força, podendo ser também conduzido à mesma impulsão de jogo (Sodré, 2002, p.162).

O discurso modernista apresentou a metrópole como um local de acúmulo de atrativos que condensam o mundo e, para isso, se apoiou em gêneros que permitissem falar com prolixidade sobre o que acontece nas ruas, considerando seus eventos, personagens e as surpresas inerentes da vida cotidiana. A crônica jornalística, os folhetins, as canções populares, séries radiofônicas, cinema, séries televisivas e novelas são exemplos de um amplo repertório que tematiza a cidade como lugar onde as coisas acontecem e que nos teriam ensinado a como contar estas histórias sobre a cidade. Mais além disso, esses meios teriam nos ensinado a viver a cidade e saber o que esperar dela, em relatos que se entrelaçam e, como não existe um relato único para se construir o todo, fariam com que fosse necessária uma montagem complexa dos diversos pontos de vista (Cruces, 2016).

Seria necessário descer ao terreno, pisar na rua, escutar os transeuntes, trançar as histórias - diz Cruces (2016) - abandonando os planos do arquiteto, o mapa geográfico, o projeto do urbanista e a fotografia aérea com perspectivas hegemônicas, isso para se ter a consciência de que a cidade é o resultado das histórias que contamos sobre ela, onde se constrói um tecido entre narrativas e

experiências que constituem um ponto de partida de como contar e decifrar a cidade: um desafio que ao mesmo tempo é narrativo, empírico e teórico.

Haesbaert (2023), nessa mesma concepção, dentre outras abordagens analisa o território como um conceito que extrapola o campo da Geografia, apontando que além do físico-material, o território seria um espaço que deve ser lido numa perspectiva relacional dentro de um conjunto de relações (sociais, econômicas, políticas, culturais e socioambientais) que constantemente o definem e o redefinem, em um fluxo de ir e vir entre a territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Este espaço, inserido em um jogo de forças e moldado nos embates do poder econômico das classes hegemônicas, exige que o território seja entendido a partir dos múltiplos sujeitos sociais que estão envolvidos nas suas dinâmicas de des-re-territorialização para que se possa, considerando as distinções e imbricações entre esses agentes, se ter clareza de como essas forças se articulam na construção do território e para poder se entender a complexidade das ações e conflitos que ali se dão em decorrência de classe socioeconômica, grupo étnico, da condição de gênero ou pelo fator geracional.

Diferentes movimentos latino-americanos que buscam a promoção de formas outras de vida/existência e que se apresentam como alternativas ao sistema capitalista foram analisados por Zibechi (2007), o que o levou a apontar que, para que seja possível explorar a complexidade e diversidade destes movimentos, ao invés de focar nas atividades do Estado é preciso olhar para dentro das experiências dos movimentos sociais, locais onde se criam e recriam os vínculos sociais. Isso porque, apesar das articulações necessárias com o Estado, estes movimentos não busariam tomar o poder ou se inserir dentro do sistema que gira em torno do capital, mantendo sua existência autônoma em torno de outras lógicas de gestão, relações e poder, pois acreditariam que as mudanças se dariam em decorrência de transformações das relações sociais.

Em comum, estes autores tratam da inversão da lógica do poder, em uma criação da cidade a partir das práticas, relações e interações dos habitantes, autores, agentes e co-construtores do cotidiano (Certeau, Giard e Mayol, 1999; Latour, 2012), o que se relaciona estreitamente com o território desta investigação.

Esta prática de usos e reinvenções da cidade materializadas nas ações do MSTC tem sido objeto de estudos por diversos grupos locais e internacionais que

tem por foco melhor compreender as cidades, suas formas de habitação e apropriação dos espaços. A exemplo disso, em um dos encontros de domingo, realizado na tarde de 28/04/2024, após o habitual almoço, houve um intercâmbio cultural e técnico com um grupo de sessenta alunos de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da *University College London* (UCL), que esteve na Ocupação para acompanhar as atividades<sup>28</sup>. A agenda do dia previa uma sabatina com Carmen Silva, líder do MSTC, que respondeu perguntas sobre a história da Ocupação 9 de Julho, o papel do MSTC nas formas de construção da cidade, sobre mulheres na liderança de movimentos sociais, sobre modos de organização coletiva, sobre o papel da arte para o MSTC, sobre educação e conscientização dos integrantes acerca de direitos e deveres, entre outros temas.

Sentados ao chão na área ao ar livre, em meio ao espaço destinado para as mesas onde se consomem as refeições, cada um dos alunos fazia o uso do microfone para fazer sua pergunta em inglês ou espanhol (Figuras 12 e 13). As perguntas e respostas eram traduzidas para o português ou para o inglês pelas mediadoras (professoras do grupo) para serem ouvidas e entendidas por todos os presentes (frequentadores e alunos). Dentre as perguntas apresentadas pelos estudantes, uma delas questionava como Carmen e o MSTC entendiam o papel do MSTC (e de outros movimentos que reivindicam o viver no centro da Cidade de São Paulo) em um fazer cidade ou em transformar as cidades. Tal pergunta foi justificada pela percepção do grupo de alunos de que ali havia uma forma diferente de fazer (ou de produzir) cidade, que se distanciava de formas pré-estabelecidas pelo Estado ou de experiências prévias vivenciadas por estes estudantes em outras cidades/países que haviam sido visitadas e anteriormente estudadas através do programa de urbanismo da UCL.

**O papel do movimento no olhar a cidade, ele tem totalmente discrepância com o olhar do Estado. O olhar do Estado ele não integra, não tem uma integridade das políticas públicas.** É cada qual por seu cada qual: moradia por moradia, educação por educação, e ele não faz essa junção, né. (...) **O Estado separa o que não deveria estar separado...** não sei se eu me fiz entender... Então os movimentos sociais de 20 anos para cá tem demonstrado que o Estado tem essa falha, e tem demonstrado qual é a forma de se fazer a cidade. **A forma de se fazer a**

---

<sup>28</sup> O programa recebe o nome de *MSc Building & Urban Design in Development* e os estudantes visitaram, durante a semana que permaneceram em São Paulo, várias ocupações (urbanas e rurais) e desenvolveram trabalhos vinculados com tais experiências. A página do Instagram do programa pode ser acessada em @dpu\_budd.

**cidade é integrada, é junto. Nós não podemos nos apartar de um direito, afastar o outro.** Ao contrário: um direito como a moradia é a porta de entrada para vários outros direitos.<sup>29</sup> (destaques nossos)

As linhas acima, com as quais se transcreve a fala de Carmem à pergunta, mostram um alinhamento com as posições de Santos (2001) quando este afirma que, a partir do espaço geográfico, novas territorialidades acabam promovendo solidariedades que geram visibilidade a interesses comuns, dando origem a modos de convivência e de regulação que tendem a resistir à homogeneização da racionalidade hegemônica. As certezas expressadas na narrativa da líder do Movimento também se aproximam das formas de (re)construção da cidade descritas por Harvey (2012), o que para ele seria um direito comum, um direito coletivo de moldar o processo de urbanização.

**Figuras 12 e 13** - Encontro de 28/04/2024, domingo, na Ocupação 9 de Julho, com os alunos de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da University College London (UCL).

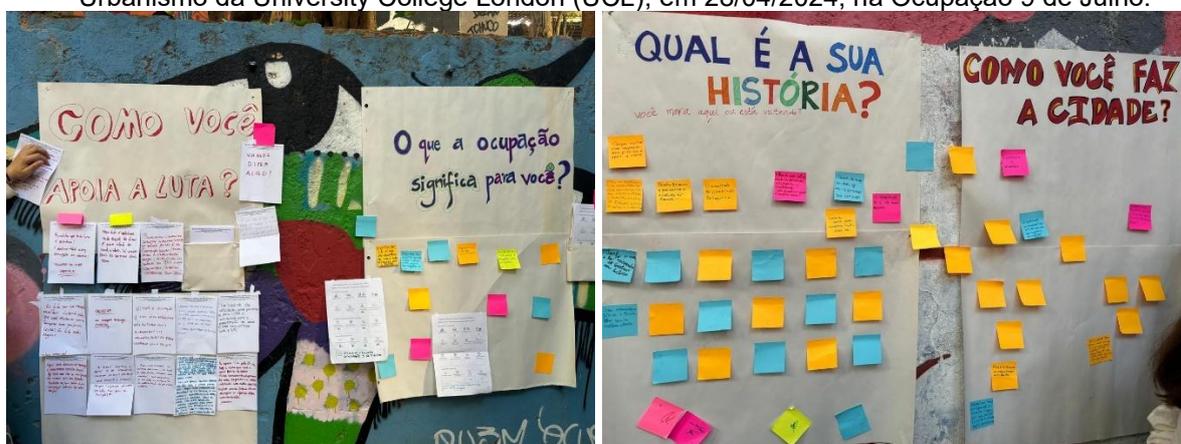


**Fonte:** Figura 12 - A autora, 2024; Figura 13 - Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

<sup>29</sup> Resposta de Carmen Silva aos alunos da UCL em 28/04/2024, registrada na íntegra em suporte audiovisual, material que integra o arquivo pessoal da ora pesquisadora.

Neste mesmo dia, o grupo de alunos da UCL realizou uma intervenção que provocava o público frequentador a responder, de forma escrita e voluntária, a quatro perguntas: “Como você apoia essa luta?”, “O que a ocupação significa para você?”, “Qual é a sua história?” e “Como você faz cidade?”. As respostas, escritas em papel autocolante ou em folha específica impressa pelos alunos, eram distribuídas em murais provisoriamente instalados na parte externa do prédio, com respostas que evidenciavam a presença de processos contestatórios, contra hegemônicos e de desestabilização do sistema.

**Figuras 14 e 15** - Fotografias dos murais montados pelos alunos de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da University College London (UCL), em 28/04/2024, na Ocupação 9 de Julho.



**Fonte:** A autora, 2024.

Os escritos, presentes nestes murais, traziam trechos como “[a ocupação] significa dar vida ao que foi abandonado, isso é sobre as pessoas, não [sobre] o prédio”, “[faço cidade] dissolvendo a mercantilização dos sorrisos, dos encontros, do medo que separa”, “[faço cidade] estando nela, ocupando, amando e odiando enquanto caminho pelas ruas”, “subo a serra para encontrar tanta vida aqui”, “do interior até SP é uma longa estrada” e “tenho 26 anos, vim para SP com 17 estudar, sou Capixaba” e indicam uma construção coletiva de território neste espaço, através de processos de (des)(re) territorialização (Figuras 14 e 15).

De outro lado, este trabalho não poderia se furtar de reservar espaço para uma observação empírica trazida pelo campo quando se trata de identidade e território. Apesar de não fazerem parte do escopo inicial desta pesquisa, é inevitável apresentar, ao menos de forma superficial, a frequente e consistente identificação do espaço da Ocupação 9 de Julho como sendo um *aquilombamento/quilombo urbano*,

uma leitura simbólica que indica a sobreposição e coexistência de formas de apropriação e de percepção do espaço físico compartilhado.

Dona Jacira<sup>30</sup>, colaboradora do Movimento que promoveu diversos eventos culturais na Ocupação 9 de Julho, em especial encontros de autocuidado e cuidados com o outro, como atividades que ensinavam sobre o uso de ervas para fins terapêuticos e a realização de escalda-pés (lavagem coletiva e compartilhada dos pés entre os participantes, buscando trazer consciência sobre o cuidar), em entrevista para esta pesquisa descreveu o espaço da Ocupação não apenas como um quilombo, mas como um *“quilombo revolucionário contemporâneo”*.

O quintal da Ocupação 9 de Julho é um quilombo revolucionário contemporâneo onde todos convivem, almoçam, dançam, namoram, produzem e alegram tudo ali. É um bioma, uma possibilidade de ocupar um território onde a vida da gente importa. E tem política, tem luta por moradia digna e muita gente bonita. Depois de um dia na Ocupação a gente sai de lá com o coração quentinho e vai resolver a vida.<sup>31</sup> (destaques nossos)

As afirmações da entrevistada ganham reforços quando observadas as redes sociais de agentes ligados ao MSTC, tomando-se como exemplo a página pessoal do Instagram de André Chiarati, produtor cultural de múltiplos eventos realizados na Ocupação 9 de Julho e que, em 05 de maio de 2023, apontou que os encontros na Ocupação seriam momentos representativos da retomada de um espaço físico e simbólico, o que ele chamou de uma *“verdadeira reintegração de posse do quilombo”*. A dirigente do Movimento, a Sra. Carmen Silva, em publicação temporária na mesma rede social (*story* no Instagram), divulgou um vídeo dinâmico onde se percorria o espaço da Ocupação durante um dos eventos de domingo, mostrando os frequentadores, espaços, acontecimentos pontuais e registrando, de forma escrita, o que entende ser uma das características do território: *“Nosso*

---

<sup>30</sup> Dona Jacira, de 60 anos, se apresenta como *“filha, mãe, avó e filha de Yansã”*. Mulher, aponta ser formada em desenvolvimento humano, apesar de se saber que possui outras formações anteriores (uma delas na área da saúde). É personalidade pública, escritora e foi colunista de jornal. A entrevista para esta pesquisa foi concedida de forma escrita, diante de uma agenda atribulada de fim de ano. O e-mail com as respostas às perguntas previamente enviadas, foram respondidas via assessoria de imprensa a esta pesquisadora, em 12/12/2024, e o documento continha no cabeçalho os dizeres: *“Para dissertação de mestrado de Allen Margarita”*.

<sup>31</sup> Entrevista concedido por Dona Jacira para esta pesquisa em 12/12/2024.

*quilombo urbano cheio de gente de luta, sejam sempre muito bem vindos!”* (Figuras 16 e 17).

**Figuras 16 e 17** - Recortes do Instagram de André Chiarati (05/05/2023) e Carmen Silva (18/08/2024), que indicam a Ocupação 9 de Julho como um quilombo na cidade de São Paulo.



**Fonte:** Figura 16 - Perfil do Instagram de André Chiarati, 2023; Figura 17 - Perfil do Instagram de Carmen Silva, 2024.

Aponte-se que, tanto nas esferas físicas quanto virtuais, a ideia do quilombo vem sendo evocada por diversos grupos não apenas como um espaço físico, mas também como uma linha ideológica que traria sentidos de agregação, de comunidade e de resistência frente ao agravamento de situações de vulnerabilidade de populações negras e de grupos desfavorecidos. Essa noção de quilombo acompanha uma perspectiva trazida pelos estudos de Nascimento (1985) quando esta não mais o vincula à ideia territorial que lhe atribuíam no passado, passando a instituição “quilombo” a fazer parte de um processo histórico contínuo, ainda atual e vigente que é materializado através do ato de “aquilombar-se”. O aquilombar, por sua vez, é entendido como uma posição de resistência contra hegemônica que, com

etapas que envolvem recuos e avanços planejados, se permitiria a criação de condições de existência e de outras possibilidades de vida.

Ao tratar do quilombamento como uma *“tecnologia ancestral de organização social e cultural”* e da sua *“manifestação enquanto tecnologia de produção cultural na atualidade”*, Souto (2021, p. 153) aponta que uma das principais vias pelas quais o quilombamento é atualmente exercido e manifestado seria através da produção cultural, o que poderia ser observado em encontros, diálogos, eventos, festas populares, produtos artísticos, entre outros, que são organizados e readequadas às atuais demandas por grupos negros, em uma contínua negociação para existir, permanecer, pertencer - ainda que nas frestas, nos entrelugares - a uma ordem social pautada no racismo estrutural.

Para isso, nos dizeres de Souto (2021), imaginários e sentidos seriam mobilizados, produzindo lógicas de representação e, conseqüentemente, gerando relações diretas de pertencimento e de identificação com o público envolvido nos eventos, situação que permitiria uma redistribuição das lógicas de poder por uma prática de produção cultural que desloca as posições entre público e produtor: todos passariam a ser criadores de cultura dentro de uma comunidade que aciona o sentido de pertencimento, o que mais se aproximaria de um modelo circular do que de uma estrutura hierárquica vertical.

Esta visão particular, que atribui ao espaço da Ocupação não apenas o papel de quilombo, mas o de um quilombo localizado no centro da cidade, igualmente demanda uma análise que não considere que a transmissão de bens econômicos e simbólicos se dá exclusivamente através de uma linhagem familiar, ou seja, dentro de uma relação de ascendência e descendência regida pela ancestralidade: nesta cosmovisão, a ancestralidade não se define apenas biologicamente, mas também de forma política, mítica e ideológica, sendo algo que remete à coletividade e que se afasta do individualismo (Sodré, 2002). Talvez - e também por isso - no espaço da Ocupação, a força movente das ações no território se inclinam a um fazer coletivo, em conjunto, de forma comum, em um espaço autofundado e autogerido, onde se reconstróem realidades que, em tempos passados, teriam sido fragmentadas e que, neste presente, se busca (re)construir.

A herança simbólica do negro brasileiro, diz Sodré (2002), pode se afirmar como um território político-mítico-religioso para a transmissão e preservação da

memória cultural da África, com a possibilidade de se reterritorializar na diáspora por meio de um patrimônio simbólico consubstanciado em saberes que se vinculam ao culto de muitos deuses, com a institucionalização de festas e pela dramatização de danças e das formas musicais.

Abre-se aqui um parêntese para considerar que, dentre as formas de suporte comunicacional para visibilizar e materializar as crenças do Movimento, uma das táticas comunicacionais adotada foi a de incluir frases de relevância em copos plásticos retornáveis vendidos para o consumo de bebidas nos eventos. Durante os almoços de domingo e demais eventos na Ocupação, usa-se a bandeira da sustentabilidade como uma das justificativas para a decisão, tendo-se estabelecido que as bebidas ali comercializadas não seriam ofertadas em copos descartáveis.

Para se consumir as bebidas adquiridas no local (sucos, cervejas, drinks alcoólicos) é preciso adquirir o copo de plástico rígido ou trazer o modelo de casa, se adquirido em outros momentos, já que este pode ser levado para casa e trazido novamente em outro encontro festivo. Este copo possui tripla função: além do viés ecológico para uma produção de menor quantidade de resíduos, ele também estabelece uma dose padrão para todas as bebidas comercializadas, facilitando o cálculo de insumos que serão adquiridos para o evento (considerando uma média de público) e, além disso, serve como suporte comunicacional ao Movimento.

Em uma das suas faces, o copo possui a marca visual da Ocupação 9 de Julho e, no seu verso, está presente o logo do MSTC e uma frase escolhida pelas equipes de comunicação, que é estrategicamente alterada a cada nova tiragem, assim como se altera a cor da impressão para cada novo lote. Na prática, durante as imersões ao campo, observou-se que novas edições destes copos com frases de ordem podiam ser vistas mensalmente, exaurindo-se totalmente a edição anterior. Mais próximo ao fim do ano de 2024, as edições destes copos se apresentavam quinzenalmente, acompanhando o aumento do fluxo sazonal de visitantes à Ocupação nos dias mais iluminados, longos e quentes - típicos da estação - e diante das atrações especiais que acompanharam o final do ano.

Este parêntese foi aberto para se apontar que o termo “*terreiro*”, que também conta com expressiva presença no território da Ocupação, teve seu destaque nas edições dos copos confeccionados para uso nos eventos de domingo: a frase

“*terreirizar*” foi escolhida para a edição que estava disponível no fim de novembro de 2024, um encorajamento onde a territorialização e o terreiro se mesclam (Figura 18).

**Figura 18** - Copo da Ocupação 9 de Julho com a frase “*terreirizar*” em destaque. Foto tirada em 23.11.2024, durante o pré-preparo para os almoços do domingo 24.11.2024. Ao fundo, a toalha de chita usada nas mesas dos almoços de domingo.



**Fonte:** A autora, 2024.

O terreiro, que pode ser entendido como o espaço sagrado do negro-brasileiro que forçosamente foi desprovido de território físico, é lido como uma (re)construção de organizações sociais na diáspora e que, diante das especificidades territoriais e estruturais brasileiras, acaba por constantemente replicar os esquemas ocidentais de percepção do espaço e por confinar rituais a um espaço físico visível. No entanto, o terreiro, de fato, acompanha uma noção africana de um espaço plástico, podendo ser percebido como um local que se aproveita das fissuras, dos interstícios, para se infiltrar em um jogo sutil de espaços-lugares, ampliando e conquistando espaços outros (Sodré, 2002).

Pouco importa, assim, a pequenez (quantitativa) do espaço topográfico do terreiro, pois ali se organiza, por intensidades, a simbologia de um Cosmos. É uma África “*qualitativa*” que se faz presente, condensada, reterritorializada. Dá-se algo comparável ao espírito do artesão tradicional africano que, mesmo sem jamais ultrapassar os limites de sua aldeia, sente-se participante do universo inteiro (Sodré, 2002, p. 55).

Argumentamos, portanto, que este espaço da Ocupação se aproxima da perspectiva dos *territórios identitários* referidos por Haesbaert (2023), nos quais o espaço seria um dos elementos essenciais para a construção e afirmação das identidades acionadas, funcionando como base material e simbólica para reprodução de significados.

#### **1.4 “Quando a gente ocupa a primeira coisa que a gente monta é uma cozinha”<sup>32</sup>: O projeto Cozinha Ocupação 9 de Julho (ou: Como nasce uma cozinha)**

Materializando o entrelaçamento das redes artísticas, políticas e técnicas vinculadas ao MSTC, em 2019 houve a exibição, na Bienal de Arquitetura de Chicago, de um projeto urbanístico com detalhamentos técnicos da estrutura física, populacional e dos modos coletivos de organização administrativa exercitados no prédio da Ocupação 9 de Julho. Neste mesmo documento, redigido em versões em português e inglês, foram apresentadas as propostas de recuperação das instalações/estrutura do edifício da Ocupação, elaboradas em parceria com as equipes técnicas e considerando a sua readequação para uso como moradia, projeto que poderia servir de inspiração ou como modelo urbano a ser replicado.

Ali se apresentou o MSTC como um território onde se exercita a “*moradia como prática de cidadania*” (Escola da Cidade, 2019) e como

um movimento social organizado com uma sofisticada atuação em rede para a conversão de espaços abandonados em habitação para trabalhadores de baixa renda, acolhendo e transformando a vida de crianças, jovens, adultos e idosos, incluindo imigrantes e refugiados. Visa, principalmente, multiplicar e compartilhar os conhecimentos do movimento em torno da moradia na cidade de São Paulo. Acredita-se que assim seja possível aproximar novas pessoas interessadas na luta por moradia, sejam elas sem teto, ou sua rede de apoio e assessoria nos âmbitos jurídicos, da cultura, da arquitetura, da educação, entre outros – como já vêm ocorrendo (Escola da Cidade, 2019)<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Carmen Silva, liderança do MSTC, em trecho do documentário “Todas Elas”, 2ª temporada da série Brasil Visual (2024), com 26min, exibido pelo Canal Curta! em 24/08/2024 ([https://canalcurta.tv.br/series/brasil-visual\\_2%C2%AA-temporada](https://canalcurta.tv.br/series/brasil-visual_2%C2%AA-temporada)).

<sup>33</sup> Material gráfico elaborado pela Escola da Cidade para a Bienal de Arquitetura de Chicago de 2019. Disponível em: <https://escoladacidade.edu.br/galeria-da-cidade/mstc-moradia-como-pratica-de-cidadania/>. Acesso em: 04 out.2024.

Este projeto da Bienal de Chicago já previa a modernização de um espaço já estabelecido na Ocupação: a cozinha. Hoje na Ocupação 9 de Julho a Cozinha é composta por uma cozinha quente, sala de pré-preparo/espaço para preparos frios e área úmida e, em outra sala adjunta, é possível ver o estoque de insumos frescos e utensílios de uso frequente.

A Cozinha Ocupação 9 de Julho, onde hoje a equipe e os voluntários atuam coletivamente, surgiu como uma cozinha coletiva que foi precariamente instalada pelos integrantes do Movimento logo no momento da ocupação do imóvel: nos dizeres dos integrantes do grupo, quando a ocupação de um edifício ocorre, o foco dos ocupantes é estabelecer uma estrutura mínima, o que se inicia com a limpeza do local, com a fixação de um banheiro compartilhado e com montagem de uma cozinha coletiva (Lemos, 2022) (Figuras 19 e 20).

**Figuras 19 e 20** - À esquerda, fotografia do mural de fotos em um dos corredores do térreo da Ocupação 9 de Julho. À direita, detalhe de parte das imagens, com destaque para uma foto da Cozinha Ocupação 9 de Julho no início da ocupação do espaço (abaixo, à esquerda).



**Fonte:** A autora, 2024.

Transcorrido o primeiro ano da ocupação do edifício (e sob a gestão do MSTC), a cozinha ganhou novas proporções e nova estrutura física quando, em 2017, foi reinaugurada como um dos legados de outra Bienal de Arquitetura, desta vez a 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo. A proposta da 11ª Bienal de São Paulo era a de ampliar a temporalidade do evento através da implementação de iniciativas de transformação urbana que tivessem o potencial de continuar e de se desenvolver para além do evento de 2017, alavancando estas iniciativas urbanas com a participação destes projetos nos eventos e exposições da Bienal.

No contexto de valorizar uma participação de atores tradicionalmente não reconhecidos como coprodutores da cidade e convidando-os a contribuir ao debate sobre a experiência do espaço urbano é que houve uma adequação do espaço estrutural da cozinha, que passou a ser a Cozinha Ocupação 9 de Julho. Inicialmente, as ações da Cozinha ocorreram para suprir as demandas geradas pelos eventos ligados à Bienal que seriam realizados na Ocupação, considerando-a como um espaço parceiro deste evento maior. Apesar das obras de melhorias da Cozinha se apresentarem como um dos legados<sup>34</sup> desta Bienal em especial, o MSTC reforça, sempre que possível, que a reforma da Cozinha foi financiada com recursos próprios, obtidos por meio de doações<sup>35</sup>, e que a execução das obras se

---

<sup>34</sup> O catálogo da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo esclarece o projeto relacionado com os legados que busca deixar na cidade: *“Legado - Equipe 11ª Bienal - Para além da temporariedade e fugacidade próprias do evento, esta Bienal propôs seu desenvolvimento com vistas ao fomento da pesquisa e investigação – com atenção à coletivização do acesso e debate sobre iniciativas de transformação urbana –; e ações com potencial para continuidade e desenvolvimento para além do evento – apresentadas, iniciadas ou alavancadas por meio da participação na Bienal. A construção do legado da 11ª Bienal foi estruturada em duas frentes: uma investigativa, concluída em seu Observatório e em suas exposições, todas concebidas como arquivos de formatos diversos; e outra propositiva, caracterizada pela organização de Ações em distintos formatos e por toda a cidade. Este legado fundamenta ainda nosso questionamento sobre o próprio lugar de uma Bienal de Arquitetura: reconhecemos a vocação histórica deste evento em São Paulo como um espaço para falar dos desafios daqui, dentro de um contexto internacional. Para além disso, a Bienal enquanto plataforma sugere um espaço permanente de reflexão, um lugar a partir do qual podemos falar de nossas formas de praticar a arquitetura e das formas de se viver em nossas cidades. O raciocínio por trás dessas premissas ambiciona garantir que os recursos utilizados não se restrinjam a uma exposição, mas tenham utilidade pública, cumprindo também uma função social. Para tanto, o Estúdio Bienal trabalhou para que o conteúdo produzido fosse sistematizado e publicizado em formato aberto e gratuito. Além disso, a partir do contato com grupos, definiu-se que os recursos disponíveis para a realização de ações durante o evento seriam concedidos prioritariamente a coletivos situados à margem dos recursos e das instâncias decisórias, com frequência situados fora das áreas centrais da cidade. Com isso, pretende-se valorizar a participação de atores que tradicionalmente não são reconhecidos como coprodutores da cidade, convidando-os a contribuir ao debate sobre a experiência do espaço urbano. A Bienal foi proposta enquanto plataforma aberta e como um lugar de articulação de distintos saberes, o que se materializou no formato proposto: rompendo com o formato tradicional com foco expositivo. Finalmente, a partir de uma série de parcerias pontuais, buscamos iniciar projetos que fossem continuados, mirando a estruturação de processos, procedimentos ou estruturas resilientes na cidade. Em sua etapa final, propusemos que os suportes expositivos fossem compartilhados entre participantes do evento, de maneira a distribuir os recursos materiais preparados para o evento entre grupos participantes.”* Disponível em: [https://bienaldearquitetura.org.br/wp-content/uploads/2022/06/catalogo\\_11\\_bienal.pdf](https://bienaldearquitetura.org.br/wp-content/uploads/2022/06/catalogo_11_bienal.pdf). Acesso em: 10 ago.2024.

<sup>35</sup> O documentário interativo *“Rizoma Urbano: Cozinha da Ocupação 9 de Julho”*, de 2019, em seus 3m 51s traz um breve relato dos integrantes do MSTC de como surgiu a ideia e como foi que se iniciaram os trabalhos da Cozinha Ocupação 9 de Julho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inVA4S-L6f0>. Acesso em 04 out.2024.

deu com o apoio do coletivo artístico *Aparelhamento*<sup>36</sup>, um grupo de artistas que se apresenta como um grupo regido pelas seguintes ações: “*arte e ações contra o golpe de estado em curso no Brasil e pela democracia*”. Artistas do *Aparelhamento* participaram da idealização do projeto de cozinha da Bienal e, ainda na atualidade, atuam ativamente junto ao MSTC em projetos artísticos desenvolvidos conjuntamente.

A ideia da Bienal de 2017, portanto, era construir um legado na metrópole para além daquela exposição pontual, fomentando diversas ações distribuídas pela cidade no intento de dar utilidade pública aos recursos utilizados (Figura 21). Isso, segundo os organizadores do evento, cumpriria uma função social ao mesmo tempo em que se buscava explorar as práticas de arquitetura em conjunto com atores que habitualmente não são reconhecidos como produtores do espaço urbano, o que explicitaria a existência de formas diversas de se fazer e de se viver nas cidades<sup>37</sup>.

**Figura 21** - Recortes do Catálogo virtual da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (2017).



**Fonte:** Catálogo da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, 2017.

<sup>36</sup> As plataformas sociais do coletivo “*Aparelhamento*” possuem poucas informações sobre o grupo, mas trazem muitos registros audiovisuais e mencionam algumas parcerias. Mais informações estão disponíveis em <https://www.instagram.com/aparelhamento/> e <https://www.facebook.com/coletivoaparelhamento/>. Acesso em 02 abr.2025.

<sup>37</sup> Uma visão completa dos objetivos da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo de 2017 pode ser acessado no catálogo oficial do evento. Disponível em [https://bienaldearquitetura.org.br/wp-content/uploads/2022/06/catalogo\\_11\\_bienal.pdf](https://bienaldearquitetura.org.br/wp-content/uploads/2022/06/catalogo_11_bienal.pdf). Acesso em: 10 ago.2024.

Ao longo do evento da 11ª Bienal, os pratos que inauguraram a Cozinha Ocupação 9 de Julho eram direcionados exclusivamente ao evento, de acordo com as demandas relacionadas com as ações realizadas nas dependências do local e o consumo dos pratos era feito em mesas instaladas nas salas multiuso do espaço térreo do edifício da Ocupação<sup>38</sup>. A partir de 2018, o projeto toma corpo e iniciam-se os preparos de refeições para o público externo, com um evento culinário onde a Cozinha Ocupação é acionada uma vez ao mês para que chefs de cozinha experientes, convidados pelo MSTC, criassem um cardápio e conduzissem a logística dos preparos para servir almoços em um domingo pré-determinado.

Ganhando popularidade e, por conseguinte, com um maior público visitante aos domingos, o espaço disponível do lado de dentro do edifício para as refeições teve que ser ampliado e passou-se a usar também o lado de fora, os pátios do terreno (Lemos, 2022), o que possibilitou que visitantes e moradores passassem a utilizar em conjunto o espaço externo, ao ar livre, do edifício ocupado, dentre outros espaços, que passaram a ser locais coletivos de interação e de exercício de formas de viver a cidade (Figuras 22 a 25).

---

<sup>38</sup> Edouard Fraipont, fotógrafo, artista visual, produtor cultural, colaborador ativista do MSTC e integrante do coletivo Aparelhamento descreve um pouco desse período de reinauguração da Cozinha no documentário “Rizoma Urbano: Cozinha da Ocupação 9 de Julho” (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inVA4S-L6f0>. Acesso em 04 out.2024.

**Figura 22, 23, 24 e 25** - Espaço interno e espaços externos montados para os almoços de domingo na Ocupação 9 de Julho, 2024.<sup>39</sup>



**Fonte:** Plataforma social (Facebook) da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

Com uma cozinha em ascensão e com aproximadamente sessenta<sup>40</sup> moradores da Ocupação tendo como fonte ou complemento de renda os recursos provenientes da venda dos almoços, em 2020 o projeto Cozinha precisou ser repensado e reestruturado diante do início da pandemia do coronavírus. O MSTC e o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), unidos, decidiram, então, lançar a campanha “*Lute Como Quem Cuida*”<sup>41</sup>, estabelecendo que a cada refeição

<sup>39</sup> Imagens retiradas do Facebook da Cozinha Ocupação 9 de Julho, de publicações de 16/06/2024 (<https://www.facebook.com/share/15S9hc9A3a/>) e de 10/11/2024 (<https://www.facebook.com/share/p/19WNJuW99c/>), respectivamente.

<sup>40</sup> Dados de 2020 presentes em reportagem com entrevista concedida por Edouard Fraipont ao sítio eletrônico Select (<https://select.art.br/dia-de-festa/>). Atualmente, na Ocupação, se fala de aproximadamente 80 pessoas sendo mobilizadas e remuneradas pelos eventos.

<sup>41</sup> No sítio eletrônico da “Casa Verbo” (<https://casaverbo.com.br/>) o projeto “Lute Como Quem Cuida” está assim descrito: “No início da pandemia, o MSTC criou o projeto *Lute Como Quem Cuida*, que consiste na produção de refeições na Cozinha da Ocupação 9 de Julho, para distribuição gratuita a pessoas em situação de extrema vulnerabilidade. Em 2020, foram mais de 20 mil refeições entregues em diversas comunidades de São Paulo. O projeto visa levar alimento saudável e saboroso a quem tem fome. As refeições são preparadas em parte com alimentos orgânicos, vindos

vendida pela Cozinha Ocupação 9 de Julho, outra refeição seria doada para pessoas em situação de extrema vulnerabilidade social, o que transformou a Cozinha da Ocupação não apenas em uma cozinha coletiva, mas também em uma cozinha que possui características de cozinha solidária<sup>42</sup>.

Esta ação ajudou a manter a cozinha em funcionamento durante a COVID-19 e, inclusive, permitiu a ampliação do espaço para o preparo dos alimentos na Ocupação 9 de Julho e também para outros locais, com refeições preparadas tanto na Cozinha Ocupação quanto nos espaços do Armazém do Campo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST<sup>43</sup>. O objetivo deste projeto conjunto era a “*manutenção imediata da vida*” pela união de um movimento do campo e de outro da cidade, em um cuidado que se dá, na prática, com a oferta de “*quentinhas saudáveis e saborosas*” à população em situação de rua e vulnerabilidade em um momento de crise sanitária e de incertezas<sup>44</sup>.

As doações de alimentos demandaram uma estrutura própria de organização e um novo grupo surgiu para o direcionamento dessas refeições aos grupos vulneráveis: assim, a Casa Verbo<sup>45</sup> nasce como parceira e como um dos braços de

---

*de horta administrada pelo MSTC, e o cardápio é elaborado pensando na composição nutricional ideal e completa. A cada semana, um chefe de cozinha renomado faz, voluntariamente, o cardápio, para levar a quem precisa comida de qualidade. Confira o cardápio semanal e saiba como participar em @lutecomoquemcuida”.*

<sup>42</sup> As cozinhas solidárias são cozinhas que oferecem alimentação gratuita e de qualidade à população, especialmente a pessoas em situação de vulnerabilidade e risco social. Antes do Decreto nº 11.973/2024, de 05/03/2024, as cozinhas solidárias (estruturadas pela comunidade local e de iniciativa da sociedade civil) eram sustentadas exclusivamente pelo apoio de parceiros e de doadores individuais. Com a regulamentação dessas cozinhas pelo Decreto, essas iniciativas têm a possibilidade de contar com ajuda de custo do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), desde que atendidos os requisitos legais.

<sup>43</sup> Espaço de venda de produtos oriundos de assentamentos da reforma agrária, agricultura familiar, orgânicos e agroecológicos, localizado no bairro dos Campos Elíseos. Mais informações em: <https://www.instagram.com/armazemdocampo.sp/>.

<sup>44</sup> No site <https://benfeitoria.com/projeto/lutecomoquemcuida> ainda se apresenta no ar a campanha de arrecadação de valores para a primeira fase da campanha, que previa a doação de uma refeição a pessoas em situação de vulnerabilidade sendo que a refeição seria produzida em uma das cozinhas solidárias vinculadas.

<sup>45</sup> A Casa Verbo (Instagram: @casaverbo) se apresenta como um local de construção e disseminação de tecnologias sociais com o objetivo de influenciar de forma direta as políticas públicas ligadas ao urbanismo e desenvolvimento social urbano, diminuindo o abismo entre pessoas e instâncias do poder por meio de uma formação continuada e cidadã que crie pontes entre poder público, parlamento, universidades e sociedade civil. Ela foi criada durante a pandemia do Covid-19 pelo MSTC para dar apoio no mapeamento de grupos com alto grau de vulnerabilidade que poderiam ser beneficiados pelas doações das marmitas produzidas pela cozinha, auxiliando também na

“*tecnologia social*” do MSTC<sup>46</sup>, com sua existência perdurando até a atualidade com a ampliação das frentes sociais e logísticas dos eventos festivos, cabendo à Casa Verbo, entre outras funções, o cadastramento e distribuição das refeições que são doadas pela Cozinha Ocupação 9 de Julho.

Durante a fase de confinamento social, um sítio eletrônico foi lançado<sup>47</sup> trazendo a história da Cozinha Ocupação 9 de Julho e formas remotas de aquisição dos almoços e de outros produtos do MSTC (aventais, copos, bonés), e ainda se fomentou o uso das plataformas de redes sociais (Instagram e Facebook)<sup>48</sup> para a promoção, venda e reservas de refeições que poderiam ser entregues ou retiradas nos portões da Ocupação.

Aqui cabe uma reflexão acerca de um explícito fomento a consumos solidários que se dão na Ocupação, em especial quando falamos de consumos ligados a sentidos políticos e ativistas (o que será tratado mais detidamente adiante), um consumo com a característica de ser a base para a construção de outros tipos de laços sociais entre as pessoas, de estímulo a uma reciprocidade com capacidade de trazer oportunidades de humanização e com possibilidade de transformação da realidade econômica de grupos com maior necessidade de amparo e acolhida.

Este tipo de consumo tem origem em inquietações de grupos que buscam respostas ou alternativas ao modelo capitalista tradicional, estruturando-se em

---

distribuição dos alimentos. Em um segundo momento, o projeto viu a necessidade de desenvolver tecnologia social, com troca de saberes, para se pensar novos caminhos de transformação coletiva por meio de trabalho colaborativo e participativo, na busca do desenvolvimento socioeconômico e aproveitamento de recursos em regiões nas quais estes grupos vulneráveis estão inseridos, objetivando o autodesenvolvimento, a independência e emancipação dessas comunidades.

<sup>46</sup> A Casa Verbo descreve sua atuação como: “*A nossa missão é construir e disseminar conhecimento, gerando tecnologias sociais que influenciam diretamente nas políticas públicas de moradia, educação, cultura, saúde, mobilidade entre outras. Verbo é princípio. Queremos diminuir o abismo que há entre as pessoas e as instâncias de poder, por meio de uma formação continuada e cidadã. Verbo é casa. Criamos pontes com governos, parlamentos, universidades, atores internacionais e sociedade civil. Verbo é ação. Atuamos em Educação Continuada, Comunicação e Mídia, Projetos e Pesquisa, Cultura. Eixos que nos ajudam nesse trabalho de formação e também de advocay [sic]. Verbo é palavra. É tecendo e consolidando redes que compartilhamos saberes e que podemos estreitar laços e fortalecer as comunidades.*” Disponível em <https://www.instagram.com/casaverbo/> e <https://casaverbo.com.br/>. Acesso em: 08 nov.2024.

<sup>47</sup> O sítio eletrônico que trazia um histórico da Cozinha Ocupação 9 de Julho e que fazia referência ao período da pandemia foi desativado em agosto de 2024.

<sup>48</sup> <https://www.facebook.com/cozinhaocupacao9dejulho> e <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>.

noções vinculadas a uma economia plural, social, associativa e cooperativa, em contraposição ao individualismo utilitarista, comportamento socioeconômico característico e predominante nas sociedades de mercado (Pereira, Bras e Rodrigues, 2023). Nessas práticas, nas materialidades, nos imaginários e nas experiências ali produzidos também podem ser vistas oportunidades para a criação de vínculos, aproximações e sociabilidades neste espaço delimitado da cidade que é todo um microcosmo.

Na Ocupação não é apenas o alimento, os produtos da “*lojinha*” ou o espaço físico que é consumido, mas também há o consumo das ambiências que valorizam práticas culturais que, dentro de uma ampla diversidade, oscilam, em alguns momentos, entre atividades que se alinham com práticas mais *mainstream* e, em outros momentos, em contraposição às linhas hegemônicas de consumo. Essas atividades, detentoras do duplo caráter da centralidade capitalista – lugar de consumo e consumo de lugar<sup>49</sup> - se apresentam nas brechas, nos entrelugares, às vezes na precariedade, às vezes com apoio do Estado ou de instituições que representam a estrutura hegemônica.

Superado o período crítico da pandemia, os almoços presenciais recomeçaram, mas a prática da distribuição gratuita de uma refeição a uma pessoa em situação de vulnerabilidade para cada prato vendido estabeleceu-se como política definitiva nos almoços da Cozinha Ocupação 9 de Julho: uma consolidação do projeto “*Lute Como quem Cuida*”. A partir daí, os almoços semanais (realizados todos os domingos) se iniciaram (Lemos, 2022), com o registro de um público médio de 1800 visitantes e com a venda de 600 a 1000 refeições semanais vinculadas aos eventos<sup>50</sup>.

O projeto da Cozinha, ganha então sua identidade visual oficial (a face de um dominó) inspirada nos azulejos que foram instalados na Cozinha da Ocupação na época da reforma realizada em parceria com a 11ª Bienal de Arquitetura de São

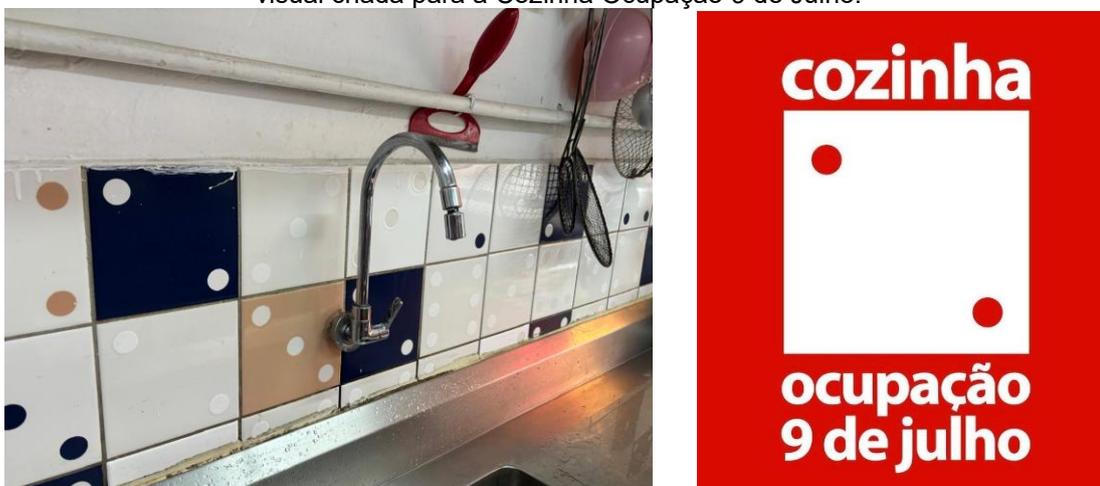
---

<sup>49</sup> Lefebvre, na obra *O Direito à Cidade*, fala dos processos de centralidade em diversos tempos e espaços, apontando que na cidade capitalista a centralidade não seria mais representada por um espaço físico (praças, mercados, ágoras, fóruns, palácios), mas por uma centralidade capitalista onde há um caráter dúplice entre lugar de consumo e o consumo do lugar, onde o espaço também seria um local a ser consumido.

<sup>50</sup> Informações trazidas pelo documentário interativo “Rizoma Urbano: Cozinha da Ocupação 9 de Julho” (2019), 3m 51s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inVA4S-L6f0>. Acesso em 04 out.2024.

Paulo, em 2017 (Figuras 26 e 27). A partir daí, materiais de divulgação começaram a ser produzidos, entre os quais se tem linhas de produtos como copos, camisetas, *eco bags*, panos de prato, aventais, camisetas e bonés que começam a ser colocados à venda primeiro na loja *online* da Cozinha (site lançado em 2022 e já desativado) e, depois, na loja oficial do MSTC<sup>51</sup>, instalada em uma das salas do térreo da Ocupação 9 de Julho e que é aberta quando realizados eventos no espaço da Ocupação, ou seja, não apenas aos domingos.

**Figuras 26 e 27** - Fotografia da parede de azulejos da cozinha da Ocupação (2024) e identidade visual criada para a Cozinha Ocupação 9 de Julho.



**Fonte:** Figura 26 - A autora, 2024; Figura 27 - Plataformas sociais da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

Em conversa informal com Edouard Fraipont - um dos idealizadores do projeto da Cozinha Ocupação 9 de Julho, membro integrante do coletivo artístico Aparelhamento (grupo que realizou a reforma junto à 11ª Bienal de São Paulo) e potente colaborador e articulador de frentes de ação do MSTC - este destacou que os pontos do dominó da identidade visual da Cozinha Ocupação 9 de Julho representam as redes de conexões deste coletivo a partir da cozinha. O início deste espaço tentacular em rede, segundo Edouard, teria se iniciado com os dois pontos que representariam a Ocupação e o Residencial Cambridge e que, a cada nova ampliação, novos pontos seriam adicionados a esta teia<sup>52</sup>.

<sup>51</sup> Em abril de 2021 a Loja do MSTC na Ocupação 9 de Julho ganha sua própria página do Instagram para a divulgação dos produtos comercializados: @lojamstc.

<sup>52</sup> Conversa informal realizada no domingo, 03 de novembro de 2024, na Ocupação 9 de Julho, quando Edouard atuava no apoio do evento e como fotógrafo das atrações do dia.

Ademais, com uma imagem visual vinculada, os integrantes do MSTC ligados à organização dos encontros passaram a ser identificados pela sua uniformização durante os preparos e durante os eventos ligados à Cozinha e, apesar de disponíveis em outras cores, sempre há um destaque às camisetas e aventais na cor vermelha, cor que representa o MSTC. Os chefs de cozinha convidados, no dia do pré-preparo, ganham um avental da Cozinha, para uso no dia do preparo e do evento.

Um integrante da equipe de comunicação vinculada à Casa Verbo - às vezes uniformizada, às vezes não - é designado para circular aos domingos e durante os dias em que há eventos na Ocupação, acompanhando a programação e coletando imagens, captando vídeos e conversando com a comunidade/visitantes para posterior produção de materiais audiovisuais que alimentarão as plataformas sociais da Cozinha Ocupação 9 de Julho, do MSTC e de Carmen Silva.

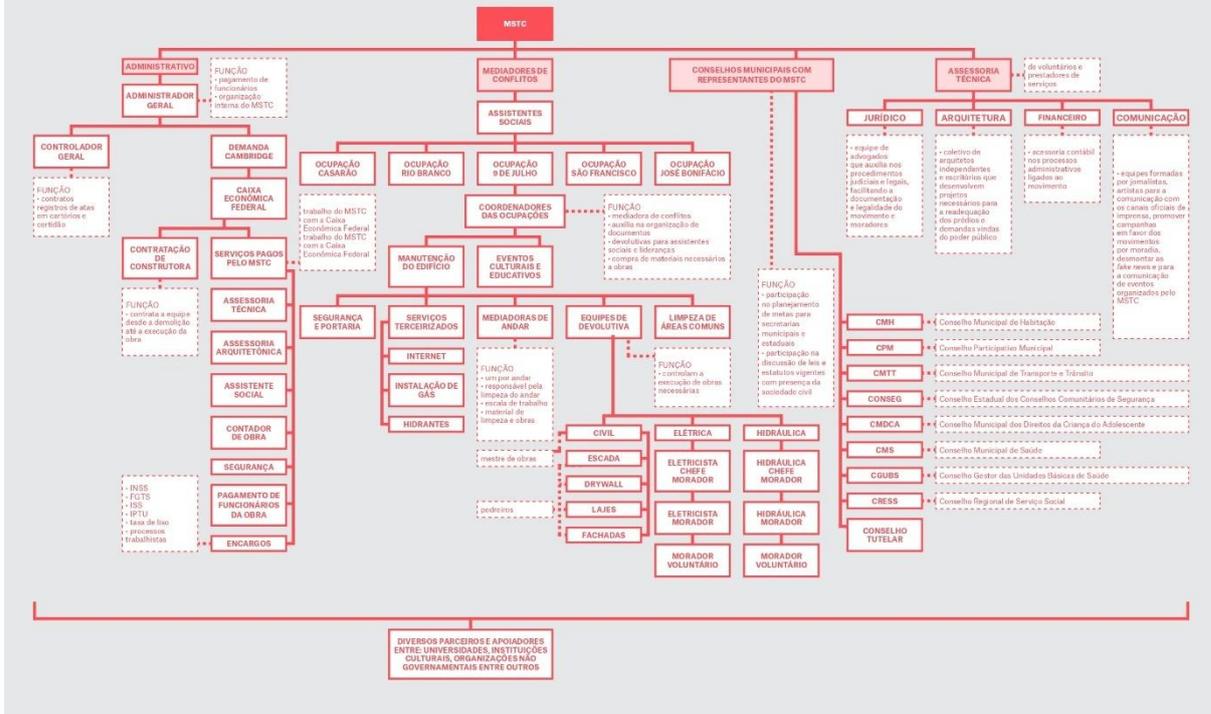
Apresentações musicais, feiras de produtos artesanais e autorais, venda e lançamentos de livros, exposições de filmes (que fariam parte do projeto chamado de “Cine Ocupa”), apresentações de teatro e poesia, leituras a céu aberto, discotecagem (projeto que recebe o nome de “Um som na Ocupação”), cursos e oficinas, debates, eventos políticos partidários e apartidários, exposições de arte (na Galeria Reocupa, no subsolo do edifício), visitas à horta orgânica (uma horta instalada em parte do terreno e que fornece alguns insumos à Cozinha) e muitas outras atividades passaram a integrar, alternadamente, o evento “almoço de domingo”.

Interessante pontuar, mesmo que rapidamente, a estrutura organizacional do MSTC, ilustrada em 2019 pelo material gráfico criado para a Bienal de Arquitetura de Chicago pela Escola da Cidade (Escola da Cidade, 2019) e que aqui se apresenta como Figura 28, em um esquema no qual observa-se a complexidade da composição dos núcleos do Movimento, cada um gerido por agentes com funções determinadas e onde se percebe a existência de uma equipe gestora de eventos culturais e educativos como uma das bases estruturais do Movimento.

**Figura 28** - Esquema da estrutura Organizacional do MSTC criada pela Escola da Cidade para a Bienal de Arquitetura de Chicago de 2019.

# ESTRUTURA DO MSTC

Entidade sem fins lucrativos



Fonte: Escola da Cidade, 2019.

O projeto Cozinha, no final de 2023, alarga um pouco mais as suas fronteiras ao marcar presença na 35ª Bienal de Arte de São Paulo<sup>53</sup> ao se instalar no restaurante principal do prédio da Bienal e em outros dois espaços de comercialização de alimentos (um café e uma barraca de alimentos externa ao edifício). Durante o período de três meses e, em meio ao acervo artístico em exposição, o restaurante foi tomado não só pelos integrantes da Cozinha Ocupação 9 de Julho, mas também pelas faixas, panfletos e banners com frases de ordem e de resistência - o que reconstruía, no solo da Bienal, um pouco da ambiência vivenciada na Ocupação 9 de Julho que ostenta, nos corredores do térreo, nos espaços externos e até no território da Cozinha, placas, banners, faixas, panfletos e elementos visuais que invocam conquistas, crenças e pautas das lutas dos integrantes e do MSTC.

<sup>53</sup> Reportagem do Brasil de Fato, com o título: “Ocupação 9 de Julho marca presença na 35ª Bienal de São Paulo”. 4m36s, 15. Set. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/F626YAArmU8?si=Yp4dKWukhSM5oX0z>. Acesso em: 04 Out.2024.

Ao longo da 35ª Bienal de Arte de São Paulo a Ocupação revezou, diariamente, colaboradores, cozinheiros, chefs parceiros e voluntários no preparo de pratos tradicionais, usando ingredientes orgânicos e da agroecologia (prática habitual desde a fundação da cozinha) e levando aos visitantes as versões tradicionais e veganas/vegetarianas dos pratos, opções já habitualmente presentes nos preparos da Cozinha Ocupação 9 de Julho. E, tudo isso, sem descuidar dos já tradicionais almoços de domingo na Ocupação, que continuaram a ocorrer ininterruptamente. Além disso, o próprio espaço no restaurante da Bienal foi pensado sob um viés sustentável, aonde os restos alimentares eram direcionados a um local de compostagem, instalado próximo à entrada do edifício justamente para maior visibilidade à pauta de responsabilidade ambiental do Movimento.

Registre-se que, apesar dos cardápios atrativos, às vezes com preparos pouco comuns ao circuito gastronômico, a Cozinha Ocupação 9 de Julho na Bienal de São Paulo não era apenas um local de produção e comercialização de comida inserida em um evento artístico: faixas, placas e letreiros hasteados ao longo dos espaços de alimentação não foram as únicas frentes de ação do grupo durante a Bienal. Também houve intensa programação com debates e rodas de conversa realizadas ali, nas arenas disponibilizadas pelo evento, pelos dirigentes e parceiros do MSTC, ações que reafirmavam a presença de um movimento social, das negociações, contestações e resistências naquele espaço, demarcando um território onde o alimento, arte e ativismo estavam interconectados (Figura 29).

**Figura 29** - Espaço do restaurante da 35ª Bienal de Arte de São Paulo, ocupado pela Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2023.



**Fonte:** A autora, 2023.

Reforçando o papel múltiplo da Cozinha Ocupação 9 de Julho, a Bienal de São Paulo (2023), em suas páginas de divulgação nas plataformas sociais,

descreveu esta Cozinha tendo por base o viés da sustentabilidade e destacando a amplitude de sua atuação, que transborda para o além do fazer comida.

Da dinâmica de um prédio ocupado por quase quinhentas pessoas do Movimento dos Sem Teto do Centro (MSTC) nasceu a Cozinha Ocupação 9 de Julho. Desde 2017, ela atua em uma ampla rede multidisciplinar, com políticas de redistribuição, lixo zero e uma grande preocupação com segurança alimentar. Trata-se de um espaço que vai além do preparo e do consumo de refeições. Representa a força da solidariedade e a potência do trabalho coletivo em torno de questões como direito ao uso pleno do espaço urbano. Com almoços periódicos abertos ao público, a Cozinha trouxe maior visibilidade à luta por moradia em São Paulo. Promove formas de uso social de espaços relegados à especulação imobiliária e também funciona como proteção contra o despejo. A estratégia de abrir o movimento reforça o trabalho da Ocupação e permite que a tecnologia social desenvolvida possa ser aplicada em outras comunidades, outras periferias.<sup>54</sup>

Em 2024, acompanhando os dinamismos da cidade, vê-se uma nova ampliação dos eventos vinculados à Cozinha e à Ocupação, inicialmente fomentados por um ano eleitoral (de eleições Municipais) em que, a principal liderança do Movimento, a Sra. Carmem Silva, anuncia sua pré-candidatura e, depois, sua formal candidatura ao cargo de Vereadora da cidade de São Paulo. Os eventos, antes apenas aos domingos, passam a contemplar todo o final de semana (sábados e domingos) e, cada vez mais, surgem participações da Cozinha vinculadas a outros acontecimentos, realizadas durante a semana e espalhados pela cidade. Congressos, convenções, simpósios, encontros ministeriais e políticos, nacionais e internacionais, fazem uso de Cozinha Ocupação 9 de Julho para fornecimento de alimentos aos participantes, o que amplia os preparos e o funcionamento da Cozinha também para os dias de semana.

A abertura do Boteco Ocupação 9 de Julho, na região da Barra Funda se deu em agosto de 2024, com funcionamento aos sábados à tarde/noite até a madrugada de domingo, sob o comando do cozinheiro Raul Fiuza. Já na sua inauguração o Boteco acrescenta um novo ponto nodal à “marca” Cozinha Ocupação 9 de Julho, corporificado na imagem visual escolhida e que materializa mais um entrelaçamento de conexões em rede da Ocupação (Figura 30).

---

<sup>54</sup> Página oficial da 35ª Bienal de São Paulo, de 2023, que teve como tema as “coreografias do impossível”. Disponível em <https://35.bienal.org.br/participante/cozinha-ocupacao-9-de-julho/>. Acesso em: 22 mai.2025.

**Figura 30** - Imagem visual adotada pelo Boteco Cozinha Ocupação 9 de Julho, criado em agosto de 2024.



**Fonte:** Plataformas sociais da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

Apesar da expansão da produção e do preparo de alimentos pela Cozinha Ocupação 9 de Julho para outros dias da semana, inalterado e regular é o já tradicional evento de domingo, que mantém uma estrutura fixa de programação (almoço com shows musicais, eventos artísticos, discotecagem, intervenções artísticas, festividades religiosas, oficinas artísticas, debates temáticos, exibição de filmes, curtas e documentários, entre outros), tendo apenas se registrado uma pausa nas atividades para as festividades de final de ano (2024/2025).

Dessa forma, fazendo um breve histórico sobre as lutas por moradia na região central da cidade de São Paulo e sobre o Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), neste primeiro capítulo apresentamos a Ocupação 9 de Julho e a cozinha coletiva ali instalada. A Cozinha, que nasceu com o objetivo inicial de produzir alimentos para os ocupantes do imóvel, foi reformada e passou a atender eventos pontuais dentro e fora da Ocupação. Com o passar do tempo e com a abertura dos portões da Ocupação para o público em geral, novos fluxos interacionais introduziram os alimentos produzidos pela equipe da Cozinha em eventos diversos fora do território, ao mesmo tempo que encontros festivos semanais passaram a ser organizados dentro dos seus muros, o que potencializou a popularidade da Cozinha Ocupação 9 de Julho e dos eventos realizados nos espaços coletivos da Ocupação.

Esta prática do MSTC/Ocupação 9 de Julho, entendida como um meio de construção de uma cidade outra, de baixo para cima, a partir da lógica dos usos, (des)(re)territorializando constantemente o espaço e (re)inventando outras formas do habitar, também foi explorada ao longo deste primeiro capítulo para, a partir desta ideia, apresentar, no capítulo dois, um esmiuçamento da inversão das lógicas neste

território. A atuação política do MSTC deixou de ser a ocupação de novos imóveis ociosos na cidade para, no local ocupado, e em contraposição tática ao sistema hegemônico, explorar experiências festivas capazes de angariar apoios, ampliar redes de interação, gestar e criar alianças, semear mudanças na imagem dos movimentos sociais que reivindicam moradia, transformar e criar identidades, construir sentidos de pertencimento, preservar ancestralidades, sedimentar a presença no território, entre muitas outras possibilidades mais, assim como veremos a seguir.

## **CAPÍTULO 2: “COMIDA PARA ALIMENTAR A LUTA”<sup>55</sup>: O “dia de festa” agora é todos os domingos**

Neste capítulo, fazendo uso das experiências de pesquisa de campo - presencial e digital - com dados de observação direta, narrativas trazidas por conversas informais e por entrevistas formais realizadas, analisamos um trajeto que indica a mudança de estratégias dos movimentos sociais, especialmente do MSTC, ao deixar de ocupar novos imóveis como forma principal de atuação e pressão para a efetivação de políticas públicas de habitação na zona central de São Paulo.

Ao invés disso, o que se percebe é que o Movimento passou a se utilizar da produção cultural, artística, culinária, política e ativista para afetar visões de mundo e ampliar a capilaridade das suas pautas e reivindicações, realizando encontros festivos semanais que atraem um público que busca socialidades e entretenimento em locais alternativos da cidade, em uma nova lógica de atração/persuasão que se sobrepõe às técnicas de coerção (Nye, 2017)<sup>56</sup>.

Também são abordados aspectos e noções sobre produção e consumo solidário-político-ativista (Pereira, Bras e Rodrigues, 2023; Portilho, 2020), apresentando, narrando e analisando as experiências de campo em dois eventos festivos de domingo no espaço da Ocupação 9 de Julho, materializando vivências que sinalizam a criação de um ambiente ativista e a uma associação maior da imagem do Movimento com a culinária, a educação, o ativismo, a produção cultural e artística e com menor destaque a entradas forçadas em novos imóveis.

### **2.1 Do “dia de festa” aos “dias de festa”**

A primeira vez que eu ouvi a expressão “*dia de festa*” sob o ponto de vista dos movimentos sociais de moradia foi em 26 de setembro de 2024, em uma das

---

<sup>55</sup> A frase “*Comida para alimentar a luta*” está grafada em uma das intervenções artísticas presentes no muro interno da Ocupação 9 de Julho, próximo ao portão de entrada da Rua Álvaro de Carvalho, e é uma das frases de ordem do MSTC.

<sup>56</sup> José Nye utilizou pela primeira vez o conceito “*Soft Power*” em 1990, descrevendo uma capacidade de se afetar os outros para se obter os resultados que se deseja sem, no entanto, se fazer o uso de força/coerção ou pagamento.

exibições do Cine Ocupa, o projeto de cinema da Ocupação 9 de Julho/MSTC<sup>57</sup>. Depois de alguns tropeços na organização de minha agenda pessoal com a agenda de trabalho de campo, finalmente consegui conciliar a vida com a presença em uma das exposições públicas do filme *“Era o Hotel Cambridge”*<sup>58</sup>, obra que conta com poucas e pontuais exposições públicas e que eventualmente (e de modo temporário) se apresenta em algumas plataformas de *streaming*, sendo mais facilmente visto em sessões esporádicas de locais esparsos. A Ocupação 9 de Julho é um desses lugares, onde o filme ganha uma sessão especial de exibição de tempos em tempos, sempre sem muita divulgação prévia.

Ganhador de diversos prêmios, *“Era o Hotel Cambridge”* fala de refúgio, de movimentos sociais, de questões habitacionais em São Paulo e da intersecção entre estes temas ao apresentar o cotidiano de um grupo que ocupa um edifício no centro de São Paulo. Eliane Caffé, diretora do *Era o Hotel Cambridge*, em entrevista concedida em 2018 ao SESC (Serviço Social do Comércio) durante as comemorações dos 50 anos do festival de melhores filmes do ano promovido pela instituição, afirmou que considera que o filme é uma das produções nas quais se colocou em prática uma categoria de produção cinematográfica que ela chamou de *“cinema da contrapartida”*<sup>59</sup>, onde se buscaria usar a produção do filme para levar à comunidade algo que ela precise, explorando a capacidade de se modificar o ambiente de filmagem através de melhorias trazidas para o local onde a produção ocorre. Tal ação, por conseguinte, estimularia a proximidade, o relacionamento e as trocas entre a comunidade e as pessoas envolvidas com a produção.

O filme/documentário conta a história de refugiados de diversos países e de sem-teto brasileiros que, juntos, abrigados em um hotel abandonado no centro da cidade de São Paulo, conseguem produzir uma experiência comum que desafia

---

<sup>57</sup> O Cine Ocupa 9 de Julho ([https://www.instagram.com/cineocupa\\_9dejulho/](https://www.instagram.com/cineocupa_9dejulho/)) é um projeto que promove exposições de curtas e longas metragens no Ocupação 9 de Julho. Ele não possui uma agenda ou programação fixa, sendo as exposições anunciadas nas plataformas sociais ligadas ao Movimento (e ao Cine Ocupa) de acordo com as demandas/parcerias firmadas.

<sup>58</sup> O filme de ficção documental *“Era o Hotel Cambridge”*, de 2016, tem duração de 1h39m, e conta com a direção de Eliane Caffé e a direção de arte de Carla Caffé.

<sup>59</sup> Em 2018, o sítio eletrônico dos 50 anos do Festival Sesc de melhores filmes do ano trouxe texto que tratou do *cinema da contrapartida* de Eliane Caffé, falando do processo de produção do filme *“Era o Hotel Cambridge”*. Disponível em <https://melhoresfilmes.sescsp.org.br/era-o-hotel-cambridge-e-o-cinema-da-contrapartida/>. Acesso em 23 Dez.2024.

poderes constituídos. Em condições de expropriação extrema, mostram-se recortes do cotidiano de um grupo de brasileiros e estrangeiros que, ao mesmo tempo que habitam um imóvel ocupado e planejam novas ocupações, exercem o trabalho de enfermeiros(as), garis, eletricitas, auxiliares de escritório, entre outros, representando aqueles que são chamados de “a base” pelos movimentos sociais. *Era o Hotel Cambridge* enreda-se em um debate de significativa abrangência quando coloca o expectador diante do problema da falta de moradia nos grandes centros urbanos - no caso em particular, a cidade de São Paulo - e ao tratar de questões relacionadas às migrações e aos refúgios, evocando uma “precarização do humano” e a “existência de corpos indesejáveis, de sobras que não cabem na utopia asséptica dos projetos modernos” (Resende, Robalinho e Amaral, 2019, p.490).

A exibição, anunciada em uma segunda-feira nas plataformas sociais vinculadas ao MSTC<sup>60</sup> (Figura 31), previa uma sessão dali a 3 dias, é dizer, na quinta-feira à noite da mesma semana, a ser realizada na área aberta da Ocupação 9 de Julho (quadra) e contando com a presença e comentários da diretora Eliane Caffé.

**Figura 31** - Postagem de 23.09.2024 divulgando a sessão de 26.09.2024 do Cine Ocupa, na Ocupação 9 de Julho, apresentando o filme *Era o Hotel Cambridge*.



**Fonte:** Plataformas sociais da Cozinha Ocupação 9 de Julho, Cine Ocupa e MSTC, 2024.

<sup>60</sup> O *link* de divulgação da exibição se encontra na página do Instagram: [https://www.instagram.com/p/DAR29L6PT1a/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZ A==](https://www.instagram.com/p/DAR29L6PT1a/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZ A==). Acesso em 23 Dez.2024.

Programada para iniciar às 19h, a sessão começou com ligeiro atraso, às 19h40, primeiro com a projeção de um *making off* do filme. A apresentação ocorreu a partir de um notebook e de um retroprojektor portátil que espelhava as imagens sobre uma tela branca montada em um dos muros da quadra, espaço aberto de antigas construções. A estrutura do Cine Ocupa montada para aquele dia, além da projeção, era complementada por cadeiras plásticas distribuídas em fileiras e, mesmo sendo a céu aberto em uma noite escura, ao se olhar para cima se viam varais de luzes instalados para iluminar o local. Mais além da iluminação, a construção que rodeava o espaço mostrava (e mostra) evidências estruturais de uma antiga edificação na qual chegou a existir um telhado que protegia contra as intempéries, papel que naquele momento era exercido apenas pelas grandes copas das árvores que recobriam o espaço (Figuras 30 a 34).

**Figuras 32, 33 e 34** - Fotografias da exibição do filme *Era o Hotel Cambridge* no Cine Ocupa, em 26.09.2024.



**Fonte:** A autora, 2024.

O público, composto por moradores da Ocupação e visitantes, tinha o predomínio de adultos e de famílias com crianças, em um espaço e horário compartilhado onde também muitas crianças moradoras corriam e brincavam pelo local (a brincadeira perdurou até o apagar das luzes, momento em que estas

tomaram seus lugares nas primeiras fileiras de cadeiras). A pipoca, um item surpresa que surgiu ao longo da exibição, foi servida aos presentes em grandes bacias plásticas que passavam pelas fileiras das cadeiras plásticas do “cinema”, carregada pelas mãos de um colaborador da Ocupação que convidava a quem quisesse a se servir daquela bacia pegando um punhado. Renovada de tempos em tempos, a chegada constante de novas bacias de pipoca - quente e recém-preparada - confirmava não só um cuidado com o público, mas também a presença de uma equipe de apoio não visível que colaborava com a experiência noturna da sessão do Cine Ocupa.

Durante a passagem do filme, em uma das falas dos personagens foi que ouvi a tal da expressão “*dia de festa*”<sup>61</sup> pela primeira vez. A frase dita no filme fazia referência ao dia em que as mobilizações realizam seu abrupto e forçado ingresso em edifícios abandonados para efetivar a sua ocupação, o que só é feito depois de se levantar apoio para as ações programadas e de meses de preparação e planejamento para identificar, mapear, fazer análises jurídicas e urbanísticas dos espaços ociosos potencialmente passíveis de serem ocupados.

O “*dia de festa*” costuma ser um dia turbulento, com os integrantes (mulheres, homens, crianças) dos movimentos sociais se dirigindo à noite ao imóvel escolhido, onde a chamada “*comissão de frente*” se reveza para quebrar portas ou muros de concreto, até o ponto em que exista uma mínima passagem ao interior do imóvel, a machadadas e picaretadas. Após isso, os integrantes ingressam no imóvel e é

necessário resistir à violenta ação policial de tentativa de reintegração de posse com barricadas por pelo menos 24h. Após a investida bem-sucedida, tem início um extenso mutirão de limpeza e reparo do imóvel. Sacos e sacos de lixo são retirados de dentro do edifício; pedreiros e eletricitas de formação começam uma vistoria técnica e realizam pequenos reparos nas fiações e tubulações, até que a energia elétrica e a água sejam (re)estabelecidos; escadarias e salões são limpos com sabão e vassoura, paredes são pintadas. (Lemos, 2022, p. 96).

O “*dia de festa*” que é de relevância para esta pesquisa, ou melhor, o dia da (re)ocupação do Edifício 9 de Julho pelo MSTC (hoje Ocupação 9 de Julho) foi no

---

<sup>61</sup> A expressão “*Dia de Festa*” também inspirou um documentário com o mesmo nome, de 2006, de 1h e 17min, e que conta a história de vida de quatro mulheres líderes dos sem-teto do centro e que lutam por moradia digna. O documentário, apesar de listado em uma plataforma de *streaming*, se encontra indisponível (<https://www.primevideo.com/detail/Dia-de-Festa/0P9H9ENPLQVHD6JVSX4L9KEOON>).

dia 28 de outubro de 2016 (Lemos, 2022) e, embora o último “*dia de festa*” na Ocupação 9 de Julho tenha se dado no ano de 2016, atualmente, ali, todos os domingos passaram a ser “*dias de festa*”, dias estes que corporificam uma recente forma de atuação política, cultural e estética do MSTC, dias nos quais se produzem narrativas a partir do espaço, se constrói um território dissidente e de resistência e onde o evento festivo participa da negociação para a transposição de limites e de bloqueios enfrentados diante dos poderes hegemônicos.

Historicamente, a principal forma de ação política do MTSC, como o próprio Movimento (ainda) aponta em sua página na plataforma social Instagram, eram as ocupações de prédios abandonados no centro da cidade de São Paulo, realizadas com o objetivo de garantir direitos fundamentais à moradia digna em locais dotados de infraestrutura urbana.

Ocupamos edificações e terrenos que não cumprem a sua função social, onde as famílias vivem com dignidade, qualidade e acessibilidade, saindo de condições precárias e aluguéis abusivos, até serem contempladas por programas de habitação social propostos pelo governo. Os prédios ocupados pelo MSTC, em São Paulo, são habitados por trabalhadores de baixa renda, sendo eles jovens, adultos e também idosos e crianças, incluindo imigrantes e refugiados. Dentro das ocupações do MSTC há uma gestão compartilhada e generosa, que mantém os locais cheios de vida, reduzindo as condições de vulnerabilidade social à qual grande parte dos sem-teto se encontram. Para isso, são desenvolvidas ações educativas e culturais, bem como de formação política, ambiental e esportiva, possibilitando que seus moradores passem por um ciclo completo que contempla ocupação, resistência [sic] e empoderamento social. Defendemos o direito fundamental à moradia, garantido na Constituição e nos Direitos Universais da Humanidade. Moradia não se resume à propriedade física. “Lar” quer dizer muito mais e inclui vida familiar, segurança, saúde, educação, acesso ao transporte e convivência comunitária. Moradia é um direito básico, esteio para uma série de outros pelos quais também lutamos.<sup>62</sup>

Nessa mesma linha Neuhold (2009), em suas pesquisas sobre os movimentos de moradia na área central de São Paulo, apontou que em 2005 havia uma tendência destes grupos a ocupar imóveis não para habitação provisória, mas como forma de protesto e de pressão sobre o poder público (o que foi chamado de “*ocupações-denúncia*” ou “*ocupações-relâmpago*”), sem uma intenção de alojar as famílias nos espaços ocupados. No entanto, os movimentos e seus integrantes

---

<sup>62</sup> Movimento MSTC. “*O que é e quem é o MSTC*”. Postagem de 12 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 08 out.2024.

notaram, já naquela época, que realizar tais ocupações precárias reproduziam ou até mostravam piores condições de habitabilidade do que aquelas anteriormente vividas pelos ocupantes, o que acabava desmotivando e desmobilizando os movimentos, os integrantes e as ocupações.

Além do mais, os grupos perceberam que era necessário buscar outros meios de pressão política, uma vez que os governos se utilizavam da eficaz estratégia de estender de forma indeterminada as negociações com os movimentos de moradia para deixar que o próprio instrumento das pressões - é dizer, que as ocupações com acomodações provisórias e precárias - enfraquecessem as pautas dos grupos sociais, situação que gestava inseguranças e acabava por dissipar e controlar estas populações.

Em uma mudança de rumo, recentes discursos e falas públicas de lideranças do MSTC têm mostrado novas tendências que sinalizam o uso de táticas (Certeau, 1994) para não mais ocupar novos espaços/imóveis, mas sim para fazer uso de alianças para atuar a partir de dentro do sistema, algo que eles nomeiam como “*tecnologia social*”<sup>63</sup> ou “*troca de conhecimento*”<sup>64</sup> para “*hackear*” o sistema<sup>65</sup>. Essas táticas são explicadas pelas lideranças do Movimento por meio de comunicações que exaltam uma formal constituição jurídica do MSTC, representada por sua ativa e regular inscrição como entidade privada sem fins lucrativos no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e pela manutenção de uma reputação que se materializa

---

<sup>63</sup> O Sebrae define a *tecnologia social* como sendo uma forma de enfrentar desafios e buscar soluções que não seguem caminhos convencionais e mercadológicos, com ferramentas, experimentações e conhecimentos desenvolvidos a partir do conhecimento popular a partir de problemas locais, construídas em conjunto com a população e de acordo com a disponibilidade de recursos daquele grupo. As soluções trazidas por este tipo de tecnologia visam um desenvolvimento sustentável e traz destaque à importância de fatores como protagonismo social, cuidado ambiental, solidariedade econômica, respeito cultural, trabalho e renda e educação. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/AP/Anexos/Tecnologias-Sociais-final.pdf>. Acesso em 08 Out.2024.

<sup>64</sup> Nas páginas do Instagram vinculados ao MSTC, à Carmen Silva e à Ocupação e seus projetos, há publicação de 23/09/2024 que acompanha vídeo de campanha de Carmen Silva e que tem como legenda: “*Tecnologia social pode mudar realidades! Foi através da troca de conhecimento, a tal tecnologia social, que conseguimos transformar a ocupação 9 de julho em um lugar que reúne moradia digna, produção cultura[], [c]entro educacional e um Reduto de reflorestamento no centro de São Paulo.*” Disponível em: [https://www.instagram.com/share/\\_dOyFuC2j](https://www.instagram.com/share/_dOyFuC2j). Acesso em 30 dez.2024.

<sup>65</sup> Os termos “*tecnologia social*” e “*hackear*” o sistema foram muitas vezes repetidos por Carmen Silva em falas e discursos feitos na Ocupação durante o período de campanha política para o cargo de Vereadora de São Paulo, em 2024.

em suas certidões fiscais regulares (negativas), situação que lhe permitiria participar em editais de programas de interesse social: uma institucionalização capaz de permitir penetrabilidade no sistema que possibilita jogar dentro das regras estabelecidas pelas estruturas dominantes.

A própria Carmen Silva, dirigente do MSTC, ressalta em suas falas que hoje o seu atual papel é o de “*planejar cidades*” ao invés de ocupar novos espaços, referindo-se ao fato de não mais acreditar em políticas que não ocorram com a participação popular. Isso, talvez, também tenha motivado a sua candidatura para o cargo de Vereadora de São Paulo nas eleições de 2024 (em 2022 já havia se candidatado à deputada estadual, sem lograr ser eleita) para, a partir de dentro, ampliar o apoio às causas coletivas defendidas pelo Movimento.

“Eu não ocupo mais. Eu planejo cidades. (...) Não acredito mais em políticas de cima para baixo” (Carmen Silva, 26/09/2024)<sup>66</sup>.

Esta crescente e gradativa organização, com uma melhor estruturação interna do Movimento, inclusive com sua formalização, conduziu a uma ampliação dos projetos e a um aumento das possibilidades de atuações em rede, fatos que são positivamente citados como um contraponto a uma referida “*desorganização*” do poder estatal. Isso, no olhar do Movimento, de certa forma se mostraria como elemento facilitador para driblar eventuais obstáculos governamentais que são colocados face às soluções sugeridas pelos movimentos para se superar a falta de moradia digna para as populações de baixa renda no centro de São Paulo.

Nesse alinhamento, na segunda quinzena de dezembro de 2024 a frase de destaque nos copos dos eventos da Ocupação era “*nossa ordem é a desordem do sistema*” (Figuras 35 e 36), expressão que tinha sido dita por Carmen Silva ao microfone em eventos da Ocupação, quando esta estava em campanha política concorrendo para o cargo de vereadora no Município de São Paulo.

---

<sup>66</sup> Fala de Carmen Silva em 26/09/2024, após a exibição de sessão do Cine Ocupa na qual foi apresentado o filme *Era o Hotel Cambridge*. Este evento foi acompanhado presencialmente por esta pesquisadora.

**Figuras 35 e 36** - Duas edições dos copos da Cozinha Ocupação: à esquerda (em preto) o copo com a frase “*palestina livre*” no verso (edição de maio/junho de 2024). À direita, o copo de dezembro de 2024 (em verde), com a frase “*nossa ordem é a desordem do sistema*”, em foto de 13/12/2024.



**Fonte:** A autora, 2024.

Também apontando para novas direções, registram-se afirmações como “*nossa resistência será com a voz*”, frase dita por Carmen Silva no documentário “*Ocupação 9 de Julho – Quem Ocupa Cuida*”<sup>67</sup> e publicações em páginas sociais do Instagram. Aqui trazemos, em especial, a postagem de Carmen do dia 20/10/2024 que, ao celebrar a presença da estilista Isa Isaac Silva no desfile do São Paulo Fashion Week, afirmou aos seus seguidores que agora a pauta é uma inserção mais ampla, um entranhamento nas instituições dominantes, onde “*não é sobre ocupar espaços mais, é sobre ter a propriedade deles com escritura, registro e patente*” (Figura 37).

<sup>67</sup> Documentário “*Ocupação 9 de Julho – Quem Ocupa Cuida*”, de 2019, com 17m21s. Disponível em: <https://youtu.be/0qQK3dZPt7I?si=h1dxaW-vKrlr3NAL>. Acesso em 04 out.2024.

**Figura 37** - Postagem na página social de Carmen Silva, 20/10/2024.



**Fonte:** Instagram de Carmen Silva, 2024.

Ou seja, observa-se uma narrativa que reafirma mudanças nas ações do MSTC/Ocupação 9 de Julho em uma acomodação dinâmica para exercer novas formas de estar, de ser e de viver nos espaços, mas que ainda assim reforça a manutenção de polos de resistência e de tensões perante o sistema dominante.

André Chiarati<sup>68</sup>, jornalista, produtor cultural, relações públicas, ativista e morador da Ocupação há 5 anos, explicou a esta pesquisa qual seria a sua visão sobre o “hackear” o sistema na sua esfera de atuação, a comunicacional. Ele descreve sua experiência profissional adquirida como comunicador estratégico, relações públicas, gestor de crises e secretariado de conteúdo e como traz isso para o cerne do Movimento, aplicando as mesmas estratégias aprimoradas em seus anos de prática na esfera comunicacional para a criação de contranarrativas que

<sup>68</sup> André Chiarati se apresenta como jornalista, produtor cultural, relações públicas, ativista, artista, “bordadeira” e morador da Ocupação. Homem, 41 anos, concedeu a entrevista presencialmente para esta pesquisa junto aos murais do espaço externo da Ocupação 9 de Julho, em 26/02/2025.

beneficiem e impulsionem a imagem, as pautas e os eventos promovidos pela Ocupação 9 de Julho.

Então eu ajudei a criar a loja. Como? Partindo do processo de *silk* que surgiu numa *colab* com o Alastra. Mas para ter uma loja precisa de uma marca... para ter uma marca precisa de uma logo... então a gente sai de uma logo de uma casinha, um *word art*, para logo que a gente tem hoje. Essa escolha teve alguém por trás. Usar vermelho... qual vermelho? O carne, sangue, Ferrari? O azul, verde, amarelo? Então assim, essa... **como o meu ativismo ele se manifesta?** Ele se manifesta porque eu sou comunicador. Eu trabalho com gestão de crise, comunicação estratégica, produção de eventos executivos, secretariado de conteúdo para convenções de multinacional, trabalho com o RP no mercado. **Então eu uso todo esse conhecimento e trago para cá *hackeando*, jogando exatamente o mesmo jogo, com as mesmas palavras, com os mesmos movimentos. Isso é contra narrativa.** Mas ao mesmo tempo é subir o sarrafo da coisa para que quem fez aqui de graça, quando for fazer lá fora com alguém pagando, vai falar *“poxa, mas na Ocupação 9 de Julho tinha até lencinho umedecido e olha que eles não têm dinheiro”*. Então assim, não é querer comparar, mas se a gente tivesse que comparar com vizinhos “retrofiteiros” da região **que fazem eventos culturais e coisas nesse sentido, chamam chefs, pintores, ocupam andares com galerias de arte, eu só lamento dizer que eles copiam o que a gente já faz desde 2018. Só que por que eles nos copiam? Porque virou moda. Por que virou moda? Porque as pessoas que lançam moda já consomem isso aqui há muito tempo. Mas como elas consomem há muito tempo? Porque lá atrás elas foram acionadas, lá atrás elas foram convidadas por alguém que estava muito mais influente que elas e esse é um efeito cascata.**<sup>69</sup> (destaques nossos)

O entrevistado também ressalta que a sua atuação ativista está embasada nessa ação de oferecer sua experiência profissional ao Movimento, de forma voluntária, para que o grupo possa jogar *“exatamente o mesmo jogo”* que é jogado pelo poder hegemônico, seja através do processo de criação de uma marca/imagem para o Movimento, seja através da transmissão de conhecimento para o fortalecimento das ações coletivas. Essa narrativa remonta a uma evolução, ou melhor, a uma adaptação das táticas e astúcias (Certeau, 1998), que passaram a ser estruturadas, arquitetadas e incorporadas pelo Movimento para transformá-las em estratégias o que, em tese, permitiria uma atuação em um patamar de forças mais equilibrado dentro de um sistema desigual.

Além do mais, ao citar os eventos culturais produzidos pela Ocupação 9 de Julho, na perspectiva de André Chiarati o que é feito ali atrai o olhar de um mercado consumidor de festas e de cultura na zona central da cidade a ponto de outros

---

<sup>69</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2024.

agentes da região, já frequentadores e consumidores das festividades da Ocupação, notarem a potência da prática, replicando e monetizando o modelo construído pela Ocupação 9 de Julho e que por ela é oferecido ao público sem custo.

Se a organização do MSTC atualmente entende que se beneficia da “*desordem do sistema*”, bem como destaca um resistir através da “*voz*”, pode-se dizer que nas experiências vividas por este coletivo há uma aproximação aos dizeres de Kilomba (2020), que menciona que entre os historicamente silenciados há uma fome coletiva de “*ganhar a voz*”, de se rebelar contra um silêncio imposto. Dessa forma, diz Kilomba, se deixaria de ser objeto da narrativa para se assumir a figura de um sujeito que escreve a própria história, reinventando a si mesmo e mudando sua forma de estar no mundo: em oposição ao projeto hegemônico, tornar-se narrador e escritor da própria realidade, autor e autoridade da própria história, seria um ato político.

Esta nova narrativa, reescrita pelo Movimento, desta vez sob a perspectiva daquele que resiste ao silenciamento, nos dizeres de Sodré (2002), acabaria por mudar a rela o simbólica do indivíduo com o território, rompendo com a estrutura tradicional do espaço construído<sup>70</sup>, o que gestaria fortes referências identitárias que podem tanto agregar como segregar geograficamente (Haesbaert, 2023).

A arte, uma das ferramentas utilizadas pelo MSTC na busca por essa mudança na forma de fazer política, já tinha precedentes em outras ocupa es geridas pelo Movimento, mas não com a dimensão e continuidade que se apresenta na Ocupa o 9 de Julho. A Ocupa o Prestes Maia, que existiu entre 2003 e 2007,

---

<sup>70</sup> Muniz Sodré, no livro *O terreiro e a Cidade*, trata da “*hipótese Boror *” levantada por Paul-Lévy e por Lévy-Strauss, apontando que os missionários salesianos somente conseguiram converter o povo indígena Boror  a partir do momento que fizeram com que estes deixassem suas aldeias circulares para habitar vilas lineares construídas ao estilo europeu. Rompendo com uma estrutura tradicional do espaço construído - o que possui rela o com práticas sociais e ritualísticas - os missionários teriam provocado o desmoronamento de marcas simbólicas básicas do grupo indígena brasileiro, utilizando uma dimensão territorial para alterar a estrutura social. Em outras palavras, o modo de morar, habitar, de se instalar no espaço, seria uma das formas das sociedades mostrarem as suas singularidades. Apesar de Sodré destacar a possibilidade de uso da “*hipótese Boror *” para justificar mudanças sociais por meio de altera es espaciais, esta não pode ser entendida como absoluta. Décadas depois da constru o da teoria, o próprio Lévy-Strauss, ao retornar ao Brasil em 1985 afirmou a um jornal de Brasília: “*  interessante notar o seguinte: inicialmente os salesianos tentaram cristianizar os ind dios boror s. Depois, no entanto, passaram a respeitar a cultura indígena e, atualmente, posso dizer, com certeza, os salesianos contribuíram enormemente para salvar as tribos boror s que ficaram. Os ind dios converteram os salesianos mais rápido que eles aos boror s*” (Agência Estado, 15.10.1985, Disponível em: <https://hemeroteca.editora.unesp.br/lantri/hemeroteca-ris-brasil-vigevan-miyamoto/brasil-europa/brasil-europa-001357.pdf>. Acesso em: 22 mai.2025.

articulou a atuação de militantes, moradores e artistas no seu espaço, agrupando diversos atores (habitantes, ativistas, artistas, intelectuais, políticos e moradores de outras ocupações) em variadas dinâmicas de atuação. Estes tiveram um papel relevante na realização de uma série de intervenções direcionadas aos moradores daquele edifício e/ou abertas ao público em geral, o que acabou por fortalecer e visibilizar o movimento social ao angariar certo apoio de alguns setores da sociedade, além de evidenciar sentidos de comunicação urbana expressados nas ações do grupo (Pereira e Bezerra, 2021).

No intento de trazer elementos de análise e reflexão, recorro aqui ao relato de Borges (2004) que, no documento *“Ocupação na Ocupação”*, descreve parte do processo de coordenar, em 2003, o Encontro de Arte Contemporânea na Ocupação Prestes Maia, em trabalho conjunto com o Movimento Sem Teto do Centro.

Cento e vinte artistas cheios de instalações, objetos conceituais e símbolos, encontrando uma ocupação do Movimento dos Sem Teto: quatrocentas e setenta famílias subsistentes, em tensão na luta por moradia, cujo cotidiano é um estado de sítio permeado por vigílias, reuniões, assembleias, votações, passeatas e negociações ininterruptas com as várias instâncias político-administrativas do país. Como poderia não ser estranho? Como movimentos tão alheios poderiam encontrar-se?

**É comum pensar em arte junto ao movimento social como caridade criativa, chamarisco introdutório para discussões mais sérias, oficinas educacionais, mas nesse caso não se tratava de nada disso. A única proposta era o Encontro com a diferença e a Criação: “Entrar na ocupação, conhecer os moradores e o movimento e a partir desse encontro, se for possível, se colocar em obra”.**

Quanta confusão gerou essa simples demanda! Teve artista que desistiu; outros acharam que arte não tinha sentido; uns se perdiam por não haver curadoria, alguns se misturaram de tal modo com o movimento que passaram a participar das reuniões de coordenação de andar do prédio, dando opiniões e exigindo direito a voto. Teve quem saiu de lá querendo fazer sindicato dos artistas contemporâneos paulistanos. Foi como um incêndio no cotidiano de todos – como um ritual do fogo: Agrupa, Aquece e também Consume e Destrói.

**(...) A maioria dos artistas que participaram refletem um fenômeno contemporâneo denominado por alguns de “arte pública”, por outros de “urgência do real”. Trata-se da necessidade de ampliar os espaços de atuação da arte, se integrar ao campo social, interferir nos espaços públicos-urbanos-políticos.** Vários trabalhos desse tipo têm sido feitos, individuais ou coletivamente: alguns grupos se dedicam a trabalhar especificamente com mídia alternativa, criando zonas de interferências nas ruas com cartazes, colagens (cifras \$ nos outdoors), rádios piratas em locais institucionalizados da Arte, pichações com mensagens inusitadas, ocupações de hackers em sites oficiais e em celulares; outros desenvolvem formas mais artesanais como passear com uma galinha no shopping Morumbi, viver uma semana como camelô, fazer performance com moradores de rua; tudo evidentemente filmado, editado e apresentado em espaços como bares, raves, escolas, universidades, galerias. **A idéia é interferir no ordinário; amplificar as conexões complexas e intrincadas das redes de relações humanas, políticas e sociais da**

**contemporaneidade; é a necessidade de intervir e inscrever o imaginário no campo coletivo**

**(...) A singularidade do Evento na Ocupação é que nunca tínhamos feito uma intervenção com tantos artistas reunidos dentro de um movimento social radical, que por si só já interfere constantemente nos espaços públicos, urbanos e políticos. Foi o encontro dos filhos das lutas de classes operárias (MSTC) com os herdeiros dos movimentos culturais do século XX (artistas).** Historicamente, este encontro (arte e política) sempre foi conflituoso, já que ou a arte era submissa às monarquias e ao poder do capital, ou ela era cooptada pelo Estado, ou ela era qualificada como movimento anárquico que se contrapunha a tudo isso... entre outras coisas, evidentemente. O Encontro na Ocupação foi uma experiência arriscada, subjetiva, assimétrica e política (Borges, 2004, p. 1)<sup>71</sup>. (destaques nossos)

Já tendo vivenciado em outros momentos essas experiências táticas que operam nas brechas, o MSTC replicou e alargou as noções de um fazer artístico no território da Ocupação 9 de Julho. Criou-se (e ainda se cria) um sentido de participação experimentada, feita de encontros criativos na cidade, com atividades de participação popular que muitas vezes os coletivos interpretam como formas de *apropriação* e de exercício ao *direito à cidade*.

Esses momentos de encontro conectam-se com os lugares de reunião onde uma *centralidade lúdica*, referida por Lefebvre (2001), direcionaria para novos sentidos de criação, a uma festa renovada onde se permitiria uma coexistência entre os espaços de troca, espaços de circulação, espaços políticos e espaços culturais em cidades capitalistas centradas no consumo.

Após a ocupação do imóvel, o espaço que era o antigo saguão do térreo da Avenida 9 de Julho foi reativado como a galeria Reocupa<sup>72</sup>, galeria de arte que tem "*como objetivo contribuir para o posicionamento da Ocupação 9 de Julho como espaço de referência para discussão e reflexão sobre cultura, cidade e sociedade contemporânea*" (Escola da Cidade, 2019, p. 21). O papel da arte na Ocupação é enaltecido pelo artista, curador, educador e cineasta vinculado ao MSTC Lucas Bambozzi que, em entrevista para o documentário "*Todas Elas*" da série Brasil

---

<sup>71</sup> Anote-se que o texto, datado de 2004, foi escrito antes do Novo Acordo Ortográfico de 2009 e ainda possui palavras escritas de acordo com a norma vigente à época. A transcrição do trecho do texto se deu mantendo-se a grafia das palavras da exata forma como estas aparecem no documento, motivo pelo qual algumas incorreções de acentuação podem ser verificadas.

<sup>72</sup> Página na plataforma social Instagram: [https://www.instagram.com/galeria\\_reocupa/](https://www.instagram.com/galeria_reocupa/).

Visual do Canal Curta!, fez referência à arte não como parte acessória, mas como elemento fundamental para o plano urbano e social que o MSTC busca construir.

**A Reocupa é um dos braços ou das portas de entrada do diálogo da ocupação do MSTC com a sociedade civil.** Através da Reocupa a gente recebeu visita, as pessoas que queriam ir lá ver obras de determinados artistas, ou que queriam ver o que seria uma exposição de arte dentro daquele espaço. A Reocupa tem essa perspectiva de mostrar pro sistema da arte que aquilo ali faz parte do circuito também. **A luta por moradia não é só a luta por moradia, ela é também por educação, por saúde, por cultura.** A minha aproximação com o MSTC foi num evento no Cambridge em que eu fui convidado pela Lili Caffé e encontrei ali vários amigos, a Virgínia de Medeiros, o Sato, Edu Fraipont e... e a Carmen foi a primeira... ela dava boas-vindas aos artistas assim como ela dava boas-vindas aos advogados, aos construtores civis, a quem vai trabalhar nessa construção que tá em torno da ocupação. **Então a arte não era acessória, ela é parte mesmo dessa fundação. Ela é uma ocupação que abre as portas pra rua. Ali dentro tem um pouco de rua e a gente entende um pouco do exercício de cidadania que pode ocorrer a partir disso.**<sup>73</sup> (destaques nossos)

André Chiarati, entrevistado desta pesquisa, conta que também participou dos processos de reposicionamento da imagem do Movimento e da Ocupação 9 de Julho através do uso de contranarrativas o que, segundo ele, foi feito de forma planejada e estruturada, no intento de alterar imaginários que recaiam sobre o Movimento, seus integrantes e sobre as ocupações urbanas em geral.

Tanto que se você der uma **olhada em retrospectiva nas narrativas**, tanto 2018 quanto 2019, o Cambridge não aparece. E o Cambridge estava em plena obra, a todo vapor. Ele só vem aparecer, a dar as caras em 2021, quando a gente tirou todo o peso político e desmembrou todas as gavetinhas de projetos... **e aí a gente pode sair com ele como o farol do que é possível ser feito...** e não há narrativa e não há ninguém que consiga, a essa altura do campeonato, bater o que nós temos de melhor que é um case... esse farol, hoje é um case para a Caixa, pra SABESP, pra Prefeitura, pra Arquitetura, pro urbanismo social. Assim que nós tiramos esse véu, essa proteção do nosso farol, nosso farol passou a ser a 9 de Julho. Porque aí a gente traz um outro novo conceito que a sociedade tem que mudar. Um **outro novo formato de habitar.** (...) A gente chegar no final de 2023 com um manual de comunicação, explicando o organograma de todos os Instagrams. Quem é quem? Quem é a Casa Verbo? Quem é a Projeteq? Quem é o Lute Como Quem Cuida? Porque **realmente causa essa confusão.** Mas eu estou falando da Horta?

---

<sup>73</sup> Lucas Bambozzi em trecho do documentário “*Todas Elas*”, 2ª temporada da série Brasil Visual (2024), com 26min, exibido pelo Canal Curta! em 24/08/2024 ([https://canalcurta.tv.br/series/brasil-visual\\_2%C2%AA-temporada](https://canalcurta.tv.br/series/brasil-visual_2%C2%AA-temporada)). Trecho do relato de Lucas Bambozzi, em vídeo, disponível em publicação de 22/08/2024 da página do Instagram da Galeria Reocupa, no link [https://www.instagram.com/reel/C-Mst2JAK3/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/reel/C-Mst2JAK3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 02 abr. 2025.

Estou falando da MSTC? Mas é só Dona Carmen? Não tem outras caras?

O que existia, antes de 2018 era: colocar a Ocupação 9 de Julho no Google apareciam imagens trágicas. Um incêndio que teve, invasores, termos pejorativos, então se a gente tivesse que fazer uma valorização, a gente estava na escala de até 2. Hoje a gente tem uma imagem tão positiva... então se você coloca lá, vai aparecer geolocalização, vai aparecer Instagram, vai aparecer site, vão aparecer imagens dos eventos, vão aparecer tiktokers que vêm aqui fazer “ai, vamos descobrir um lugar em São Paulo”, entendeu? Mas isso tudo foi pensado. As pessoas acham que nasce da noite para o dia uma liderança, que nasce da noite para o dia uma história de um movimento. Não. O trabalho da comunicação aqui foi, primordialmente, fazer a gestão de crise nos momentos 2018 e 2019, para blindar tanto o Preta quanto Carmen, para estabelecer padrões de comunicação, porque a gente tem muitos voluntários... então como unificar essa forma de se comunicar? E a gente teve uma tarefa que foi primeiro construir uma imagem do Movimento, construir uma imagem de uma liderança, construir uma imagem de um projeto de segurança alimentar, para depois explorar isso.<sup>74</sup> (destaques nossos)

O antigo Hotel Cambridge, hoje Residencial Cambridge, é apontado como um case de sucesso, como um projeto piloto do Movimento que evidenciaria que um imóvel abandonado (e ocupado) pode entrar no sistema e ser transformado em moradia para pessoas de baixa renda que desejam exercer o seu direito de morar na zona central de uma grande cidade. É a corporificação de um modo de construir cidades que não acompanha os desenhos hegemônicos estabelecidos pelo poder estatal, mas que se dá a partir das bases, edificada de baixo para cima (Zibechi, 2007), a partir do uso que foi forçosamente dado ao território pelo Movimento quando este buscava evidenciar as falhas do sistema habitacional da cidade.

André relata que o Residencial Cambridge foi o ponto de partida para a lapidação da marca e da imagem do Movimento, bem como para a construção da imagem de suas lideranças nos meios comunicacionais, o que foi estrategicamente trabalhado para transmitir nuances positivas do Movimento e das pessoas a ele vinculadas. Com a criação de manuais e com a padronização de condutas comunicacionais, informações foram repassadas aos voluntários à frente das páginas sociais e dos demais meios de comunicação, o que tornou possível desenvolver um trabalho coletivo de remodelar a visão que se tinha do MSTC, da Ocupação e dos rostos propositalmente selecionados para figurar como pessoas à frente do grupo. A partir daí, com estes agentes visíveis representando o

---

<sup>74</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2024.

Movimento, passou-se a usar a força e a potência da imagem pública que foi construída para estes agentes.

Os encontros de domingo na Ocupação 9 de Julho, que integram esse processo de reposicionamento da marca MSTC/Ocupação 9 de Julho, são experiências festivas realizadas neste espaço de partilha não hegemônico. Estas festividades podem ser lidas como práticas expressivas que conduzem a uma análise não apenas das atividades ali realizadas, mas também permitem perceber os descompassos e rupturas nos processos de uso dos territórios, tornando visíveis as reivindicações e os conflitos em relação à ordem vigente e à desigualdade social e econômica. Estes momentos de celebração na Ocupação possuem estreita relação com o enfrentamento à supressão de direitos, em negação a um projeto urbano excludente enquanto, ao mesmo tempo e de forma contraditória, entre negociações e conflitos, produzem pactos com instituições e com o poder público que não apenas toleram as festividades no espaço, mas que eventualmente também as financiam<sup>75</sup>.

O local das festas, na região central de São Paulo, possui estreita relação com as pautas sociais onde a posição geográfica é relevante e não se relaciona somente com a facilidade de acesso aos locais de produção, mas também com a proximidade às estruturas já existentes de cultura e lazer. A Ocupação, buscando aproximar pontos de arte, cultura e lazer à população de forma ampla, incluídos aqui os grupos de baixa renda, traz a produção das festas para dentro dos seus muros e realiza estes encontros a portas abertas, facilitando acesso e fomentando um conceito mais amplo do que somente morar.

Em uma das experiências de voluntariado e da pesquisa de campo, destacamos o dia 26/10/2024, em que a função que me foi designada na cozinha foi a da secagem da louça do dia. Nesta oportunidade, observei novas materializações da complexidade deste conceito assiduamente divulgado pelo MSTC, onde o morar não se restringe somente ao viver e ao trabalhar naquele território. Entre as louças,

---

<sup>75</sup> Durante a minha presença em campo, ocorreu a realização: do Festival São João do Brasil, em julho/2024, financiado pela Prefeitura de São Paulo (este ano feito na rua diante da massiva presença de público em anos anteriores dentro das dependências da Ocupação); de cursos do Centro de Pesquisa e Formação do SESC (CPF-SESC) feitos dentro das instalações da Ocupação (Agosto/2024); e até almoços de campanha de candidatos à presidência da OAB/SP nas salas comuns e no espaço aberto da Ocupação (novembro/2024), entre outros eventos que demonstram a existência de pactos negociados com certos grupos e instituições da sociedade civil e com o poder público.

se via a predominância da nova comunicação a ser difundida por meio dos copos que já estavam sendo comercializados durante os eventos de domingo na Ocupação, uma equação que representava graficamente as demandas habitacionais externadas pelo grupo: “*Moradia = pertencer (saúde + educação + cultura) / Acessibilidade*” (Figura 38).

**Figura 38** - Fotografia do copo *Moradia*, em 26/10/2024.



**Fonte:** A autora, 2024.

Dentro de uma perspectiva onde os momentos de celebração de domingo realizados na Ocupação são entendidos como um relevante ativo (turístico, financeiro, social) para o MSTC, as frentes de ação do Movimento para ampliar a potência destas festas e para alargar a presença culinária da Cozinha para fora dos muros contribui com um planejamento para construir, entre outros aspectos, imagens, representações e símbolos de uma cultura festiva que se associa à identidade deste movimento social.

Interessante observar como estas mudanças de paradigmas do Movimento fazem emergir dissensos e tomam dimensões públicas: em vídeo de 29/05/2024, filmado dentro do espaço da cozinha durante um dos preparos das refeições e difundido nas plataformas sociais da líder e do Movimento<sup>76</sup>, Carmem Silva, vestindo

---

<sup>76</sup> Vídeo publicado nas plataformas sociais do Instagram de Carmen Silva, do MSTC, da Cozinha Ocupação 9 de Julho e do projeto *Lute Como Quem Cuida* (responsável pela distribuição das refeições às pessoas em condição de vulnerabilidade).

o seu avental vermelho do MSTC/Cozinha Ocupação 9 de Julho, verbaliza resposta pública a pessoas que teriam insinuado nas plataformas sociais sobre um suposto distanciamento do Movimento das suas raízes, ao dizerem que os integrantes e dirigentes não estariam mais comprometidos com a luta por moradia, mas sim que teriam assumido o papel de “cozinheiros”. A resposta divulgada argumenta que não houve uma mudança nas pautas relacionadas com o direito à moradia, mas sim sua ampliação.

Eu vou dar uma resposta que eu já deveria ter dado há muito tempo. **Uma pessoa disse que eu virei cozinheira e parei de ocupar prédio.** Eu nunca deixei de ser cozinheira, eu não sou chef, eu sou cozinheira! Que a memória afetiva da comida ela é muito importante. A comida com a memória ela me remete ao meu passado, da minha infância, me remete aos meus avós, me remete aos meus pais. Então, tem coisa melhor do que através do sabor você alimentar com memória? Então, eu não sou chef, eu sou cozinheira! **E eu não parei de lutar por direito e nem por moradia. Ao contrário! O movimento só expandiu conhecimentos.** Através da gastronomia, nós mantemos pessoas ativas, trabalhando, que estavam fora do mercado de trabalho, certo? Nós mantemos essas pessoas efetivadas, contentes, alegres, alimentadas e o melhor de tudo, a cada prato que nós vendemos aqui, a gente manda mais dois para uma comunidade em vulnerabilidade. A gente faz o almoço de domingo com quatrocentas, quinhentas pessoas, saindo dessa cozinha.<sup>77</sup> (destaques nossos)

Desta forma, temos aqui a exploração de uma experiência festiva, permeada por culinária, cultura, música e educação e que, como ativo mercadológico e ideológico, é usado para “produzir cidade” (como afirmado pela própria Carmen Silva), em clara disputa pelos espaços de entretenimento. Verifica-se ainda a própria ampliação e desdobramento dos sentidos da ação política, que passam não apenas pelas ações estratégicas, formais e calculadas, mas acolhem as dimensões afetuais e sensíveis. Entre outros aspectos, há aqui uma ressignificação de si por parte da Ocupação 9 de Julho e do MSTC, que busca negociar uma inserção no sistema e se contrapor e contestar uma imagem que criminaliza e segrega os integrantes destes movimentos sociais, fazendo isso através de uma capilar e sutil implantação de uma cultura festiva e culinária no local.

O ato de festejar, nos dizeres de Barroso (2022), compõe, a partir da experiência do prazer, a possibilidade de análise de agregações e de conflitos

---

<sup>77</sup> Transcrição das falas de Carmen Silva em vídeo publicado na plataforma *Instagram* em 29/05/2024 nas páginas do Lute Como quem Cuida, de Carmen Silva, da Cozinha Ocupação 9 de Julho e do MSTC. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7kRMnPviW5/?igsh=X2ptVIZ2U0xl>. Acesso em 30 dez.2024.

presentes na vida cotidiana, ao mesmo tempo que permite uma investigação das práticas e das formas que se materializam a partir dos diferentes modos de se fazer festa. Conferindo sentidos ao romper com a programação da vida diária, as festas podem ser entendidas como momentos de partilha e de comunhão emocionais, de interação e participação, bem como pode ser um elemento que contribui com a produção e a expressão de imaginários urbanos.

Barroso (2022) apresenta a experiência festiva como uma lente pela qual podem ser vistas questões da cidade já que, dialogando com o território e com o tempo histórico, o arranjo festivo contemplaria a produção de narrativas e/ou de expressões éticas e estéticas relacionadas com a vida social. A música, o corpo, a comida, a dança e a experiência festiva em si seriam, nesse caso, suportes comunicacionais capazes de expor certas perspectivas da vida social e de contar histórias sobre a vida na cidade. Além do mais, vista como um mediador comunicacional, a festa estaria permeada e seria produzida a partir de aspectos urbanos que muitas vezes só poderiam ser acessados em atentas e contínuas observações e participações de campo, uma dimensão metodológica da experiência festiva que é aplicada nesta dissertação através da inserção corpográfica da pesquisadora no território, como já aludimos.

Neste território múltiplo que é o da Ocupação 9 de Julho, pode-se dizer que há uma co-produção de sentidos e de cidade, com novas tecnologias e articulações sendo exploradas na prática, especialmente através das experiências festivas, no intento de sobreviver a um sistema urbanístico hostil, à criminalização crescente dos ativismos e dos movimentos sociais, ao encarecimento das moradias na região central de São Paulo e a uma crescente especulação imobiliária potencializadoras de disputas pelo território.

## **2.2 Sujando o avental: comida política, consumo e experiências de uma prática em campo**

Así pues, los alimentos son portadores de sentido, y este sentido les permite ejercer efectos simbólicos y reales, individuales y sociales. El tomate y el caviar, de manera muy diferente, nutren ambos tanto a lo imaginario como al cuerpo. Permiten “construir” y poner en escena la realidad y las relaciones sociales. Se utilizan según representaciones y usos que son compartidos por los miembros de una clase, de un grupo, de una cultura. La naturaleza de la ocasión, la calidad y el número de los

comensales, el tipo de ritual que rodea el consumo constituyen elementos a la vez necesarios, significantes y significativos. Los alimentos se combinan en comidas u ocasiones de consumo que, a su vez, permiten estructurar las situaciones y el tiempo: así, por ejemplo, el desayuno, un piscofrito, una “pausa café” (fórmula lanzada hace tiempo por una hábil campaña publicitaria) miden rítmicamente el tiempo laboral, contribuyen a ordenarlo y a ritualizar nuestras relaciones con él. (Fischler, 1995, p.80).

Sábado, 13 de abril de 2024, dia em que me dirigi ao imóvel para a primeira visita de campo como pesquisadora. Já havia frequentado a Ocupação em outros momentos, sem tanto compromisso investigativo com o local, buscando ampliar o repertório gastronômico e cultural e conhecer um espaço ocupado que abriu as portas para permitir que as pessoas o vissem como é.

Ao chegar, percebi que o número do imóvel estava desenhado à mão em um papel ao lado direito da porta pesada de metal, colado no muro: um indício de uma “*provisoriedade*” já quase que permanente, pois os dados me diziam que o MSTC ocupa esse imóvel há mais de oito anos, desde 2016<sup>78</sup>.

Por volta das 15h, bati com as mãos no portão de ferro que divide o exterior do interior da Ocupação 9 de Julho, na Rua Álvaro de Carvalho nº 427. Havia um pequeno interfone/campainha ao lado esquerdo da entrada, mas a porta estava entreaberta, decidi, então, bater. Um tempo se passou e, sem resposta, entreabri a porta e vi uma pequena guarita à esquerda. Ali havia uma pessoa, uma mulher madura, de óculos grossos, entretida ao assistir a um programa de televisão em um aparelho de TV antigo, de tubo. Ela, quando me viu, me sorriu largamente. Nesse dia ela estava no plantão na portaria da Ocupação, controlando o acesso das pessoas ao espaço coletivo, função na qual alguns moradores se revezam (o que acabei por entender algumas semanas depois).

Essa forma de acessar o local era diferente para mim: eu já havia visitado a Ocupação 9 de Julho, mas sempre aos domingos ou em eventos previamente divulgados, onde os portões permaneciam abertos e com livre acesso ao público em geral, momentos em que as fronteiras entre o exterior e o interior se mostravam porosas e permeáveis e quando o espaço reservado somente aos moradores se convertia em coletivo, em uma sobreposição do comunitário ao íntimo/particular.

---

<sup>78</sup> Hoje, o número do imóvel se encontra grafitado na porta de ferro e faz parte das composições artísticas que caracterizam a entrada da Ocupação.

Me apresentei a esta pessoa que estava na função de vigiar os acessos, digo que sou pesquisadora, advogada, “*quase-nutricionista*” (obviamente explicando o que significava este termo, pois naquele momento cursava o último ano de graduação em nutrição), e expliquei o motivo de estar ali: o objetivo era estudar a Cozinha, conhecer e ajudar como voluntária e entender como o preparo da comida funcionava. Mostrei o celular, comentei que eu já havia entrado em contato pelas plataformas sociais com dirigentes do movimento, apresentando as mensagens de resposta que mencionavam que eu seria bem-vinda à Cozinha quando quisesse, mas sem terem me dado detalhes de dias, horários ou pessoas a quem procurar.

Com a minha apresentação, ela também se apresentou e disse seu nome e eu, não muito confiante em minha memória, logo busquei associar aquele conjunto de letras a algo que não me faria esquecer-lo, já que os nomes são especialmente valiosos quando lidamos com pessoas. O nome que ela disse me remeteu a uma atriz/humorista famosa, celebrada por sua “*irreverência*”, e isso me ajudou na tarefa de registrar o dado e a associar o nome-pessoa para quando fosse necessário convocar a memória.

Ela mencionou que eu teria chegado tarde naquele dia, que os preparos da cozinha já deveriam estar no fim. Me apontou caminhos possíveis para futuras visitas e, sob a desculpa de que “*a médicos, advogados e nutricionistas não se mente*”, começou a me contar parte de sua história de vida já que, segundo suas crenças, eu seria uma pessoa que me enquadraria em duas das três classes profissionais que ela entendia como relevantes (advogada e nutricionista). Em nossa conversa, temas sobre saúde, família e cuidado com os filhos emergiram... entre um e outro comentário sobre a atuação da Ocupação, ela me contou que no domingo anterior o local recebeu em torno de 1280 pessoas (segundo a contagem que realizam na entrada, via *QR Code* que, com o celular, direciona os visitantes para cadastro em formulário eletrônico), e que teriam servido 600 refeições àqueles visitantes... o tempo passou e ali fui ficando, já reconhecendo que estaria realmente tarde para avançar nas tarefas da cozinha e que, para boas conversas, não há uma hora limite.

Enquanto conversávamos, moradores e colaboradores chegavam e saíam, serviços de entrega de comida tocavam à porta e crianças iam retirar os pedidos feitos. Pessoas adentravam sutilmente e perguntavam à portaria se a exposição da

galeria de arte ainda estava ali (na Galeria Reocupa), mas a pessoa responsável pelo controle de acesso comunicava que a exposição tinha sido desmontada no dia anterior para dar lugar a uma próxima instalação artística. Entre os que entravam, um dos rapazes que trabalha no transporte dos alimentos para os eventos externos da Cozinha chegou ao local carregando um carrinho de mão repleto de equipamentos e caixas para o armazenamento de itens de cozinha e de alimentos. Fomos apresentados pela pessoa na recepção e, em uma breve conversa, me apresentei novamente enfatizando o fato de ser advogada, quase-nutricionista, e de estar ali como pesquisadora, reforçando o contato prévio via plataformas sociais com as lideranças... ao fim, trocamos números de telefone, sob a promessa de que este novo contato falasse da minha intenção de pesquisa com um dos responsáveis pela fundação do projeto da Cozinha.

Quando estou para me despedir de todos, pela rampa interna que dá acesso ao edifício da Ocupação, sobe uma mulher madura, de cabelos curtos cobertos com uma touca de TNT e vestindo o tradicional avental vermelho do MSTC/Cozinha Ocupação 9 de Julho. Aproximando-se da entrada para receber algo que chegaria nos portões, a mulher com nome de artista e o rapaz se anteciparam a mim e me apresentaram a ela como nova voluntária da cozinha, dizendo que eu estaria transitando por ali em dias futuros. Esta, que acabou de chegar, é referida como uma das coordenadoras da Cozinha e dos preparos das refeições para os eventos do local, uma pessoa que, a partir daquele momento, seria uma das minhas referências quando eu fosse à Cozinha Ocupação.

A partir desse dia, o compromisso assumido de forma pessoal para a pesquisa foi uma rotina que previa a presença na Ocupação em fins de semanas alternados, inicialmente priorizando o voluntariado aos sábados à tarde, durante os preparos do evento, função que poderia também se estender ao domingo daquela mesma semana para permitir o acompanhamento do evento desde a organização até a sua efetiva realização. Eventualmente, aos domingos, também atuava em voluntariado com a Cozinha, auxiliando na distribuição das refeições vendidas, mas também houve momentos de uma presença nos encontros tão somente como participante-observadora-frequentadora.

Outros eventos foram igualmente acompanhados em dias não previamente estabelecidos, seguindo a programação divulgada pelo Movimento nas plataformas

sociais e a compatibilidade da agenda pessoal. Independentemente da presença nesses dias esporádicos, buscava-se sempre respeitar a agenda quinzenal de frequência preestabelecida, mantendo certa regularidade na presença para melhor entender o cotidiano do funcionamento, estrutura e fluxos da Cozinha sem que, necessariamente houvesse uma triagem ou curadoria de eventos prévia.

Inicialmente, o grupo fixo da cozinha, mais coeso, me lia como se eu integrasse o grupo dos voluntários da base já que, entre os requisitos para ingressar e permanecer no MSTC como beneficiário dos programas habitacionais dos quais o Movimento participa, é necessário aportar com horas de voluntariado junto aos projetos do próprio Movimento, o que é acompanhado e fiscalizado com a assinatura de listas de presença que comprovam as horas de trabalho realizadas nos locais escolhidos. A Cozinha é um desses locais de voluntariado e, via de regra, estes voluntários do MSTC se apresentavam predominantemente pela manhã, cumprindo uma carga horária que habitualmente findava após o almoço coletivo, almoço este preparado ali na Cozinha e consumido nas mesas do espaço de apoio aos preparos.

Com o passar das semanas, aos poucos, sempre reforçando o meu papel de pesquisadora e de voluntária externa (o que acabava sendo lembrado sempre quando manifestava a minha não necessidade de assinar as listas de presença do Movimento), somado ao fato da minha permanência no período vespertino nos preparos (algumas vezes como a única voluntária no período, já que os demais se retiravam após o almoço), acabou por me alocar em uma categoria de voluntariado à parte, em trabalhos que envolviam não apenas aqueles designados aos voluntários eventuais, mas que também possibilitou a realização de tarefas em conjunto com os trabalhadores fixos e chefs convidados semanalmente.

Como dito, a minha agenda pessoal previa uma chegada na Ocupação após o horário do almoço, auxiliando na finalização das tarefas do dia e/ou suprimindo eventuais lacunas deixadas pelos voluntários da manhã. Geralmente, a minha permanência se prolongava até o final da tarde ou início da noite, a depender das tarefas em aberto.

Conhecendo a sedução que a cozinha tem sobre mim, especialmente pela formação técnica em manipulação e preparo de alimentos, vivenciei o desafio de conter um protagonismo em uma cozinha que não é minha, assumindo uma postura de ouvinte e de aprendizado conjunto, além de investir em um processo participativo

e de colaboração: um acompanhamento em segundo plano dos atores sociais ali presentes sem, no entanto, deixar de aconselhar sobre eventuais pontos de ajuste para uma construção conjunta de processos e melhorias.

Nessas imersões na Cozinha, durante o corte coletivo de bacias de salsinha, durante os choros e fungadas em conjunto pelo picar de caixas de cebolas, tendo as mãos escurecidas ao descascar dezenas de quilos de tubérculos e tentando amenizar a ardência das mãos após limpar e cortar bacias de pimenta (Sim! Eu esqueci de colocar luvas no início do processo!), foram vivenciados momentos de partilha onde era possível acompanhar, já ali, um panorama que indicava a presença de ativismos em diversas esferas.

Mais à frente, com o passar do tempo e após diversas vivências no campo, eu perceberia que nessas ocasiões era que se materializava a tal cartografia com o corpo, a experiência corporal nomeada de “*corpografia*” por Jacques (2008). Descrita como um fenômeno onde as espacialidades, os movimentos e os gestos do corpo seriam resultados de experiências urbanas já vividas, a corpografia também seria resultado de novas experimentações que produzem novas “grafias” corporais inscritas no corpo e no espaço urbano e que, reunidas, condensariam uma multiplicidade de vivências.

A maneira de agir ou de performar no espaço estariam relacionadas com o vivido pelo corpo no espaço e revelariam, por meio de padrões, as memórias desses espaços experimentados. A partir da observação, investigação e compreensão das corpografias e das experiências urbanas a elas vinculadas seria possível refletir sobre a experiência da cidade vivida.

Experimentando corpograficamente esse espaço nas conversas à mesa dos cortes de pré-preparo, repletas de tábuas coloridas e facas, emergiam debates que se alternavam entre anedotas pessoais (contadas ao grupo com uma proximidade íntima<sup>79</sup>) e entre questões políticas sérias, que tinham ganhado repercussão pública ou no local nas últimas semanas. Opiniões marcantes, por vezes antagônicas, eram discutidas abertamente e, em alguns momentos, havia troca de conhecimentos

---

<sup>79</sup> A grande maioria dos colaboradores que trabalham na Cozinha também residem na Ocupação 9 de Julho, o que traz uma proximidade quase que familiar ao grupo. A privacidade no espaço é relativa, já que os banheiros instalados nos andares das residências adaptadas são compartilhados por todos do andar, havendo uma escala de limpeza entre os usuários. Alguns dos colaboradores, vindos de outros Estados e sem família em São Paulo, dividem o quarto com outras pessoas do grupo. A convivência contínua se dá no momento do trabalho, das refeições e, por vezes, também na vida privada.

sobre pontos de dúvidas em relação a questões políticas e econômicas ao mesmo tempo em que se falava de receitas e que se traziam dicas culinárias.

Acompanhar preparos de alimentos onde se debatiam alianças políticas do Movimento para as eleições Municipais de 2024, onde se tratava de políticas públicas e programas sociais e, até, observando calorosas falas sobre a jornada de trabalho 6x1, temas estes que muitas vezes eram detalhadamente explicados em toda a sua complexidade pelos mais jovens aos mais maduros do grupo, me levou a inferir a existência de uma formação politizada já nas novas gerações do Movimento, gerações estas que já nasceram inseridas em um território de lutas, resistências e contestações.

Nesse caldo onde o pensar e o agir estão interligados, a Cozinha Ocupação 9 de Julho, entender o funcionamento da Cozinha nessa produção festiva contribui para a discussão sobre espaços onde temas éticos, políticos e estéticos convergem e se sobrepõe, especialmente em relação ao alimento e ao consumo: o alimento, elemento básico para a sobrevivência humana, nem sempre possui uma distribuição democrática, sustentável, saudável ou adequada, entre outros; o consumo, pensado na sua essência capitalista, acompanha um modelo político e econômico que perpetua a pobreza.

Mas, na contramão, nas fissuras da cidade, surgem territórios e pautas que buscam mostrar que fome e pobreza são temas políticos, trazendo a necessidade de se privilegiar mobilizações em torno da melhoria de sistemas alimentares para torná-los mais sustentáveis, éticos e saudáveis, em uma tentativa de se alcançar simetria entre produção e consumo e reduzir a fome, a desnutrição e o desperdício (Portilho, 2020). Ao mesmo tempo, nestes mesmos locais, há um estímulo a práticas de consumo ativistas e solidárias como formas de transformar a realidade coletiva e permitir uma circulação de capital de forma mais plural, inclusiva e colaborativa (Pereira, Bras e Rodrigues, 2023; Portilho, 2020). Ambas as frentes, tanto as de uma comida politizada quanto as de um consumo ativista e solidário se aproximam das atuais formas de atuação e são expressas nas práticas e nas narrativas do MSTC/Ocupação 9 de Julho.

Durante a 97ª Edição da Feira Cultural da Reforma Agrária, em novembro de 2024, a Cozinha Ocupação 9 de Julho foi apresentada no *Encontro Cozinha Ocupação 9 de Julho (MSTC) e Cozinha do Frei (MST-Ceará)* como um território

ativista que atua em rede e tendo como base uma luta por direitos que se ancoram em conceitos de economia solidária.

O projeto da Cozinha 9 de Julho **se baseia na luta por direitos ancorada em conceitos de economia solidária, soberania alimentar, comida de verdade e alimentação saudável, pela agroecologia na compra de produtos da agricultura familiar e da reforma agrária sem agrotóxicos e pela sustentabilidade** na diminuição de resíduos e ao compostar toneladas de restos orgânicos por ano **num trabalho em rede de ativismo alimentar, ambiental e cultural**.<sup>80</sup> (destaques nossos)

Essa ambiência ativista da Ocupação 9 de Julho foi a influência que levou João Salinas<sup>81</sup> ao seu processo de autorreconhecimento como ativista. Salinas, um dos cozinheiros que comanda um restaurante premiado em São Paulo, em entrevista concedida a esta pesquisa apontou que cozinhar na Cozinha Ocupação 9 de Julho, no Carnaval de 2023 e para 1200 pessoas, foi um marco pessoal que impulsionou no seu estabelecimento como um agente político e ativista. Após a experiência, este teria direcionado sua atuação para colaborar com movimentos sociais relacionados à alimentação, hoje dedicando parte do seu tempo ao voluntariado no coletivo de cozinheiros *Banquetaço*<sup>82</sup> e ofertando aulas de gastronomia como professor na cozinha escola Dona Ilda<sup>83</sup>, do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).

Eu fui vegetariano e vegano há muitos anos atrás, né? (...) O vegetarianismo aqui no Brasil, quando eu conheci, era muito pautado junto

---

<sup>80</sup> Texto disponível em publicação na rede social do Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho de 08/11/2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DCHb0hyPwi1/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZ A==](https://www.instagram.com/p/DCHb0hyPwi1/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZ A==). Acesso em: 15 dez.2024.

<sup>81</sup> João Salinas é chef executivo do restaurante vegetariano Quincho e ativista do movimento *Banquetaço*. Homem, 32 anos, atua em movimentos sociais e capacita pessoas em condições de vulnerabilidade em cursos ligados à gastronomia dados em cozinhas-escola do MSTC e em outros movimentos sociais. A entrevista para esta pesquisa foi concedida presencialmente, em uma tarde de muita chuva, no restaurante Quincho na Vila Madalena (SP), no dia 28/11/2024.

<sup>82</sup> O coletivo *Banquetaço* é um grupo de cozinheiros que lutam contra a fome e que defendem o acesso de comida saborosa, dignas, naturais e de qualidade para todos. Nos últimos anos, o grupo tem se reunido para planejar e executar celebrações natalinas que levam ceias completas a pessoas em condições de vulnerabilidade, em especial para populações em situação de rua.

<sup>83</sup> O projeto da *Cozinha Escola Para Brilhar Ilda Martins* foi lançado em 2023, uma cozinha com a proposta de formação no qual se capacitam cozinheiras e cozinheiros no ofício tendo também por base a questão agrária brasileira. Mais detalhes podem ser obtidos na página do MST no *link* <https://mst.org.br/2023/04/28/voce-conhece-o-projeto-da-cozinha-escola-para-brilhar-ilda-martins/>.

com o movimento punk, né? Movimento que eles chamam de *straight edge*, que é contra drogas e tudo mais, lutando contra essa onda... eu sempre tive inserido no movimento revolucionário, assim, e o vegetarianismo sempre se alinhou muito isso, né? Antigamente, existia um evento (...) é a Verdurada, que acontecia em São Paulo, e era sempre um movimento de cozinha vegetariana com show punk rock. E falar sobre veganismo, então participei de umas Verduradas em referência a isso, então sempre foi uma questão política, então, óbvio, né? **Nessa época não estava relacionado a nenhum movimento social, acho que eu nem tinha noção, porque era mais apolítico... eu tava fazendo política sem saber que tava** (...) eu sempre quis ter um passo atrás em referência a movimentos sociais, coisas que, na época, você é rebelde, você pensa que “meu, não, a gente é contracultura, vamos fazer o nosso movimento aqui”... e depois de muitos anos, de estar inserido na área, foi que eu fui me politizando mais, referente a entender mesmo como funciona a política do Brasil e os movimentos sociais inseridos neles, trazendo pelo movimento de esquerda e tudo mais. E aí que eu fui conhecendo, mas não estando tão inserido, né? **Quando eu entrei na ocupação, que foi, acho que, a porta de entrada pra eu estar em outros coletivos e ser levado, e querer estar nesses outros coletivos. Foi um convite de uma amiga minha, que ela já tava,** ela é de Belo Horizonte, chama Carolina Dini. E ela tava aqui em São Paulo, a gente se encontrou, ela cozinhou comigo aqui, e ela ia passar uma temporada aqui em São Paulo, né? E ela sempre tava nesse movimento de cozinha vegetal, fermentação, né? **E ela tem esse lado político também muito forte em relação a comida e cultura... e ela foi me apresentando, né? E quando a gente cozinhou, na ocupação a gente cozinhou juntos, né?** Fez um prato eu e ela, a gente... foi onde eu fui inserido em conhecer a Carmen Silva, sabe? (...) **o ponto inicial de entrar no movimento foi pela Carolina Dini que me apresentou todo o projeto da Ocupação Nove de Julho e, depois disso, nunca mais saí.**<sup>84</sup> (destaques nossos)

Dona Jacira<sup>85</sup>, multiartista que frequenta regularmente a Ocupação 9 de Julho, eventualmente cozinha na Cozinha Ocupação e, em outros momentos, quem realiza diversas intervenções nos eventos de domingo. Em entrevista para esta pesquisa, dona Jacira também sinalizou a importância do ativismo em suas ações cotidianas e em tudo que faz.

Sim, meu trabalho é um ativismo vivo e frequente. Não consigo viver de outra forma, estou neste caminho desde os 14 anos. Criei meus filhos e filhas assim, neste mesmo caminho e dessa forma seguirei até me encantar.<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> Entrevista concedida por João Salinas para esta pesquisa em 28/11/2024.

<sup>85</sup> Entrevista concedido por Dona Jacira para esta pesquisa em 12/12/2024.

<sup>86</sup> Entrevista concedida por Dona Jacira para esta pesquisa em 12/12/2024.

Em contraponto, é interessante trazer a fala de Raul Fiuza<sup>87</sup>, cozinheiro entrevistado para esta pesquisa em 13/12/2024 no espaço auxiliar de preparos da Cozinha Ocupação 9 de Julho. Raul é um dos cozinheiros do Boteco Ocupação 9 de Julho (no espaço cultural Bananal, no bairro da Barra Funda, São Paulo) desde a sua fundação (em meados de 2024). Raul não se considera ativista, mas alguém “ativo”.

Eu... Ativista? Ativista, não. Acho que tem muito mais gente acima de mim. Eu me considero... ativo. Há uma diferença. O ativista... Eu dou muitas horas de meu trabalho. Há uma doação de horas do meu trabalho quando faço. Isso foi desde sempre. Não só pensando em Ocupação 9 de Julho, mas acho que desde sempre... Eu sou daqueles... Eu não posso ver um prato na ponta da mesa que já vou pegar, sabe? Eu tenho... Tenho esse cuidado, tenho esse olhar. Acho que eu tenho esse olhar. Ser ativista, eu acho que é... É uma dedicação maior. São mais horas do que... por exemplo, as minhas horas de ativista não me dão esse direito. É uma questão de horas, percentual de horas. Mas eu sou ativo. Sou um ativista, mas não... Eu deixaria o ativista para o... Eu até posso mudar.<sup>88</sup>

Pela leitura que faz Raul, o ativismo teria um escalonamento dosado na dedicação ou envolvimento do agente e, no seu entender, ser um ativista demandaria um engajamento contínuo, que vai além daquele que ele entende exercer.

Considerando uma noção de ativismo que se relaciona com ações políticas associadas a diversas causas, que exploram formas plurais, colaborativas e horizontais, e que buscam formas outras de articulação em rede renovando imaginários e o sentido de fazer político (Pereira, Bras e Rodrigues, 2023), o simples fato de que pequenas ações cotidianas e fragmentadas sejam realizadas em prol de uma causa, em diferentes formas e intensidades, ao nosso ver, não afastaria o cunho ativista destas atuações.

Os ativismos sociais, especialmente aqueles que se vinculam com a alimentação, em um momento mais recente da história vêm se renovando e retomando temas e mobilizações políticas dos anos 1960. Assim como no passado,

---

<sup>87</sup> Raul Fiuza tem formação em designer gráfico/comunicação visual, mas trabalha com bares e restaurantes desde 99. Há 10 anos começou a trabalhar como cozinheiro, fazendo churrascos e defumados. Foi dono de um espaço gastronômico e hoje está à frente do Boteco Ocupação 9 de Julho, no Bananal (bairro Barra Funda). Homem, entre 45 e 55 anos, concedeu entrevista para esta pesquisa em 13/12/2024, em um dos espaços de preparo de alimentos da Cozinha Ocupação 9 de Julho.

<sup>88</sup> Entrevista concedida por Raul Fiuza para esta pesquisa em 13/12/2024.

buscam-se formas que privilegiem a agroecologia, experiências de economia solidária, redes de produção e consumo e vê-se um fomento a estilos de vida alternativos (veganismo, locavorismo, flexitarianismo, entre outros), nos quais o papel dos consumidores no mercado passaria a ser crucial para interferir e orientar as demandas de produção.

Não é incomum a realização de feiras de produtos “*direto com o produtor*” e de dinâmicas que exaltam a qualidade e a origem do alimento, o que indica um processo de “*eticização*” da estética e/ou de “*estetização*” da ética quando se fala não somente nas pautas ambientais e climáticas, sociodiversidade, reforma agrária e uso de agroquímicos, mas também quando se tratam de questões de ordem estética como a valorização do sabor, da cultura alimentar (receitas, ingredientes e técnicas tradicionais), do território, do ato do cozinhar e da sociabilidade em torno da mesa (Portilho, 2020, p. 416-17).

A comida, como agente que não apenas constitui uma fonte de nutrientes para a sobrevivência, também acaba por desempenhar o papel de alimentar o indivíduo por meio de gratificações emocionais ou afetuais, sendo também uma das formas com as quais se expressam relações sociais e valores culturais de um grupo. As relações sociais, por sua vez, se articulam com as práticas alimentares pois se estabelecem e se mantêm através de bens que os indivíduos consomem, sendo concedido um lugar social ao indivíduo pelo modo como come, pelos alimentos que escolhe, pelas tendências que consome e pelas relações sociais que estabelece. Isso indica o jogo social ao qual este indivíduo faz parte (Barcellos *et al.*, 2019).

Com a urbanização, as cidades passariam, em tese, a representar a diminuição das distâncias entre os indivíduos e suas atividades e afazeres, adensando relações e contatos diante da aproximação de grupos e culturas diferentes o que, nos dizeres de Oliva e Fonseca (2016), explicitaria a essência das cidades a uma vocação relacional, onde se multiplicariam contatos entre as pessoas e toda a sua gama de produção de objetos e atividades.

Essa vocação agregadora (que também pode ser problematizada por tendências desagregadoras que igualmente se observam nas cidades), quando realizada de forma plena, seria o conteúdo da chamada *urbanidade*, o que é mais perceptível em cidades marcadas por grande densidade demográfica, rica

diversidade social e com significativas atividades na maior parte do seu espaço (Oliva; Fonseca, 2016).

Entretanto, quando se trata da produção de alimentos, a cidade é costumeiramente entendida como um local que promove um maior distanciamento dos seus residentes da produção agrícola, prometendo uma disponibilidade física infinita e ininterrupta de alimentos que se vincula a um modelo agroindustrial de larga escala de produção, ao mesmo tempo que limita o tempo dedicado à gestão e produção das refeições cotidianas e, antagonicamente, restringe o acesso a uma alimentação de qualidade e/ou em quantidades suficientes para uma parcela de sua população. Por conta dessa contraditória dinâmica é que se vivenciam novos arranjos urbanos e desenhos de comensalidade com imbricações entre comida, corpo, rua, política e cotidiano, em práticas que possuem elementos políticos subversivos que delineiam estratégias de resistência e de enfrentamento contra tentativas de totalização e de delimitação da experiência urbana de se alimentar nos espaços da cidade (Rodrigues e Amparo-Santos, 2019).

Nesse contexto, o ativismo alimentar surge para discutir diferentes facetas da alimentação, tais como agricultura, sustentabilidade, soberania alimentar, segurança alimentar e nutricional, novos sistemas de produção, consumo consciente, novos hábitos alimentares, entre outros. E, em cada uma dessas frentes se constata toda uma complexidade de relações sociais, políticas, econômicas e culturais (Coelho-Costa, 2020).

O consumo político do alimento aparece então como uma das estratégias de pressão política, intimamente associado a outras causas, entre elas a sustentabilidade, mudanças climáticas, justiça social, desigualdades, relações trabalhistas, reforma agrária e bem-estar animal. Normalmente a definição do termo *consumo político* está relacionada a percepção e uso efetivo do consumo (poder de compra no mercado) como meio de pressão política para promover mudanças sociais, sendo na maior parte das vezes uma forma de engajamento político na esfera do mercado que é expresso através da escolha de marcas, produtos e produtores/varejistas cuja escolha se baseia em crenças políticas, éticas e/ou ambientais. A alimentação, a comida e o ato de comer têm se mostrado bons exemplos em temas que mobilizam politicamente consumidores, já que independentemente destes agirem de forma individual ou coletiva, suas escolhas

podem refletir um complexo contexto social, normativo e político por trás dos produtos selecionados e consumidos (Portilho, 2020).

Portilho (2020) aponta que o consumo político se manifesta de quatro formas básicas: a) o boicote ou consumo político negativo, caracterizado pela recusa de compra motivada por preocupações políticas, éticas e/ou ambientais; b) o *buycott*, um consumo positivo por compras efetivas como forma de favorecer ou premiar marcas, produtos, produtores e/ou varejistas por seus compromissos políticos, éticos e/ou ambientais; c) ações discursivas ou comunicativas de protesto, críticas e manifestações públicas e; d) políticas de estilo de vida relacionadas com mudanças em práticas cotidianas que tendem a incluir as 3 formas de consumo político anteriores. Todas elas teriam variações com formas que envolvem maiores confrontos ou maior cooperação e sua compreensão depende da análise de pré-requisitos estruturais compostos por redes e movimentos sociais, configurações institucionais, trocas internacionais e o papel do Estado como facilitador ou não desse consumo.

O consumo político, como ferramenta ou método para organizar e mobilizar pessoas tem sido muito utilizado por movimentos sociais para ampliação das suas estratégias de luta, usado como forma de criação e para o reforço de laços locais e globais de solidariedade, para a implementação dos seus projetos políticos, para um reposicionamento no imaginário social e para traçar novas dimensões na política (Diani, 2019; Forno, 2019).

Isto já é historicamente feito pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) que, ao longo dos últimos anos tem incorporado na sua atuação estratégias que podem ser identificadas como consumo político, construindo alianças com consumidores urbanos através da organização de formas alternativas de comercialização de alimentos em lojas chamadas de Armazém do Campo<sup>89</sup> ou em feiras de alimentos da reforma agrária, bem como com a mobilização de temas relativos à alimentação, à comida e ao comer (Portilho, 2020).

---

<sup>89</sup> O MST criou as lojas Armazém do Campo, hoje instaladas em 32 cidades brasileiras e que tem como função a comercialização dos produtos alimentícios provenientes de assentamentos de reforma agrária, da agricultura familiar e camponesa, orgânicos e agroecológicos, além de realizar a venda de acessórios como bonés, sacolas ecológicas, camisetas e aventais do MST. O Armazém do Campo possui lojas online de vendas de produtos por localidade que podem ser acessadas pelo sítio <https://armazemdocampo.com.br/>.

Nessa mesma linha e, até, por alianças e proximidades existentes entre os movimentos - um sendo rural e o outro urbano - o MSTC também se apropria dessas experiências e estimula ações que podem ser caracterizadas como *buycott* ao politizar o consumo alimentar no território da Ocupação 9 de Julho por meio da criação de alianças com seus consumidores urbanos com a intenção de fortalecer suas pautas.

Produzindo refeições que tem como ingredientes alimentos da agricultura familiar, orgânica, da reforma agrária, além de fazer uso da bandeira de que a produção das refeições possui dimensões sociais ao gerar renda/emprego e que na Cozinha parte da produção de alimentos é direcionada a pessoas em condições de vulnerabilidade, observa-se a presença de uma tática que estimula um consumo que entra pela cozinha para atravessar e ampliar temas, atores e estratégias políticas do Movimento.

Aos olhos de André Chiarati, a cozinha é uma pequena parcela de um todo que abrange algo muito maior. A ênfase política da atuação do movimento é dada para a moradia, mas, ao mesmo tempo, há um atravessamento de vias, com entrecruzamentos e emaranhados construídos a partir do tema nodal “*moradia*” e a partir do qual surgem conexões políticas também com alimentação, saúde, cultura, educação e, até com a realização de eventos na Ocupação 9 de Julho.

**A gente não entrega só moradia. Moradia não é só uma casa. Colocar uma pessoa dentro de uma casa, em um espaço qualquer e não cercar ela de várias outras coisas, você não está dando a ela nem oportunidade, nem vida. Você está apenas dando a ela uma caixa. E aqui no Movimento, comida faz parte, cultura faz parte, oportunidades de trabalho, empreendedorismo social, saúde, educação. Então, tudo isso permeia moradia. E esse é o nosso samba-enredo.**

Então, a escola não ganha porque a passista é bonita. A escola ganha porque todo mundo sabe cantar o samba-enredo, sabe mostrar o samba-enredo, sabe entrar na avenida como **um grupo coeso. Então, o nosso samba-enredo é moradia. Por um acaso, fazemos eventos. Por um acaso, nossos são os melhores eventos do centro. Por um acaso, temos a maior galeria de arte urbana do centro de São Paulo, quiçá de São Paulo ou do Brasil em termos de metragem.** Nós temos uma galeria de arte contemporânea que já reuniu mais de 500 artistas renomados. Adriana Varejão, Leda Catunda, a humilde camponesa André Chiarati. Eu falo isso porque **é bom a gente saber que é uma unidade. O Movimento tem essa unidade.** E ele não é só a Ocupação Nove de Julho. **Ele vai para além dos muros da Ocupação. Ele permeia a cidade inteira e outras cidades. Então, quando a gente fala de eventos aqui dentro, é um dos carros alegóricos desse samba-enredo. A cozinha é outro, a galeria é outro, a galeria de arte urbana, a horta.** Mas tudo isso parte daquele princípio da moradia e cercar o ser humano com o que já está na Constituição, o artigo 6º, direito a trabalho, moradia, educação, saúde e

cultura. Então, é utópico o modelo que se desenvolve aqui, mas ele **nada mais é do que a aplicação de direitos**. E é aí que mora essa incoerência que a sociedade não consegue aceitar (destaques nossos).<sup>90</sup>

A ampliação do tema moradia e o seu enredamento com diversas outras demandas gestam e fazem nascer, por um “acaso” e em co-construção, um produto cultural-artístico no centro de São Paulo, o que é chamado pelo entrevistado de “*melhores eventos do centro*”. Aqui, pode-se entender que esta produção de eventos pela Ocupação se aproxima das noções de consumo solidário, consciente, crítico e coletivo, materialização de um projeto elaborado por um grupo que busca transmitir uma imagem de coesão e união e que tem uma capilaridade de conexões em rede que extrapola os muros da Ocupação. Estas conexões e associações em rede, inclusive, serão abordadas em um dos tópicos deste trabalho.

Buscando acompanhar os desdobramentos deste consumo com motivações ativistas que perseguem reciprocidade, oportunidades de transformação da realidade e maneiras outras de forjar laços sociais e pessoais, retomamos a experiência do encontro da tarde do domingo, 28/04/2024, com a presença dos alunos de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da University College London (UCL). Tais alunos realizaram uma pergunta aos visitantes em sua intervenção, questão esta que deveria ser respondida de forma escrita para ser afixada em um dos murais montados no espaço da Ocupação 9 de Julho naquele dia. O questionamento “*Como você apoia essa luta?*”, ainda que amplo, trouxe respostas que se mostram relevantes quando se analisam formas de consumo ativista no e do espaço que ora se buscam explicitar.

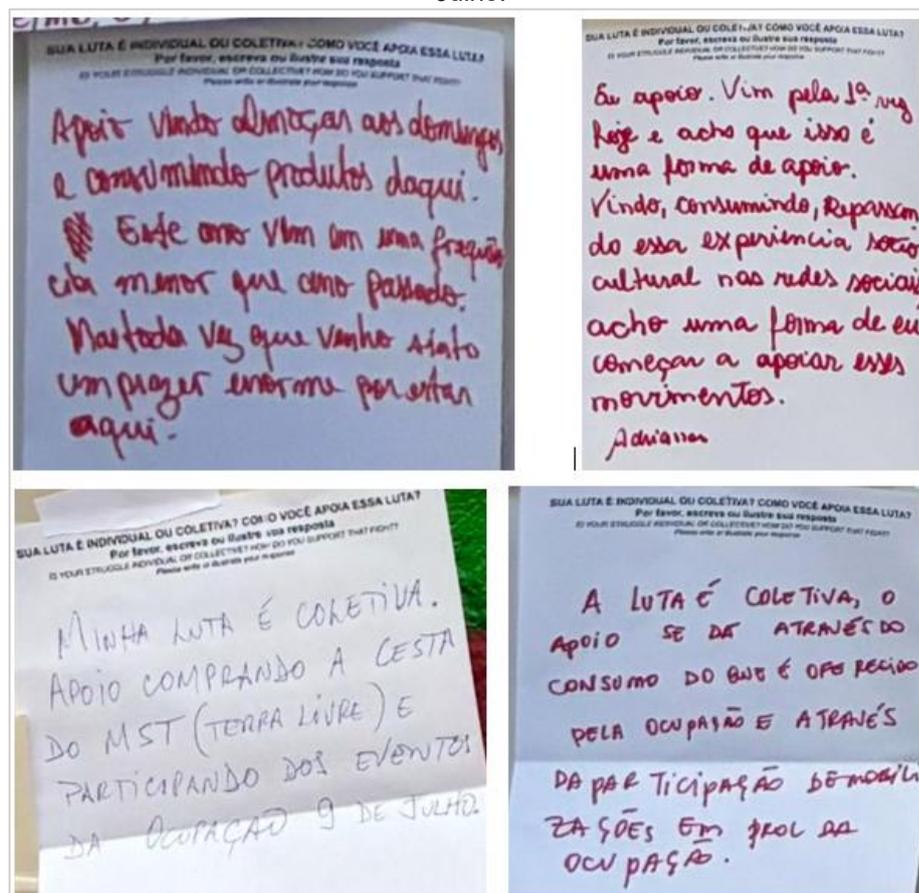
No material existiu uma clara referência a um consumo motivado para o favorecimento de compromissos políticos, sociais e até culturais, em um viés que tangencia a um ativismo praticado. Entre as respostas à pergunta de como cada um apoiava a luta do Movimento tem-se: (a) “*Apoio vindo almoçar aos domingos e consumindo produtos daqui*”; (b) “*Vim pela primeira vez hoje e acho que isso é uma forma de apoio. Vindo, consumindo, repassando essa experiência sociocultural nas redes sociais, acho uma forma de eu começar a apoiar esses movimentos*”; (c) “*Apoio comprando a cesta do MST (terra livre) e participando dos eventos da Ocupação 9 de Julho*” e (d) “*(...)o apoio se dá através do consumo do que é*

---

<sup>90</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2024.

oferecido pela ocupação e através da participação de mobilizações em prol da ocupação” (Figuras 39 a 42).

**Figuras 39, 40, 41 e 42** - Recortes das fotografias dos murais montados pelos alunos de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da University College London (UCL), em 28/04/2024, na Ocupação 9 de Julho.



Fonte: A autora, 2024.

Retornando ao ativismo alimentar, as nuances destas táticas políticas se observam não somente na escolha da origem do alimento ou durante os preparos de receitas pouco convencionais, voltadas à preservação de receitas e rituais tradicionais. Enquanto se come e ao longo dos encontros de domingo há um compartilhamento de ideias e de estratégias que se utilizam do momento para promover uma educação voltada às pautas do Movimento e para o fomento do exercício da cidadania, o que não passa despercebido nem pelos frequentadores e nem pelos aliados ao Movimento.

Alexandre Correa<sup>91</sup>, educador físico, que se apresentou a esta pesquisadora como “pai do João, casado há 14 anos, militante na área social de forma política, atuante em associação e jogador de futebol aos finais de semana”, também é vocalista de “uma banda de punk rock”<sup>92</sup> e conheceu a Ocupação 9 de Julho ao trabalhar como educador no projeto “Boxe Autônomo”<sup>93</sup>, um projeto de esporte voltado para pessoas em condição de vulnerabilidade e que, em 2017, realizou intervenções junto aos moradores da Ocupação 9 de Julho e população do entorno. A partir daí, Alexandre começou a frequentar a Ocupação em diversos momentos, especialmente durante as aulas ministradas na Ocupação e durante os almoços de domingo, o que ampliou sua experiência no território e lhe trouxe uma percepção sobre a diversidade e sobre os atravessamentos das temáticas políticas, musicais e culturais ali presentes.

Eu praticava boxe nesse coletivo e depois, durante dois anos, eu fiz parte da comissão, trabalhando com a parte de treinamento físico dos praticantes. **E a gente fazia algumas intervenções lá.** (...) Aí fui conhecendo as pessoas que atuavam lá, fui conhecendo a história, o que acontecia na Ocupação 9 de Julho. E, **no segundo momento, comecei a frequentar pelos eventos que eles faziam lá, principalmente os eventos culinários.** Quando tinha os eventos de final de semana, shows e também mostras e feiras. E comecei a frequentar, não tantas vezes assim, mas algumas, não vou saber numerar quantas, mas pelo menos umas cinco ou oito vezes, acabei indo nesses eventos aos domingos, o que acontecia aos domingos. (...) **Eles têm uma demanda que é complicada para eles, porque, além de morar, têm várias atividades políticas, e precisam resistir ali também.** (...) Me chamava muito a atenção isso, **além de ser um espaço amplo, um cenário musical que me interessa, um tema que me interessa, a culinária sempre era temática, sempre voltada...** Já fomos com **temática de países africanos, já tivemos temáticas de outros estados daqui do Brasil, de culinárias curiosas, até de cultura indígena também.** Então, é uma apresentação cultural que acho riquíssima. Isso sempre chama a atenção para nós. Sempre tinha uma comida específica de um lugar que não conheço, que nunca ouvi falar muito, os artesanatos também, as feiras. E a música a gente acabava frequentando para conhecer,

---

<sup>91</sup> Alexandre Correia é professor de Educação Física, personal trainer e atua na área social. É homem, 38 anos, pai, casado, residente na Zona Leste de São Paulo, vocalista de uma banda de punk rock há mais de 10 anos e diz ser militante na área social de forma política. Diz atuar como presidente de uma associação e ser jogador de futebol aos finais de semana. Concedeu entrevista para esta pesquisa presencialmente, na Rua Artur Prado, no bairro da Bela Vista (SP), no dia 13/02/2025.

<sup>92</sup> Entrevista concedida por Alexandre Correa para esta pesquisa em 13/02/2025.

<sup>93</sup> O Boxe Autônomo, na sua página do Instagram (@boxe\_autonomo) se identifica como uma academia popular de boxe que promove um “esporte popular e antifascista”.

**para ter ideias sobre o que era aquilo que iam apresentar.**<sup>94</sup> (destaques nossos)

Como frequentador e como alguém que ofertou serviços ao espaço da Ocupação, não passou despercebido a Alexandre os desafios vividos pelos integrantes e moradores da Ocupação, que além de perseguir o seu direito à moradia, precisam resistir neste local de incertezas ao mesmo tempo que produzem atrativos culturais e gastronômicos no território para um público externo, justamente para estruturar uma ampla rede de apoio e para angariar recursos.

Uma concepção diversa que também dialoga com as experiências culinárias de domingo na Ocupação 9 de Julho e que precisa ser mencionada recai sobre o que afirma Appadurai (1981) que, ao olhar o mundo através das lentes da comida, aponta que o alimento, em suas formas de construir sociabilidades, pode servir à função simbólica de indicar igualdade, intimidade ou solidariedade ou servir ainda para sustentar relações caracterizadas por hierarquia, distância ou segmentação. A *gastropolítica*, termo utilizado pelo autor, posiciona a comida como um campo conflituoso de disputa de poderes que revelaria não apenas o papel político da alimentação, mas também das diferentes práticas que sinalizariam assimetrias, inclusões, exclusões e negociações.

Trata-se de mobilizações que discutem políticas alimentares, democratização da comida e criação de políticas de assistência a necessitados. Estas mobilizações também têm a preocupação com o consumo de alimentos de qualidade, originários da agroecologia, e buscam resistir a uma homogeneização da cultura, da comida e do comer, ao mesmo tempo que fomentam a sustentabilidade e o uso de circuitos curtos (relação produtor/consumidor), caminhando para algo que se entende por democracia alimentar (Coelho-Costa, 2020). Tudo isso, de alguma forma, vem a se alinhar com discursos e práticas do MSTC e da Cozinha Ocupação 9 de Julho.

A busca por uma aplicação prática desse arcabouço teórico nos espaços alimentares e festivos gerenciados pelo Movimento é trazida pela experiência de Raul Fiuza, que narra a preocupação com a origem dos alimentos utilizados nos preparos do Boteco e da Cozinha Ocupação 9 de Julho. Os ingredientes, quase todos com origem nos armazéns do MST e de parceiros, tentam atender ao

---

<sup>94</sup> Entrevista concedida Alexandre Correa para esta pesquisa em 13/02/2025.

propósito de estabelecer novas relações de produção e perseguem transformações sustentáveis na estrutura produtiva de alimentos, acompanhando um ideal que tem como meta o acesso igualitário a uma alimentação de qualidade e em quantidades adequadas.

**Aqui a cozinha [Cozinha Ocupação 9 de Julho] trabalha com o máximo que possível de agroecologia, junto ao MST e outros parceiros.** Eu mesmo, a gente já fez um dos últimos eventos que eu fiz, a gente fez **uma linguiça que o MST fez.** (...) A gente fez uma linguiça pra servir um pão com linguiça. E é muito engraçado que essa linguiça era escura. Porque não tinha nem a preocupação nenhuma de colocar corante. (...) **porque se a gente for comer uma comida que é essa comida de campo mais próxima do chão à terra, né? Da terra à mesa, né? Que a gente chama, não era necessário. Então, aqui tem o fato de ter essa preocupação de agroecologia, de reciclar restos, de usar esse resto de orgânico pra uso da horta que tem aqui, da dona Irene. Aqui mesmo se faz esse ciclo natural que eu teria, que eu lá na minha tenra idade de menino não percebia, mas tinha.**<sup>95</sup>

Assim como Raul Fiuza, João Salinas também partilhou durante sua entrevista para esta pesquisa uma experiência similar. Ao narrar a logística e a experiência pessoal de cozinhar tanto com o MST quanto para um evento de domingo do MSTC (no carnaval de 2023 na Cozinha Ocupação 9 de Julho), este descreve o processo de elaboração, junto com a também cozinheira Carolina Dini, de um cardápio que atendia a sazonalidade e que partia de ingredientes que naquela oportunidade se encontravam disponíveis junto aos produtores rurais e ao MST.

O MSTC tem muita parceria com o MST, então todos os insumos, a maioria dos insumos que eles trazem pra gente são orgânicos de assentamentos. Então é meio que trabalhar com essa ideia: *“ó, eu tenho tantos quilos de abóbora, tantos quilos de batata doce e eles vão conseguir colher tantos, sei lá, beterrabas, a gente pode trabalhar em cima disso?”* Em contrapartida a gente vem com a nossa ideia: *“ó, eu preciso de grão de bico, não sei o que, não sei o que, não sei o que lá”.* Então é tudo muito conversado pra realizar o almoço em si, né. Então basicamente a ideia é essa, muito conversado, traz muita informação, muita troca e entender mesmo a necessidade do que a ocupação precisa.<sup>96</sup>

Dessa forma, há uma aparente operacionalização e compreensão política dos agentes vinculados à Ocupação e dos consumidores dos produtos e do espaço da Ocupação, que acabam se reconhecendo como agentes e protagonistas de uma categoria política que fomenta um consumo local e politizado. O ativismo (alimentar

---

<sup>95</sup> Entrevista concedida por Raul Fiuza para esta pesquisa em 13/12/2024.

<sup>96</sup> Entrevista concedida por João Salinas para esta pesquisa em 28/11/2024.

ou não) e o consumo político dos ativos ali circulantes são ferramentas para se negociar e para tensionar a estrutura hegemônica, o que provoca constantes reflexões, questionamentos e outros arranjos institucionais, estruturais, tecnológicos, culturais, políticos, alimentares e de práticas sociais no território.

### 2.3 Ecos e ressonâncias: Histórias que se dão em torno da Cozinha

Toda historia es subjetiva, entonces la cuenta una según la fue viviendo.  
(Entrevista dada por Rossana Reguillo a Pedrosian, Poo, Agudelo, 2021).

A cozinha, que historicamente ocupava um espaço pouco visível, reservado ao fundo das construções, ao longo das últimas décadas tem assumido preponderância arquitetônica e simbólica, deixando de ser vista apenas como um local onde se cozinham as refeições, para ganhar centralidade não apenas física, mas também passando a ser lida como um local de afetos e memórias, contribuindo para a transformação da casa em um lar (Morais, 2021).

Fischler (1995) aponta que a cozinha pode ser habitualmente definida como um conjunto de ingredientes e de técnicas utilizadas na preparação da comida. No entanto, segundo o autor, o termo “*cozinha*” pode ser interpretado em um sentido mais amplo e específico, onde representações, crenças e práticas que estão a ele associadas são partilhadas pelos indivíduos que formam parte de uma cultura ou de um grupo dentro desta cultura. Mais ainda, cada cultura possuiria uma cozinha específica que implicaria em classificações, em taxonomias particulares e em complexos conjuntos de regras que atendem não apenas a preparação e a combinação de alimentos em si, mas também se relacionam com a colheita e o consumo e, assim como os erros gramaticais podem anular o sentido da linguagem, os erros da “*gramática culinária*” poderiam entranhar impropriedades inquietantes para o comensal.

O comer junto reflete uma dimensão do alimento que vai para o além do funcional e que atribui sentidos ao comer, o que o transforma em um instrumento comunicacional, assim como descrito por Montanari (2013).

Comer junto é típico (ainda que não exclusivo) da espécie humana: “*Nós*”, diz um personagem de Plutarco em *Dispute convivali* [Debates conviviais], “*não nos convidamos uns aos outros para comer e beber simplesmente,*

*mas para comer e beber juntos*”. E uma vez que os gestos feitos junto de outros tendem a sair da dimensão simplesmente funcional para assumir um valor comunicativo, a vocação convival dos homens se traduz imediatamente na atribuição de um sentido para os gestos que fazem ao comer. Também desse modo a comida se define como uma realidade deliciosamente cultural, não apenas em relação à própria substância nutricional, mas também às modalidades de sua assunção e de tudo aquilo que gira em torno dela. Por um lado, substância e circunstância assumem, ambas, um valor significativo, habitualmente coligadas uma à outra, uma vez que a “linguagem da comida” não pode prescindir - diferentemente das linguagens verbais - da concretude do objeto, do valor semântico intrínseco e, de algum modo predeterminado, do instrumento de comunicação.” (Montanari, 2013, p.157-58).

*“Acho que o primeiro lugar da casa que eu vou é pra cozinha. E acho que é na cozinha que a gente sente toda a alma de uma casa”*<sup>97</sup> disse Raul Fiuza, cozinheiro do Boteco Ocupação 9 de Julho em entrevista para este trabalho, indicando a cozinha como um espaço de afetos e de relações. Na Cozinha Ocupação 9 de Julho, coletiva e ao mesmo tempo solidária, estes afetos são potencializados pelo grande número de agentes envolvidos, ali atraídos e condensados por ideais comuns.

Não escapam a este trabalho as emoções provocadas não só pelo paladar e pelo ato de cozinhar junto, mas também pelas muitas outras dimensões sensíveis que se sobrepõe e que decorrem dos eventos festivos, musicais, políticos, literários e culturais que orbitam ao redor da cozinha e que corporificam uma perspectiva onde continuamente afetamos e somos afetados pelos acontecimentos, pessoas e objetos.

Assim, buscando dar materialidade às experiências, nos próximos tópicos são trazidas duas experiências festivas vividas no campo, presencialmente e aos domingos, na Ocupação 9 de Julho. Estes dois encontros festivos de domingo foram escolhidos por suas diferenças.

O primeiro, no qual falaremos do escalda-pés mediado por dona Jacira, foi um momento em que a primeira impressão que tive ao adentrar na Ocupação foi de vazio. O espaço, preparado para receber um significativo número de pessoas que não tinha comparecido pela chuva, acabou por se transformar em algo intimista, potente e agregador, justamente pela presença de pouquíssimas pessoas.

---

<sup>97</sup> Entrevista concedida por Raul Fiuza para esta pesquisa em 13/12/2024.

Já o segundo evento, o DHFest se apresentou de maneira diferente. Era um entretenimento promovido com o apoio de uma instituição financeira e em parceria com a prefeitura municipal e Secretaria de Cultura do Município, além da participação de diversas outras instituições. A festividade foi pensada para atrair um grande público e uma arrecadação significativa de recursos. Esta arrecadação, inclusive, ajudaria com um pequeno fôlego financeiro para a Cozinha e para os colaboradores que nela trabalhavam, permitindo uma pausa para o final de ano e o gozo de um período de “*férias*”<sup>98</sup> no mês de janeiro.

Este evento festivo tinha uma ambiência diferente quando pensamos no público que habitualmente frequenta as festas da Ocupação, com pessoas que pareciam estar mais em busca de um entretenimento descompromissado e alternativo, ao invés dos grupos envolvidos com a(r)tivismos. A lotação, significativa e com potencial para aumentar, demandou uma organização mais estruturada, com uma delimitação dos locais de circulação de pessoas e com o estabelecimento, por questões de segurança, de certos fluxos de deslocamento em todos os espaços e andares onde o acesso era permitido.

Os dois eventos escolhidos também trazem duas faces de um mesmo jogo que busca dar exploração diversa ao local: o primeiro encontro, organizado e produzido por integrantes e parceiros do Movimento de forma independente, reflete ideias do coletivo que ali habita; o segundo, organizado e estruturado com patrocínio e apoio de instituições e até do Estado, sinaliza uma mitigação das disputas do Movimento com os órgãos oficiais estatais e municipais, em um momento de aparente suspensão dos conflitos vinculados ao tema moradia para se dar ênfase à uma produção conjunta de um evento.

Fato é que foram selecionados dois momentos que, de alguma forma, provocaram curiosidade e estranhamento, geraram aprendizados e/ou que, de alguma forma, mobilizaram afetivamente a pesquisadora a ponto de serem

---

<sup>98</sup> O termo “*férias*” foi colocado entre aspas para indicar uma situação relativa, que não se aplica à grande maioria. Esta pausa se deu, em muitos casos, somente em relação aos trabalhos exercidos junto à Cozinha da Ocupação. Muitos dos agentes que trabalham na cozinha possuem mais do que uma atividade remunerada, exercida em momentos em que não se está na Cozinha. Alguns trabalham durante o dia na Cozinha para exercerem outras funções à noite, em outros locais (como atendentes, garçons, cuidadores de idosos, técnicos de enfermagem, entre outros).

entendidos como relevantes, o que se entende que justifica a narrativa da vivência sob o olhar e subjetividade desta que os experimentou.

### **Dona Jacira e o Escalda pés (03/11/2024)**

A “Festa na Ocupa” do dia 03/11/2024 previa uma programação intensa em diversos espaços distribuídos ao longo do território da Ocupação. O almoço contava com a presença de matriarcas do Pastoras do Rosário, grupo de vozes de mulheres negras da Zona Leste de São Paulo<sup>99</sup> que, naquele mês, além de se apresentarem na Ocupação, também realizavam exposição de peças de figurinos do grupo no salão multiuso (sala 10), celebrando os 10 anos de história da Sá Menina<sup>100</sup>, empresa que também era sua produtora artística e cultural.

Após o almoço, os presentes esperavam ansiosamente pela roda de lavagem dos pés conduzida por dona Jacira, que seria seguida de uma apresentação de capoeira dos jovens alunos de Marcelo “Tartaruga” (Escola de Capoeira Raiz dos Palmares) e, para finalizar a tarde, haveria um sarau embalado por Renato Gama (produtor musical cofundador do Sá Menina) e outros convidados (Figuras 43 a 48).

**Figuras 43, 44, 45, 46, 47 e 48** - Divulgação do evento “Festa na Ocupa” do dia 03/11/2024.

---

<sup>99</sup> O grupo Pastoras do Rosário (<https://www.instagram.com/pastorasdosrosario/>) foi formado a partir da reunião de mulheres da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha (Igreja da Penha, no bairro da Penha de França, em São Paulo/SP) e onde se celebram liturgias que mesclam manifestações populares afro-brasileiras.

<sup>100</sup> Sá Menina é uma empresa de produções artísticas, musicais, teatrais e culturais da Vila Nhocuné, Zona Leste de São Paulo, que tem por objetivo fortalecer artistas que surgem “à margem dos grandes centros urbanos” (fonte: <https://www.samenina.com/>).

cozinhaocupacao9dej... e outras 2 pessoas ...  
Pastoras do Rosário - Contas do Rosário (feat. F...



cozinhaocupacao9dej... e outras 2 pessoas ...  
Pastoras do Rosário - Contas do Rosário (feat. F...



cozinhaocupacao9dej... e outras 2 pessoas ...  
Cozinha ocupação 9 de julho



cozinhaocupacao9dej... e outras 2 pessoas ...  
Cozinha ocupação 9 de julho



Curtido por donajacira e outras pessoas  
cozinhaocupacao9dejulho DOMINGO ESTAREMOS EM FESTA NA OCUPA ❤️🍴ALMOÇO + comemoração da @samenina\_sm 🌱 nas painéis a potência matriarcal da @samenina\_sm e @pastorasdosrosario com um cardápio especial representando essa união!

no cardápio 🍛 Farofa de arroz acompanhada de filé de frango com tomate e manjeriçom 🍌 para os veganos 🌱 Farofa de arroz acompanhada de macarrão parafuso e legumes tostados no forno 🍄 tudo orgânico e de agroecologia!

confira a programação do dia:

\_ 12:30h Almoço com as Matriarcas das Pastorais do Rosário e Sá Menina @solmajestade @joaquimelenice @veraluciada120

\_ 13h Café com Elas convida @donajacira

\_ 15h Apresentação alunos Capoeira com @celoohenrique

\_ 16h Sarau Boi Beleza de @renatogama8 e @paulo4801 com @luziarosa.luz e @rosachoque.almir

desde 2014, a Sá Menina Plataforma de Artes, oriunda da Vila Nhocuné e co-fundada por Renato Gama, traz a história de quintais de resistência criados por afrodescendentes. Celebramos por um mês essa primeira década de re-existência, arte e transformação na Ocupação 9 de Julho @movimentomstc 🍄

as Pastorais do Rosário são oriundas do chão sagrado da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de

COZINHAOCUPACAO9DEJULHO  
Posts

desde 2014, a Sá Menina Plataforma de Artes, oriunda da Vila Nhocuné e co-fundada por Renato Gama, traz a história de quintais de resistência criados por afrodescendentes. Celebramos por um mês essa primeira década de re-existência, arte e transformação na Ocupação 9 de Julho @movimentomstc 🍄

as Pastorais do Rosário são oriundas do chão sagrado da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, um patrimônio da cultura popular e afro-brasileiro que resiste até hoje, construída pela antiga Irmandade do Rosário dos Homens Pretos.

ESPERAMOS VOCÊS! das 12:30 às 16h 🌟 entrada livre - prato R\$40 - com muito cheiro verde e feito com o temperinho especial da Cozinha:)

o @movimentomstc e a cozinha trabalham em parceria com a @casaverbo apoiando dezenas de comunidades em situação de vulnerabilidade da grande são paulo 🍄 todo domingo de almoço, centenas de quinzeins são distribuídas e também alimentam quem mais precisa por toda a cidade!

📍 Ocupação 9 de Julho MSTC  
Rua Álvaro de Carvalho, 427 - centro de São Paulo  
acesso pelos metrô Anhangabaú e República  
e terminal Bandeira de ônibus

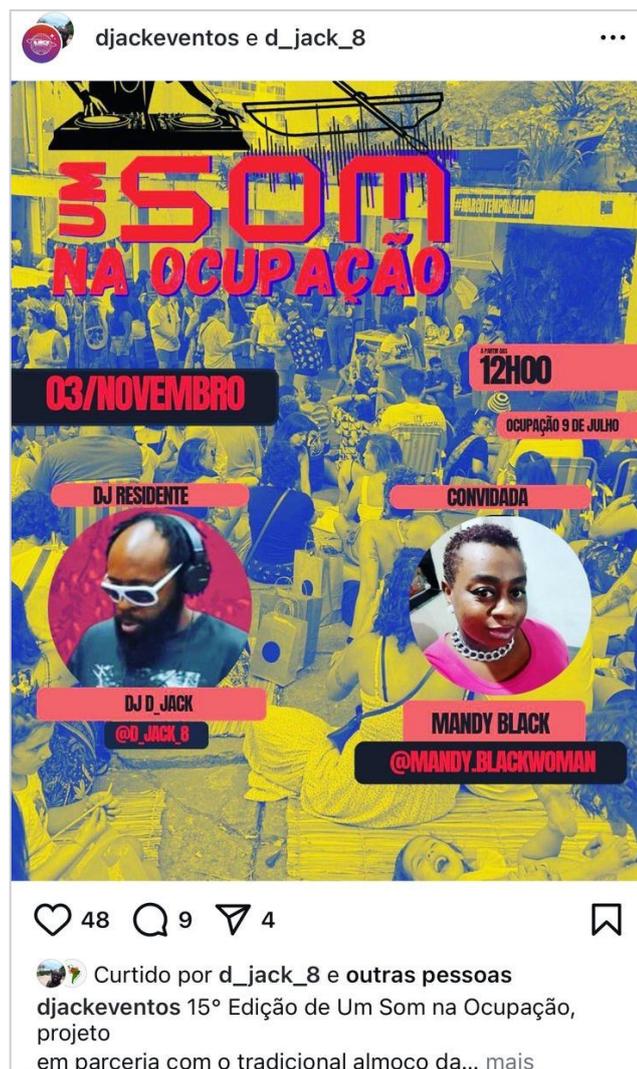
#cozinhaocupacao9dejulho #mstc #quemocupacuida #quemnaolutatamorto #carmensilva

Fonte: Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

Toda essa festa era para acontecer nesse dia que amanheceu nublado, em uma tarde de garoa fina e que prometia chuva de intensidade imprevisível, mas certamente constante, ao longo do dia.

Quando cheguei à Ocupação para o almoço, já percebi que havia sido estabelecido um fluxo incomum para os eventos, com rotas e locais diferentes daqueles habituais destinados ao público, buscando abrigar a todos da chuva. Poucas pessoas estavam na Ocupação, muito provavelmente afastadas pelo clima acinzentado. Nunca tinha visto a Ocupação, em um domingo, tão tranquila.

Não constava na programação oficial divulgada nas plataformas digitais, mas na parte externa havia sido montada uma pequena barraca de lona azul onde se acomodava o DJ Douglas Jackson, que mesmo sob o clima desafiador, tinha ali uma mesa e caixas de som, buscando uma atmosfera musical um pouco mais animadora que as trovoadas. Nesse evento de domingo, Douglas já contava 15 edições do “Um Som na Ocupação”, projeto de discotecagem quinzenal que ele desenvolvia no espaço aos domingos e que, naquele dia, ocorreu paralelamente ao evento sem uma divulgação tão expressiva nos canais oficiais da Cozinha ou do MSTC, mas que ainda assim contou com um espaço reservado no perfil pessoal do artista em plataforma social (Figura 49).



Assim que cheguei, me dirigi ao fundo do prédio, para o local dos preparos e do serviço da Cozinha, e saudei a equipe. Me prontifiquei a ajudar no que fosse necessário, como habitualmente. O meu avental da Cozinha e toucas descartáveis, sempre na bolsa, me colocam de prontidão para qualquer coisa em que eu possa ajudar. Mas naquele dia, o objetivo era observar as intervenções artísticas/culturais que aconteceriam. Com pouca adesão ao almoço por conta do baixo público, havia pouco a se fazer na cozinha e acabei por me dirigir cedo ao corredor central para observar a movimentação.

Eu seguia um rigoroso cronograma pessoal de me apresentar aos trabalhos voluntários da Cozinha em sábados alternados e, algumas vezes, optei por ampliar a experiência para vivenciar a totalidade do evento, comparecendo também no dia seguinte para poder participar tanto do pré-preparo (observando as movimentações

da organização aos sábados) quanto acompanhando o que seria o resultado de toda esta organização, é dizer, comparecendo ao evento “*almoço de domingo*” em si.

Aquele tinha sido um domingo desses, um dia em que quase todo o meu final de semana tinha sido dedicado à Ocupação. Um fim de semana em que submergi tanto no sábado quanto no domingo no trabalho de campo. E, um dia após o voluntariado no preparo das refeições, o que me chamava a atenção é que ali seria feito um encontro com escalda-pés entre os participantes, um encontro com uma proposta pouco usual que se repetia.

Neste evento em especial, um pouco tumultuado pelo clima do dia, eu tinha por foco acompanhar este encontro mediado por dona Jacira, que já tinha sido realizado em meados de setembro na Ocupação e que naquela ocasião aparecia uma vez mais como chamariz nas plataformas midiáticas do local. Achei o evento instigante e curioso, não só pela proposta em si, mas também porque nesse meu tempo de observação do campo eram muito poucas as intervenções artísticas que se repetiam... e este encontro, com esta proposta e com estas pessoas como mediadoras, se repetia em pouco tempo (e ainda viria a ser repetido em datas futuras).

Adentrei e me sentei em um canto da sala 10, local das mesas do almoço e onde as integrantes do Pastoras do Rosário almoçavam com suas famílias. Ali seria o local adaptado, protegido da chuva, onde realizariam o escalda-pés. Observei que dona Jacira tinha montada uma pequena mesa na extremidade da sala para expor seus produtos naturais, à base de ervas, para venda. Mas não tive tempo de ver o que ela tinha ali, já que a esta altura, com a montagem da roda, foi preciso desmontar a exposição de produtos para dar espaço às cadeiras que iriam acomodar as pessoas que participariam das trocas.

E aqui chegou um momento em que preciso me auto delatar. Talvez eu devesse ficar um pouco acanhada com o que vou agora confessar, mas admito que, na verdade, naquele momento eu não fazia ideia de quem era a dona Jacira.

Imersa no trabalho jurídico, nos estágios finais da graduação em nutrição e nas disciplinas e créditos do mestrado, pouco tempo me sobrava para mapeamentos anteriores às imersões em campo para conhecer previamente os agentes que se faziam presente nas festas de domingo na Ocupação. Assumo a responsabilidade de não ter dedicado tempo a estas pesquisas de preparação, mas, vendo por outro

lado, talvez eu tenha feito essa imersão no “*aqui e agora*” de forma quase que intencional, deixando-me ser levada pela experiência. Alheia aos rótulos que circundam estes agentes, me mantinha aberta ao que viesse, alerta e disponível para o que o campo apresentasse, tateando o espaço e buscando me afastar de filtros ou conceitos previamente elaborados que poderiam eventualmente direcionar ou contaminar *um pouco mais* o meu caminhar.

Com o “*um pouco mais*” me refiro ao fato de ser necessário reconhecer a minha impossibilidade de ser totalmente isenta ou de atuar como mera expectadora neutra e imparcial aos afetos daquele mundo, daquele espaço, bem como ser impossível me apartar totalmente das causas e pautas mobilizadoras dos agentes que norteiam este trabalho. Esta pesquisa sempre revelará um ponto de vista, ou melhor, o meu ponto de vista. Mas, ainda assim, de forma inquietante, a reflexividade (França, 2016) sempre se mostrou prática constante, sendo esta colocada como uma métrica, como um contrapeso para a balança durante cada exploração do espaço, cada entrevista, cada observação, cada visita, cada vivência festiva no local de pesquisa.

Pois bem. Inicialmente estava previsto um escalda-pés (que nas plataformas sociais foi chamado de escalda-pés *democrático*) no espaço externo da Ocupação, mas a chuva mudara o cronograma e as cadeiras estavam sendo distribuídas na sala do térreo (sala 10), em parte do espaço onde ficam as mesas coletivas para o consumo dos almoços. Colocadas em círculo, as cadeiras brancas plásticas estavam bem juntas umas às outras, certamente ocupando menos espaço do que originalmente imaginado na área externa. À frente de cada uma das cadeiras, uma bacia de metal e uma pequena toalha de mão anunciavam parte do ritual que se aproximava.

Na hora marcada para o início do acontecimento, nem todas as cadeiras estavam ocupadas e, buscando fechar o círculo, os que estavam presentes no almoço e que não se uniram à roda foram convidados a se juntar e participar. Eu me acomodei mais próximo ao grupo, me sentando próxima a uma das portas de saída da sala. Cadeiras preenchidas, dona Jacira toma o microfone em mãos e diz que, por conta da chuva e da possibilidade da presença de poucas pessoas, tinha pensado em cancelar aquele evento mas que, pensando melhor, teria mudado de ideia porque quem estivesse ali era porque estava predestinado a estar.

Esta frase serviu como gancho para dona Jacira iniciar uma narrativa sobre uma vida que tinha sido cheia de encontros, desencontros e incertezas. Contou sua trajetória, seus anos em que pouco recursos tinha para se alimentar e para alimentar os filhos pequenos e, muito menos, para estudar e melhorar as condições financeiras. Queria muito fazer o curso técnico de enfermagem e, passando por duros caminhos, conseguiu uma bolsa de estudos. Mas, ainda assim, não tinha recursos para alimentação e transporte. Encontrou pessoas e colegas que, a cada momento, a ajudaram e a motivaram a continuar. Formou-se no curso, conseguiu trabalhar em uma grande rede hospitalar por três anos e, se estabelecendo na função, acabou por descobrir uma grave doença renal que a impediu (e ainda a impede) de exercer a profissão. Dona Jacira, especialista no cuidar, não deixou essa frente e, fora do mercado formal, se engajou em outros caminhos e movimentos.

Ao responder pergunta para esta pesquisa, dona Jacira se apresentou mostrando toda a interseccionalidade que permeia a sua realidade, partindo da sua definição como mulher negra que é mãe, avó e filha e passando pela sua formação em desenvolvimento humano e sua atuação como multiartista, pesquisadora e contadora de estórias.

Sou uma mulher negra que se reconhece pertencente à etnia Fulani. Tenho 60 anos, sou filha, mãe, avó e filha de Yansã. Sou formada em desenvolvimento humano e como herdeira pertencente deste patriarcado, estou sempre em busca de melhoria de reparação histórica e políticas públicas. (...) Sou multiartista, formada nos quintais da minha vila. Pesquisadora por conta própria. Planto, cuido, colho, preparo extrato com as minhas plantas, faço tintura e chás. Sobre tudo o que eu conheço, conto estórias com oralidades. Ocupo todos os espaços onde me for possível estar para contribuir com a minha verdade.<sup>101</sup>

Finalizada a sua apresentação, dona Jacira deixa o microfone para iniciar a experiência do escalda-pés com a ajuda de colaboradores, mostrando e falando das ervas e dos extratos que havia selecionado para serem adicionados à água morna. A água e os preparados foram colocados nas bacias metálicas no chão pouco a pouco, sendo os participantes (homens e mulheres) incentivados a colocar ali seus pés e, antes de colocar o extrato de ervas na água, era permitido que cada um sentisse seu cheiro diretamente do frasco.

---

<sup>101</sup> Entrevista concedido por Dona Jacira para esta pesquisa em 12/12/2024, de forma escrita, enviada com o cabeçalho “*Para dissertação de mestrado de Allen Margarita*”.

O ar úmido do dia chuvoso e o vapor da água morna das bacias transportava o aroma e o espalhava para além da sala. Inseridos os pés na bacia de água morna e ervas, chegava o momento de se iniciar a massagem dos pés com a mistura aromática. Cada um tocava e massageava seus próprios pés quando dona Jacira iniciou cantorias em voz alta para complementar o momento, sendo seguida por todos da sala, em coro.

Acontece que aquele encontro-ritual não tinha sido pensado apenas como um encontro para autocuidado. A proposta incluía comunhão, partilha, um cuidar de si e um cuidar do outro. Em determinado momento, os participantes foram instruídos a posicionar seus pés de forma a haver um entrelaçamento, o que permitia que um dos pés da pessoa que estava à sua direita (e, depois, de quem estivesse à sua esquerda) fossem massageados. Se praticava uma troca, um massagear os pés do outro que estivesse ao seu lado (Figuras 50 a 52).

**Figura 50, 51 e 52** - Fotografias do escalda-pés “democrático” promovido por dona Jacira no domingo, 03/11/2024, na Ocupação 9 de Julho.



**Fonte:** A autora, 2024.

O cantar em coro se manteve ao longo de toda a experiência. Quando o repertório musical já estava escasso e a memória das mediadoras falhou sobre novos títulos, os participantes passaram a sugerir suas músicas para serem cantadas pela roda. Dos sons marcantes que pude reconhecer, registrei um cantarolar suave de trechos das músicas “*Se essa rua fosse minha*” (cantiga popular), “*Marinheiro só*” (imortalizada na voz de Clementina de Jesus) e “*Banho de folhas*” (Luedji Luna), melodias que completavam o ambiente, assim como os sorrisos largos dos participantes.

A experiência era convidativa, aromática, simples, cuidadosa e potente. Um afago em um dia escuro chuvoso de novembro, um dia que dizia que talvez não fosse para as coisas darem certo. Mas deram. E foi encantador. Observando tudo, ao final pedi licença e abracei dona Jacira, agradecendo a generosidade da troca e por ter me permitido viver (ainda que como expectadora) essa experiência conduzida de forma tão delicada. Ver tanta sensibilidade partilhada me motivou a

convidar dona Jacira para falar um pouco para esta pesquisa. Busquei dona Jacira nas redes sociais da Cozinha Ocupação 9 de Julho, pois sua página pessoal (a sua arroba “@”) constava na programação do evento.

Ao acessar a plataforma e a descrição da página, notei que o contato com dona Jacira não era tão simples assim. A sua página, um perfil profissional, não me permitia enviar mensagens sem uma aprovação prévia do destinatário, mensagens estas que entram em uma aba paralela e que muitas vezes acabam não sendo vistas. Decidi enviar uma mensagem para o e-mail que aparecia no perfil, vinculado a uma empresa chamada “*Laboratório Fantasma*” (@lab\_fantasma). Na mensagem, contei como tinha sido rico para mim observar o evento, falando de minha pesquisa e da minha intenção de convidar a dona Jacira para uma entrevista para este trabalho.

Acho que tinham se passado duas semanas sem resposta a esta mensagem de e-mail quando, por um acaso, conversava com uma colega do estágio em nutrição hospitalar sobre o mestrado e sobre a Ocupação 9 de Julho. Ela comentou que sua “*tia*” (na verdade a mãe da esposa do primo) frequentava o local com certa assiduidade. Eu comentei sobre o evento do escalda-pés que tinha visto e ela replicou: “*é minha tia*”. E que mundo pequeno! Comentei que tinha feito um convite por e-mail para ela participar da pesquisa, como entrevistada, mas que não havia obtido resposta.

Pensando em não criar constrangimentos, eu não costumava insistir com os convidados se estes não me respondessem aos primeiros contatos. Mas esta minha colega me incentivou a insistir, certa de que dona Jacira iria gostar muito de participar. E mais, ainda se prontificou a, no caso de não ter resposta ao e-mail, conversar diretamente com dona Jacira, auxiliando na aproximação.

Foi somente ali, conversando sobre e ouvindo um pouco mais sobre a história da família, que eu soube quem realmente era dona Jacira: mais que uma potência na promoção do sensível, dona Jacira é figura pública, escritora, com um *podcast* só seu, amplamente envolvida com a área artística, pessoa que já concedeu entrevistas a diversos programas televisivos e que, além de tudo, é mãe de quatro filhos, dois deles, também artistas: o Leandro e o Evandro (o rapper Emicida e o produtor Fióti).

Tendo minha motivação renovada por esse encontro ao acaso, retomei o contato e enviei nova mensagem por e-mail e pelas redes sociais tanto de dona

Jacira quanto do Laboratório Fantasma, sinalizando que havia enviado uma mensagem com um convite alguns dias antes. E, desta vez, obtive resposta da assessoria de imprensa da convidada à entrevista.

Já era a última semana do mês de novembro de 2024, entrávamos na agitação das festas e das férias de fim de ano. Dona Jacira tinha manifestado seu interesse em participar, mas não poderia fazer a entrevista de forma síncrona pois os compromissos de fim de ano que tinha em agenda eram incontáveis, mas ainda assim achou que deveria participar deste trabalho. Pensando em alternativas, sugeri o envio das perguntas escritas para que as respostas fossem devolvidas em áudio ou, se o caso, também de forma escrita. Embora preferisse as nuances e riquezas do audiovisual, entendia que o importante naquele momento era o relato, independente da forma. E este relato veio, por e-mail, em 12/12/2024.

Nele, dona Jacira trouxe com suas palavras como surgiu esta ideia do escalda-pés, ritual que teria vindo de uma intuição e de uma intenção de ajudar na campanha política da amiga Carmen Silva. Também fez menção à sua percepção de que o evento, renovado e reiterado na Ocupação, teria se convertido em algo marcante.

A ideia surgiu por uma intuição que eu tive. Queria muito participar ajudando na campanha da Carmen e a forma que eu achei mais viável foi oferecendo a vivência coletiva e mediante a venda do kit que uso pra fazer o escalda pés. **Foi uma das rodas mais potentes que já organizei.** (...) Descrevo como **algo que eu achava impossível de acontecer.** Tive que dar a cara pra bater. Pensei *“como assim eu vou convidar as pessoas para interagir com outras, assim do nada”*. E eu queria falar sobre um fato muito importante. **A gente cuida de todo mundo e depois não consegue aceitar ser cuidado. Como mulher preta, sei como é, nosso cuidado de beleza é trabalhar e pagar conta a vida toda. Parto da observação que fiz com minha mãe, que ficou doente e foi difícil convencer ela de se deixar ser cuidada. Depois eu adoeci e me percebi assim também. Porque se vivemos cuidando de todo mundo a vida toda, precisamos discutir esta questão sobre nós entre nós.** E nada melhor e mais gratificante do que fazê-lo através da **troca de afeto entre nossos iguais.**<sup>102</sup> (destaques nossos)

Na narrativa da entrevistada, percebe-se uma disposição em colaborar com uma projeção da liderança do Movimento, ao mesmo tempo que buscava potencializar ações de interação e cuidado entre os participantes do encontro através de uma atividade construída para ser uma experiência vivida coletivamente. Corporificava-se não apenas uma ideia de um processo de cuidar e de ser cuidado,

---

<sup>102</sup> Entrevista concedido por Dona Jacira para esta pesquisa em 12/12/2024.

mas também se potencializava o estabelecimento de conexões sensíveis entre os agentes que participaram, onde os corpos conjuntamente escreviam a história daquele dia no espaço compartilhado da Ocupação.

O cantar conjunto, o quentinho da água nos pés e os aromas contribuíam para uma ambiência leve, repleta de sorrisos e espontaneidade, e onde só estava quem estava predestinado a estar, como sugeriu dona Jacira em algum momento durante a experiência, já que no dia poucas pessoas compareceram à festa de domingo da Ocupação.

Esta cerimônia se repetiu na Ocupação no domingo 09 de fevereiro de 2025, sob a proposta de olhar e cuidar dos pés (e aqui também das mãos) para prevenção de males diversos e como uma forma de “*esperançar*”<sup>103</sup>. Mas a ideia tomou asas e foi além do território, sendo replicada no SESC Interlagos no dia 08 de março de 2025 (Dia Internacional da Mulher), com um convite na plataforma social de dona Jacira que dizia “*permita-se*” e que convocava a quem comparecesse a levar “*seus pensamentos mais lindos*”<sup>104</sup>: uma expansão territorial de uma ideia construída e lapidada inicialmente para o território da Ocupação 9 de Julho.

Este encontro atravessou o campo desta pesquisa e indicou a presença de uma rede complexa de associações rizomáticas que permite que encontros como estes - onde há uma interação sensível entre desconhecidos - aconteçam. Identificamos aqui práticas onde o habitar o espaço não se vê limitado a um morar que apenas ocupa um espaço vazio, mas articula-se com incontáveis interações profundas e contínuas entre o ambiente, entre as pessoas que ali circulam, entre seus desejos e identidades.

#### **4º DH FEST – Festival de Cultura em Direitos Humanos (15/12/2024)**

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o número de pessoas presentes ali, naquele domingo. Tinha muita gente. Eu nunca tinha visto o espaço

---

<sup>103</sup> Fotos do evento de fevereiro foram divulgadas nas redes da Cozinha Ocupação 9 de Julho e podem ser acessadas nos links a seguir: [https://www.instagram.com/p/DF3E6B4P6kv/?img\\_index=1&igsh=MWpyaXcxcWlvNHR6bQ==](https://www.instagram.com/p/DF3E6B4P6kv/?img_index=1&igsh=MWpyaXcxcWlvNHR6bQ==) e [https://www.instagram.com/p/DF-jmQautUC/?img\\_index=6&igsh=MTI4cXBiZ3hta2o4aQ==](https://www.instagram.com/p/DF-jmQautUC/?img_index=6&igsh=MTI4cXBiZ3hta2o4aQ==).

<sup>104</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DG3WJqavSjh/?igsh=MTVmMWZiNXRzd2psdg==>. Acesso em: 07 mar.2025.

tão cheio desde que o conheci. E, a cada minuto, entravam mais e mais pessoas pelo portão.

Sobre a mesa, no local de autorização de entrada, estava disponível o programa do evento (Figuras 53 e 54) e a organização havia definido que, para acessar o espaço, era preciso apresentar um ingresso adquirido previamente ou ali na porta mesmo, de forma gratuita, por meio da plataforma Sympla<sup>105</sup>. Era uma forma de controlar os acessos, ter uma noção do tamanho do público e de ter dados mínimos dos frequentadores.

Era fim de dezembro e um domingo quente que prometia uma grande festa. Fui à Ocupação por volta da uma da tarde para almoçar e para acompanhar algo do evento, mas almoçar se mostrou algo impossível no horário, especialmente porque a fila para comprar os *vouchers* para o almoço e bebidas dava voltas e quase saía da área da Ocupação. Ouvia comentários de que alguns desistiam da fila e de comprar algo ali e planejavam comprar algo de comer e beber do lado de fora, nos minimercados e lojas de conveniência próximos, combinando de trazer estes alimentos para consumo do lado de dentro, enquanto assistiam ao evento.

Na parte de cima, nas quadras e área aberta da Ocupação, estava o espaço reservada à alimentação. Na parte de baixo do prédio, onde funciona o estacionamento, a estrutura do trio elétrico para o festival já estava montada e começava a reunir os visitantes. O aglomerado de pessoas, em fila indiana, subindo e descendo as escadas construídas (pelos ocupantes) em zigue-zague, permitiam ao público ter acesso direto à parte inferior da construção sem ter que dar a volta ao prédio pelas ruas. No subir e descer ritmado dos degraus, seguindo um constante número de pessoas, ironicamente me lembrei do meu papel de pesquisadora inspirada por Latour<sup>106</sup>, comparável a uma formiga que acompanha e observa o grupo, que explora e mapeia o ambiente.

---

<sup>105</sup> Sympla é uma plataforma de gestão de eventos disponível a todos pela internet. Normalmente, para acessar o espaço da ocupação aos domingos o controle do público se faz por um *QRCode* que direciona para um formulário do Google, com preenchimento de dados básicos. Nesse dia, a plataforma usada foi a Sympla.

<sup>106</sup> Bruno Latour, em seu livro *Reagregando o Social* (2012) se refere ao pesquisador como sendo um agente que circula, coleta informações, conecta dados, acompanha agentes e traça redes de relações, o que levou a se pensar em analogias que comparam os pesquisadores a formigas, sendo comumente usado o termo pesquisador-formiga.

Figuras 53 e 54 - Flyer de divulgação disponibilizado durante 4º Festival de Cultura em Direitos Humanos na Ocupação 9 de Julho (15/12/2024), 2024.



**10 DE DEZEMBRO (ABERTURA)**  
Sesc Vila Mariana (Auditório)  
**COQUETEL** 49h  
**MALES** 20h (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - Direção: Adriano Pflanga

**12 DE DEZEMBRO**  
Centro Cultural São Paulo  
**A ÚLTIMA FLORESTA** 45h30 (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - Direção: Lúcia Bolognesi  
**A QUEDA DO CÉU** 40h30 (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - Direção: Lúcia Bolognesi, Carolina Carneiro da Cunha  
**DEFENDER OS SONHOS** 20h30 (debate) (grátis)  
12h30 - 14h30 - Direção: Lúcia Bolognesi

**13 DE DEZEMBRO**  
Nave Coletiva  
**BABY** 45h30 (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - Direção: Lúcia Bolognesi

**14 DE DEZEMBRO**  
Cine Olído  
**SESSÃO ESPECIAL CURTAS-METRAGENS E DIREITOS HUMANOS** 44h00 (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - 14h30 - 16h30 - 18h30 - 20h30 - 22h30 - Direção: João Jardim  
"Fluxo" (14 min, 2023)  
"A Fumacê e o Diamante" (16 min, 2023)  
"Utopia Muda" (10 min, 2023)  
"Meu Amigo Pedro MIXTAPE" (9 min, 2023)  
"O Nome da Vida" (13 min, 2023)

**15 DE DEZEMBRO (ENCERRAMENTO)**  
Ocupação 9 de Julho  
**ALMOÇO** 12h00  
Programação Musical  
**BLOCO FILHOS DE GIL** 45h00  
**KJ JAY** 17h00  
**BLOCO RITALEENA** 49h00  
Entrada totalmente gratuita mediante emissão de ingresso para controle de lotação.  
Haverá ponto de arrecadação de alimentos não perecíveis e roupas!

**11 DE DEZEMBRO**  
Cinemateca Brasileira  
**CORPO EM DELITO** 45h30 (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - Direção: Nairi Cesar Abreu

**13 DE DEZEMBRO**  
Centro MariAntonia  
**MEMÓRIAS ENCONTRADAS** 47h00 (exposição) (grátis)  
10h30 - 18h30 - Direção: Lúcia Bolognesi  
**HEROÍNAS DESSA HISTÓRIA** 45h30 (debate) (grátis)  
12h30 - 14h30 - Direção: Lúcia Bolognesi

**14 DE DEZEMBRO**  
Espaço Augusta de Cinema  
**AS POLACAS** 14h00 (cinema) (grátis)  
Brasil - RJ, 2023, 124 min - João Jardim

**14 DE DEZEMBRO**  
Cine Olído  
**OS AFRO-SAMBAS, O BRASIL DE BADEN EVINICIUS** 45h00 (cinema) (grátis)  
08h30 - 12h30 - Direção: Emílio Domingues  
**MOVER AS PALAVRAS-FLECHA** 17h30 (debate) (grátis)  
com Thiago Enfo, Gisa Fio e mediação de Mat Duarte

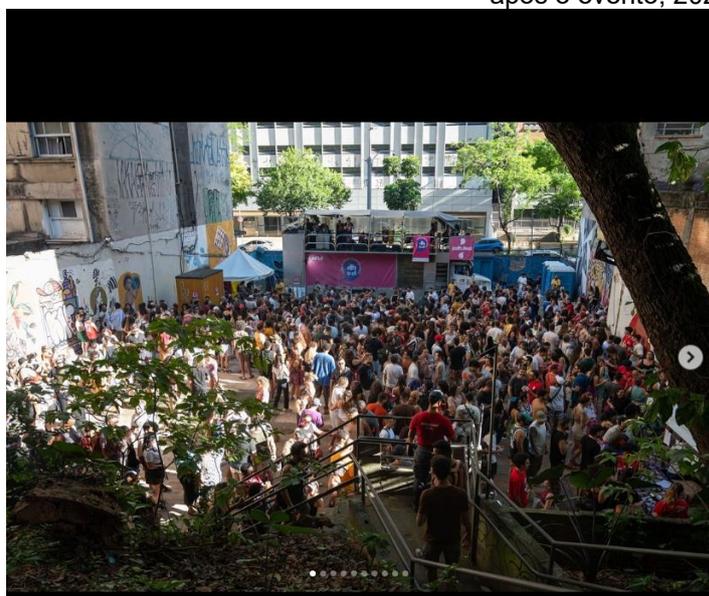
**PROGRAMAÇÃO ONLINE**  
10 a 22 de dezembro de 2024 (grátis)  
**Bença** (9 min, 2023) - direção: Mano Caspary  
**Calçaria Futurista** (10 min, 2024) - direção: Debora Bergamini  
**Engole o Choro** (12 min, 2023) - direção: Fabiano Roque  
**Expresso Parador** (10 min, 2023) - direção: Jf Santos  
**Lagrimas** (10 min, 2024) - direção: Paulo Viana  
**Nosso Planeta Seria Assim** (10 min, 2024) - direção: Leandro Olimpio  
**O Silêncio Elementar** (10 min, 2024) - direção: Melissa da Mota  
**Pequenas Insurreições** (13 min, 2023) - direção: Wilson de Oliveira

Fonte: Ocupação 9 de Julho, 2024.

Ali, no subir e descer as escadas que interligam a quadra ao estacionamento, os seguranças contratados para o evento, de prontidão, tinham como regra não deixar ninguém se acomodar ou parar nos degraus, regra regularmente quebrada pelo fato do local ter vista privilegiada do alto, frente ao show. Alegavam-se questões de segurança para impor que não houvesse ninguém parado no trajeto do subir e

descer, estabelecendo aquele espaço apenas como um local contínuo de passagem (Figuras 55 e 56).

**Figuras 55 e 56** - Imagens do 4º Festival de Cultura em Direitos Humanos na Ocupação 9 de Julho, após o evento, 2024.



cozinhaocupacao9dejulho e outros 4  
Cozinha ocupação 9 de julho

cozinhaocupacao9dejulho mais um pouquinho do nosso último almoço de domingo do ano 🍷🍷 com almoço por Schusky @ademarludwig e @raulfiuza

@cineocupa\_9dejulho com 'Você está no caminho certo' @voceestanonocaminhocerto @marrcorrea

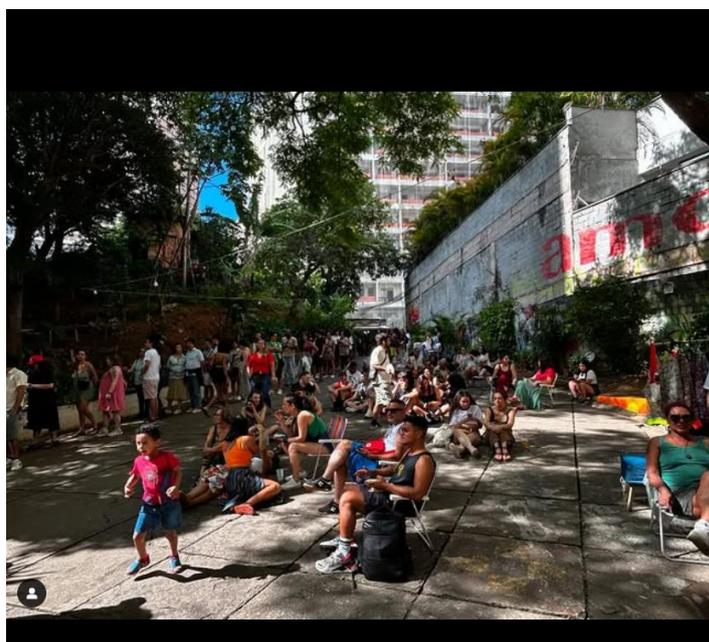
@dh.fest com Bloco Filhos de Gil @filhosdegil, KL Jay @kljaydeejay e Bloco Ritaleena @bloco\_ritaleena

🌟 VOLTAMOS EM FEVEREIRO 🌟 bom final de ano de luta e alegrias! nos vemos em 2025 🌱

9 sem Ver tradução

marrcorrea ❤️  
9 sem 1 curtida Responder

📍 🗨️ 📌



cozinhaocupacao9dejulho e lutecomoquemcuida  
Cozinha ocupação 9 de julho

cozinhaocupacao9dejulho ÚLTIMO ALMOÇO DO ANO 🍷  
❤️ NESSE DOMINGO churrasco especial de união @movimentosemterra e @movimentostmc com Schusky @ademarludwig e @raulfiuza

no cardápio 🍷 CHURRASCO do Schusky 🍷 Tulipa de frango, linguiça e fraldinha acompanhado de vinagre, farofa e arroz 🍷 para os veganos 🌱 CAPONATA de berinjela e abobrinha acompanhada de salada de batata, vinagre, farofa e arroz 🍷 orgânico e de agroecologia!

E TEM MUITA MÚSICA AO AR LIVRE COM O 4º DH FEST @dh.fest 🍷🍷 confira a programação do dia:

12:30h - início do serviço de almoço  
15h - Bloco Filhos de Gil @filhosdegil  
17h - KL Jay @kljaydeejay  
19h - Bloco Ritaleena @bloco\_ritaleena  
21h - encerramento

Na sua quarta edição, o DH Fest - Festival de Cultura em Direitos Humanos apresenta uma programação especial em 15 de dezembro, domingo, com um dia inteiro dedicado à música e à solidariedade na Ocupação 9 de Julho, na região central da cidade de São Paulo.

📍 🗨️ 📌

👤 Curtido por raulfiuza e outras 267 pessoas  
15 de dezembro de 2024

**Fonte:** Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.

Diante desse vaivém de público entre os espaços superior e inferior, interno e externo, decidi focar em um espaço e fiquei na parte superior, uma área que estava um pouco mais tranquila e que era mais familiar para mim. Adentrando no prédio, olhei a sala multiuso (a também chamada sala 10), onde as mesas coletivas

estavam preenchidas por pessoas que almoçavam, enquanto outras chegavam com seus pratos cheios, buscando espaços vazios (e inexistentes) para se sentar.

Vi que, na ponta da sala, ao lado da tela de projeção que já estava montada, Edouard Fraipont - naquele momento sozinho na tarefa - ajustava caixas de som e tentava desenrolar uma montanha de fios elétricos emaranhados, aparentemente guardados às pressas em outro momento festivo. Buscava extensões e um cabo específico para uma das caixas. Me prontifiquei a ajudar, desembaracei alguns fios, encontrei algo, e outros da equipe da Ocupação apareceram para ajudar a finalizar a tarefa.

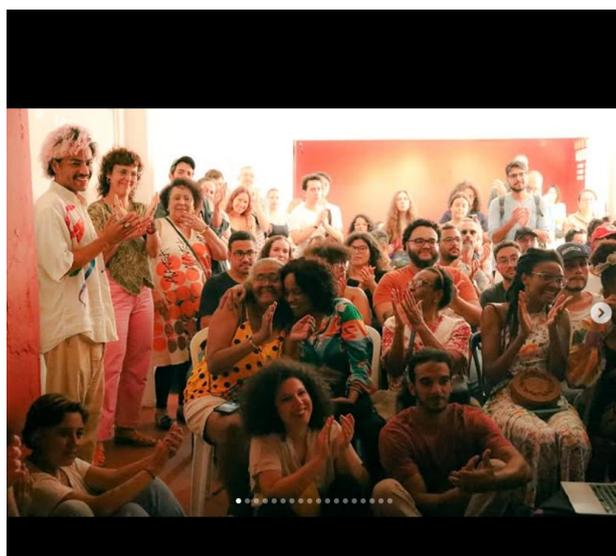
Estavam montando nessa sala um espaço onde, em poucos minutos, ocorreria a pré-estreia de um curta-metragem pelo Cine Ocupa (projeto de cinema da Ocupação 9 de Julho), com a presença do diretor do filme e elenco. As cadeiras plásticas brancas estavam sendo distribuídas em fileiras em uma parte da sala, sem que outras pessoas deixassem de usar o restante do espaço para o almoço nas mesas coletivas. Em certo ponto, viu-se que o grupo interessado em assistir ao filme se apresentava maior do que o espaço disponibilizado e optou-se por desmontar uma das mesas coletivas do almoço para dar mais espaço a este evento e aos seus espectadores.

*“Você está no caminho certo”*<sup>107</sup> é um filme de ficção-documental inspirado no livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e que conta um pouco da história da sua vida, bem como reúne depoimentos audiovisuais de netas da escritora (Figura 57).

---

<sup>107</sup> O filme possui sua própria página de divulgação na plataforma Instagram: <https://www.instagram.com/voceestanocaminhocerto/>. Apesar das pesquisas, não foi possível localizar uma descrição detalhada do filme, com ano de produção e tempo de duração. A única descrição localizada, no Instagram, descreve o curta como: *“Você está no caminho certo é um filme realizado pelo fomento do edital No 29/2023 de apoio audiovisual/ produção e lançamento de curta no Estado de São Paulo, do Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas e do Programa de Ação Cultural – ProAC.”*. Acesso em 10 mar.2025.

Figuras 57, 58, 59 e 60 - Imagens de divulgação e da exibição da pré-estreia do curta “Você está no caminho certo”, no Cine Ocupa da Ocupação 9 de Julho (15/12/2024), 2024.



Fontes: Figura 57: Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024; Figura 58: Instagram de Você está no caminho certo, 2024; Figuras 59 e 60: A autora, 2024.

Pelos poucos lugares disponíveis, enquanto alguns sentaram-se no chão à frente da tela, juntei-me a outro grupo e fiquei em pé em um lugar ao fundo, que me

permitia uma boa visualização do espaço e do curta a ser exibido. O filme, com menos de 20 minutos, emocionou a muitos ao trazer em destaque trechos do livro de Carolina, em letra cursiva, na tela. Estes trechos eram lidos e trazidos a um tempo atual ao serem comparados à vida da personagem principal, uma jovem mulher negra interpretada por Beta Ferreira (@\_betaferreira) e que dialogava com Carolina através de seus escritos (Figuras 58 e 59).

Finalizada a sessão, o diretor, produtor e roteirista Marcos Correia (@marrcorrea) tomou a palavra para apresentar o trabalho, o elenco, falar um pouco sobre a trajetória da elaboração do filme e agradecer aos espectadores e apoiadores (Figura 60). Com o início de uma sessão de fotos do grupo, as estruturas começavam a ser desmontadas e cadeiras passaram a ser guardadas, buscando dar novamente lugar para as mesas coletivas do almoço, que ainda eram requisitadas, apesar de já passar das 15h.

Ao sair da sala, notei que o local estava ainda mais cheio do que quando eu cheguei. As bandas iniciavam os testes de equipamentos de som para começar a tocar em breve. Voltei à sala 10 que, por suas janelas, permitia uma boa vista superior do espaço do estacionamento. Dali do alto acompanhei, à distância, a condução de eventos simultâneos ao longo dos espaços, ao mesmo tempo em que se podia ver o fluxo de chegada de novas pessoas para o preenchimento quase que total daquele local do estacionamento para a realização dos shows previstos para o dia.

A interação aqui ganhou outras nuances e proporções - diferente do encontro com aura intimista vivenciado junto a dona Jacira - e notava-se que naquele dia havia duas diferentes propostas se apresentando aos frequentadores da Ocupação. O público externo que motivava sua presença nos eventos musicais do dia (blocos musicais e apresentação de DJ) em geral comparecia em duplas ou em pequenos grupos, experimentando o espaço não sob um viés a(r)tivista, mas com foco em formas outras de festejar e de vivenciar aquele território de entretenimento alternativo da cidade.

Já no evento paralelo, onde se dava a exibição do curta *“Você está no caminho certo”*, viam-se rostos familiares, de um público mais assíduo e que já conhecia a Ocupação de outros momentos. Ali percebia-se um intento de recuperar e/ou restabelecer um senso do estar junto, um (re)existir e resistir na cidade e de

compartilhar a vida urbana, talvez pela grande presença na sala de exibição de parte do elenco do curta-metragem e de outros agentes vinculados com a produtora Sá Menina, com as Pastoras do Rosário e com o MSTC, todos atores que se aliam nos diálogos que reivindicam uma cidade para todos.

Apesar da existência de “*eventos dentro do evento*”, apenas separados pelas paredes e pela distribuição do espaço físico da Ocupação, as interações e a comunicabilidade naquele espaço urbano estavam presentes em todos os locais onde era possível ao público alcançar. A linguagem e as expressões comunicacionais não se davam somente com palavras, mas também pelos corpos e através dos corpos, que transmitiam significados e que, ali, naquele momento, transcreviam sua própria vivência no território.

Também interessante registrar que, a exemplo desta vivência, a produção de eventos na Ocupação 9 de Julho pelo MSTC, em muitas oportunidades, não se apresenta como iniciativa e organização somente do movimento social em conjunto com parceiros ou com outros núcleos ativistas com interesses comuns. A capilaridade dos tentáculos da rede de alianças construída pelo MSTC desafia, avança e vai mais além, gerando entrelaçamentos que fazem emergir lógicas contraditórias e conflitivas, que produzem fissuras e entrelugares onde os conflitos podem ser colocados em uma aparente suspensão: um oásis temporário e conveniente onde o poder público e o MSTC podem dar as mãos para acolher um interesse comum, no caso, a produção festiva na zona central da cidade.

O DHFest é um destes eventos, onde o apoio de entes como a Prefeitura de São Paulo, da Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa e o patrocínio do banco Caixa demonstram que mais além da festa, já na idealização, organização e concretização do evento forjam-se alianças entre o movimento social, instituições privadas, instituições públicas e instituições do terceiro setor para uma produção cultural dirigida a todos sem distinção, sendo colocado em segundo plano o fato do território ser um espaço atravessado por controvérsias, ruídos e dissensos.

Na prática, vê-se um local ocupado por integrantes de um movimento social que reivindica o viver no centro, onde se reside precariamente e onde se faz uso de instalações provisórias de serviços como água e energia. Ao mesmo tempo, apesar da precariedade da habitação no local, ali o poder público e parte do entorno deixa temporariamente de resistir à presença do grupo no espaço e, em parcerias

inusitadas, tanto o Estado quanto o movimento social se beneficiam: o poder público faz uso do espaço, da expertise de produção cultural e da mão de obra do MSTC para suprir uma significativa demanda de entretenimento daqueles que frequentam/residem na região central da cidade; o MSTC, por sua vez, gradualmente estabelece a imagem da Ocupação 9 de Julho como local gastronômico e de produção de cultura, fomentando uma economia criativa no território e viabilizando o recebimento de recursos que permitem manter suas frentes de luta e que geram renda para os integrantes do Movimento que trabalharam para uma festividade bem sucedida.

Os “*dias de festa*”, em contraposição ao “*dia de festa*” parecem ter permitido essa maior entrância do Movimento em esferas antes não atingidas e, ao mesmo tempo, fomentam e sedimentam esta imagem pública cultural, leve e positiva do Movimento e dos seus integrantes, percepção esta que foi e ainda vem sendo cuidadosamente construída, assim como já tratado neste trabalho. Ademais, aqui se vê um processo de transformação onde o MSTC atua como coprodutor do espaço urbano no intento de garantir um direito amplo à cidade, o que faz através do uso dos meios disponíveis para intermediar relações nas mais diferentes esferas, ao mesmo tempo que joga um jogo para atrair a atenção, para ter um maior reconhecimento e aprovação da sociedade e para permanecer neste jogo de sociabilidade estabelecido dentro do território.

Dessa forma, nesse segundo capítulo fizemos um breve passeio pelos “*dias de festa*”, apresentando e analisando experiências do campo de pesquisa que apontam mudanças estratégicas nas ações do MSTC, que deixou de ocupar forçosamente novos imóveis como forma de pressão política e passou a se utilizar da produção cultural, artística, ativista e da culinária para afetar visões de mundo e para ampliar a capilaridade das suas pautas e reivindicações. Tal decisão do Movimento incluiu investidas que estimulam o consumo político e ativista do e no espaço da Ocupação, bem como resultaram em perceptíveis reposicionamentos da imagem do Movimento e dos seus integrantes tanto nas redes quanto nas ruas, favorecendo uma expansão das conexões estratégias com os mais diversos atores.

Estas conexões e interações em rede que se vem impulsionadas pelos eventos organizados pelo MSTC na Ocupação 9 de Julho ganham visibilidade em um espaço no qual se constrói uma ambiência também estrategicamente pensada,

elaborada a partir de lógicas do ocupar que vão além do somente estar em um território, o que provoca e estimula os imaginários dos visitantes, assim como se verá no próximo capítulo deste trabalho.

### **CAPÍTULO 3: “LUTE COMO QUEM CUIDA”:** comunicação, redes e ambiências em um território tentacular

Estudiar la ciudad desde la comunicación, las formas de vida, las apropiaciones territoriales de signos diversos, las representaciones y la significación, los “consumos” culturales, la presencia de los medios, la irrupción de la ciudadanía, no es tarea sencilla, se impone una reflexión sobre cómo han sido pensados estos objetos y cómo han sido construidos; trabajar con rigor y sistematicidad - tenazmente -, atreverse a salir de los compartimientos estancos, de la univocidad de los marcos conceptuales. Es necesario afinar la escucha, dejarse interpelar por las cambiantes realidades. Y para hacer remontar el proyecto de una sociabilidad, de un nosotros de cuño diferente, hace falta emoción y atrevimiento, para sortear los vientos en contra y las inevitables caídas. Hay mucho trabajo por delante y un “campo cargado de futuro”. (Reguillo, 1995, p. 132).

O questionamento de como o tema “*comunicação*” entraria em um trabalho que possui como centralidade uma cozinha coletiva em uma ocupação urbana me foi feito diversas vezes ao longo da pós-graduação e do desenvolvimento desta pesquisa. Embora seja inquestionável que a comunicação (e a cultura midiática), de alguma forma, permeia todo o nosso existir, no início não era fácil responder à pergunta corriqueira feita pelos meus pares da área da Comunicação, especialmente pelo fato de que, não sendo originalmente desta área, eu ainda não possuía um acervo teórico que me permitisse elaborar respostas diretas e pontuais sobre o tema.

Foi no caminhar do trabalho que me foi possível a apropriação e o amadurecimento de um punhado de novos conceitos vinculados à disciplina comunicacional e, a cada nova descoberta, me via ampliando minha bagagem, incorporando novas noções vinculadas a esta área de estudo. Aos poucos, o repertório foi sendo ampliado e, inevitavelmente, a área da Comunicação passou a conquistar a sua centralidade no decorrer desta pesquisa.

Indo além, mais do que de *Comunicação* de forma ampla, este trabalho aborda especificidades e enfoca o subcampo da *comunicação urbana* ao perseguir um método empírico que trata de cidades e mobilizações em torno de temas sobre habitação e de como a(r)tivismos e o cozinhar podem servir como potentes ferramentas comunicacionais nas urbes quando, por meio de experiências festivas, outras lógicas de uso e de habitação dos espaços é exercitada, de modo a ampliar redes, conexões e a capilaridade de pautas políticas que vão muito além do simples viver na cidade.

Apresentando experiências que podem contribuir com os debates de toda uma multiplicidade de áreas correlacionadas, este capítulo pretende discutir sobre redes de interações e as práticas de ativismo observadas nesses grupos que se

entrelaçam na Ocupação 9 de Julho, bem como de que forma estas noções têm sido utilizadas como ferramentas a serviço da elaboração de sentidos de comunicação urbana.

Trazendo o olhar dos entrevistados por esta pesquisa sobre estes tópicos, falamos sobre estas teias tentaculares que se articulam em rede percebidas no espaço da Ocupação 9 de Julho, olhando-as sob um recorte que privilegia os eventos de domingo no território. Também abordamos como esta rede se articula para uma construção estética desse espaço festivo da Ocupação, enfatizando as materializações artísticas presentes no espaço físico (representações em murais, painéis, paredes, instalações artísticas), compartilhando registros orais sobre a criação desta estética sensível coletada através de conversas informais, entrevistas e, eventualmente, pelo que consta nas plataformas digitais do Movimento e da Cozinha Ocupação 9 de Julho.

### **3.1 Comunicação Urbana: Um operador conceitual e analítico da pesquisa**

O termo *comunicação urbana* parece simples e autoexplicativo quando tratado sem muito apego à rigidez acadêmica. No entanto, na simplicidade desta noção reside uma complexidade que demandou (e talvez ainda demande) uma certa abstração que venho talhando ao longo dos últimos anos. Antes do engajamento formal como mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, entre encontros remotos e presenciais iniciados em tempos pandêmicos, já haviam quase se passado dois anos com minha assídua presença como ouvinte nas aulas das disciplinas do programa, em grupos de trabalho, congressos e rodas científicas, entre outros, um “*tempo de voo*” que me permitiu melhor compreender as lógicas da Academia e me aproximar dessa estruturada expressão que é a “*comunicação urbana*”.

Paulatinamente, capturando ideias e percepções em debates acadêmicos conduzidos durante as aulas, as noções começaram a ser incorporadas e mais fazia sentido a reflexão de Canevacci (2004, p.81) de que “*a comunicação urbana me possui antes mesmo que eu a possuía teoricamente*”.

Ao olhar o fator “*urbano*” desta categoria de comunicação, percebe-se que a cidade emite sinais e que, para ser habitada e vivida, tem que se saber interpretar os

ícones, os sinais e os símbolos que existem nas gramáticas que a compõe, elementos estes que permitem pensar a cidade como um emaranhado de tensões socioculturais que, por sua vez, podem ser compreendidos como objetos comunicacionais (Moreno e Mélen-dez-Labrador, 2017).

Reguillo (1995), ao articular reflexões sobre o pensar a cidade a partir da comunicação, apontou que a comunicação não pode ser vista como instrumento neutro para dar forma a algo que já existe, mas sim entendida como uma dimensão que constitui o social. Este pensar a cidade de forma comunicativa demandaria dos pesquisadores, nas palavras de Reguillo, a realização de um recorte com a proposta de observar as mudanças e transformações da cidade (vista como um objeto opaco e polimorfo, apaixonante e complexo) com o objetivo de contribuir com uma melhor compreensão das relações entre a prática social da pesquisa, as práticas sociais cotidianas dos sujeitos e os saberes comunicacionais.

Acompanhando o afirmado por Martín-Barbero, Reguillo (1995) traz que a comunicação teria deixado de ser algo dos meios para se converter em algo relacionado com as mediações. Neste ponto a menção de Reguillo a Martín-Barbero remonta aos trabalhos de campo enveredados pelo pesquisador, nos quais este buscava observar como as dinâmicas urbanas influenciavam os processos comunicacionais, destacando o papel da cidade como espaço de produção de significados, circulação de discursos e reconfiguração das identidades culturais, o que poderia ser constatado no cotidiano da cidade em suas praças, mercados e, até, nos cemitérios. Nas suas empreitadas, ao mesmo tempo que pontuava que talvez seu trabalho falasse mais sobre cultura do que comunicação em si, Martín-Barbero apontava que seus relatos remetiam a um caminho que falaria de uma comunicação afastada do midiático e do massivo, com clara intenção de se aproximar às práticas cotidianas para olhá-las de perto e, assim, poder ouvir o que estas práticas diziam (Martín-Barbero, 2015).

Anote-se que as questões sobre a cidade e sobre as formas de vida nela implicada, há algum tempo, fazem parte das preocupações tanto da antropologia quanto da comunicação, mas, inicialmente, o olhar estava voltado às práticas comunicativas que possuíam como fundo o cenário da cidade sem que, no entanto, se problematizasse o papel constitutivo da cidade nas formas específicas de

socialidade<sup>108</sup>. Quando se passou a problematizar o papel da cidade considerando-a como um local onde coisas acontecem, a relevância para o campo da comunicação passou a abranger, (a) de um lado, preocupações com as condições de reconhecimento (é dizer, quando o ator da comunicação deixa de ser concebido como o ponto terminal do processo comunicativo e passa a ser percebido como um sujeito histórico situado, capaz de intervir em sua realidade)<sup>109</sup> e, (b) de outro lado, quando elementos como diferença cultural, identidades e novas configurações do espaço público se aproximam de meios de comunicação e passam a ser centrais no debate da cidade, com o território sendo encarado como forma espacial e específica de socialidade (Reguillo, 1995).

Canevacci (2004) trata a comunicação urbana como um coro de vozes autônomas que se cruzam, se relacionam, se sobrepõem umas às outras, se isolam ou se contrastam, ao mesmo tempo que, metodologicamente, serviria para definir uma forma de representar toda a multiplicidade de um objeto por meio de um enfoque que chamou de polifônico.

Acompanhando essa lógica de se interrogar outros elementos através do espaço da cidade, a noção de comunicação urbana é sintetizada por Caiafa (2017) quando esta considera a complexidade do tecido social e material da cidade, produzido a partir de fluxos diversos em um meio heterogêneo e onde há um escoamento da comunicação por vias urbanas múltiplas (transeuntes, veículos, informações) que se deslocam e que produzem experiências que afetam o espaço, e que geram formas de sociabilidade e de subjetivação. Pereira e Bezerra (2021) lapidam este conceito de Caiafa ao colocar a comunicação urbana como uma forma

---

<sup>108</sup> Inspirada em Michel Maffesoli (na obra *El tiempo de las tribus*), Reguillo usa o termo “socialidad” como uma forma específica de sociabilidade, mais atrelada a contextos de transformação social e a novas formas de conexão. Para a autora a socialidade possui um caráter mais dinâmico e contextual, referindo-se a formas emergentes de estar juntos e de construir laços sociais em contextos contemporâneos, muitas vezes marcados por crises, precariedade ou violência (Reguillo, 1995). Barroso (2022, p.14) igualmente trata do conceito de socialidade desenvolvido por Maffesoli apontando que é algo que “*viria a privilegiar o campo mais sensível e subterrâneo das relações sociais. Para o autor, a socialidade é uma noção primordial para o estudo da comunicação por dar relevância à multiplicidade de práticas e experiências coletivas que estão dissociadas à racionalização, institucionalização e homogeneização da vida, mas mergulhadas no ambiente imaginário do afeto e do desejo. O ambiente contemporâneo se caracterizaria assim pela ênfase no momento vivido e na pluralidade das práticas cotidianas, onde os indivíduos se articulam através de lógicas relacionadas ao presenteísmo e aos aspectos coletivos da ‘tribo’, fazendo sucumbir os aspectos da moral e do individualismo moderno*”.

<sup>109</sup> Para Reguillo, neste ponto, a localização espacial e social do ator funcionaria como mediações fundamentais para a compreensão de processos socioculturais da comunicação.

de se compreender a cidade a partir dos meios, mediações, traçados, trajetos, dinâmicas, fluxos, redes e sociabilidades que a formam e que estão constantemente em (des)(re)construção, privilegiando a análise de redes de pessoas, de transportes, imaginários, informações, processos comunicacionais e políticos, práticas culturais e artísticas.

Nessa perspectiva comunicacional onde a comunicação e a urbe se encontram, a cidade passa a ser vista como um espaço a *partir de e no qual* se constituem códigos ou se decodificam significados, o que exige a articulação de conceitos e de ferramentas metodológicas que permitam chegar ao cerne das práticas para melhor compreender a cidade não apenas como um cenário situacional destas práticas, mas como um tecido denso que gera modos de vida específicos (Reguillo, 1995).

As formas como as pessoas se apropriam, veem, vivem os espaços urbanos e, conseqüentemente, geram sentidos de pertencimento, refletem as relações dos sujeitos com a cidade e descentralizam a comunicação dos meios, passando a comunicação a ser algo além da imprensa, da televisão, dos meios digitais. Essas dinâmicas de configuração não são sempre processos consensuais, o que permite observar tensões, imposição de sentidos e usos e eventuais resistências por diversos grupos sociais, o que acaba gerando uma reacomodação de atores e novas relações sociais que modificam as representações da cidade, do cotidiano, do funcionamento dos meios e das relações das pessoas com o Estado (Moreno e Mélenz-Labrador, 2017).

Se entendida a comunicação urbana como forma interdisciplinar para refletir sobre os modos como os sujeitos se conectam com outros sujeitos e com o espaço urbano midiático através dos meios simbólicos, tecnológicos, políticos e materiais (Caiafa, 2017; Pereira e Bezerra, 2021), a Ocupação 9 de Julho é um lugar onde as experimentações contribuem com os sentidos comunicativos produzidos a partir da experiência cotidiana com os meios e além dos meios, eis que ali se articulam diversas dimensões das culturas urbanas pela perspectiva comunicacional.

Ainda, se o campo da comunicação analisa variados suportes para a representação da realidade social, inspirada em Barroso (2022) repiso que o esforço deste estudo é investigar uma junção de tramas qualitativas que, sob a lente da pesquisadora, capturam e materializam interações nos eventos festivos de domingo

considerando-os não como um suporte comunicacional fixo, mas como recortes de momentos de visibilidade de certa perspectiva de vida social.

Reforça-se, igualmente, que nessa observação e participação de inspiração etnográfica, com marcante proximidade ao campo, não se nega a possibilidade de que os sentidos e percepções individuais da pesquisadora possam ser orientados e influenciados pelos afetos prévios e/ou construídos ao longo do estudo, ou que crenças pré ou pós concebidas no desenrolar do trabalho possam refletir na pesquisa. Contudo, consciente dos papéis em jogo, a meta-reflexão foi constantemente invocada e colocada em prática pela pesquisadora, impondo-se a incômoda e frequente tarefa de refletir, a cada passo e sistematicamente, sobre os processos da pesquisa, sobre as vivências e sobre as interpretações a elas dadas, no intento de melhor espelhar os valores e pontos de vista dados pelos agentes, pelo território e pelos fenômenos pesquisados.

Não há como negar que, também inspirada nas experiências de Walter Benjamin (apud Canevacci, 2004) realizou-se ao longo do percurso um exercício de *perder-se*<sup>110</sup>, de aceitar ser (novamente) uma *estrangeira, desenraizada e isolada* para poder reconstruir uma nova identidade naquele espaço da cidade: no intento de decodificar as mensagens urbanas e de tornar familiar o que é estranho e estranho o que é familiar, buscou-se conduzir um processo de estranhamento onde, aproximando-se das múltiplas diferenças, o relacionamento com o espaço levaria a algo mais costumeiro ou, em outras palavras, a algo mais *familiar* e, ao mesmo tempo, em processo oposto, quando encontrada a familiaridade, nela se buscava foco no descobrir o que ali era desconhecido, estranhando esta familiaridade.

Nesse mundo compartilhado pelos sujeitos que é a Ocupação 9 de Julho, não se partilham apenas os espaços ou os modos de vida, mas também há práticas cotidianas coletivas onde os indivíduos arquitetam suas redes comunicacionais por meio de estruturas que se vinculam com o lúdico, o estético, com política e com formas de identificação, assim como será explorado a seguir.

---

<sup>110</sup> Canevacci se inspira em Walter Benjamin, que ele descreve como o *primeiro antropólogo espontâneo da condição humana, antropólogo das metrópoles* ou o *narrador de cidades*, fazendo menção de frase atribuída a Benjamin em publicação de 1971, que diz: “*Não saber se orientar numa cidade não significa muito. Perder-se nela, porém, como a gente se perde numa floresta, é coisa que se deve aprender a fazer.*” (Canevacci, 2004, p. 13).

### **3.2 “Juntos somos”<sup>111</sup>: a comunicação urbana que se revela pelas teias de conexões e associações em rede.**

A realidade citadina é uma construção coletiva permanente e que não existe de forma independente aos sujeitos, em uma configuração articulada em que se sobrepõem tramas de expressões que vão se acumulando (Moreno e Méendez-Labrador, 2017).

Entre ruas e redes, em aspectos materiais, simbólicos e midiáticos, o território simbólico construído em torno da Cozinha Ocupação 9 de Julho conecta fluxos, trajetórias, sujeitos e sentidos que, embora estejam sempre entre disputas e tensões, estruturam uma rede que busca estabelecer elos e que expressa as dinâmicas do Movimento e dos indivíduos que a constituem. Ali há uma territorialidade construída por nós de múltiplos fluxos e por redes da cidade e de fora dela, que compõem gramáticas comunicacionais que geram um sistema de interação comunicativa entre muitos atores e agentes da cidade (Pereira, Silva e Paiva, 2025).

**Figura 61** - Fotografia do espaço de preparos da Cozinha Ocupação 9 de Julho em um sábado durante os trabalhos no pré-preparo do domingo. Em destaque, pano com a frase “*juntos somos*” (abril/2025).

---

<sup>111</sup> A frase “*juntos somos*”, pintada em tecido, está afixada dentro de um dos espaços operacionais da Cozinha Ocupação 9 de Julho (Figura 61).



Fonte: A autora, 2025.

O conceito de redes e seu desenvolvimento como uma perspectiva teórico-conceitual se deve a diferentes correntes de pensamento e áreas de conhecimento como antropologia, psicologia, sociologia, matemática e biologia. Nos anos 90, a emergência de pesquisas multidisciplinares sobre redes sociais a partir de diferentes enfoques foram motivadas pelo aumento da complexidade da vida urbana e pelas comunicações mediadas por computadores, com avanços que resultaram na atualização da noção de “rede social” para caracterizar movimentos sociais que surgiram a partir de 2008 e que mostravam uma hibridização de redes sociais *online* e *offline* e de redes sociais já existentes com outras formadas durante as ações de movimentos sociais. É dizer, gestaram-se formas inovadoras de organização e comunicação que fluíam de forma integrada entre ambientes *online* e *offline* (Brignol, Cogo e Martínez, 2019).

As redes, pensadas a partir da dimensão rizomática, fluida e em constante construção, acompanharam a trajetória intelectual de Martín-Barbero, que buscava seguir as mudanças das relações entre comunicação, cultura e política ao mesmo tempo que acomodava seus mapas teórico-metodológicos da teoria da comunicação para acolher parte de um processo que o autor chamou de *mutações comunicacionais e culturais do nosso tempo* (Brignol, Cogo e Martínez, 2019; Lopes, 2018). Sob esta perspectiva rizomática, a ideia de rede é acionada como articuladora de uma reconfiguração no modo de pensar as relações entre atores e organizações sociais, resultando num ponto de vista que permite reconhecer

aproximações e sobreposições entre o local e o global, o particular e o universal, o *online* e *offline* (Brignol, Cogo e Martínez, 2019).

As alianças que se esboçam na Ocupação permitem que esta rede exista e resista, que conecte territórios e agentes e agregue uma multiplicidade de ativismos. Percebe-se uma conexão de elementos heterogêneos que se entrelaçam em redes constituídas de formas provisórias e/ou permanentes e onde pautas (sazonais ou fixas) delineiam o foco de suas trajetórias. O protagonismo dos atores e o que eles têm a dizer sobre si e sobre as diferentes associações/conexões em que estão inseridos (Latour, 2012; Marino, Helena e Passarelli, 2015) é o que se busca apresentar neste tópico do trabalho.

Ao se pensar em bases estruturais comunicacionais das mídias do Movimento, um entrevistado disponibilizou para esta pesquisa material interno do MSTC de 2023 que carregava o nome “*Manual de Comunicação*”<sup>112</sup>. Este documento indicava as páginas na plataforma social *Instagram* vinculadas ao Movimento e, buscando uma padronização na atuação do grupo da comunicação, estabelecia como deveria ser a correta grafia das siglas do MSTC, quais fontes de letra deveriam ser usadas em materiais institucionais, quais as cores que estas fontes de letras e logotipos deveriam usar e, até, quais páginas deveriam ser marcadas em conjunto nas postagens de cada uma das páginas sociais.

O *Manual* também trazia indicação de quais agentes deveriam aprovar previamente tais publicações, além de se apresentarem estatísticas que indicavam os melhores dias e horários para a inserção de alguma informação nas mídias, visando uma maior visualização/tráfego das informações (*feed* e *reels*). Neste manual existia um organograma que apontava que, naquela data, o Movimento

---

<sup>112</sup> O documento traz orientações gerais como:

(a) “*Publicações com temas sensíveis ou mobilizações estratégicas devem ser alinhados com a equipe da área, com antecedência, para avaliação de conteúdo e riscos*”;

(b) “*Toda visita técnica, roda de conversa, evento ou reunião a ser agendada na Ocupação 9 de Julho devem ser comunicadas com antecedência para as responsáveis pela agenda, via e-mail. Os agendamentos são necessário [sic] para alinhamento de agendas e usos dos espaços, bem como para orientação da equipe terceirizada de segurança.*” e;

(c) “*Devido a alta procura e demanda, quaisquer projetos culturais, editais, premiações e afins devem ser comunicados com antecedência para a coordenação do MSTC, que tem autonomia para aceitar, vetar ou alterar qualquer proposta. Cartas de anuência devem ser encaminhadas com pelo menos 5 dias úteis de antecedência.*”

contava com 13 páginas do *Instagram* sob sua gestão<sup>113</sup>, com dados que traziam a soma de 162.000<sup>114</sup> seguidores para a data de 25.08.2023.

Reitera-se que neste estudo o que entendemos por relevante não é mostrar como se dá a estruturação das redes digitais midiáticas do MSTC, da Cozinha ou dos eventos de domingo, com seus nós e deslocamentos. O que se busca é mostrar algo das dinâmicas das interações em rede no território físico, relações que, inevitavelmente, também são atravessadas pelas experiências no *online*, especialmente quando tudo é observado sob uma perspectiva que abarca trocas, sentidos e significados compartilhados por este grupo. Isto, por si só, já representa uma teia relacional complexa, motivo pelo qual nosso recorte dá ênfase ao olhar trazido pelos entrevistados da pesquisa, que atuam diretamente nos processos de produção dos encontros festivos da Ocupação 9 de Julho.

Antes de adentrarmos nas tramas tecidas pelos atores sociais e nas suas conexões, a esta altura se entende pertinente trazer à tona uma discussão sobre a percepção de que, no MSTC, a liderança não se daria apenas ou exclusivamente por uma gestão coletiva e compartilhada, assim como pregam, mas sim organizada em torno de uma figura central, representada por uma liderança feminina e carismática.

Não se pode negar que talvez este trabalho fale muito de Carmen Silva e menos de outras lideranças do MSTC. Dentro das imersões em campo, como voluntária na Cozinha, vivendo os eventos (não só) de domingo, mas também em diversas outras experiências presenciais e, igualmente, nas etnografias digitais enveredadas ao longo desta pesquisa, a imagem da Carmen se mostrou quase que onipresente à frente da imagem do Movimento e das suas articulações.

---

<sup>113</sup> As páginas indicadas no documento de Agosto de 2023 eram: @carmensilvamstc (30.600 seguidores), @movimentomstc (17.000 seguidores), @casaverbo (7.136 seguidores), @cozinhaocupacao9dejulho (58.100 seguidores), @lutecomoquemcuida (8.856 seguidores), @galeria\_reocupa (8.398 seguidores), @cineocupa\_9dejulho (3.188 seguidores), @lojamstc (1.719 seguidores), @hortaocupa9dejulho (1.440 seguidores), @oficinadeartedaocupa (1.283 seguidores), @maravilhasdaterramstc (293 seguidores), @marcenaria\_ocupa9dejulho (150 seguidores) e @projetos.projetech (0 seguidores).

<sup>114</sup> Em 02/04/2025, esta pesquisadora consultou as mesmas páginas do Instagram citadas no “*Manual de Comunicação*” do MSTC que apareciam sob sua gestão e observou-se que a soma de seguidores destas atingia o número 180.871. As cinco páginas com números mais expressivos eram, em ordem de grandeza: @cozinhaocupacao9dejulho (73.000 seguidores), @carmensilvamstc (49.400 seguidores), @movimentomstc (22.500 seguidores), @galeria\_reocupa (10.800 seguidores) e @lutecomoquemcuida (9.212 seguidores).

Carmen Silva Ferreira se identifica como uma mulher baiana, negra, mãe de 8 filhos e conta que chegou a São Paulo fugindo da violência doméstica, morando nas ruas da cidade na década de 1990, antes de conhecer os movimentos de moradia. Hoje, urbanista e professora, é a liderança<sup>115</sup> escolhida pelo MSTC, embora seja uma liderança “*não oficial*”<sup>116</sup>.

A imagem de Carmen como liderança é amplamente difundida pelo MSTC, algo que desafia a nossa compreensão e se contrapõe às narrativas de que a estrutura do Movimento seria coletiva e múltipla. Focando em um ator central nas suas frentes comunicacionais, vê-se o investimento em uma personalidade carismática que tem sua história e imagem intimamente entranhada com a do MSTC.

Carmen Silva é um nó desta trama relacional do MSTC e seu poder de atração é explicitamente explorado pelo Movimento. Usa-se como exemplo disso o vídeo publicado em 05/10/2024 no Instagram de Carmen Silva quando a então candidata ao cargo de vereadora por São Paulo aparecia respondendo, via áudio de celular, a alguém que havia lhe enviado uma mensagem sobre a intenção de se gravar um videoclipe musical para a disputa política que já seguia uma intensa agenda.

A imagem, inicialmente em preto e branco, sugere que a gravação teria se dado nos bastidores, sem o conhecimento de Carmen, tendo sido registrada uma fala irreverente e bem-humorada na qual respondia: “*Eu vou viver a vida inteira numa campanha fazendo clipe? Eu lá sou a Madonna?*”<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> Estes dados sobre o histórico pessoal foram apresentados por Carmen Silva em entrevista concedida ao canal do Youtube Panelaço, apresentado por João Gordo (Instagram: @jgordo) e que foi publicada em 03.11.2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hEgpm92IW8Q>. Acesso em 25 fev.2025.

<sup>116</sup> Aqui sou eu, pesquisadora, quem destaco o “*não oficial*”. Quando eu buscava atender as exigências do Comitê de Ética para a realização de entrevistas nesta pesquisa, constatei que a atual representante, que hoje responde formal e legalmente pelo MSTC é a Kellen Wini Ferreira, uma das filhas de Carmen Silva. Kellen também aparece como atuante na Casa Verbo e consta como uma das responsáveis pela agenda de Carmen Silva. Ao longo do trabalho de campo, Kellen também surgiu nas falas dos entrevistados deste trabalho e no Manual da Comunicação do MSTC ao qual tivemos acesso, sendo apresentada como uma das pessoas responsáveis pela aprovação do conteúdo a ser postado nas publicações das plataformas sociais do Movimento.

<sup>117</sup> O vídeo com esta passagem pode ser visto na página do Instagram de @carmensilvamstc no *link* [https://www.instagram.com/reel/DAwOw8bvHQZ/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D](https://www.instagram.com/reel/DAwOw8bvHQZ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D). Acesso em 27 fev.2025.

Com o desenrolar do vídeo, ouvindo-se a narração de fundo (uma voz que pode ser atribuída a Preta Ferreira, filha de Carmen) e lendo-se a legenda que acompanhou a postagem, era possível confirmar que ali se apresentava um recorte do processo de filmagem do *jingle* da campanha para vereadora municipal da liderança do MSTC. Fazendo uso de uma música que foi cantada pela multiartista, artista e filha Preta Ferreira (Instagram: @a\_pretaferreira e @preferreira), pelo músico e morador da Ocupação 9 de Julho, o MC Nego Bala (Instagram: @negobalamc) e pelo cantor M3no RK (Instagram: @m.3.n.o.r.k), o material visual também contava com a participação de outros moradores de diversas Ocupações do MSTC, de outros filhos e netos de Carmen Silva e de um grupo de pessoas que integravam a sua campanha<sup>118</sup>.

O tom descontraído desta postagem em vídeo entrou como elemento de espontaneidade e leveza, certamente buscando elevar o número de potenciais eleitores para permitir uma possível inserção do Movimento em espaços institucionais do governo. A escolha de Carmen para assumir esse papel de líder do Movimento e, eventualmente, como potencial agente capaz de atuar em prol das causas habitacionais dentro da esfera governamental foi algo estrategicamente pensado, estruturado e construído.

Tudo faz parte de uma estratégia que se buscava (e ainda busca) um reposicionamento positivo da imagem do MSTC e dos seus integrantes, que antes eram mais frequentemente tratados sob termos pejorativos e com a sua atuação política criminalizada, o que obrigou o Movimento a unificar as formas de se comunicar, de criar contranarrativas para uma vinculação a imagens positivas e, também de construir uma imagem de uma liderança feminina negra, assim como explicado pelas palavras de André Chiarati, jornalista, produtor cultural, relações públicas, ativista e morador da Ocupação, um dos entrevistados para esta pesquisa.

A gente chega em final de 2023 com um manual de comunicação, explicando o organograma de todos os Instagrams. **Quem é quem?** Quem é a Casa Verbo? Quem é a Projeteq? Quem é o Lute Como Quem Cuida? Porque **realmente causa essa confusão**. Mas eu estou falando da Horta? Estou falando da MSTC? **Mas é só Dona Carmen? Não tem outras**

---

<sup>118</sup> A íntegra do videoclipe pode ser acessada na plataforma Instagram através do *link* <https://www.instagram.com/reel/DAbMIWTP9up/?igsh=ZWoybGh0N2JoeW4z>. Acesso em 27.02.2025.

**caras? O que existia, antes de 2018 era: colocar a Ocupação 9 de Julho no Google apareciam imagens trágicas.** Um incêndio que teve, invasores, termos pejorativos, então se a gente tivesse que fazer uma valorização, a gente estava na escala de até 2. **Hoje a gente tem uma imagem tão positiva... então se você coloca lá, vai aparecer geolocalização, vai aparecer Instagram, vai aparecer site, vão aparecer imagens dos eventos, vão aparecer tiktokers que vêm aqui fazer “aí, vamos descobrir um lugar em São Paulo”, entendeu? Mas isso tudo foi pensado. As pessoas acham que nasce da noite para o dia uma liderança, que nasce da noite para o dia uma história de um movimento. Não.** O trabalho da comunicação aqui foi, primordialmente, fazer a gestão de crise nos momentos 2018 e 2019, para **blindar tanto a Preta quanto a Carmen, para estabelecer padrões de comunicação,** porque a gente tem muitos voluntários... então **como unificar essa forma de se comunicar?** E a gente teve **uma tarefa que foi primeiro construir uma imagem do Movimento, construir uma imagem de uma liderança, construir uma imagem de um projeto de segurança alimentar, para depois explorar isso.**<sup>119</sup> (destaques nossos)

Interessante observar que, segundo as falas de André, as estratégias comunicacionais atendem a um jogo onde se joga para estar e permanecer no jogo, negociando dentro das dinâmicas da comunicação para promover o Movimento e seus dirigentes como uma mercadoria atraente e desejável, tudo para poder sobreviver nessa luta de poderes e de visibilidades. Isso levou a remanejamentos dos nomes das páginas sociais em 2020, mas, já em 2022, percebeu-se que era necessária uma nova intervenção, para um melhor alinhamento da imagem de Carmen Silva, figura que reflete as estruturas do Movimento.

Então a gente criou o Instagram do Movimento e tinha o Instagram da dona Carmen. **Lá em 2020 a gente viu que o Instagram do Movimento era maior do que o Instagram da dona Carmen. Então a gente fez uma fusão, uma troca de nomes. Então a gente migra esse público para lá e começa a desenvolver tudo.** Só que ao mesmo tempo a gente não pode esquecer que **a gente tem a figura Carmen política, e nós somos um Movimento apartidário. Então houve uma preocupação no primeiro momento em que não se vinculasse caras,** para que não houvesse uma confusão de que o Movimento era petista, ou o movimento é PSB, ou movimento é esquerda, ou movimento é direita. Não. Tanto que aqui dentro nós temos liberdade total e pessoas que votam em extrema direita, pessoas que votam em extrema esquerda. **A questão é qual é a imagem, como que se confunde essa leitura.**

(...) **E aí em 2022 houve uma necessidade de falar quem é Carmen Silva. Carmen Silva não é a “mainha”, Carmen Silva não é a mulher, só a mulher baiana que saiu, mas até isso a gente precisou contar e precisou contar muitas vezes, porque é o reflexo hoje do movimento, é o reflexo de quem ela é.** Ela é extremamente organizada, ela é extremamente limpa, ela é extremamente inteligente e exigente, o reflexo das nossas estruturas: são extremamente limpas, extremamente

---

<sup>119</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

organizadas, com tudo que precisa termos dentro dos conformes.<sup>120</sup>  
(destaques nossos)

Nesse contexto, tem-se que o modelo organizacional adotado pelo MSTC para a gestão de suas ocupações possuem ideais pautados em coletividade, onde um *“movimento não se faz sozinho”*, mas através de uma colaboração em rede.

(...) Por que essa exploração hoje dessa imagem? Porque eu acho que é cada vez mais necessário que **as pessoas entendam que o movimento não se faz sozinho, que sim nós temos uma liderança, que nós a apoiamos e que ela é uma mulher preta e que uma mulher preta quando se movimenta, movimenta toda a sociedade. Então ela tem sim que ter voz, ela tem sim que ter protagonismo.** Mas aí eu acho que se a gente fizer uma leitura de todos, todas as páginas de Instagram, por exemplo, **todas as redes sociais, versus o cruzamento de uma leitura de imagens do Google imagens, a gente pode ter uma certeza de que a nossa comunicação ela é alegre, ela é colorida, ela é didática, ela é de fácil compreensão, ela é imagética, ela tem signos, simbologias e referências visuais sempre atuais, sempre que dialogam com o grupo que a gente precisa passar mensagem naquele momento**<sup>121</sup>. (destaques nossos)

Nesta mesma entrevista André Chiaratti também sinalizou um escalonamento do que seria a estrutura organizacional do Movimento que, pela sua experiência dentro da gestão da Ocupação e dos canais comunicacionais do MSTC, faria uso de uma lógica que privilegiaria mulheres e LGBT's<sup>122</sup> nos locais de tomada de decisão, justamente buscando inverter as lógicas de poder tradicionalmente e estruturalmente estabelecidas na sociedade brasileira. Aqui se fala abertamente sobre um quilombo urbano gerido por um matriarcado de mulheres pretas, pardas e indígenas, fora do padrão hegemônico, o que explicita o atravessamento de múltiplas vias interseccionais.

**Vale ressaltar que aqui é um matriarcado. É um quilombo urbano. Gerido por um matriarcado. Onde a maioria das mulheres são pretas, pardas, indígenas. E fora dos padrões convencionais. E o segundo escalão é formado por LGBT's.** Então assim, os homens são muito importantes, fazem parte, a gente não tem nenhuma divisória de gênero, sexo e raça. **Mas em representatividade nesses lugares de decisão,**

---

<sup>120</sup> Entrevista concedida por André Chiaratti para esta pesquisa em 26/02/2025.

<sup>121</sup> Entrevista concedida por André Chiaratti para esta pesquisa em 26/02/2025.

<sup>122</sup> A sigla LGBT representa as iniciais de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, sendo um termo que, atualmente ampliado para LGBTQIAPN+, é utilizado para se referir à comunidade de pessoas que se identificam com diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

isso propicia essa inversão da rede e da tomada de poder. Então da porta pra fora existe uma hierarquia. Da porta pra dentro existe outra.<sup>123</sup> (destaques nossos)

Apesar desta gestão hierárquica que se dá intramuros da Ocupação na qual há o predomínio de um matriarcado centrado na imagem de Carmen, é preciso registrar que embora não tão visíveis, outros agentes despontam em momentos específicos, no apoio logístico, organizacional, cultural e artístico. Estreitando o foco apenas para os eventos culturais ou das “festas” na Ocupação, a percepção nas experiências do campo explicitava potencialidades em nomes como, por exemplo, Preta Ferreira, Edouard Fraipont (Dudu), Ana Catarina (Cacá) Mousinho<sup>124</sup> e Rafa Ferro<sup>125</sup>, comumente referenciados como articuladores artísticos do Movimento.

Estes e outros agentes encabeçavam a organização e igualmente participavam de jornadas culturais-artísticas e não era raro que seus nomes fossem citados quando eu perguntava algo em campo, sendo respondida com outra pergunta: “Você já falou com...?”. E, completando essa frase, o nome que era incluído no final nem sempre era a dona Carmen (embora às vezes fosse), surgindo estes outros personagens ao longo das falas, aparecendo com mais frequência justamente o Dudu, a Cacá, Preta e Kellen.

Edouard Fraipont (fotógrafo e integrante do grupo Aparelhamento) e Ana Catarina Mousinho (artista plástica), junto com Carmem, inclusive, acompanharam encontros itinerantes vinculados à 35ª Bienal de São Paulo que, em parceria com o Museu de Arte Contemporânea de Fortaleza, realizou uma ação em que o MST e o MSTC se uniram para cozinhar e para uma programação conjunta na capital cearense (Figuras 62 e 63).

**Figuras 62 e 63** - Divulgação do encontro da Cozinha Ocupação 9 de Julho-MSTC com o MST do Ceará, em Fortaleza.

---

<sup>123</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

<sup>124</sup> Cacá Mousinho é artista visual, educadora e ativista. Página no Instagram: [https://www.instagram.com/\\_\\_\\_caca\\_mousinho\\_\\_\\_01/](https://www.instagram.com/___caca_mousinho___01/)

<sup>125</sup> Rafael ferro se identifica como produtor cultural, pedestre e “*terrivelmente Antiracista y AntiFascista*” em sua página pessoal do Instagram (<https://www.instagram.com/rafaferro2020>).

**Encontro Cozinha Ocupação 9 de Julho – MSTC e MST-CE**  
 9 de novembro, sábado, 9h  
 no Centro de Formação Frei Humberto (MST-CE)  
 Gratuito. Livre.

**Encontro Cozinha Ocupação 9 de Julho – MSTC e MST-CE**

- Feira Cultural da Reforma Agrária
- Almoço "Cozinhando Junto" com Carmen Silva (Cozinha Ocupação 9 de Julho – SP) e Luciana Lobo (Cozinha – Centro de Formação Frei Humberto – MST-CE)
- Debate "Vigilância popular e saúde" com Fiocruz e MST-CE (10h)
- Mutirão de Faixas com Marina de Botas, Ton Almeida, Edouard Fraipont e Cacá Mousinho
- Atração musical com Banda Manga Rosa (12h)

9 de novembro, sábado, 9h  
 no Centro de Formação Frei Humberto (MST-CE)  
 Gratuito. Livre.

Fonte: Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2024.<sup>126</sup>

A própria Carmen percebe seu protagonismo à frente do MSTC e, talvez por isso, em momentos de destaque pontua em suas falas que o MSTC e a Ocupação 9 de Julho não estão sozinhos em suas frentes, atuando em algo que chamou de "transversalidade", assim como resumido aos alunos de Londres no encontro de 28/04/2024, já referido neste trabalho

<sup>126</sup> A postagem está disponível em: [https://www.instagram.com/p/DCE-fNcvzSb/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/DCE-fNcvzSb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==). Acesso em 15 fev.2025.

(...) em nome da Ocupação 9 de Julho, em nome do MSTC e todos os parceiros... **porque o MSTC ele não atua só, nós atuamos em uma transversalidade. Essa transversalidade é que transporta tudo isso aqui que vocês vêm.** E nós temos como premissa a moradia, é um dos principais contextos, mas a gente também atua com a saúde, com a educação e com a cultura.<sup>127</sup> (destaques nossos)

Essa transversalidade parece se referir a uma atuação coletiva em um guarda-chuva mais amplo que abriga não apenas movimentos sociais, mas também coletivos, ações comunitárias, entre outros, reunindo grupos que compartilham características de mobilização coletiva e que estabelecem estratégias em conjunto (Gohn, 2025).

Há incontáveis atravessamentos que podem nos levar a afirmar que tanto a Ocupação 9 de Julho quanto a própria figura da Carmen podem ser entendidas como pontos nodais nesse território, um espaço onde se verificaria a existência de uma rede de redes (Marino, Helena e Passarelli, 2015), um local de partida repleto de articulações reticulares que se desdobram em outras vinculações com outros grupos e causas e onde as atividades e controvérsias esboçam sentidos comunicacionais e políticos (Pereira e Avelar, 2020).

Bastam poucas visitas às festas de domingo na Ocupação e é suficiente um rápido navegar nas programações dos eventos de domingo publicados nas plataformas digitais da Cozinha Ocupação 9 de Julho para se perceber a amplitude das interconexões traçadas por esta rede, já que a cada semana novos eventos surgem e novos atores/agentes são referenciados, desenhando-se mais um elo de junção que amplifica a atuação do MSTC em um lugar onde *“cada indivíduo tem a sua rede”*<sup>128</sup>.

Foi durante as entrevistas para esta pesquisa que ficou claro e que se registrou a percepção dos entrevistados sobre este fazer junto, coletivamente, por meio de associações, entrelaçamentos e conexões em rede. Cada uma das narrativas colhidas para este trabalho apontou, à sua maneira, como era esse emaranhar-se nas teias desse movimento social. O registro deste ponto em especial se deu porque uma das perguntas feitas durante as entrevistas feitas no campo para este trabalho tratava justamente sobre a percepções sobre a existência ou não de

---

<sup>127</sup> Falas de Carmen Silva aos alunos da UCL em 28/04/2024, registrada na íntegra em suporte audiovisual, material que integra o arquivo pessoal da pesquisadora.

<sup>128</sup> Frase citada por André Chiarati em entrevista concedida a esta pesquisa em 26/02/2025.

um fazer coletivo, em rede. Se a resposta fosse afirmativa, o questionamento seguinte buscava ampliar o tema, explorando como o entrevistado entendia que isso se operava na prática, dentro da sua realidade e na sua área de atuação.

André Chiarati, enfrentando essa pergunta, de pronto problematizou a questão da rede dizendo que se trata de uma concepção romantizada, ressaltando que todos temos nossas redes e que, no seu entender, duas pessoas já representariam um nó. Explica que no MSTC atua em rede e que quem mantém a união nesses espaços são as lideranças, que estão ali para criar e fortalecer os laços identitários e organizacionais com a base do Movimento.

**Cara, eu acho que assim, primeiro que trabalho em rede ele é romantizado** tanto quanto falar com a base. **Eu acho que trabalho em rede, dois já formam um nó. Três a gente já está falando de um protótipo de uma rede. Quatro, cinco, seis ligados a gente já tem uma rede.** Partindo do que a gente fala rede hoje em dia como uma definição do Manuel Castells, uma rede *hiperlinkada* e multifacetada, **eu acho que cada indivíduo tem a sua rede. O que coloca todo mundo embaixo do mesmo guarda-chuva é o Movimento Sem Teto do Centro. Quem segura esse guarda-chuva com muita força são as lideranças, mas ele não tomba porque são mais de duas mil famílias que estão nesse grupo de base, nos projetos habitacionais, nas ocupações, na Casa Verbo. Então a articulação em rede é quando eu posso ligar uma liderança lá em Caieiras e trazer de lá a demanda de moradia, assim como eu posso ligar para Marisa Moreira Salles e pedir recurso financeiro para costureiras fabricarem máscaras a serem doadas na pandemia. Rede é quando um artista que é voluntário aqui convida Adriana Varejão a produzir e vender uma obra que seja retornado a um valor para o Movimento. Acho que isso é trabalhar em rede. E quando eu falo que é romantizado eu falo a mesma coisa do trabalho de base, trabalho de base é arquiteto com arquiteto, médico com médico, motoboy com motoboy, professor com professor, sem-teto com sem-teto. O trabalho de base não é ir lá na periferia, não é falar com o pobre, falar com pessoas com menos instrução. Um trabalho de base, são bases, o movimento tem as suas bases... e com as suas bases ele caminha e trabalha em rede.**<sup>129</sup> (destaques nossos)

O entrevistado igualmente aponta que o espaço físico da Ocupação 9 de Julho e como ele é ocupado fez a Ocupação ser vista como uma “*utopia*”, como um local de referência não só no aspecto jurídico, mas também no cultural, social e artístico, e que tal patamar foi alcançado por meio da dita “*tecnologia social*” e por associação com outros grupos que permitiram uma reinvenção deste espaço ocupado.

**O que nos diferencia dos demais movimentos de moradia ou de cultura ou de segurança alimentar é porque a gente tem uma tecnologia social, um jeitinho brasileiro que a gente descobriu que dá para fazer e dá**

---

<sup>129</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

**certo, que criou essa utopia da 9 de Julho** que, de novo, a gente tem as leis lá das ocupações que a gente passa por vistorias. Mas **a gente tem a ocupação mais alto padrão dentro desse nível**. E as piores, as dez piores representam remoção. As dez melhores representam “ok”. **Nós estamos aqui em cima, fora da curva, porque não tem uma área toda verde como essa, o prédio como esse, a localização como essa... as nossas outras ocupações são só o prédio. Uma ou outra tem um salão para poder desenvolver um projeto, aqui não, a gente pode ter horta, costura, bordado, marcenaria, cozinha, assistência psicológica, Uneafro, anfiteatro, biblioteca, brinquedoteca... ou seja, a gente tem um espaço muito grande, mas ao mesmo tempo que a gente foi subindo o sarrafo na questão jurídica legal, a gente fez o mesmo na produção cultural.**

**E a gente fez o mesmo no caminhar em rede e, por consequência, isso é um reflexo de como a gente se comunica nas redes e por aí fora. Lógico, como toda grande família existem amores e desamores, sabores e dissabores, dores e amores... mas nós conseguimos passar uma unidade... e a nossa mensagem ela é absorvida. Às vezes não pela completude, mas pelo menos ela tem uma entrada dentro da cabeça de alguém. Esse é o meu ativismo<sup>130</sup>. (destaques nossos)**

Anote-se que, nas lições de Gohn (2025), descrevem-se como características dos movimentos sociais uma identidade mais coesa, um projeto de sociedade e de vida mais duradouro, a presença de liderança, de base, de assessoria e de laços de pertencimento, passando o indivíduo que adere à causa a fazer parte de um sujeito coletivo. Na narrativa de André, há ênfase a um amplo desenvolvimento das articulações em rede do Movimento, pontuando que nessas associações e nas ações conjuntas no território da Ocupação também se vivenciam conflitos entre os grupos, “*amores e desamores*”, embora se busque transmitir uma imagem de unidade em prol de uma mesma pauta (moradia).

Tal fala reflete uma percepção pessoal do entrevistado não somente das formas de funcionamento da vida social em si - naturalmente permeada por conflitos - mas também expressa características atribuídas aos movimentos sociais de buscar transmitir, entre os dilemas do sistema e da vida diária, uma mensagem de coesão em torno de uma causa central.

Quando apresentado o mesmo ponto à cozinheira, consultora, criadora de conteúdo digital e escritora Carolina Dini<sup>131</sup>, quem cozinhou na Cozinha Ocupação 9 de Julho no domingo de carnaval de 2023 junto com João Salinas (para um público

---

<sup>130</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

<sup>131</sup> Carolina Dini é cozinheira, consultora gastronômica, advogada, escritora, criadora de conteúdo digital e empresária. Mulher, 38 anos, envolvida com diversos coletivos e com diversas pautas. Concedeu entrevista para esta pesquisa de Belo Horizonte, por telefone, na tarde de 13/11/2024.

aproximado de 1200 pessoas), em sua entrevista esta descreveu um pouco da experiência de como foi cozinhar naquele espaço e de como foi acionar a sua própria rede para ampliar a difusão do evento no qual participou na Ocupação. Carolina ressalta a convocação de amigos a colaborarem na divulgação e a comparecerem ao encontro, também mencionando sua inclinação a estar próxima a coletivos sociais, engajando-se em diversas pautas, narrativa que aponta para uma prática pessoal a habitual de enredamento ativista.

**Não lembro quem convidou, foi alguém de dentro da Ocupação... e aí eu entendi quais poderiam ser os custos... porque não é remunerado, né? Eles arcam com os insumos e eu doo o tempo, mão de obra, e ajudei a divulgar. E vários amigos que são artistas colaboraram assim. Então as pessoas tiraram foto e cederam pra arte de divulgação... e mandei pra várias pessoas... e muitos apareceram e então lotou mesmo, foi bem legal.**

(...) **Outros chefs me conheceram através desse evento e aí, quanto mais espalha, mais espalha...**

(...) [O cozinhar ali] É um cuidado, é político. Eles fomentam pequenos produtores, tem uma horta, eles botam as pessoas pra trabalhar. Essas pessoas são pagas com o dinheiro que levantam da venda, vende um prato e outro é doado... então é um movimento de união mesmo, popular, progressista em prol da sociedade mesmo, mostrar o tanto que aquilo lá é organizado, entendeu? Mudar o olhar de quem vai também comer pra entender o que é realmente uma ocupação porque, é isso, muita gente não sabe.

(...) Eu sempre procuro estar junto de coletivos, não necessariamente na mesma área o tempo inteiro. Pode ser de plantio de árvores, por exemplo. Eu tento fazer coisas que mostram que as pessoas ainda acreditam num futuro, assim. É isso, estar perto pro coração ficarquentinho.<sup>132</sup> (destaques nossos)

Douglas Jackson, multiartista responsável pelo evento “*Um Som na Ocupação*”, em sua entrevista para esta pesquisa mencionou conexões em rede e trouxe foco para sua forma de atuação nas plataformas sociais, produzindo vídeos que poderiam gerar maior engajamento para a sua página e para a página de outros artistas por ele conhecidos. Este nomeia suas articulações se colocando como um agente de promoção que atua pensando coletivamente, usando as lógicas das trocas, da ajuda mútua e onde ele mesmo se posiciona como parte de “*uma cadeia*”<sup>133</sup> dentro de um processo de circulação e divulgação de informações culturais e artísticas.

---

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Carolina Dini para esta pesquisa em 13/11/2024.

<sup>133</sup> Frase citada por Douglas Jackson em entrevista concedida para esta pesquisa em 18/11/2024.

(...) é uma rede que você ajuda, todo evento que eu vou, *posto*. Às vezes nem tiro foto, o pessoal tira foto, mas eu faço um vídeo, porque o vídeo eu acho que é uma conexão maior, que é como, por exemplo, um vídeo que o artista está na Casa X, a Casa X tem 10 mil seguidores, a Casa X, *repostando* isso, às vezes desperta os seguidores deles, aí o pessoal reposta, **eu viro uma cadeia... com certeza o artista atinge muito mais alcance.**

(...)

Eu, particularmente, tenho um objetivo de tocar o coração das pessoas. Se eu tocar o coração de uma pessoa, para mim, já fiz a minha obrigação como ser humano, como cidadão, **que a gente tem que ter essa questão da cidadania presente na gente. Porque a gente é uma comunidade. Um funciona porque o outro faz ou porque o outro vem, porque o outro atende, porque o outro recebe.** Então a gente entende que isso é extremamente necessário a gente manter isso aqui para preservar o respeito, a cidadania, a política. Tem muitas coisas envolvidas e tudo isso é muito legal quando a gente entende essa cadeia e poder estar nessa cadeia, deixar uma forma saudável, se ajudar, nos ajudar. **A vida da gente fica melhor quando a gente se ajuda em comunidade.**<sup>134</sup> (destaques nossos)

No momento em que a questão da atuação em rede entrou no tema Cozinha Ocupação 9 de Julho, as articulações para viabilizar o funcionamento de toda uma cadeia produtiva de alimentos ganhou espaço nas narrativas de diversos dos entrevistados para este trabalho. André Chiarati, neste ponto, fez referência a vínculos que fomentaram o surgimento do *Lute Como Quem Cuida* durante a pandemia do Covid19, projeto que nasceu da parceria entre o MST e MSTC para dar vazão aos alimentos produzidos no campo e para, ao mesmo tempo, alimentar populações vulneráveis em insegurança alimentar através do fornecimento de refeições prontas, elaboradas com esses insumos da agricultura agroecológica. Usando tais ingredientes e sob a logística e organização da Casa Verbo, marmitas (ou “*quentinhas*”, como geralmente se fala na Ocupação) foram e ainda vem sendo produzidas pela Cozinha Ocupação 9 de Julho, usando-se parte dos recursos da venda dos almoços de domingo na Ocupação para financiar a iniciativa.

A Cozinha, **para não parar, cria junto com o MST, o Movimento Sem Terra, e o Armazém do Campo, uma articulação para que os alimentos do MST cheguem aqui para a fabricação dos alimentos. Mas a gente também amplia essa rede, vai até os pequenos agricultores próximos aqui em São Paulo, já também pensando nessa questão da pegada de carbono, diminuição do transporte, valorização da cadeia, para compor esses fornecedores.** E aí a gente começou a vender online. Era um prato

---

<sup>134</sup> Entrevista concedida por Douglas Jackson para esta pesquisa em 18/11/2024.

e o outro virava para doação, e essa doação ia para algum núcleo desse da Casa Verbo<sup>135</sup>. **A pandemia passou, mas o Lute Como Quem Cuida continua e o Projeto da Cozinha continua com toda força, todo domingo<sup>136</sup>.** (destaques nossos)

João Salinas, entrevistado desta pesquisa, descreveu sua experiência sobre o acionamento das conexões em rede da Ocupação para a elaboração do cardápio do domingo de carnaval de 2023 para um público de mais de 1200 pessoas. Destacando a proximidade entre o MST e o MSTC e o respeito à sazonalidade dos ingredientes para a criação de cardápios, João ressaltou sua percepção em relação a elos e afetos mobilizados na produção destas refeições no território da Ocupação, tido por ele como um local de trocas e aprendizados, em uma interação comunicativa composta por diversos atores e agentes.

**O MSTC tem muita parceria com o MST, então todos os insumos, a maioria dos insumos que eles trazem pra gente são orgânicos de assentamentos, então é meio que trabalhar com essa ideia** “ó, eu tenho tantos quilos de abóbora, tantos quilos de batata doce e eles vão conseguir colher tantos, sei lá, beterrabas, a gente pode trabalhar em cima disso?” Em contrapartida a gente vem com a nossa ideia “ó, eu preciso de grão de bico, não sei o que, não sei o que, não sei o que lá”. **Então é tudo muito conversado pra realizar o almoço em si, né. Então basicamente a ideia é essa, muito conversado, traz muita informação, muita troca e entender mesmo a necessidade do que a ocupação precisa.**

(...)

**A ideia é como eu vejo, porque é muito individual, a percepção de cada um que está frequentando o espaço, seja cozinhando, seja participando de outros eventos. Eu vejo como um espaço muito diverso em relação a muitas frentes, que pode ser aproveitado e mostra isso claramente: que o espaço ocioso é muito bem aproveitado, sabe?** Principalmente para as pessoas que moram lá, vendo da minha forma, quando eu participei do domingo lá, muita organização, sabe? É uma arrecadação de dinheiro que também traz isso para a ocupação, **de manter a ocupação com os moradores que tem lá e outras ocupações que ela está em frente também, sabe? É movimentar outras redes também de apoio com as doações, sabe?** Então o olhar que eu tenho, principalmente pelo domingo que acontecem os almoços, **é basicamente essa frente de querer trazer coisas a mais principalmente com a gastronomia, certo? Principalmente com ocupar espaço, principalmente com trocas de aprendizado. Acho que eu tenho contato até hoje com todo mundo que está lá e é uma coisa muito gostosa e sincera de você estar inserido com as pessoas que estão movimentando, né?** Todo mundo que está lá cozinhando, os moradores são pagos para isso, eles estão lá trabalhando, **mas ao mesmo tempo a**

---

<sup>135</sup> Um dos papéis a Casa Verbo é mapear grupos/comunidades/núcleos de pessoas em situação de vulnerabilidade que possam se beneficiar com o recebimento das refeições prontas produzidas e doadas pela Cozinha Ocupação 9 de Julho. Atualmente, mais de 140 núcleos estão cadastrados junto à Casa Verbo para o recebimento das refeições produzidas semanalmente pela Cozinha.

<sup>136</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

**gente está tendo muita troca amorosa em questão de cozinhar porque o cozinhar acho que traz isso, né? Esse amor de troca, de comer, se alimentar e servir também... então acho que o que eu vejo desse espaço é basicamente uma troca de muita coisa gostosa em amor, sabe?**<sup>137</sup> (destaques nossos)

Outro entrevistado que focou nas interações e conexões afetivas na Cozinha Ocupação 9 de Julho foi Raul Fiuza, um cozinheiro frequente em eventos de domingo da Ocupação e quem também é uma das pessoas à frente do *Boteco Ocupação*, no espaço Bananal, bairro da Barra Funda. Buscando explicar sua percepção sobre as redes de relações nesses espaços, Raul trouxe um pouco do histórico do surgimento do *Boteco* no Bananal e comparou percursos e descobertas ao expor experiências vividas no Bananal que também lhe remetem, de alguma forma, a experiências vividas junto à equipe da Cozinha Ocupação, um grupo que lê como de “mulheres fortes” e “negras” o que, de alguma forma, reforça uma gestão embasada em um matriarcado que possui no topo da pirâmide hierárquica mulheres negras, assim como antes afirmado por André Chiarati.

Eu tenho trabalhado agora com a ocupação, junto à ocupação ali no Bananal Arte, que é um ateliê de artistas coletivos que fica também na Barra Funda, ali na Lavradio com a Camaragibe. E eles têm um botequinho que quando eles montaram... Era uma antiga... Era uma antiga garagem. Quando eles montaram, eles já montaram um barzinho, um anexozinho, justamente pra tentar vender cerveja e fazer... Enfim... Tentar entrar dinheiro no ateliê. No... Desculpa a palavra. Não é só o ateliê. No centro cultural. **E aí a gente desde julho agora, mais intensamente, eu tenho trabalhado com... Junto com a ocupação, junto com a equipe da ocupação. Fazemos as comidas de lá. A gente começou com churrasco. Temos feito agora umas iscazinhas de carne. Tem umas batidinhas lá. Vende Chope, da Cervejaria Central. E estamos tocando.** A gente abre uma vez por dia, uma vez por semana. Ainda aos poucos.

O Bananal, ele é chamado Bananal porque ele fica do lado do Largo da Banana, que é um importante ponto do samba paulistano. Então lá, diferente do meu passado mais rockerão, lá toca mais samba. Mais pagode, mais música brasileira e tal. O meu gosto musical é eclético e tal. Era só para dizer que lá é chamado Bananal pelo Largo da Banana que tem ali. Hoje, infelizmente, tem só uma bananinha, coitada, solitária. Mas ainda é o Largo da Banana, porque ele foi tomado pelas ruas ali da Pacaembu. **Outro dia mesmo, eu lembro de uma banda de mulheres negras que foram tocar. Esqueci o nome agora, me perdoem.** Depois eu tento te passar. **Ela fez um discurso maravilhoso. Eu lembro que eu estava lá na cozinha e me “pegou”,** falando da importância do... Tudo lá, eu sei tudo isso de ouvir da orelhinha de tuberculoso, que eu ficava ouvindo lá as conversas. **Sempre via alguma informação. E eu lembro do discurso dela. Ela reivindicando a importância da Barra Funda para o samba e para a população negra.** E eu lembro de quando ela fez uma reivindicação

---

<sup>137</sup> Entrevista concedida por João Salinas para esta pesquisa em 28/11/2024.

que eu achei que “pegou” para mim, como homem branco e latino. Somos todos. Mas ela falou assim, aqui tem o enorme, o Memorial da América Latina para os latinos, para a população branca... **e não tem um memorial para a população negra, para o samba ali. Pegou?... pega! Isso é o que eu aprendi aqui também. De trabalhar com mulheres fortes, negras. Eu acho que já vai emendando a conversa de quão prazeroso é trabalhar com essa equipe daqui da cozinha. Que é essa equipe valorosa que atrai o voluntariado. Eu fui pego pelo voluntariado de moradores que têm, cada um, mil histórias, porque cada um está aqui numa ocupação no centro de São Paulo. E a gente trabalhando aqui “pega” bem. A gente vê que há um amor, um carinho que é perceptível.** Quem vem com o voluntariado se apaixona<sup>138</sup>. (destaques nossos)

No relato de Raul a complexidade do tecido social e material da cidade se expõe quando trazida uma trajetória de vida que passa pelo rock e que, de alguma forma, atualmente se enreda em um território outro, permeado pelo samba e por discursos que visibilizam silenciamentos. As interseccionalidades das vias são notadas pelo entrevistado (que se lê como “*homem branco, latino*” e que é tocado por narrativas de “*mulheres negras*” e “*fortes*”) e a narrativa nos permite perceber e analisar a cidade através da perspectiva da comunicação urbana.

Ao verificar um deslocamento e produção de experiências através de fluxos, trajetos e mobilidades não só de pessoas, mas também de sentidos, informações e identidades que acabam por interligar este território da Barra Funda (e tantos outros mais) a este espaço múltiplo que é a Ocupação 9 de Julho, percebemos não apenas as tramas que compõe este tecido comunicacional urbano em rede, em suas associações e interações, mas também apresenta-se uma noção de multi ou transterritorialidade (Haesbaert, 2023) que aponta para um atravessamento de sentidos, atores, imaginários e informações que se dão entre localidades não contíguas (Pereira, Silva e Paiva, 2025).

Trazendo o ponto de vista das artes, a artista plástica, ilustradora, arte-educadora e grafiteira Kelly Reis<sup>139</sup>, quem tem uma obra instalada em um dos espaços externos da Ocupação, traz a sua experiência de como as tranças dessa rede se articulam e entrelaçam, descrevendo como foi que suas conexões a levaram a pintar em um dos espaços da Ocupação 9 de Julho. Kelly menciona como o grafite

---

<sup>138</sup> Entrevista concedida por Raul Fiuza para esta pesquisa em 13/12/2024.

<sup>139</sup> Kelly Reis se descreve como grafiteira, ilustradora, arte-educadora e artista plástica. Mulher, 38 anos, atua no grafite há mais de 10 anos e produzindo artisticamente com pintura há mais de 20 anos. Reside na Zona Leste da cidade de São Paulo e concedeu a entrevista para esta pesquisa por telefone, em 17/12/2024, em viagem a trabalho para a confecção de murais fora da cidade.

se dá coletivamente, em mutirões, por meio de conexões e associações e como os temas abordados sempre são norteados por questões sociais e com o objetivo de aproximar a arte aos mais diversos territórios. Também cita o grafite como forma de fomentar redes de apoio, amparo e acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade.

**Tanto o movimento MSTC, Dona Carmen, e tanto o Movimento, tanto a Ocupação 9 de Julho, eu conheci por meio de amigos. Então eles me indicaram, falaram que haveria uma movimentação, que era uma ocupação de resistência, que tinha um trabalho bacana, voltado para pessoas em vulnerabilidade, enfim, e eu conheci por meio de amigos.**

(...)Bom, nas intervenções artísticas eu atuo de várias formas. Muitas vezes tem alguns mutirões de grafite para revitalizar algum bairro, alguma rua.

**Às vezes tem também algumas associações, tem os eventos de grafite também que ocorrem no país todo.** Então eu já fui para o Nordeste, já fui lá em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, no Ceará, e também na região sul, já fui pintar em alguns lugares, em cidades pequenas, o Campo Mourão, que é lá no Paraná. **Então quando eu saio para pintar, geralmente tem a relação com esses mutirões, essa coisa de devolver, de trazer o grafite para o lugar, de trazer a arte para o lugar, aproximar a arte dos territórios periféricos.**

Tem também esse outro lado que fazem **eventos de grafite**, tanto aqui em São Paulo quanto fora de São Paulo, **não só para revitalizar, mas para a gente conhecer outros artistas também**, então grupos grandes de artistas. E em alguns momentos tem esses trabalhos comerciais também. **Mas geralmente quando eu saio para pintar, são grandes grupos que se movimentam para poder trazer alguma transformação no meio, seja na rua, seja na casa que é de madeira, na casa que é de tijolo, não importa.**

**O foco maior é sair, fazer essa movimentação em grupo e transformar um pouco o cotidiano das pessoas. Não só transformar, mas aproximar da arte, fazer com que as pessoas reflitam sobre diversos temas, reflitam sobre as desigualdades sociais também, o que está faltando para elas, trazer um pouco de força para a luta também**<sup>140</sup>. (destaques nossos).

A entrevistada também traz pontos de interseccionalidades onde o gênero, condição social e arte se encontram e são atravessados por formas de sociabilidade e subjetivação que descentralizam a comunicação dos meios, o que nos permite refletir sobre modos de conexões com outros sujeitos e com os espaços urbanos. Aqui, fala-se de associações em rede e de mobilizações de coletivos majoritariamente femininos (como o coletivo Olhares Urbanos<sup>141</sup>) para auxiliar outras

---

<sup>140</sup> Entrevista concedida por Kelly Reis para esta pesquisa em 17/12/2024.

<sup>141</sup> O coletivo Olhares Urbanos, fundado em 2014, possui página na plataforma Instagram (<https://www.instagram.com/coletivo.olharesurbanos>) e se apresenta na sua página web como um grupo que *“busca promover ações culturais e artísticas em espaços alternativos e públicos da cidade, criando assim uma articulação de diversas possibilidades artísticas através da percepção urbana. Em*

mulheres, fazendo uso do grafite/pintura para expor, através da arte, o que se dá nos contextos urbanos, práticas estas que nos permitem observar tensões e usos do espaço urbano que envolvem formas de se comunicar na cidade.

**E não posso deixar de falar também que existem muitos coletivos de mulheres que, inclusive, quando comecei, foi juntamente com um coletivo, o coletivo Olhares Urbanos, que era um coletivo majoritariamente de mulheres.**

**E essas mulheres fazem várias movimentações para auxiliar mulheres que estejam passando fome, muitas vezes, mulheres que estejam ali em outro tipo de vulnerabilidade, que tenham passado por algum tipo de violência doméstica, tem mulheres que trabalham dentro do grafite, saem para pintar, falam sobre isso, como eu mencionei no início, que também falam sobre o tráfico de mulheres. Então, é uma rede muito grande. E o grafite está muito atrelado às causas sociais e aos grupos. E você sair coletivamente para falar sobre o que está acontecendo no contexto urbano, no contexto periférico, e, de alguma forma, trazer um pouco mais de força para essas pessoas. Então, tem muitas mulheres que atuam fortemente com isso.<sup>142</sup> (destaques nossos).**

O também artista Mauro Neri<sup>143</sup>, conhecido como “*Veracidade*” no mundo dos murais, tem trabalhos espalhados nas mais diversas cidades brasileiras. Ele se apresenta como “*artista plástico, educador, ativista, artista, grafiteiro, pichador*” e dá ênfase aos coletivos dos quais participa e às frentes urbanas com as quais estes grupos estão envolvidos. Citou expressamente a associação Imargem<sup>144</sup>, uma organização sem fins lucrativos estabelecida no extremo sul de São Paulo (região de sua residência) que faz uso dos eixos arte urbana, navegação em barco à vela, permacultura, alimentação saudável, convivência comunitária e saúde integral para

---

*sua maioria de cunho social, traz a arte urbana como essência de sua poética visual possibilitando através da arte a militância debruçadas no feminismo, no empoderamento da mulher, na diversidade de gênero e no desaparecimento de pessoas. Entendendo que a cidade é um grande museu aberto, agregamos artistas que se interessam pelas linguagens contemporâneas, com olhares distintos sobre a nossa realidade e uma reflexão do mundo atual. A arte possibilita um novo olhar para as questões sociais e de alguma forma amplia a percepção do outro para os conflitos da sociedade.”* Disponível em: <https://olharesurbanos.wixsite.com/coletivodearte>. Acesso em 28 abr.2025.

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Kelly Reis para esta pesquisa em 17/12/2024.

<sup>143</sup> Mauro Neri se apresenta como artista plástico, educador, ativista, artista, grafiteiro e pichador. Homem, 44 anos, diz que sua principal atividade é desenhar, escrever paredes e criar ideias. Também é conhecido como “*Veracidade*” no universo do grafite. Nasceu em São Paulo, no Grajaú, extremo sul da cidade, onde reside até os dias de hoje. Concedeu entrevista para esta pesquisa em 15/02/2025, no espaço aberto da Ocupação 9 de Julho, em frente a uma das obras que pintou no local.

<sup>144</sup> A Associação Imargem possui página no Instagram (<https://www.instagram.com/imargem/>) e sítio eletrônico (<https://imargem.art.br/>) que trazem mais detalhes sobre a história da associação e dos trabalhos ali desenvolvidos.

promover experimentações e percursos educativos, principalmente com escolas públicas e com a comunidade do seu entorno, valorizando o território como se fosse uma sala de aula ao ar livre.

Eu faço parte de uma associação chamada *Imargem*, que é também um coletivo com origem no Grajaú, que lida com direitos humanos, questão cultural, as artes, a multidisciplinaridade das artes, questões ambientais e tal. Então, sim, a gente promove uma série de atividades de curadoria, de eventos ligados a esporte, náutico. **Então, faço parte especialmente desse movimento, desse coletivo, e com frequência também estou somando com outras iniciativas coletivas de artistas, de curadorias. Então, meu trabalho tem muito de coletivo, muito de fazer em parceria com outros artistas também.**

(...)

Ah, eu gosto muito de falar sobre uma iniciativa, um projeto que não fui eu que inventei, mas sou muito entusiasta, que é do *Infograffiti*. **Que é isso, da gente, coletivamente, definir e produzir frases que são estampadas, pintadas, grafitadas nas paredes, que sejam de interesse social, para que a gente elabore e possa se informar através dos muros da cidade. Para além do que já é feito, mas que tenha um incentivo, seja da iniciativa privada, do poder público, da sociedade, para apoiarem e ajudar a produzir mesmo essas informações que tratam as injustiças, as peculiaridades, coisas que a gente precisa ler na cidade**<sup>145</sup>.  
(destaques nossos)

Acompanhando as experiências do entrevistado, podemos traçar uma linha de relações que conecta Grajaú (sul da cidade de São Paulo) ao centro da metrópole (Ocupação 9 de Julho), o que marca a presença de redes da cidade que se conectam e se interconectam, em um contínuo processo de (des)(re)construção. Aqui pode-se cogitar que a Ocupação 9 de Julho é uma territorialidade urbano comunicacional que agrega e conecta redes, fluxos, nós de pessoas, trajetórias, imaginários, bens, sentidos em disputa, processos comunicacionais e políticos: uma transterritorialidade que ultrapassa fronteiras físicas e onde se cruzam e entrelaçam processos, práticas, mediações, conexões e circuitos que podem se dar entre ruas e redes, material e digitalmente (Haesbaert, 2023; Pereira, Silva e Paiva, 2025).

Por fim, dona Jacira, nossa entrevistada, relata como essa teia relacional a aproximou da Ocupação 9 de Julho, descrevendo um momento em que sua rede foi expandida de forma a levá-la a conhecer este lugar que atualmente frequenta de forma assídua, um espaço onde se identifica e onde gosta de estar.

---

<sup>145</sup> Entrevista concedida por Mauro Neri para esta pesquisa em 15/02/2025.

Conheci Preta Ferreira em Salvador, em 2018, se não me engano. Logo depois, visitei ela com um grupo de mulheres quando ela morava no Bixiga. Naquele momento **conheci a Carmen e sua trajetória, achei nossa caminhada muito parecida na luta sem fim**, com os filhos e netos sempre presentes. Ela também é filha de Yansã, assim como eu. Em 2021, a Carmen me convidou para cozinhar na ocupação, **eu gostei do lugar e fiz daquele local outro quintal que eu gosto de estar**<sup>146</sup>. (destaques nossos)

Essas teias relacionais comunicativas corroboram uma intenção de estar junto, ou melhor, de prestigiar um *“juntos somos”* que se dá mais além do que no tempo e espaços definidos pelos eventos de domingo na Ocupação. É comum que estes eventos sejam lembrados antes do próximo encontro, com divulgações nas plataformas sociais que mostram registros de momentos de encontros anteriores, registros estes feitos pela própria equipe de comunicação ou por terceiros que marcaram em suas próprias páginas de plataformas sociais as arrobas (@) da Cozinha Ocupação 9 de Julho, assim como o story de 16/03/2025, repostado pela Cozinha e que traz a frase de um frequentador em destaque: *“Tem luta que é festa, Tem festa que é luta”* (Figura 64).

**Figura 64** - Story repostado pelo Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho-MSTC em 16/03/2025.

---

<sup>146</sup> Entrevista concedido por dona Jacira para esta pesquisa em 12/12/2024.



**Fonte:** Instagram da Cozinha Ocupação 9 de Julho, 2025.

Esta rede de produção cultural da Ocupação 9 de Julho é frequentemente reconfigurada e ampliada e, semanalmente, nas plataformas sociais relacionadas com o evento, se materializam novas parcerias e novas associações. Habitualmente, normalmente às quartas ou quintas-feiras, nas plataformas (Instagram e Facebook) se apresenta um breve texto que conta sobre as atrações que acontecerão no próximo final de semana, sempre devidamente acompanhados das arrobas dos perfis sociais destes novos atores.

Com a indicação dos protagonistas do domingo na Ocupação, sejam estes artistas, cozinheiros, escritores, ativistas, coletivos, entre outros, é possível seguir o fio de algumas linhas e nós relacionais ao se clicar nesses *links* que acabam por nos encaminhar para outras e outras páginas e, por conseguinte, para outras e outras redes. Isso ocorreu ao longo deste estudo e foi um acompanhamento dos atores sob a perspectiva de Latour (2012), onde há uma circulação dos pesquisadores pelo campo de estudo para coletar informações, explorar ambientes, conectar dados e traçar complexas redes de relações entre os diversos atores sociais, acompanhando

suas agregações e associações em suas atividades cotidianas no intento de revelar estruturas e significados subjacentes na sociedade.

Mas não é apenas uma diversidade de atores o que se observa ao longo das programações divulgadas nas plataformas midiáticas da Ocupação/MSTC. Também há uma variedade de gêneros/categorias das atrações e de público, já que a Ocupação acolhe, entre outros, eventos de lançamentos de documentários, de coletâneas musicais, de livros e, até, de novas cervejas artesanais, convidando a tardes de autógrafos, exibição de filmes, peças de teatro, blocos de carnaval, apresentações de escola de samba (em especial o Vai-Vai<sup>147</sup>), rodas de samba, capoeira, festas juninas/julinas, rodas de danças tradicionais (como carimbó), rodas de conversa, shows e festivais musicais, debates políticos, eventos litúrgicos (como procissão a São Benedito e o mini Círio de Nazaré), rituais de dança de povos originários (como o Porancy ou Poransy, do povo Tupinambá de Olivença), saraus, feiras de produtos artesanais, recreação para crianças, e tantas outras atividades que se possa imaginar, quase sempre aglutinando mais de uma atividade à programação do domingo.

A programação é sempre algo que acompanha o tradicional almoço, em pratos apresentados nas versões onívora e vegana, com um cardápio exclusivo que, assim como a programação cultural-artística, raramente possui uma receita que é replicada em outro momento nas panelas da cozinha<sup>148</sup>.

Aqui é preciso reconhecer a complexidade do processo logístico de levar, a cada semana, um novo evento para a Ocupação, apresentando novas pessoas e grupos, com raríssimas repetições de cardápio e/ou de atrações, processo este que demonstra a existência de um trabalho da organização que constantemente aciona e

---

<sup>147</sup> O Vai-Vai, tradicional escola de samba de São Paulo, é uma agremiação carnavalesca que deve ser sempre tratada no masculino, em referência ao fato de ser um Grêmio Recreativo e à sua evolução histórica a partir de um cordão carnavalesco. Mais informações sobre a história de formação do Vai-Vai está disponível em: <https://vaivai.com.br/nossa-historia>.

<sup>148</sup> Ao longo da pesquisa, os poucos registros que podem ser nomeados por esta pesquisadora como acontecimentos que estiveram mais de uma vez na programação de domingo da Ocupação tem-se: (a) os escalda-pés mediados por dona Jacira, (b) festas culturais paraenses com carimbó, na culinária, (b) os alimentos defumados e embutidos de Raul Fiuza, (d) a comida paraense de Karina Fonseca, (e) as tradicionais feijoadas ou pratos elaborados sob o comando de dona Carmen Silva junto à equipe da Cozinha Ocupação 9 de Julho e (f) a discotecagem de ambiência criada pelo “*Um som na Ocupação*”, por Douglas Jackson. São retomadas raras, de atores que às vezes se repetem, mas que sempre possuem variações em suas execuções e/ou receitas.

amplia as conexões para manutenção de uma rotineira variedade e, quiçá, de ineditismo nos eventos. Este trabalho de expansão contínua e tentacular, se pensada sob uma lógica comercial, pretende não apenas atrair novos frequentadores e manter a assiduidade daqueles que já acompanham as festas com regularidade, mas também sedimentar a Ocupação 9 de Julho como um polo de cultura, como uma ilha a(r)tivista cercada de concreto para que ali, cada vez mais, o Movimento possa enraizar.

De outro lado, há que registrar e evidenciar que a rede de parceiros externos também trabalha para aumentar esta tentacularidade, apoiando o Movimento à sua maneira. Nesse ponto, a produção de alimentos pela Cozinha é uma das principais formas de apresentação sutil do MSTC a terceiros, é dizer, sob um olhar singelo, que não adentra em toda a sua complexidade, o MSTC aparece assumindo um papel de um movimento social que prepara e fornece alimentos com ingredientes da agricultura familiar/origem agroecológica em festas e encontros institucionais em locais definidos pelos seus clientes. É um serviço de *catering* prestado durante os dias de semana, que funciona não apenas como meio de circulação de recursos financeiros na Ocupação através da remuneração da Cozinha e equipe pelos serviços prestados (produção do alimento, transporte, montagem de mesas, finalização de alimentos no local e o serviço de servir), mas também como outra forma de inserir o Movimento em outros locais e instituições, aumentando sua visibilidade e fomentando a presença e a imersão de novos e curiosos frequentadores nas festas semanais de domingo.

Esta atmosfera que convoca, cativa, questiona, provoca e sensibiliza que é o que percebemos nas festas de domingo na Ocupação é o que passaremos a explorar no próximo tópico, ao trazer um pouco das ambiências no território da Ocupação 9 de Julho, dando maior ênfase nas expressões artísticas materializadas fisicamente nos murais e painéis espalhados ao longo dos espaços do local.

### **3.3 “E eu, não sou uma artista?”: ambiências de um espaço a(r)tivista.**

*“A arte que liberta não pode vir das mãos de quem escraviza”*

Existe uma significativa amplitude de relações possíveis de se estabelecer com a comida e ao redor do alimento. Nos caminhos trilhados por este estudo, a comida produzida na Ocupação 9 de Julho é um dos elementos potencializadores das festas, elementos estes que nos ajudam a entender modelos e processos sociais e culturais e a cunhar dimensões de pensamento, escolhas, modos de interação, de conexão e de comunicação nas cidades.

A comida produzida no local (tanto a que é comercializada quanto a que é distribuída gratuitamente aos grupos em situação de vulnerabilidade) surge como tema transversal e ganha nuances políticas, servindo como ferramenta que fomenta e fortalece complexas conexões e reivindicações, aliando-se a frentes ativistas e artistas que auxiliam nessa construção de um território nas frestas, nos entrelugares, e onde afloram formas outras de ser e de habitar o mundo.

Tendo como foco deste trabalho o descrever e compreender as festividades de domingo na Ocupação e o interpretar sentidos de comunicação urbana ali construídos, exercidos e desdobrados, optamos por trazer um breve recorte de uma ambiência que é construída na Ocupação e que já é perceptível na Cozinha: as cores dos alimentos, os aromas, os sabores e a multiplicidade de cardápios produzidos a várias mãos misturam-se a bandeirolas, cartazes, panfletos, desenhos e objetos afixados às paredes que inundam o ambiente de preparos da Cozinha e, também (mas não só) a partir dali, propagam-se por todo o território da Ocupação 9 de Julho.

*“Hoje eu moro em um centro cultural”*. É com essa frase de Luiza Santos<sup>150</sup> que se inicia o documentário *Todas Elas*, produção que faz parte da segunda temporada da série de curtas-metragens de nome Brasil Visual, com estreia no Canal Curta! em agosto de 2024. A frase, que ganhará dissensos/problematizações mais à frente, trazem a percepção - não incomum - de que o espaço da Ocupação 9

---

<sup>149</sup> A íntegra do poema pode ser acessada em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/sergio-vaz-manifesto-da-antropofagia-periferica/>. Acesso em 05 abr.2025.

<sup>150</sup> Fala de Luzia Santos, moradora, identificada como militante do MSTC em trecho do documentário *“Todas Elas”*, 2ª temporada da série Brasil Visual (2024), com 26min, exibido pelo Canal Curta! em 24/08/2024 ([https://canalcurta.tv.br/series/brasil-visual\\_2%C2%AA-temporada](https://canalcurta.tv.br/series/brasil-visual_2%C2%AA-temporada)).

de Julho é um local de centralidade artística, embora se trate de um território de caráter mutante, onde durante a semana se pratica a moradia e/ou o trabalho e, aos fins de semana, mais além do habitar, o território também assume um caráter festivo com a realização de eventos dos mais variados gêneros.

Os habitantes da cidade possuem o direito não apenas a viver na pólis, mas também a estabelecer como querem nela viver. Dentro dessas formas do habitar, não se fala somente de um direito ao habitar, mas igualmente a um direito de viver dentro de uma estética com a qual os sujeitos se identifiquem, assim como referido por Michel de Certeau

**Los habitantes, sobre todo los menos favorecidos, no solo tienen, en el marco de las leyes, un derecho para ocupar lugares; tienen derecho a su estética.** De hecho, su “gusto” es denigrado sistemáticamente, mientras se privilegia el de los técnicos. **El arte “popular”, no obstante, expuesto por las nubes, pero solo cuando se trata de un pasado o de una lejanía transformada en objeto de curiosidad** (Certeau, 1999, p.143).  
(destaques nossos)

Construindo um território com o qual se identificam, é trazido um olhar provocador ao espaço da Ocupação 9 de Julho que, nas paredes dos andares aos quais o público tem acesso (tanto nos espaços abertos quanto cobertos, internos e externos do edifício), foram criadas galerias de arte e, especialmente no espaço aberto, vêm-se as cores preenchendo grande parte dos espaços cinzentos.

Na parte externa, ao se olhar da rua, a Ocupação já chama a atenção. O muro externo, com trabalhos artísticos criados coletivamente, claramente sinaliza que aquele espaço segue lógicas contra hegemônicas.

Personagens de diversas etnias segurando placas com dizeres como *“Ministra negra no STF”*, *“Muita casa sem gente, muita gente sem casa”*, *“Poder popular”*, *“Emergência climática”*, *“Moradia é um direito”* e *“Quem ocupa cuida”* são chamados que demarcam o território de um grupo que acompanha pautas sobre lutas coletivas (Figura 65).

**Figura 65** - Fotografia do muro externo da Ocupação 9 de Julho, quando se olha da rua (abril/2025).



Fonte: A autora, 2024.

Entrando pelos portões da Ocupação, em local de destaque e logo após a rampa da entrada, dois murais de Priscila Barbosa atraem o olhar. A imagem de duas mulheres de mãos dadas, usando tranças e com parte do rosto coberto tem ao centro a frase “o comum de nós”. Ao lado, outro trabalho da mesma artista representa a parte inferior do corpo de três mulheres, sentadas em cadeiras, onde uma delas segura um pano com uma frase bordada: “e eu não sou uma artista?”<sup>151</sup> (Figuras 66 a 68).

**Figuras 66, 67 e 68** - Fotografias dos murais no espaço aberto da Ocupação 9 de Julho.

<sup>151</sup> Priscila Barbosa (Pri Barbosa) é muralista, pintora e ilustradora baseada em São Paulo (Instagram: @priii\_barbosa). No site de Priscila ([www.priscilabarbosa.com](http://www.priscilabarbosa.com)) o seu trabalho é descrito como: “Desenvolve um trabalho que investiga a iconografia da mulher revolucionária contemporânea com foco na América Latina, onde propõe percepções críticas sobre padrões estéticos e comportamentais vigentes, numa estratégia de enfrentamento e questionamento das relações de poder. Através retratos de mulheres com corpos diversos e da mescla de elementos vinculados ao trabalho doméstico – como panos de prato, utensílios de cozinha e limpeza – com símbolos de insubordinação, Priscila constrói cenas que têm o intuito de provocar o espectador através da oposição. São criadas imagens que à primeira vista sugerem a docilidade esperada do gênero feminino, reforçadas pelos tons rosados, característica de sua produção, mas que revelam atividades de insurgência e rebeldia”. Acesso em 26 mar.2025.



Fonte: A autora, 2025.

Sem ter a pretensão de responder à pergunta deixada no ar pelo trabalho artístico de Priscila Barbosa, acabamos nos inspirando na frase da muralista para dar o nome a este tópico do trabalho. No entanto, ainda sem responder à indagação, consideramos que estes corpos pintados nos murais e que essa exploração criativa das palavras pretende provocar reflexões acerca dos papéis em jogo neste contexto social, onde se faz uso de um território ocupado na zona central de São Paulo para produção de arte, arte esta que ali é entendida como *“essencial para a vida, assim como a moradia”*.<sup>152</sup>

<sup>152</sup> Trecho de postagem feita no Instagram pelo MSTC que fala sobre a renovação das artes nos muros da Ocupação 9 de Julho feita em 2023. A publicação traz detalhes do processo de realização

Rezende e Scovino (2010), ao tratar da arte “*pós-moderna*”, indicam um sistema e instituições que, questionados, teriam aproximado a arte da vida, permitindo que esta se misturasse ao cotidiano e aos objetos de uso comum. Abrindo mão de privilégios estéticos, diluindo fronteiras e alargando meios e suportes, a arte teria passado por um processo para se tornar cada vez mais política no sentido originário do termo, qual seja, participar do dinâmico jogo de relacionamento entre os cidadãos da pólis.

Esta visão, que se alinha às práticas da Ocupação 9 de Julho, traz um modo de fazer arte que é atravessado por questões políticas, ou melhor, questões ativistas, onde linguagens estéticas como música, dança, poesia, culinária, entre outros, abordam temáticas que possuem um forte posicionamento político vinculado especialmente - mas não somente - com a moradia, urbanização, cidadania e alimentação.

Oportuno, neste momento, retomar o ponto da Ocupação 9 de Julho ser vista por alguns como um “*centro cultural*” e por outros como “*polo cultural*”. A classificação se mostrou controversa não apenas ao se cruzar relatos existentes em documentários sobre o território, mas também entre as falas dos participantes das entrevistas para este trabalho, com a divergência ganhando força quando o tema veio à tona de forma espontânea e orgânica no momento da captura das narrativas e quando perguntado o que entendiam que se fazia ali (na Ocupação) e o que achavam que era aquele espaço (a Ocupação).

A exemplo desta divergência de perspectivas, Raul Fiuza, cozinheiro do Boteco Ocupação e parceiro habitual da Cozinha, lê o local como um grande *centro cultural*, onde os eventos refletiriam o uso inteligente de um espaço ocupado e de forma tal a tornar o território um lugar atrativo para um público diverso.

**Aqui na Ocupação Nova de Julho é um grande centro cultural. É um espaço cultural de eventos.** Já... O espaço que eles têm aqui é... É incrível. Eu trago bastante gente pra cá, de amigos, e eu não vejo uma pessoa que não brilhe os olhos. Eu sempre tenho que trazer pra cozinha, pra conhecer. Fico atrapalhando o serviço no meio do domingo. Mas venho trazer pra ver, pra conhecer com quem eu trabalho. Eu acho que é...

---

do evento artístico, que teve uma programação de 10 dias e o convite a mais de 100 artistas para participar. Detalhes deste processo e dos artistas participantes pode ser acessada na página <https://www.instagram.com/p/CxwDMQBpN4S/?igsh=MTAzZzl2azl4eWc2cw%3D%3D>. Acesso em 05/04/2025.

Cozinhar aqui é... Talvez diferente de um restaurante ou de outra coisa... **Primeiro que... Óbvio que a gente visa uma arrecadação, mas não um lucro. A gente visa fazer uma comida de afeto, de cuidado.**

(...)

**Quando a gente junta um espaço aqui no centro de São Paulo, que usa esse espaço de forma inteligente, como espaço cultural, com uma horta, trazendo músicos/músicas, principalmente não só de população negra, mas também de população diversas, a gente está trazendo um mar de ganho. Não só para quem olha, pra quem brilha os olhos quando vê, mas para quem trabalha.** Toda vez eu falo, por ter sido criado com esse privilégio humanista que eu tive...eu não estou para professorar ninguém... mas eu falo para eles, meus colegas, o tanto quanto é importante estar aqui. Eu me sinto muito feliz...<sup>153</sup> (destaques nossos).

Já sob o olhar de André Chiarati o território da Ocupação, em verdade, não seria um centro cultural, mas sim um *polo de cultura*, um local de habitação onde também se fazem festas e eventos culturais que servem não só para se ter contato com o público, mas também para a transmissão das mensagens do Movimento a estes espectadores através do uso de abordagens comunicacionais que incluem arte e cultura. Esta prática, para André, se faz seguindo uma lógica do capital, onde o polo cultural Ocupação 9 de Julho seria um local para se manter contato com o cliente ou, como diz nosso entrevistado, a marca Ocupação 9 de Julho teria conquistado um valor econômico e o seu território seria o seu ponto de contato com o seu cliente, seu “*ponto de venda*”.

(...) um **centro cultural** na concepção que a gente tem *ipsis litteris*, ele não contempla moradia. Não se mora num centro cultural. Por isso que eu falei, é utópico. Mas é real. **Eu acho que a gente é um polo cultural.** Com certeza. **Um polo é um gerador de cultura. Num polo cultural pode existir moradia. A Maré é um polo cultural. A Rocinha, Paraisópolis, Heliópolis. Mas lá dentro do polo cultural você tem um centro cultural. Você tem um museu, você tem uma galeria.**

(...)

E eu sempre falo que eu tenho uma causa que é **cidade para as pessoas e por pessoas**. E ela engloba uma praça, um parque, uma rua, um grafite, um banco na praça, uma iluminação. E engloba também moradia. Então a moradia acabou vindo junto e somando com isso. E no meio disso **eu descubro o ativismo. E vou caminhando para essa linha artística.** Mas de novo, não perco o samba enredo e nem a estratégia. **Porque eu entendo que a arte, a cultura, os eventos e até o polo cultural 9 de Julho eles são canais onde a mensagem precisa ser passada.** Se a gente estivesse falando uma linguagem de mercado, a 9 de Julho é igual o Cine Joia pra uma marca. É um PDV, é um ponto de venda, **é um ponto de contato com o cliente.** Então essa mesma lógica corporativa. **Essa lógica que eu falo socialmente capitalista eu aprendi lá fora.** E aprendi através de uma caminhada cívica pela militância com a Roosevelt entender o que são direitos e deveres. E aí chego com o movimento e tenho um mestrado com Dona Carmen de o que é o urbanismo social.

---

<sup>153</sup> Entrevista concedida por Raul Fiuza para esta pesquisa em 13/12/2024.

(...) Em 2020, no Facebook, em pré-campanha, foi citado como umas 10 melhores páginas de engajamento com a Carmen Silva, pelo PT. Hoje eu já não sei mais como é que é isso, mas conseguir esse engajamento a partir de um movimento social, de moradia, criminalizado, **a gente está falando de uma conquista de valor econômico e perceptível de imagem muito grande. Tão grande ao ponto de despertar interesse de galerista internacional vir aqui conhecer a nossa galeria, de uma estudante de nutrição querer saber como é que virou esse complexo de eventos, por isso que eu digo, não é um centro cultural, é um polo. Um polo abriga um centro, mas abriga moradia e tudo mais que isso tem.**<sup>154</sup> (destaques nossos).

Tanto Luiza Santos (com quem abrimos este tópico do trabalho ao trazer a fala dita em trecho do documentário “*Todas Elas*”) quanto André Chiarati são moradores da Ocupação. André, inclusive, mora no último andar do edifício, no décimo-terceiro andar. Diariamente e algumas vezes ao longo do dia, sem a existência de um elevador operando, ele enfrenta a tarefa de subir e descer os degraus que interligam sua residência ao nível da rua, seja para ir ao trabalho, para os afazeres diários ou para levar seu cachorrinho caramelo, sempre a tiracolo, para passear.

Os entrevistados que tocaram no ponto do polo *versus* centro cultural manifestaram seu olhar a partir de dentro do Movimento e da produção das festas, tendo percepções sutis, mas significativamente diferentes de uma mesma questão: divergem sobre o foco e o papel do local e do Movimento nas experiências culturais-festivas-políticas estruturadas nos espaços da Ocupação 9 de Julho.

Fato é que, independentemente do nome que se dê, a arte e a cultura perpetuam um certo protagonismo dentro do MSTC, pois não são vistas como acessórios, mas como algo que integra e faz parte dos direitos fundamentais dos cidadãos. A frase a “*arte transforma*” está escrita em caixa alta em postagem nas plataformas sociais do Movimento, enaltecendo a galeria a céu aberto da Ocupação, que acomoda pinturas de mais de 100 artistas (além de uma galeria de artes, a Reocupa) e dando destaque ao fato de que “*nos importamos com a cultura como elemento fundamental de transformação e este é um dos nossos eixos fundamentais*” (Figura 69).

**Figura 69** – Postagem conjunta das páginas do MSTC, de Carmen Silva, da Cozinha Ocupação 9 de Julho e do Lute como quem cuida na plataforma Instagram em 26/04/2024.

---

<sup>154</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.



Fonte: Instagram de Carmen Silva, 2024.<sup>155</sup>

Se adentrarmos no tema da arte usada politicamente ou no chamado ativismo político inclinado para o artístico, no caso da Ocupação também podemos falar de novas formas e usos do espaço coletivo, no qual se gera uma atmosfera estética colaborativa/participativa que transborda reivindicações políticas de pertencimento urbano, que pleiteiam territórios e que intentam remodelar o real com a criação de momentos vividos e compartilhados.

Buscando dar conta de um *modus operandi* que faz uso de inúmeras linguagens e plataformas para explicitar, comentar e expressar visões de mundo para a produção de pensamentos críticos e que carrega em si uma natureza estética e simbólica capaz de amplificar, sensibilizar, refletir e interrogar sobre temas e situações em determinado contexto histórico e social é que pode se dizer que surge a prática “*ativista*”. O ativismo, portanto, se apresenta como um modo de perseguir mudanças ou como forma de resistir, consolidando-se não apenas como uma causa e reivindicação social mas também, simultaneamente, como uma ruptura artística (Raposo, 2015).

<sup>155</sup> A íntegra da postagem com o seu vídeo pode ser acessada em: <https://www.instagram.com/share/BAOV9FaCC9>. Acesso em 28/04/2025.

Apesar do caráter polissêmico do conceito “ativismo”, esse neologismo pode ser descrito como iniciativas engajadas caracterizadas por ações de natureza artística com dimensões políticas, com a intersecção e sobreposição complexas entre experiências políticas e estéticas (Fernandes *et al.*, 2022a). Nessas imbricadas relações entre ativismos, arte, política e estética, vê-se a politização consciente da arte na busca de um alinhamento com movimentos sociais mais amplos onde não a resistência, mas sim a (re)existência<sup>156</sup> impulsiona os atores não apenas a resistirem, mas também a protagonizar, a ocupar, a negociar, a escapar, a existir, a criar, a perseverar, a se reinventar e a provocar brechas/fissuras nas estruturas vigentes.

Na Ocupação 9 de Julho, o espaço partilhado é estrategicamente estudado e estruturado para que este não seja reconhecido ou pensado a partir de seus vazios. Os vazios são vistos como possibilidades para se guardar histórias, de transmitir mensagens, de fazer o inacabado, de materializar silêncios e tensões. André Chiarati, em sua entrevista para esta pesquisa conta que já havia alguns desenhos grafitados nas paredes da Ocupação, feitos entre 2016 e 2017, mas que foi em 2019 que eles acharam que realmente era o momento de “colorir” o local.

Este colorir foi feito com uma curadoria que pedia murais que enfatizassem representações femininas, comunidades tradicionais, que trouxessem personagens latinos, negros, LGBT’s e, igualmente, buscava que grande parte destes artistas também integrasse estes grupos minorizados. Assim

(...) em 2019, para a Festa Junina de 2019, tinha uma curiosidade que **a gente passou um tempo com o estacionamento todo branco. As paredes estavam todas brancas.** Por quê? Porque **um grupo invadiu a Ocupação e quis fazer daqui um estacionamento clandestino.** Dona Carmen chamou quem tinha que chamar e resolveu esse problema. **Só que tínhamos paredes brancas.** E aí eu e a Preta falamos, **está na hora de colorir.** Então chamamos muito de coração pessoas que aceitaram **chamar os artistas e começaram a fazer a grafitegem lá.** Já existe aqui nos arquivos, acho que em 2017, 2016, uma experiência também com artistas que fez uma primeira versão da quadra com grafites. Pintou o chão da

---

<sup>156</sup> Fernandes *et al.* (2022b), no texto *(Re)existências em um contexto de intensificação das polarizações e precarizações*, explicam que a noção (re)existência se aplica melhor que a de resistência em contextos como o presente. Para os autores, a perspectiva de resistência estaria mais voltada ao oferecimento de respostas e de negações diante de um sistema opressor ou contra modelos mais estáticos, estruturais, dicotômicos e binários. A noção de (re)existência, por sua vez, acolheria uma perspectiva mais dinâmica da vida social, abarcando as continuidades e descontinuidades da vida, possíveis negociações com o outro e considerando a capacidade dos atores criarem fissuras no sistema.

quadra. E esses artistas também foram chamados para 2019<sup>157</sup>. (destaques nossos)

Para essa ação conjunta de 2019, na qual se permitiu aos artistas convidados escolherem seus espaços em branco na Ocupação para pintar seus painéis, a adesão dos artistas foi tamanha que a intervenção foi descrita por André como uma “*guerra dos hunos*”. E foi a partir dessa ambientação que outras estruturas e melhorias foram sendo implementadas na Ocupação, com a ajuda de parceiros, para uma adequação que permitisse acolher eventos maiores no território: foram projetados e construídos escadas e banheiros e foram estabelecidos fluxos seguros para a movimentação e deslocamento do público no espaço durante os eventos.

A intenção inicial desta iniciativa artística era preencher os espaços brancos e vazios dos muros e, ao mesmo tempo, se aliar a grupos artísticos do grafite que, sob o olhar do entrevistado também são criminalizados nos meios de comunicação e que também se “*incomodam*” com os vazios urbanos.

**E aí com essa história do grafite a gente acabou também se posicionando, de dar a mão para um segmento artístico que também é criminalizado, mas que também ocupa da mesma lógica, usa da mesma lógica que nós. O espaço vazio incomoda. Pode ser uma parede vazia ou pode ser um terreno vazio.**

**Então quando a gente fez em 2019, a gente chamou geral para completar os espaços. E eu brinco que foi a guerra dos hunos, porque cada um pegou um pedaço, foi uma coisa de louco. Eu não tinha esse conhecimento da produção cultural, nem do circuito dos grafiteiros e tudo mais e contei com a ajuda de voluntários. Já em 2023... em 2018 ainda... foi 2018, a gente teve a virada sustentável. Então foi a Virada Cultural, a festa junina, a Virada Sustentável e a Bienal. Então isso trouxe um estofa para que em 2019 a gente já virasse esse lugar do... “Pô, todo domingo tem almoço”. “Pô, que evento que eles vão fazer agora?” Então a gente fez o DiverCidades e logo na sequência a festa junina, que foi a festa julina. E aí foram 10 mil pessoas no final de semana, com Arnaldo Antunes.**

**E aí já tinha uma outra configuração. Aqui em cima era a praça de alimentação. Porque lá em 2018 a gente fez esse teste. A praça de alimentação aqui e shows lá embaixo. Então a gente foi começando a explorar caminhos aqui e jeitos. E aí vão surgindo melhorias. Os banheiros, as escadas, os depósitos. Aí existe esse corpo que se movimenta que as pessoas não veem no final de semana. Que é esse corpo que mora, esse corpo que é o movimento, que se movimenta. (...) E existe uma lógica espacial que as pessoas entendem como funciona. E a qualquer momento que ela não entenda a gente pode lembrar. Isso aqui é uma casa de pessoas, não é um centro cultural. Nós fazemos moradia, não evento. Nós somos especialistas em construir, reformar e dar casa para as pessoas. Cozinha é uma experiência que a gente**

---

<sup>157</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

**está aprendendo. Por um acaso a gente faz muito bem tudo. Mas o nosso samba-enredo é moradia<sup>158</sup>. (destaques nossos)**

Definindo uma lógica espacial que contempla o uso híbrido do território – moradia, festividades, local cultural - percebe-se que na Ocupação não se pensou apenas em um ambiente que considera o nível de recepção sensorial dos temas artistas, mas também existiu algo prévio, uma produção material dessa ambiência festiva (Thibaud, 2012) e artista.

Jacques Rancière afirmou que “*a política tem sempre uma dimensão estética*”<sup>159</sup> quando refletiu sobre a estética e a política como formas de organizar o sensível. Thibaud (2012), por sua vez, refere que a ambiência pode ser vista como um fenômeno de distribuição do sensível, capaz de se propagar e se espalhar pelo ambiente através de impregnação, radiação ou contaminação, interligando diversos componentes de uma situação sob uma mesma tonalidade.

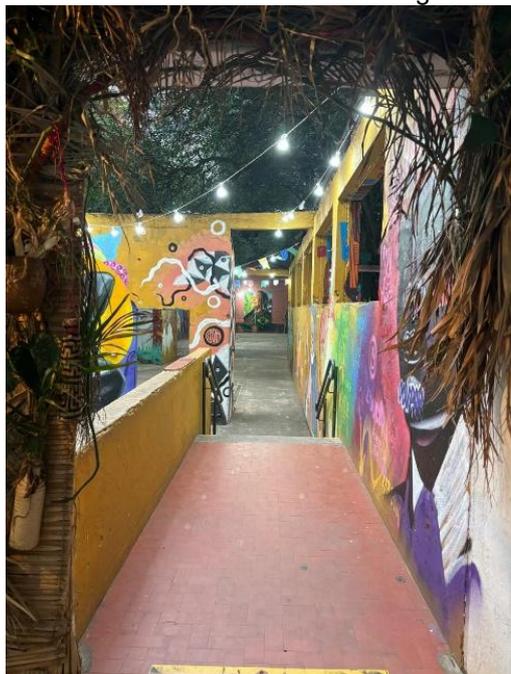
Este ambiente intencionalmente construído, onde se fundem paisagens de concreto, cores, sabores, música e política, é uma base física para uma viagem do imaginário urbano em momentos e situações vividos (Figuras 70 a 75). Atmosferas são criadas para uma imersão espacial do indivíduo e para potencializar as formas de vivenciar e sentir a metrópole, situação que gera uma experiência sensível do espaço e da vida ali vivida (La Rocca, 2022).

---

<sup>158</sup> Entrevista concedida por André Chiarati para esta pesquisa em 26/02/2025.

<sup>159</sup> Entrevista à revista Cult, nº 139, 30 de março de 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/>. Acesso em 27 mar.2025.

**Figuras 70, 71, 72, 73, 74 e 75** - Fotografias do espaço aberto da Ocupação 9 de Julho aonde se fazem as festas aos domingos e detalhes dos murais artísticos do local.



Fonte: A autora, 2024 e 2025.

Descrevendo a estreita relação entre o espaço urbano, indivíduos e múltiplas práticas artísticas e culturais que redefiniriam a composição dos lugares, produzindo

qualidades tonais específicas dos lugares praticados, La Rocca (2022) menciona que essas qualidades tonais expressariam uma estética de ambiências urbanas que representariam um processo de ressignificação da cidade por meio de suas qualidades sensíveis. Segundo o autor, a partir da reinvenção da prática de se utilizar os espaços e os lugares como um momento efêmero de reapropriação, se produziria um tipo de partilha do espaço onde existiria um estar junto e o estabelecimento de um clima com diversas especificidades: grafite, dança, música, sons, teatro de rua e diversas outras ações simbólicas que, com sua intervenção, modificariam as situações urbanas.

Nessa perspectiva, há a referência a uma *“arte relacional”*, na qual se coloca a arte como um terreno de encontro, onde a atenção se concentra na experiência da relação social, provocando a participação e despertando uma emocionalidade ambiental no participante (La Rocca, 2022).

Na Ocupação, esta arte que leva em conta uma estética das ambiências não é pensada apenas como uma ambiência ampla e diversa, mas também possui uma lógica ativista envolvida. Os responsáveis pela curadoria dos artistas que levam cor à Ocupação 9 de Julho escolhem agentes que comumente usam o seu trabalho para questionar o sistema e para provocar reflexão.

Os trabalhos artísticos espalhados pelo local trazem frases vinculadas ao Movimento (*“Quem ocupa cuida”, “Lute como quem cuida”, “Comida para alimentar a luta”, “Quem não luta tá morto”,* entre outras), e também multiplicam-se pinturas que expõe dizeres como *“A revolução é feminina”, “É menino ou menina?”, “A luta é coletiva”, “Seja um mártir”, “Qual é a sua história?”, “Cota não é esmola”, “Amoradia”<sup>160</sup>, “Coragem”, “Lute como quem sonha”, “Muito prazer, nós somos o povo”, “cuidacomigo”<sup>161</sup>, “Muita casa sem gente, muita gente sem casa”, “Taxar muito grandes fortunas”, “Nenhuma escola a menos”, “Bandido não carrega mochila”, “Ocupar, Re-existir”, “Para quem tá na rua todo dia é dia de aniversário”* e diversos outros mais (Figuras 76 a 88).

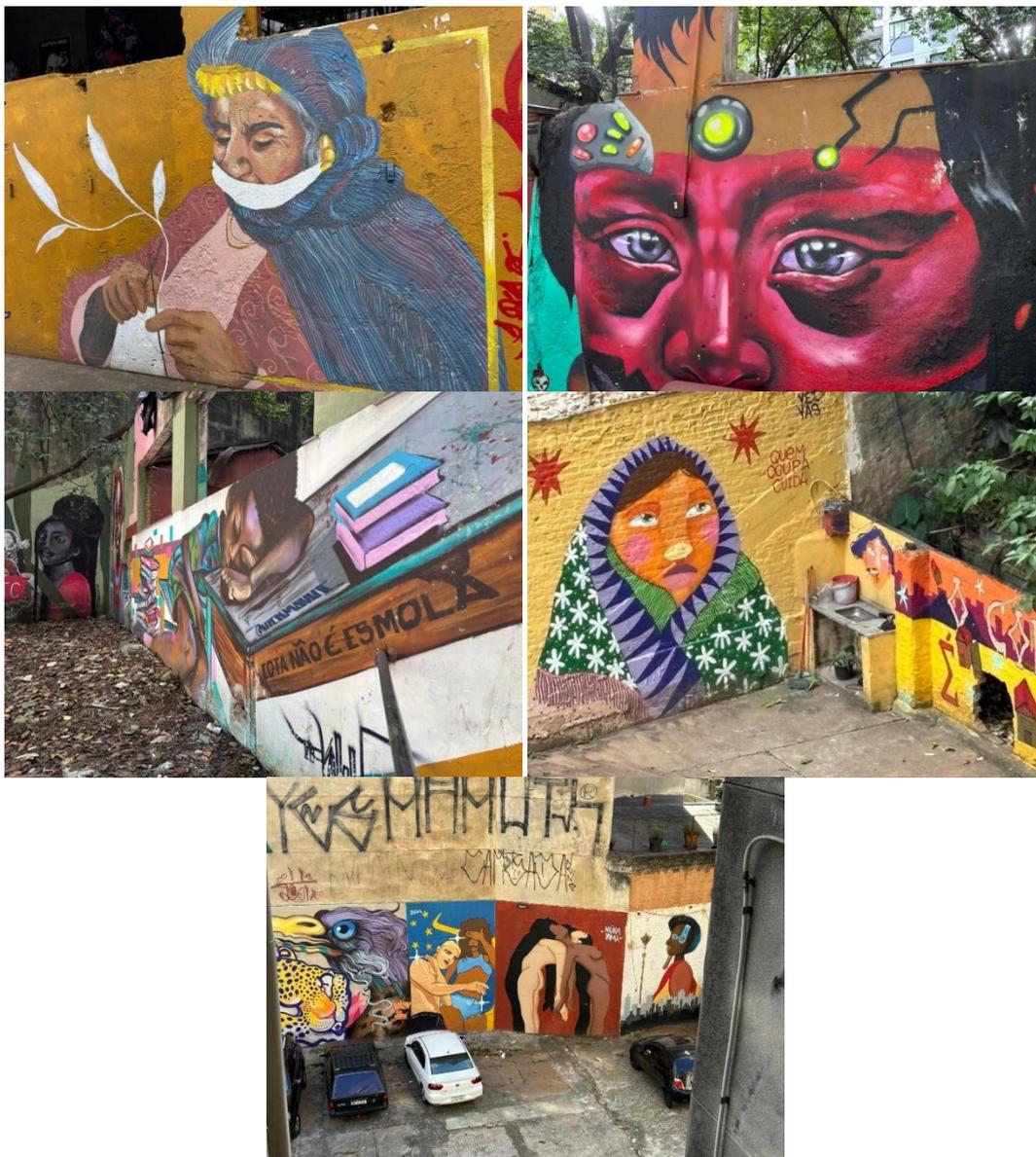
---

<sup>160</sup> Obra do entrevistado Mauro Neri e que será abordada mais à frente por este trabalho.

<sup>161</sup> As obras do artista (que não foi possível identificar durante esta pesquisa) são escritos em letra cursiva que não separam as palavras. Por isso, a grafia do texto foi mantida exatamente como se apresenta nos muros da Ocupação 9 de Julho.

Figuras 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87 e 88 - Fotografias do espaço aberto da Ocupação 9 de Julho aonde se fazem as festas aos domingos e detalhes dos murais artísticos do local.





Fonte: A autora, 2024 e 2025.

Em 2023 houve uma nova ação artística na Ocupação 9 de Julho, iniciada durante a Virada Sustentável de 2023 (setembro de 2023), o que permitiu a renovação e/ou ampliação dos grafites da Ocupação para uma “consolidação do espaço como um dos maiores polos de cultura e arte urbana de São Paulo” e “visando a construção de uma das maiores galerias de arte urbana da cidade”.<sup>162</sup>

<sup>162</sup> Trechos de postagem feita no Instagram pelo MSTC que fala sobre a renovação das artes nos muros da Ocupação 9 de Julho feita em 2023. A publicação traz detalhes do processo de realização do evento artístico, que teve uma programação de 10 dias e o convite a mais de 100 artistas para participar. Detalhes deste processo e dos artistas participantes pode ser acessada na página <https://www.instagram.com/p/CxwDMQBPN4S/?igsh=MTAzZzl2azl4eWc2cw%3D%3D>. Acesso em 05 abr.2025.

Kelly Reis, artista entrevistada para esta pesquisa, participou desta etapa de pintura dos muros e afirmou a inclinação ativista do seu trabalho, que desde o início é impulsionado por temáticas se relacionam com causas e movimentos sociais.

**Bom, toda a minha carreira artística dentro do grafite começou com causas sociais, com movimentos sociais. Então a primeira vez que eu saí para pintar na rua foi em prol da pessoa desaparecida, então havia uma movimentação para trazer alento às pessoas desaparecidas e eu fui uma das pessoas convidadas a participar, até então nunca tinha pintado mural, nada. E uma amiga me incentivou, então participei de eventos em prol da pessoa desaparecida, de eventos que falavam sobre tráfico de mulheres, eventos voltados para o meio ambiente, eventos voltados a... que eram antirracistas, eventos antirracistas. Então toda vez que eu saio para pintar, na verdade está ligado a alguma causa social. Eu não consigo sair para pintar sem estar atrelada a isso. Claro que quando tem ali algum trabalho que envolva o comercial, eu coloco ali alguns elementos que trazem ali as temáticas que eu trabalho, algumas causas sociais, mas nem sempre é possível trazer isso com a força que tem, por exemplo, um evento que é voltado para a causa social, mas geralmente quando eu estou na rua, quando eu vou expor, enfim, eu trago ali algumas questões sociais. Questões não, reflexões<sup>163</sup>. (destaques nossos)**

A grafiteira e artista, durante sua entrevista para este trabalho, também esmiuçou um pouco das motivações que atualmente a levam a apenas representar mulheres afro-indígenas em suas obras, referindo-se a intervenções que atravessam vias interseccionais ao tratar de temas como mestiçagem, espiritualidade e religiosidade.

**Embora eu trabalhe com pintura em tela, eu trabalho majoritariamente com grafite, com arte urbana. Então em alguns momentos eu faço murais, trabalhos em larga escala, trabalhos grandes, que estão mais voltados para mural. Então é um trabalho que fala sobre a mulher afro-indígena, fala sobre espiritualidade, religiosidade. E como eu falo de mulheres afro-indígenas e de matemática sensível, que é a religiosidade, espiritualidade, que a gente tem como ditado que religião não se discute... então os temas que eu abordo são sim temas de resistência, de um certo ativismo, porque a gente também tem uma questão, né? O meu trabalho fala de mestiçagem, tanto biológica quanto cultural. E também é um tema muito espinhoso, porque as pessoas têm muito de falarem se uma pessoa é branca ou preta, mas quando começa a haver as nuances das misturas, aí a conversa começa a ficar meio espinhosa. Então as pessoas não gostam do tema mestiçagem, do mestiço, embora haja aí muitas misturas, misturas não somente na aparência das pessoas, mas o entrelaçamento de cultura, de religiosidade. Então falar sobre isso dentro de um trabalho artístico, para mim é um trabalho de resistência, até porque o Brasil, embora ele diga que é um país laico, é um país que tem bastante, tem a**

---

<sup>163</sup> Entrevista concedida por Kelly Reis para esta pesquisa em 17/12/2024.

**religiosidade afro, tem espiritismo, tem várias vertentes, tem budismo, mas a maioria das pessoas são cristãs.**

E aí quando o cristão vê símbolos que não são da sua fé, a conversa começa a ficar um pouco complicada. Mesmo que essas pessoas, que se dizem cristãs, católicas, evangélicas, tenham ali dentro da casa delas uma espada de São Jorge, ou como ninguém pode em casa, uma proteção, mesmo que essas pessoas benzam seus filhos, isso não vem de uma religião cristã, mas sim de uma religião afro-indígena, de saberes ancestrais afro-indígenas, essas pessoas ficam chocadas com símbolos que sejam diferentes dessa religiosidade.

**Então o que eu faço, eu considero sim um trabalho de resistência, de ativismo também, porque eu estou falando de liberdade religiosa, eu estou falando de liberdade de você expressar de diferentes formas a sua religiosidade, a sua espiritualidade, e também estou falando dos outros tons que geraram essa mistura entre não somente o branco e o negro, o branco e o indígena, mas toda a mistura brasileira.** Então são temas meio espinhosos e eu encontro alguns embates toda vez que eu coloco esses símbolos na rua, ou seja, na rua, ou pintando um prédio<sup>164</sup>. (destaques nossos)

A entrevistada destacou que sua linha artística envolve resistências e visibilidades, trazendo à tona possibilidades de conflitos que a sua arte invoca. Nesta mesma entrevista Kelly descreveu detalhes da sua presença artística nos muros da Ocupação 9 de Julho, onde atualmente há uma pintura de sua autoria que apresenta uma mulher em tons de azul, envolta em folhas e mariposas, pintada sobre um fundo amarelo que já estava ali.

(...) E aí eu fui junto com uma amiga, essa amiga me chamou para pintar ali no espaço. Eu acho que depois da gente, outras pessoas também chegaram para pintar, mas foi dessa forma que eu fiz minha primeira pintura lá na Ocupação. **Eu escolhi o trabalho dentro da temática que eu costumo fazer, que é sempre com mulheres, falando de mulheres, e procurando trazer um pouco de leveza ali para o ambiente, dessa mulher que se integra à natureza, se junta e se mistura à natureza**<sup>165</sup>. (destaques nossos)

Quando reações e iniciativas artísticas pretendem evidenciar, através de performances e linguagens estéticas, uma precarização acentuada de direitos das minorias, além de buscar, entre as ações, formas de enfrentamento às discriminações de dissidências e de minorias raciais, de classe e de gênero (Fernandes *et al.*, 2022a), poderíamos nos referir à ação de criação de ambiências como um processo que objetiva auxiliar na reforma e transformação do espaço urbano, onde novas perspectivas de interações espaciais são exploradas para

---

<sup>164</sup> Entrevista concedida por Kelly Reis para esta pesquisa em 17/12/2024.

<sup>165</sup> Entrevista concedida por Kelly Reis para esta pesquisa em 17/12/2024.

contribuir com a criação de modos diferentes de decodificação do espaço (La Rocca, 2022).

A “leveza” que Kelly diz ter tentado conferir ao ambiente no qual imprimiu um trabalho permeado de nuances ativistas (Figura 89) se alinha com a intenção do Movimento de remodelar as relações e as formas de uso deste espaço através de um prazer estético e das práticas artísticas (La Rocca, 2022).

**Figura 89** - Fotografia da obra de Kelly Reis em um dos murais do espaço aberto da Ocupação 9 de Julho.



**Fonte:** A autora, 2025.

Outro entrevistado que narrou suas experiências artísticas na Ocupação 9 de Julho para esta pesquisa foi Mauro Neri (Veracidade), artista e grafiteiro que inicialmente foi à Ocupação para colaborar com o preenchimento dos espaços em branco e, depois, em mais de uma oportunidade, compareceu para ampliar seus desenhos naqueles muros. Mauro fala, ao menos, de três intervenções artísticas diversas na Ocupação, nas quais fez o desenho da pequena casinha amarela (uma de suas marcas registradas), a pintura do corpo de uma mulher agachada que parece estar olhando para a mesma casinha amarela e, em seguida, a frase “*amoradia*” com um coração pintado no topo da letra “i”. O texto está estruturado como um jogo de palavras, conduzindo a uma leitura de trocadilhos onde o “*amoradia*” também poderia ser lido como “*amor a dia*”, “*amora dia*” e até como “*a moradia*” (Figura 90).

(...) eu tinha feito, começado ali com aquela figura, só com a figura. E aí, num segundo momento, eu fiz em outros lugares também. E aí, num terceiro momento, eu dei uma incrementada, coloquei esse texto vermelho, essas cores verdes<sup>166</sup>.

Mauro, assim como Kelly, realça o ativismo em seu trabalho e conta como primeiro conheceu a Ocupação por sua “fama” de movimento de moradia e pela sua percepção pessoal de que estes tipos de ocupação são terrenos férteis para o desenvolvimento de trabalhos artísticos. Aproximando-se do Movimento, Mauro aponta que começou a frequentar as festividades de domingo na Ocupação, onde passou a encontrar amigos em comum da área artística, ativistas e agentes do ramo da cultura, mencionando ser um local que o cativa de diversas maneiras.

Eu conheci primeiro a fama da ocupação, de sempre grafitar. **E entendi também há algum tempo que as ocupações, no geral, eram um espaço bastante fértil para desenvolver os murais, para fazer as grafitagens. Até porque também me interessa a temática da moradia e tal. Eu abordo isso nos meus trabalhos.** Então, quando eu ouvi falar daqui eu devo ter vindo em algum evento. Não lembro exatamente esse momento, mas sei que eu vim e aí já me apresentaram. Nas primeiras vezes que eu vim, já me apresentaram aí por vários andares e tudo. E, desde então, veio ideias e a expectativa de colaborar, até que, gradualmente, eu passei a fazer algumas intervenções aqui.

(...) já venho aos eventos de domingo, nos almoços maravilhosos. Então, já venho principalmente nos dias de domingo, acho que são os dias que eu mais venho. Eu gosto muito, **acho que o especial é a frequência, acho que tem muita gente, tem muitos colegas, muitos amigos em comum, gente dessa área do ativismo, da cultura. Então, acho que sobretudo as pessoas me trazem aqui. E também... Ah, eu gosto do ambiente, gosto da localização, tem essa liberdade, essa proximidade com a arte urbana, que também acho que é um lugar onde aglutina muitos artistas, muitas obras de arte. Então, está dentro do meu mapeamento de lugares legais para apresentar também para pessoas de fora da cidade. Então, eu gosto.**

(...) **Acho que o centro está nesse movimento gradual de trazer, voltar a esse movimento cultural, de ocupação da rua, da cidade. Então, percebo que existe essa tentativa mesmo de fazer esse lugar digno do que ele é, do que ele já foi, do que ele pode ser ainda. Então, aqui, com certeza, faz parte dessa rota importante para ver coisa legal, gente legal na cidade**<sup>167</sup>. (destaques nossos)

Mauro Neri, em sua fala, experimenta a conexão com as vivências neste espaço através de um “gostar” do ambiente no qual diz sentir liberdade, onde percebe-se próximo à arte e de pessoas do seu meio com as quais se identifica.

---

<sup>166</sup> Entrevista concedida por Mauro Neri para esta pesquisa em 15/02/2025.

<sup>167</sup> Entrevista concedida por Mauro Neri para esta pesquisa em 15/02/2025.

O espaço urbano é como uma matriz de fragmentos sensíveis que geram e misturam múltiplas atmosferas. Este espaço urbano é um ato estético que estabelece contato, cria modalidades de convivência, presença, visibilidade, que enfatiza o vivido e o existencial, onde o homem se projeta no espaço e através dele, de forma a existir, ao mesmo tempo que cria formas de estar no mundo (La Rocca, 2023).

**Figura 90** - Fotografia das obras de Mauro Neri em um dos murais do espaço aberto da Ocupação 9 de Julho.



**Fonte:** A autora, 2025.

Apreender, interpretar e reconstruir a experiência das festas na Ocupação 9 de Julho através de palavras não é uma tarefa simples. É algo que precisa ser vivido. A estruturação da vida social não é uma linha reta, com um começo e um final preestabelecidos, existindo no caminho falhas, atalhos e trilhas que são perdidas momentânea ou definitivamente e que, juntas, fazem parte de uma direcionalidade, ao mesmo tempo que são fluxos e movimentos (Reguillo, 1995) incessantes. Afinidades, amizades, afetos e ideias, nos dizeres de Rezende e Scovino (2010) são as forças impulsionadoras que unem pessoas em casais, famílias, comunidades e tribos, em gestos afirmativos de criação, intervenção e interação.

Na Ocupação 9 de Julho as relações familiares, de trabalho, de convivência e frentes políticas se entrelaçam e exigem uma descrição de mundo que seja sempre

revista e situada em relação ao tempo e circunstâncias. Se o comportamento de um indivíduo é uma reação à sua representação cognitiva do ambiente, possuindo o ambiente o poder de interferir nas reações e comportamentos dos indivíduos (La Rocca, 2022), a comunicação sensível dos nossos entrevistados talvez trace algumas pistas sobre as experiências festivas o sobre como o espaço e as ambiências operam sobre as emoções dos envolvidos.

Usando as perspectivas dos nossos entrevistados para tentar captar ambiências do quanto experimentado na Ocupação 9 de Julho, temos que a consciência de mundo destes refere a (a) um “*gostar*” deste ambiente que possui como atrativos as pessoas, a sensação de liberdade e a experimentação de uma proximidade com a arte (Mauro Neri), (b) a percepção de ser um “*quintal*” onde se gosta de estar (dona Jacira), (c) de um “*carinho*” que extravasa no território (Raul Fiuza) e (d) de “*trocas amorosas*” de conhecimentos (João Salinas) vivenciadas no espaço durante o preparo das festividades.

Com os apontamentos sobre tais atmosferas e sobre o sentir no espaço, vê-se que, da forma como estruturado, este local compartilhado da Ocupação (onde arte, emoções, sabores e afetos circulam) parece ter aptidão a convocar um estado sensorial que é construído pelos sons musicais, pelos panfletos nas paredes, pelos lambe-lambe afixados, pelas camisetas com frases vestidas pelos corpos, pelos grafites e pinturas nos muros, pelas mensagens nos copos de bebida, pelas faixas com dizeres espalhadas, pelos aromas das receitas e, principalmente pelas pessoas que ali estão, que passam a inscrever nesse momento da vida cotidiana formas como vivem e como querem viver e habitar os espaços da cidade (Figuras 91 e 92).

**Figuras 91 e 92** - *Story* do Instagram da designer e ilustradora Camila Miki (@camilamikis)<sup>168</sup> de 23/03/2025. Ao lado, foto tirada pela autora em 27/10/2024.

---

<sup>168</sup> A cena representada pela ilustração de Camila Miki é habitual nos eventos de domingo na Ocupação 9 de Julho: no dia, quando o clima permite, são colocadas esteiras, toalhas e cadeiras de



Fonte: Figura 91 - Instagram de Camila Miki, 2025; Figura 92 - A autora, 2024.

A arte, seja na forma *artista*, *ativista* ou até mesmo somente de forma “*ativa*”<sup>169</sup>, potencializada enquanto ato de resistência e subversão, é ali praticada por múltiplas vozes que expressam a necessidade de se redesenhar os mapas das experiências das vivências urbanas. Os corpos *no* e *do* território experimentam a cidade ao mesmo tempo em que a constroem, em uma dinâmica ininterrupta de coprodução entre corpos e cidade (Jacques, 2008), especialmente ao se praticar uma inclusão desses corpos que buscam (re)existir nessa cidade outra, construída através da necessidade de se preencher vazios (sejam estes vazios habitacionais, sejam estes vazios os muros em branco), em um incessante fluxo de transformação

---

praia na rampa de acesso ao espaço aberto externo para que os visitantes possam se sentar ao ar livre e acompanhar algumas das atrações do dia.

<sup>169</sup> Aqui se faz referência à fala do entrevistado Raul Fiuza, quando questionado sobre ser ou não ativista.

de formas do viver, do perceber o mundo e na (re)definição de conceitos como produção, consumo, arte, entretenimento e política.

Assim, com este capítulo buscamos trazer experiências de campo e narrativas de entrevistados no intento de contribuir com os debates acerca de redes, associações e conexões estabelecidas no território da Ocupação 9 de Julho, abordando a ambiência a(r)tivista criada no espaço e como estas práticas se entrelaçam na elaboração de sentidos de comunicação urbana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho nosso intento foi o de registrar, caracterizar, analisar e compreender as atividades que ocorrem nos eventos festivos de domingo na Ocupação 9 de Julho, buscando interpretar sentidos de comunicação urbana construídos, exercidos e desdobrados no território.

A partir deste objetivo geral, desmembraram-se objetivos específicos que versaram sobre a) descrever e analisar a Ocupação 9 de Julho como um território no qual redes se constroem, se interconectam, se desdobram e se expandem, contribuindo com novas formas de viver e construir a cidade (“fazer cidade”); b) inventariar e compreender práticas de ativismo visíveis e articuladas na Ocupação e nos seus eventos realizados aos domingos, o que incluiu descrever e analisar o espaço físico e a ambiência materializada nos murais e painéis artísticos distribuídos no espaço, que integram estes eventos e que contribuem e dialogam com os fluxos comunicativos da cidade ali representados e exercitados; c) compreender o histórico urbanístico-social da cidade de São Paulo e da sua área central, salientando os movimentos e ativismos que surgem de baixo para cima, na busca de criar formas insurgentes de habitar, viver e ocupar os espaços urbanos e, d) trazer e analisar uma prática de campo de inspiração etnográfica adotada na pesquisa por meio de uma experiência corpográfica de imersão, especialmente trabalhando como voluntária na Cozinha e em outras atividades da Ocupação 9 de Julho.

Buscando atender a estes objetivos previamente estipulados para a pesquisa, no Capítulo 1 apresentamos um breve histórico de processos urbanos conflituosos, de matrizes segregatórias e excludentes que caracterizam as cidades brasileiras e onde o atributo localização ganha o *status* de mercadoria por seu fácil acesso e maior infraestrutura. Apresentamos a trajetória de lutas sociais que reivindicam moradia no centro da cidade, com ênfase no Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), que tinha entre suas principais frentes de atuação a ocupação forçada de imóveis vazios que não atendessem à sua função social para explicitar demandas, denunciar a existência de vazios e como modo de reivindicar e de exercer pressão sobre o poder público.

Vimos que nas ocupações urbanas, lidas como espaços onde se vivenciam conflitos e resistências, também é possível acompanhar a materialização de lógicas não dominantes, onde a cidade é construída a partir dos usos, de baixo pra cima (Zibechi, 2007), e onde transformam-se relações sociais, identidades e

territorialidades através de formas outras do habitar. Quando considerado o território sob uma perspectiva relacional, é dizer, entendido a partir dos múltiplos sujeitos sociais que estão envolvidos nas suas dinâmicas de (des)(re)territorialização (Haesbaert, 2023) passaria a ser possível se ter maior clareza sobre as forças sociais, econômicas, políticas, culturais e socioambientais que se articulam na construção do território.

Falou-se da Ocupação 9 de Julho, gerida pelo MSTC, que criou uma cozinha coletiva e, abrindo suas portas ao público externo, passou a realizar almoços semanais acompanhados de uma grade de eventos culturais, fomentando consumos ligados a sentidos políticos e ativistas, passando o local a ser um local consumido e um local de consumo (Lefebvre, 2001). Mostrou-se a expansão territorial e interacional da Ocupação 9 de Julho e da Cozinha Ocupação 9 de Julho com a ampliação dos eventos realizados no local, passando este a ser um dos nós de uma complexa teia de relações.

No Capítulo 2 analisamos as mudanças de estratégia do MSTC como movimento social de moradia que, deixando de ocupar novos imóveis, passou a se utilizar da produção gastronômica e de eventos culturais, artísticos, políticos e ativistas para afetar visões de mundo e ampliar a capilaridade das suas pautas e reivindicações, atraindo um público que busca entretenimento em locais alternativos da cidade, em uma lógica de atração/persuasão que se sobrepõe às técnicas de coerção (Nye, 2017). Dissecamos as noções e o processo de conversão do “dia de festa” em “dias de festa” na Ocupação, onde se faz uso dos eventos para se produzir narrativas a partir do espaço, sendo construído um território dissidente e de resistência e onde o evento festivo participa da negociação para a transposição de limites e de bloqueios enfrentados diante dos poderes hegemônicos. Registraram-se falas sobre o atual papel do MSTC que não seria mais o de ocupar, mas o de planejar cidades fazendo uso da participação popular.

Tratamos das noções de troca de conhecimento utilizadas pelo MSTC para “hackear” o sistema, o que dizem fazer por meio de uma “tecnologia social” por eles desenvolvida. Mostrou-se uma organização e estruturação do MSTC para jogar o mesmo jogo da estrutura dominante no intento de ganhar forças em um sistema desigual. Mostramos que a produção cultural e artística, bem como a produção de alimentos no território, foram elementos que contribuiriam com um reposicionamento

da imagem do MSTC, dos seus integrantes e de suas lideranças nas mídias, plataformas sociais e nos imaginários coletivos, o que foi arquitetado por grupos de colaboradores do Movimento que trabalharam na criação de contranarrativas.

Trouxemos experiências de campo como voluntária na Cozinha Ocupação e na participação de eventos, discutindo e analisando noções de ativismo, ativismo alimentar e o consumo político do alimento produzido pela Cozinha. Também foi apresentada a descrição pontual de dois momentos festivos vivenciados em dois domingos, durante as imersões no campo.

Já no capítulo 3 discorreremos sobre a comunicação urbana e como ela se apresenta nas teias das redes de interação e conexão entre os agentes que vivenciam e que vivem no espaço da Ocupação 9 de Julho, limitando a abrangência da análise aos eventos que se dão aos domingos na Ocupação. Demos espaço às narrativas dos entrevistados para esta pesquisa, onde se apresentam perspectivas que descrevem como se arquitetam redes simbólicas, midiáticas e de pessoas vinculadas aos MSTC e à Ocupação 9 de Julho para a produção festiva do domingo. Explorou-se o espaço como um espaço nodal de interação comunicativa entre muitos atores da cidade, especialmente apontando dinâmicas de interações em rede no território físico, mas que, inevitavelmente, também são atravessadas pelas experiências no *online*.

Por fim, tratamos do alimento como um dos elementos potencializadores das festas de domingo e buscamos analisar a potência de uma ambiência que já desponta no espaço físico da Cozinha da Ocupação, onde as cores dos alimentos se mesclam com faixas e pinturas que carregam em si frases de ordem e de protesto. Discutimos sobre os trabalhos artísticos pintados nas paredes da Ocupação 9 de Julho para preencher os muros vazios, sob uma lógica onde não são apenas os vazios habitacionais que incomodam, uma vez que a aproximação à cultura, ao estético e à arte seriam elementos essenciais para uma cidadania plena.

Percebemos, ao longo do caminhar, que alguns temas ficariam pelo caminho, mas, reconhecendo que estes futuramente podem merecer desdobramentos, visualizamos potencialidades em análises que contemplem: a) aprofundamento nas redes, conexões e interações da cadeia de produção de alimentos (do campo à mesa); b) formas de difusão de informações do Movimento e educação em temas sociais por meio de redes educacionais e de pesquisa/estudo que se entrecruzam

no território (escolas locais e do exterior, grupos de pesquisa nacionais e estrangeiros); c) paralelos entre tendências agregadoras do comer junto em contraposição à propensão excludente/desagregadora da cidade; d) um olhar mais detido para as formas de expressões culturais e identitárias na Ocupação, bem como suas interseccionalidades; e) acompanhamento de grupos específicos que circulam ou que se vinculam ao território e ao MSTC (outros movimentos sociais, coletivos negros, de mulheres, de LGBT's, de jovens/juventudes, ativistas, artistas, entre outros); f) aprofundamento e análise de outras formas de expressões artísticas nas festas da Ocupação (teatro, música, dança, exposições artísticas); g) análise não apenas dos eventos de domingo, mas também de tantos outros que ali habitualmente acontecem (festival Trabalhadores & a Cidade, festas Juninas/Julinas, celebrações a santos, festivais musicais outros); h) acompanhamento das estruturas e das formas de funcionamento da comunicação institucional do Movimento e de seus integrantes; i) aspectos conflituosos vividos com o entorno, entre outros.

A esta altura, cabe reconhecer que o tempo passou mais rápido do que o esperado. Quando começamos a entender a lógica e as dinâmicas de pesquisa científica, quando já inseridos no campo e já fazendo jogo de palavras com a escrita dos textos mais fluida, chega a hora de parar e de se dedicar à finalização da redação e assumir a sua frente mais burocrática.

A expectativa era escrever mais, trazer outras tantas histórias, entrevistar e conversar com mais pessoas, analisar outros trechos das entrevistas e narrativas que acreditávamos que mereciam páginas e registros escritos. O desejo era honrar cada fala dos entrevistados, contar outros “causos” vividos no campo, trocar receitas aprendidas na Cozinha e dar a todas estas histórias um espaço para poderem ser partilhadas e, eventualmente, recordadas.

Mas foi necessário se render ao tempo e aos objetos que orientavam o trabalho, assumindo que era preciso fazer um recorte, resumir ao máximo e construir sínteses, mantendo o foco nas propostas inicialmente estabelecidas. Em paralelo, coube a um arquivo de texto no computador, que recebeu o nome “*Recortes a usar.doc*”, o papel de guardar trechos escritos e não finalizados que podem, eventualmente, vir a se tornar o ponto de partida para o desenvolvimento de outros projetos. Por isso, talvez, caiba aqui afirmar que a finalização deste trabalho não é o fim.

Desta forma, com o trabalho produzido até aqui, nosso esforço foi o de registrar recortes de enredamentos de mundo (Haraway, 2020) que se dão nas festividades da Ocupação 9 de Julho, nos quais se tensionam lógicas hegemônicas de poder e onde se articulam relações sociais e políticas que fazem uso da comunicação, da produção de eventos e da produção de alimentos como ferramentas para sedimentar a presença do Movimento no território, para atrair novos aliados, para ampliar a rede de conexões e para difundir capilarmente as suas pautas.

Se o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 11 da Organização das Nações Unidas (ONU) convoca a ações que convertam cidades em lugares onde todos possam viver com dignidade, segurança e oportunidades, as soluções até o momento arquitetadas por movimentos sociais - especialmente estas que hoje se vêm praticadas pelo MSTC - sinalizam possibilidades que permitem viver ou, ao menos, conviver com o problema (Haraway, 2020) enquanto novas soluções mais adequadas não são construídas em atuações conjuntas entre a população e o poder público.

## **REFERÊNCIAS**

AGIER, M. DO DIREITO À CIDADE AO FAZER-CIDADE: O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 483–498, dez. 2015.

ANDRADE, P. H. DE B. G.; OLIVEIRA, J. T. DE. A potência das novas territorialidades: um caso teórico-prático do MST e MSTC. **Revista Extraprensa**, v. 15, n. Especial, p. 520–531, 31 maio 2022.

APPADURAI, A. gastro-politics in Hindu South Asia. **American Ethnologist**, v. 8, n. 3, p. 494–511, 28 ago. 1981.

ARAÚJO, B. DE C. **Ocupações urbanas no Brasil: crime ou instrumento de pressão para a realização da reforma agrária?** Sousa, PB: Direito - Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, 2017.

BARCELLOS, D. M. N. *et al.* Comidas e cidades: múltiplas apropriações do consumo alimentar na mídia. *Em: Cidade, corpo e alimentação: aproximações interdisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 217–238.

BARROSO, F. M. **O que falam as festas: éticas e estéticas das coabitações noturnas no centro do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1 jun. 2022.

BENEDUSI, A. A. *et al.* Disputas e resistências no centro de São Paulo: rupturas e permanências. *Em: Atlas de Mapas e Gráficos*. São Paulo: LabCidade, 2024.

BONDUKI, N. O modelo de desenvolvimento urbano de São Paulo precisa ser revertido. **Estudos Avançados - São Paulo, hoje**, v. 25, n. 71, 1 abr. 2011.

BORGES, F. Ocupação na Ocupação: Arte Contemporânea no Movimento dos Sem Teto do Centro. **Revista Digital Art &**, v. II, n. 2, out. 2004.

BRIGNOL, L. D.; COGO, D.; MARTÍNEZ, S. L. Redes: Dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo. *Em: RINCÓN, O. (Ed.). Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero*. Quito, Equador: CIESPAL / FES, 2019.

CAIAFA, J. Comunicação urbana. **Revista ECO-Pós**, v. 20, n. 3, p. 1, 18 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Comunicação e diferença nas cidades. *Em: ANAIS DO 11º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*. Rio de Janeiro: Galoá, 2022.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 3ª ed. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

CERTEAU, M. DE; GIARD, L.; MAYOL, P. **La invención de lo cotidiano 2: Habitar, cocinar**. México DF: Universidad Iberoamericana, 1999.

COELHO-COSTA, E. R. Breves considerações sobre gastropolítica. *Em*: CARVALHO, M. C. DA V. S. DE *et al.* (Eds.). **Comensalidades em trânsito**. Salvador: EDUFBA, 2020. v. 11p. 85–104.

CRUCES, F. **Cosmopolis: nuevas maneras de ser urbanos**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2016.

DELGADO, M. **El animal público: Hacia una antropología de los espacios urbanos**. Barcelona: Editora Anagrama, 1999.

DIANI, M. Modes of Coordination in Political Consumerism. *Em*: BOSTRÖM, M.; MICHELETTI, M.; OOSTERVEER, P. (Eds.). **The Oxford Handbook of Political Consumerism**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 88–110.

ESCOLA DA CIDADE. MSTC: Moradia Como Prática de Cidadania. *Em*: São Paulo: Editora Escola da Escola, 2019.

FERNANDES, C. S. *et al.* (Re)existências em um contexto de intensificação das polarizações e precarizações. *Em*: **A(r)tivismos urbanos: (sobre)vivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022a. p. 9–29.

\_\_\_\_\_. **A(R)TIVISMOS URBANOS: (sobre)vivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022b.

FERRARA, L. N.; GONSALES, T. A.; COMARU, F. DE A. Espoliação urbana e insurgência: conflitos e contradições sobre produção imobiliária e moradia a partir de ocupações recentes em São Paulo. **Cadernos Metrópole**, v. 21, n. 46, p. 807–829, 28 ago. 2019.

FERREIRA, J. S. W. A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. **Anais do Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização**, v. 1, 2005.

\_\_\_\_\_. São Paulo: cidade da intolerância, ou o urbanismo “à Brasileira”. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 71, p. 73–88, abr. 2011.

FISCHLER, C. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995.

FORNO, F. Protest, Social Movements, and Spaces for Politically Oriented Consumerist Actions—Nationally, Transnationally, and Locally. *Em*: BOSTRÖM, M.; MICHELETTI, M.; OOSTERVEER, P. (Eds.). **The Oxford Handbook of Political Consumerism**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 68–88.

FRANÇA, V. V. O Objeto e a Pesquisa em Comunicação: uma abordagem relacional. *Em*: MOURA, C. P. DE; LOPES, M. I. V. DE (Eds.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2016. p. 153–174.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, M. DA G. Coletivos: novas formas de expressão dos jovens no associativismo contemporâneo no Brasil. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, v. 25, p. 1–14, jan. 2025.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª Edição ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

HAESBAERT, R. Território. **GEOgraphia**, v. 25, n. 55, 18 dez. 2023.

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. [s.l.] N-1 Edições, 2023.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Bem-estar comum**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, n. 29, p. 73–89, 2012.

\_\_\_\_\_. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, n. 093.07, fev. 2008.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede**. Salvador - Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LELIS, N. Ocupações urbanas: a poética territorial da política. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 18, n. 3, p. 428, 22 dez. 2016.

LEMOS, M. G. **Cozinha Ocupação 9 de Julho: resignificação de si e transmutação da realidade a partir de um sonho coletivo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

LEONEL, A.; MENASCHE, R. Comida, ato alimentar e outras reflexões consumidas. **Em: Contextos da Alimentação - Revista de Comportamento, cultura e sociedade**. São Paulo: Centro Universitário SENAC, 2017. v. 5p. 3–13.

LIMA, A. N. V. 20 anos do Estatuto da Cidade: é possível comemorar? **Em: 20 ANOS DO ESTATUTO DA CIDADE: experiências e reflexões**. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2021a. p. 110–115.

\_\_\_\_\_. 20 anos do Estatuto da Cidade: é possível comemorar? **Em: FERNANDES, E. (Ed.). 20 ANOS DO ESTATUTO DA CIDADE: experiências e reflexões**. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2021b. p. 110–115.

LOPES, M. I. V. DE. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 39, 3 Maio 2018.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_. Para entender a Crise Urbana. v. 8, n. 1, p. 11, 9 dez. 2015.

MARINO, A.; HELENA, S.; PASSARELLI, F. **Redes, Ruas e Direito à Cidade: Coletivos culturais em São Paulo e Bogotá**. Belo Horizonte: [s.n.].

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **¿Desde dónde pensamos la comunicación hoy?** Quito: CIESPAL, 2015.

MENA, F. C.; WOLLRAD, D. **La ciudad, escenario de comunicación**. Quito: FLACSO Ecuador, 1999.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

MONTEIRO, A. R.; VERAS, A. T. DE R. A questão habitacional no Brasil. **Mercator**, v. 16, n. 7, p. 1–12, 15 jul. 2017.

MORAIS, S. F. Política na cozinha: o lugar da cozinha na retórica política. **Mangút: Conexões gastronômicas**, v. 1, n. 1, p. 25–41, 9 jul. 2021.

MORENO, O. J. C.; MÉLENDEZ-LABRADOR, S. Comunicación urbana: antecedentes y configuración de líneas de investigación en América Latina y España. **Territorios**, n. 37, p. 205, 26 jul. 2017.

MSTC. **O que é uma ocupação?** Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CsJvJ7WOosv/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D&img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CsJvJ7WOosv/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D&img_index=1)>. Acesso em: 22 nov. 2024a.

\_\_\_\_. **O que e quem é o MSTC? / Quais prédios o MSTC ocupa?** Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO\\_A0/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==>](https://www.instagram.com/p/CsJvq8bO_A0/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==>)>. Acesso em: 20 maio. 2024b.

NAKANO, A. K. Desigualdades habitacionais no “repovoamento” do centro expandido do município de São Paulo. **Cadernos Metrôpole**, v. 20, n. 41, p. 53–74, 16 abr. 2018.

NASCIMENTO, M. B. O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodíaspóra: Revista do mundo negro**, n. 6–7, p. 41–49, 1985.

NEUHOLD, R. DOS R. **Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos: a luta por políticas públicas habitacionais na área central da cidade de São Paulo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 23 nov. 2009.

NYE, J. Soft power: the origins and political progress of a concept. **Palgrave Communications**, v. 3, n. 1, 21 fev. 2017.

OLIVA, J. T.; FONSECA, F. P. O “modelo São Paulo”: uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 65, p. 20, 31 dez. 2016.

PEDROSIAN, E. Á. *et al.* Comunicación y subjetividad en las etnografías del habitar: una perspectiva desde los estudios culturales urbanos y territoriales. **Cuadernos del CLAEH**, v. 42, n. 117, 9 jun. 2023.

PEDROSIAN, E. Á.; LATIERRO, V. B.; D'ANELLO, D. F. **Somos como habitamos: pensar la ciudadanía desde los procesos de subjetivación contemporáneos.** ACTAS DEL III CONGRESO INTERNACIONAL FILOSOFÍA Y CIUDAD. **Anais...**Pamplona/Iruña: Universidad de Navarra - Ediciones AFC, 2023Disponível em:

<[https://www.academia.edu/112938609/Somos\\_como\\_habitamos\\_pensar\\_la\\_ciudad\\_an%C3%ADa\\_desde\\_los\\_procesos\\_de\\_subjetivaci%C3%B3n\\_contempor%C3%A1neos\\_We\\_are\\_how\\_we\\_dwell\\_to\\_think\\_the\\_citizenship\\_since\\_the\\_contemporary\\_processes\\_of\\_subjectivation](https://www.academia.edu/112938609/Somos_como_habitamos_pensar_la_ciudad_an%C3%ADa_desde_los_procesos_de_subjetivaci%C3%B3n_contempor%C3%A1neos_We_are_how_we_dwell_to_think_the_citizenship_since_the_contemporary_processes_of_subjectivation)>. Acesso em: 10 maio. 2024

PEIRANO, M. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, S. L. *et al.* Apropriações da cidade em práticas musicais juvenis em São Paulo: experiências de uma pesquisa coletiva. *Em: Violencias, contrahegemonías y re(ex)istencias en clave de niñeces y juventudes latinoamericanas.* [s.l.] CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2023.

PEREIRA, S. L.; AVELAR, M. S. Rede Social Bela Vista: Ativismos urbanos, redes e dinâmicas comunicacionais no Bixiga. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 19, n. 40, p. 230–252, 2020.

PEREIRA, S. L.; BEZERRA, P. M. Ocupar, Comunicar, Habitar: Un análisis de la ocupación artística “Ouidor 63” en el centro de São Paulo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 20, n. 37, 4 out. 2021.

PEREIRA, S. L.; BRAS, J. M. F. DE; RODRIGUES, J. C. Usos da cultura, dinâmicas de produção/consumo solidário e ativismos: Tensões e diálogos no Bixiga (São Paulo). **E-Compós**, v. 26, 24 ago. 2023.

PEREIRA, S. L.; RETT, L.; BEZERRA, P. M. Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. **E-Compós**, v. 24, 29 out. 2021.

PEREIRA, S. L.; SILVA, G. S. DA; PAIVA, F. R. DE. Territórios, deslocamentos, comunicação urbana: uma análise do documentário Oxente Bixiga! **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 21, n. XXI, p. 189–218, 9 mar. 2025.

PORTILHO, F. Ativismo alimentar e consumo político – Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. **Redes - Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 25, n. 2, p. 411–432, 25 maio 2020.

RAMOS, D. H. **A guerra dos lugares nas ocupações de edifícios abandonados do centro de São Paulo.** São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, 2009.

RAPOSO, P. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de arte e antropologia**, v. Vol. 4, n. nº 2, p. 3–12, 1 out. 2015.

REGUILLO, R. Pensar la ciudad desde la comunicación: Un ejercicio necesario. *Em*: México: ITESO/CONACULTA, 1995. p. 109–132.

REINA, M. L.; COMARÚ, F. DE A. Dinâmicas imobiliárias e políticas urbanas no centro de São Paulo: uma discussão sobre gentrificação na Mooca. **Cadernos Metrópole**, v. 17, n. 34, p. 419–440, 22 nov. 2015.

RESENDE, F.; ROBALINHO, R.; AMARAL, D. G. Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 16, n. 47, p. 480–499, 10 dez. 2019.

RESTREPO, E. **Etnografía: alcances, técnicas y éticas**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.

REZENDE, R.; SCOVINO, F. **Coleção Circuitos Coletivos**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <www.editoracircuito.com.br>.

ROCCA, F. LA. Formas de criatividade culturais: uma leitura estética das ambiências e atmosferas urbanas. *Em*: **A(R)TIVISMOS URBANOS: (sobre)vivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022. p. 405–422.

ROCHA, E. **Arquiteturas do abandono: [ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 21 maio 2010.

ROCHA, G. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, v. 15, n. 14–15, p. 99, 30 mar. 2006.

ROCHA, R. DE M. Artivismos Musicais de Gênero e suas Interfaces Comunicacionais. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**, set. 2019.

RODRIGUES, D. C. M.; AMPARO-SANTOS, L. Corpo, comida e rua: interfaces produzidas na cidade. *Em*: **Cidade, corpo e alimentação: aproximações interdisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 177–203.

ROLNIK, R. O Estatuto e as lutas - mais do que nunca necessárias - pelo Direito à Cidade. *Em*: FERNANDEZ, E. (Ed.). **20 ANOS DO ESTATUTO DA CIDADE: experiências e reflexões**. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2021. p. 288–293.

ROSSETTO NETTO, A. **Habitação central: produção habitacional no centro de São Paulo, no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida - faixa 1**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 15 out. 2018.

SANCHES, D.; STEVENS, J.; PIOTTO, M. Ocupações e urbanismo insurgentes: área central de São Paulo. *Em*: **Atas do III Colóquio Internacional ICHT: Imaginário: construir e habitar a terra: deformações, deslocamentos e devaneios**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismos da Universidade de São Paulo, 2019. p. 553–570.

- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo / IMAGO, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A ciência do Comum: Notas para o Método Comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- SOUSA FILHO, J. F. DE *et al.* Racial and economic segregation in Brazil: a nationwide analysis of socioeconomic and socio-spatial inequalities. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 40, p. 1–24, 30 out. 2023.
- SOUTO, S. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Políticas Culturais em Revista**, v. 14, n. 2, p. 142–159, 2021.
- THIBAUD, J.-P. A cidade através dos sentidos. **Cadernos PROARQ 18**, 2012.
- TORRES, H. DA G. Segregação residencial e políticas públicas: São Paulo na década de 1990. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, fev. 2004.
- TRINDADE, T. A importância e a legitimidade das ocupações em áreas centrais. **Labcidade**, 9 set. 2015.
- ZIBECHI, R. **Autonomías y emancipaciones: América Latina en movimiento**. Lima: Programa Democracia y Transformación Global / Fondo Editorial de la Facultad de Ciencias Sociales, 2007.